

ISSN - 0100 - 3437

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 54 - DEZEMBRO 2020

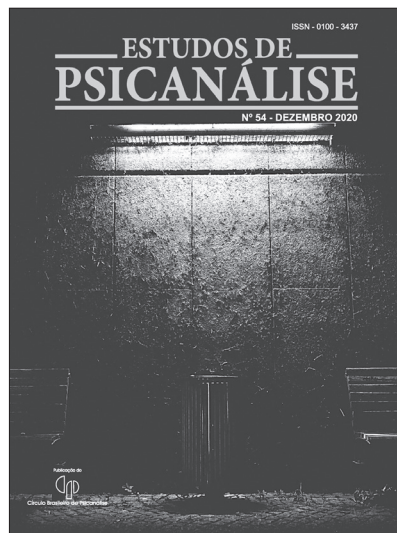
Publicação do



Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE
PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 54, dez. 2020. 178 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Marli Piva Monteiro (CPB)
Noeli Reck Maggi (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo/Orgânica Editorial

IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Renata de Brito Pedreira

REVISÃO

Português e normalização
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Formato – Certificada – FSC®



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2019-2021

PRESIDENTE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE

Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

SECRETÁRIA

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

TESOUREIRA

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

Marli Piva Monteiro (CPB)

Noeli Reck Maggi (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: cbp.rj@terra.com.br

Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: cpmg@cpmg.org.br

Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA

Av. Alcindo Cacela, 459 - Sala 12 - Umarizal

66060-000 - Belém - PA

Tel./Fax: (91) 3349-0515

E-mail: contato@circulopsicanaliticodopara.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: cps@infonet.com.br

Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br

Sumário

- 15** Editorial
- 17** AUTORA CONVIDADA
Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente
(da Carta 52 ao isso-inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan)
Topology of freudian psychic apparatus and the unconscious
(from Letter 52 to the it-unconscious and from Freudian bag to Klein's bottle in Lacan)
Marta Gerez-Ambertín
- 25** PSICANÁLISE ON-LINE E PANDEMIA
Os efeitos da pandemia na instituição e na clínica psicanalítica
– **trabalhando on-line**
Pandemic effects on the institution and the psychoanalytic clinic
– *working on-line*
Anna Lucia Leão López
- 31** **Pra falar de psicanálise em tempos contemporâneos**
– **um conto sobre travessia**
Talking about psychoanalysis nowadays
– *a tale about crossing*
Angela Maria Menezes de Almeida
- 37** **Psicanálise ampliada: possibilidades na pandemia**
Amplified psychoanalysis: possibilities in the pandemic
Magda Maria Colao
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto
Anelise Scheuer Rabuske
- 47** **Será que dá para suspender o céu?**
Reflexões sobre a clínica on-line, subjetivação e sonhos
Is it possible to suspend the sky?
Reflections about on-line clinic, subjectivity and dreams
Márcia Alves da Rocha
- 57** **Análise on-line! Considerações sobre a transferência**
On-line analysis! Considerations on transference
Maria Mazzarello Cotta Ribeiro
- 65** **Covid-19 – Consequências Covid-19:**
pandemia do olhar e um esgarçamento do enquadre clínico
Covid-19 – Consequences Covid-19:
pandemic in the eye and a thinning of the clinical framework
Stetina Trani de Meneses e Dacorso
- 75** **SOBRE O ESTRANHO FAMILIAR (DAS UNHEIMLICH)**
Leonardo da Vinci, Freud e o estranho familiar ('Das Unheimlich')
Leonardo da Vinci, Freud and the uncanny ('Das Unheimlich')
Anchyses Jobim Lopes
- 95** **O Estranho em Les Contes d'Hoffmann, de Jacques Offenbach**
The Uncanny in Les Contes d'Hoffmann, by Jacques Offenbach
Daniel Rôhe
- 111** **Tradução e psicanálise: a experiência do intervalo**
Translation and psychoanalysis: experiencing hiatus
Manuela Dumans e Mello Costeira

- 119** **O unheimlich e as transexualidades**
Unheimlich and transsexualities
Ricardo César Gonçalves
Paulo Roberto Ceccarelli
- 131** **PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA**
A psicossomática, laços da teoria de Pierre Marty e André Green
Psychosomatics, ties of Pierre Marty and André Green theory
Celso Perez Melgaré
- 141** **A subjetividade da psique preta: como uma herança da ancestralidade de sofrimento, ódio e culpa se inter-relaciona com a estrutura sadomasoquista**
The subjectivity of the black psyche: as an inheritance from the ancestry of suffering, hatred and guilt is interrelated with the sadomasochistic structure
Hilceia Patriarca
- 147** **Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser. Uma leitura psicanalítica da função no self do relacionamento amoroso e da repetição**
Loving relationships as experiences of being and not being. A psychoanalytic reading of the function in the self of the loving relationship and repetition
Isabel Mesquita
- 161** **Psicanálise e educação à luz de Freud**
Psychoanalysis on Freud's approach
Janes Teresinha Fraga Siqueira
- 173** **Normas de publicação**
- 177** **Roteiro de avaliação dos artigos**



Natal Fachini foi um analista de intensa e profícua atuação no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, com destacada participação nos primeiros anos de existência do CBP. Foi um elo de ligação entre os fundadores do CPRS/CBP e as gerações seguintes de analistas daqui do Sul. Teve alguns encontros com Malomar Lund Edelweiss, conviveu vários anos, como colega e amigo, com o casal Kronfeld e com Francisco Vidal, fundadores do CPRS.

Até o último mês de vida, em outubro de 2004, foi ativo e dinâmico nas atividades do CPRS, como presidente, na coordenação de seminários, em jornadas e congressos. Homem de profunda cultura humanista e psicanalítica, tinha uma acurada escuta clínica e dividia essa rica vivência clínica com seus colegas na discussão de casos clínicos.

Embora Natal tivesse quatro faculdades – filosofia, pedagogia, teologia e psicologia –, dois doutorados – teologia e jornalismo – e vários livros escritos, poucos sabiam desses títulos, porque se apresentava simplesmente como psicanalista. Sabia escutar os pares, valorizava os colegas em formação e expunha seu pensamento sem imposição. Formou gerações tanto pelo conhecimento teórico quanto por seu exemplo.

Incentivou a formação psicanalítica continuada, preocupando-se com a preservação dos princípios basilares da psicanálise e com a continuidade dos estudos a partir de Freud e dos pós-freudianos que seguiram seus princípios.

Para quem conviveu com Natal, foi um privilégio.

Cleo José Mallmann,
Membro Associado do CPRS

Editorial

A revista Estudos de *Psicanálise* n. 54 abre com o artigo de Marta Gerez-Ambertín, apresentado na jornada do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), em 2019. A autora esboça a correlação entre a carta 52, o inconsciente da primeira tópica, o isso da segunda tópica e a teoria de Lacan. No texto, Ambertín coloca o inconsciente genuíno em oposição ao inconsciente recalcado.

Após esse tema de abertura, temos seis artigos sobre o caráter traumático da pandemia da Covid-19 que, há um ano, assola nosso cotidiano com aproximadamente duas mil mortes por dia, desde março de 2021.

Os questionamentos que não nos silenciam e que retornam no cotidiano da nossa vida é saber se esta vida reclusa de isolamento e de anúncios frequentes de mortes vai permanecer por muito tempo.

São temas angustiantes, que sobrecarregam nosso aparelho psíquico, levando alguns à negação do potencial mortífero do vírus, evidenciando uma liberdade que não prioriza o vínculo social. Neste período, observamos em vários pacientes a reativação de antigas experiências traumáticas que ameaçam a integridade do eu.

Como consequência do isolamento imposto pela pandemia, os atendimentos psicanalíticos estão sendo realizados de forma *on-line*. Uma norma antes impensável e fortemente criticada pelos que ousavam introduzi-la em sua clínica. Alguns artigos falam desse tema tão importante no dia a dia do nosso fazer.

Temos ainda uma seção com quatro artigos sobre Freud e o estranho familiar, tema muito caro e sempre lembrado quando nós, analistas, nos defrontamos com situações difíceis de serem elaboradas, quando o estranho, rejeitado pelo eu, retorna no psiquismo para causar espanto, horror e posterior denegação.

Por fim, a revista apresenta quatro artigos de conteúdos psicanalíticos diversos abordando aspectos relativos à teoria e à clínica, que nos permitem refletir e ver sob outro vértice nosso singular ofício de ser psicanalistas criativos, que precisamos sempre inventar e reconstruir novos dispositivos nas situações-limite que hoje predominam no cenário analítico.

Paola Fachini

Presidente do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul

Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente (da Carta 52 ao isso-inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan)

*Topology of freudian psychic apparatus
and the unconscious
(from Letter 52 to the it-unconscious
and from Freudian bag
to Klein's bottle in Lacan)*

Marta Gerez-Ambertín
Tradução: Bernardo Maranhão

Resumo

Argumenta-se sobre o inconsciente genuíno diferenciado do inconsciente recalcado em um percurso pela obra de Freud, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e a *Carta 52* (6 de dezembro de 1896), passando por *A interpretação dos sonhos* (1900) rumo a *O eu e o isso* (1923), até a *Nota sobre o bloco mágico* (1924) e a *Conferência 31: Dissecção da vida psíquica* (1933), para terminar no *Esboço de psicanálise* (1938).

Palavras-chave

Inconsciente genuíno, Inconsciente recalcado, Aparelho psíquico, Escritura em transcrição e retranscrição, Modelo topológico da garrafa de Klein.

I Introdução: do inconsciente genuíno ao inconsciente recalcado

Tratarei da topologia do aparelho psíquico freudiano e da concepção do inconsciente na *Carta 52*, de Freud, e sua derivação em *O eu e o isso*, que separa o inconsciente recalcado do inconsciente genuíno – eco do isso e do supereu –, tema que tem importantes consequências clínicas às quais é preciso atentar na direção do tratamento.

Convido-os a me acompanhar no trajeto que proponho. Farei um breve percurso pela obra de Freud, passando pelos seguintes

textos: *Projeto para uma psicologia científica* (1895), *Carta 52* (6 de dezembro de 1896), *A interpretação dos sonhos* (1900), *O eu e o isso* (1923), *Notas sobre o bloco mágico* (1924), *Conferência 31: A dissecção da personalidade psíquica* (1933) e *Esboço de psicanálise* (1938). Freud de ponta a ponta e sua vigência teórica... ainda.

1.a Aparelho psíquico como modo de escritura

No *Projeto*, Freud concebe diferentes aparelhos que respondem a um duplo requisito:

ser capazes de apagar a marca do estímulo, para deixar sempre lisa e receptiva a superfície; conservar em outro sistema aquilo mesmo que foi apagado. Nisso consiste a enigmática memória como o originário modelo do aparelho psíquico freudiano. *Memória, aparelho psíquico com escritura em transcrição e retranscrição*: começa seu esboço no Projeto e continua na Carta 52.

Na Carta 52, Freud delineia um aparelho psíquico com sistemas diferenciados de inscrição e transcrição. Passagens de marcas de um sistema a outro (ou seu estancamento) dependem do

[...] rearranjo, segundo novas circunstâncias, uma retranscrição [...] a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos, ela é registrada em diferentes espécies de indicações (FREUD, [1896] 1977, p. 318).

O modelo de aparelho psíquico, que é de certo modo escritura, se revela.

De *A interpretação dos sonhos* (1900), é preciso destacar:

- os modelos escriturais (os hieroglifos, os *comics* ou a escritura ideográfica) que sustentam a *cena do sonho*;
- o aparelho psíquico, que tem que dar conta da colocação em cena;
- a *outra cena inconsciente*, que está constituída por traços mnêmicos, marcas escriturais que poderão – ou não – ser ativadas, segundo suas vias de facilitação.

Já em *Uma nota sobre o bloco mágico*, de 1924, Freud destaca o artefato armado de uma superfície encerada e uma folha de celuloide destacável que a cobre e que permite conservar na superfície encerada o que escrevemos sobre o celuloide que se foi apagando ao separar o celuloide da superfície encerada.

Esse “bloco mágico” permite a Freud exemplificar o duplo requisito da memória e do aparelho psíquico: *apagar e conservar*. Bases similares às do aparelho psíquico que

havia desenhado na Carta 52: sistemas de inscrição e transcrição que, de alguma maneira, supõem um sistema de escritura.

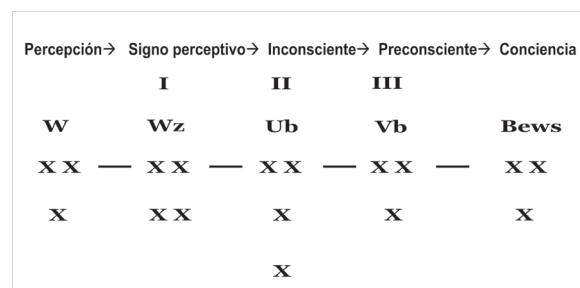
II Os modelos topológicos e o aparelho psíquico freudiano

Tomarei três representações topológicas:

- o retângulo;
- a bolsa freudiana de *O eu e o isso*;
- a garrafa de Klein do último Lacan (*Conferência de Caracas*, 1980).

II.a O retângulo

Na figura topológica do retângulo, há dois extremos, com dois estados intermédios. Tal é o esquema de Freud na Carta 52. Esquema que articula *isso e inconsciente*. Ponto de partida da dobradiça das duas tópicas de Freud e do último ensino de Lacan, do discurso de Caracas, de 1980.



Reiteramos: na Carta 52, Freud apresenta um esboço de aparelho psíquico que inclui vários sistemas diferenciados de inscrição e transcrição.

No esquema com cinco elementos ordenados em forma retangular, os três intermédios estão caracterizados, além da inicial do seu nome, pelos números romanos I, II e III. A ideia de que esses sistemas de inscrição tivessem suportes neuronais é descartada já na *Interpretação dos sonhos*. Não nos esqueçamos do que Freud dirá nesse texto: “evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatómica” (FREUD, [1900] 1987, p. 491).

No extremo esquerdo da linha está a notação *W* (*Wahrnehmungen*), *percepções*, as quais supõem registro direto da experiência,

o que marca como real um ser que recebe o impacto e não conserva rastro nem memória do acontecido. Néstor Braunstein, em seu livro *Goce*, utiliza o termo “impressão” no duplo sentido de aquilo que impressiona (uma película sensível) e de aquilo que se imprime e fica gravado. São impressões *assubjetivas*, acéfalas, matrizes de uma escritura de onde um sujeito haverá de advir.

Essas impressões sem memória – que estão no extremo esquerdo do aparato e serão recuperadas (ou não) pelas inscrições ulteriores – supõem um real originário pré-subjetivo anterior à simbolização e remetem ao conceito freudiano de *etwas* – “alguma coisa”, em *O eu e o isso*. Trata-se de hieróglifos assistemáticos, cunhagem de marcas na superfície de um corpo: aí o gozo do corpo para Lacan. “Aquilo que torna a letra análoga a um germe” (LACAN, [1971-1972] 1985).

Dessas *percepções* se passa a um sistema primeiro (I), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que é “o primeiro registro” ou “a primeira transcrição” de tais impressões.

Como se vê, Freud insiste na ideia da escritura. Agora, agrega a noção, capital em Lacan, de *signos de percepção*, *Zeichen*. A caracterização freudiana desses signos é precisa:

[...] é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade (FREUD, [1896] 1977, p. 318).

Assim, produz-se uma escritura que é puro signo, carente de significação e carente de ordenação no tempo. Nesse sistema, não há diacronia. Aquilo que Freud chamará, em 1923, de *o isso*, Lacan, a partir de 1972 – no *Seminário 20: Mais, ainda* –, denominará *gozo do Outro*.

Esses *signos de percepção* não são significantes, são – é o próprio Freud da *Carta 52* quem o destaca – signos, marcas anteriores à palavra – de uma maneira ou outra, o isso

freudiano. Não há ordem, sentido nem tempo.

Na *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*, Lacan ([1961] 1998) evoca uma imagem esclarecedora quando compara essa desordem sincrônica com o *funcionamento de uma loteria*, um grande globo cheio de bolinhas nas quais estão inscritas cifras que em si mesmas não significam nada.

Uma desordem de marcas escriturais que está pronta para adquirir significação uma vez que se produza o sorteio, uma vez que elas vão saindo em uma certa sequência aleatória ou arbitrária que as colocará em relação com uma matriz simbólica preexistente (atribuição de prêmios) que dotará de sentido a série de bolinhas sorteadas. O globo cheio de inscrições aleatórias é o símile do “[...] caldeirão cheio de agitação fervilhante” (FREUD, [1933] 1977, p. 94) do isso freudiano, e Freud acrescenta: “[...] descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades pulsionais...” (FREUD, [1933] 1977, p. 94).

Em síntese, o primeiro sistema de inscrição da *Carta 52* é a antecipação do isso da segunda tópica e suas características são as que permitem distingui-lo do segundo sistema (II), o do inconsciente, que já é uma tradução transformada em escritura daquela marca primária, sede das pulsões.

Em 1980, em sua última conferência, a de Caracas, dirá Lacan ([1980] 1987):

O saco, ao que parece, é o continente das pulsões. Que ideia tão disparatada, esboçar algo assim! Só se explica por considerar as pulsões como bolinhas, que terão de ser expelidas pelos orifícios do corpo, uma vez ingeridas.

Novamente aparecem as bolinhas como pulsões que serão expelidas graças à operação da língua que permite digeri-las – como dissemos no início. Digeri-las não todas, é claro: sempre há um plus que não é digerível, o *mais-de-gozar*, segundo Lacan.

Trata-se de hieroglifos carentes de palavras, nos quais os elementos são alheios à organização do discurso, mas, como dirá Freud em 1923, têm sua lógica. Fora do sentido, mas pronto para obtê-lo. Para isso, é necessário que se produza “o sorteio”, que se instaure uma série, que o número, para além de sua função cardinal (1, 2, 3), se “ordene” (primeiro, segundo, terceiro), que seja “um” na série dos números, que seja “esse” número na relação entre todos os outros que saem sorteados e a outra série de números; no caso da loteria, a da ordem dos prêmios. Assim se consegue a cadeia significativa que deriva no inconsciente já como discurso.

Em resumo, o sistema chamado por Freud na Carta 52 de *signos perceptivos* [Wahrnehmungszeichen (Wz)] é um sistema de passagem das impressões corporais (percepções) a uma escritura desorganizada. Está prefigurado, em todos os seus aspectos, o isso de 1923.

Do caos do isso, onde se agitam as pulsões, passa-se a um certo ordenamento, uma forma de extração das bolinhas, a uma sucessão diacrônica da saída desses signos que foram transcritos para elementos de outra ordem, para significantes cuja bateria está na língua, tomados no campo do Outro da palavra.

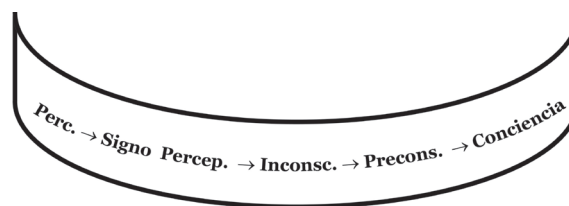
Na Carta 52, é precisamente assim que se define o *Unbewusst (Ubw)*, o *inconsciente*: como uma segunda transcrição na qual já não primam as associações por simultaneidade e sim outros nexos, talvez causais. A causalidade implica a sucessão no tempo da causa e do efeito, a diacronia. Como discurso, o inconsciente é já algo que se fala e se escuta, um material no qual as pulsões terão de ficar reprimidas. É o nível da terceira transcrição que se descreve na Carta 52: aquela que leva do *Ubw* ao *Vbw*, do inconsciente ao pré-consciente (*Vorbewusst*), que está “[...] ligada a representações-palavra, correspondente ao nosso eu reconhecido como tal” (FREUD, [1896] 1976, p.

318). Aqui se dão todas as características do pensar racional, em que o encadeamento significativo traz consigo ondas de sentido, um sentido que “[...] é de efeito posterior [*nachträglich*] na ordem do tempo” (FREUD, [1896] 1976, p. 318).

Fica, assim, o aparato como um retângulo no qual o ordenamento sucessivo implica a anulação do tempo nos dois extremos.

Essa leitura do modelo freudiano permite – até 1923 – estabelecer a continuidade que existe entre o isso da segunda tópica e o inconsciente da Carta 52. Em ambas as tópicas, as distintas instâncias psíquicas não se inter-cambiam ou se substituem reciprocamente: são sistemas topologicamente diferenciados.

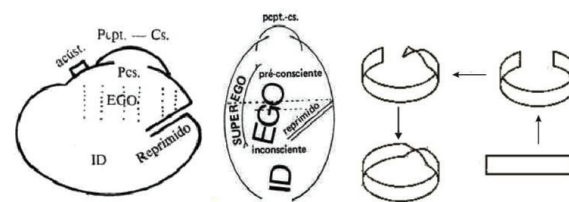
A seqüência do retângulo é: da impressão bruta (*percepção*) ao isso (*signos de percepção*) ao inconsciente (*Ub*) ao pré-consciente (*Vb*) à consciência (*Bw*).



II.b A bolsa freudiana:

isso, supereu, inconsciente e consciente

Podemos, no entanto, brincar topologicamente e enlaçar os dois extremos em uma pequena bolsa e – surpresa! – sai a segunda tópica, mas agora se acrescentam outros nomes. Tal é o modelo topológico da bolsa freudiana:



Percepção e consciência ficam na parte superior; signos perceptivos, à esquerda (calota auditiva: *Horkappe*); pré-consciente na parte superior; inconsciente para baixo, confundido com o isso e o supereu. Ao que

se acrescentam o eu acima e o recalçado. E o eu nada entre as bolinhas ordenadas em diacronia. Nem sempre o eu é um bom nadador, às vezes naufraga entre o isso e o supereu. A clínica dá testemunho desse naufrágio.

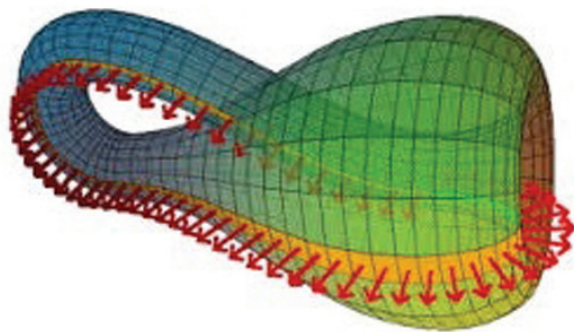
Passamos, assim, à segunda topologia, à bolsa que Freud apresenta em 1923 em *O eu e o isso* e amplia na *Conferência 31*, de 1933: *A dissecção da personalidade psíquica* (FREUD, [1933] 1977).

Convém acrescentar um comentário de Freud, da *Conferência 31*:

Ao pensar nessa divisão da personalidade em um eu, um supereu e um isso, naturalmente os senhores não terão imaginado fronteiras nítidas [...] Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos (FREUD, [1933] 1977, p. 101).

Assim é a pintura dos impressionistas, em que as fronteiras se sobrepõem.

II.c O modelo topológico da garrafa de Klein



E a partir deste ponto é possível passar à proposta de Lacan na conferência de Caracas, de 1980: substituir o saco freudiano pela garrafa de Klein, que, justamente, não demarca zonas diferenciadas nítidas e que inclui a ban-

da de Moebius, onde é possível passar para a figura topológica do toro.

A *garrafa de Klein* é outro objeto que, assim como a *banda de Moebius*, constitui um espaço unilateral, não orientável, no qual se encontram em continuidade o dentro e o fora.

É possível descrevê-la de duas maneiras diferentes: como uma garrafa na qual um túnel se converte em asa, ou como uma garrafa na qual o fundo coincide com o gargalo. Ambas as definições dão como resultado duas representações diferentes do mesmo objeto topológico. Por essa condição de pôr em relação dois buracos, Lacan emprega a garrafa de Klein para representar a *voz*, apresentada como objeto *a*. Com efeito a voz põe em relação dois buracos do corpo: a boca e o ouvido.

A garrafa de Klein também dá conta dessa passagem do interior ao exterior e vice-versa, onde o interior fica sempre *êxtimo*, *uma extimidade que responde aos mandatos do supereu e à compulsão do isso*.

3. Em direção ao momento de concluir: “isso inconsciente” e “recalçado inconsciente”

O eu e o isso provoca surpresa porque nesse texto Freud aborda o inconsciente referido ao isso e, por outra parte, referido ao campo do recalçado. *Isso inconsciente* e *recalçado inconsciente*, disjunção freudiana maravilhosa: não todo o inconsciente é traduzível e interpretável; embora constitua a via régia do desejo, o inconsciente tem sua contraparte: o que não é “alcançado pela tradução”, reduto mesmo “dentro do isso” daquilo que não é apalavrado – “o inconsciente genuíno” – o *isso inconsciente* onde reina o silêncio das pulsões. E que fará extensão do *supereu inconsciente*.

Dessa maneira, quando afirma que *o isso e o inconsciente se copertencem*, está aludindo ao *inconsciente genuíno*, núcleo do isso e da virulência das pulsões; por outro lado,

quando alude a esses conteúdos que sofreram uma mudança, refere-se ao *recalcado inconsciente*.

Isso inconsciente genuíno	Inconsciente recalcado
Núcleo inconsciente do ser	Legalidade que se ancora no Édipo
Resistências do eu e do supereu	Resistências de repressão e de transferência

Freud esboça, assim, uma figuração da tópica das instâncias – chamada por Lacan de “geometria da bolsa”. Mas da “bolsa” freudiana nos falta ressaltar a questão da voz presente como núcleo do supereu, a calota acústica ou receptiva – *Horkappe* –, isto é, o que permite o artifício gramatical da pulção: traço primário, toco de palavra, voz ignota, sementeira de restos de palavras, vozes e multitude indeterminada... *fragmentos de vozes*, murmúrios incompreensíveis de inumeráveis existências-eu.

Passagem, assim, da *Carta 52* ao isso e ao supereu, com o qual eu não esperava – olha a surpresa! – encontrar-me de volta.

Aqui concluo este original percurso. Espero que vocês, leitores de Freud e de Lacan, tenham podido me acompanhar e obter os dividendos clínicos incomparáveis da disjunção do inconsciente genuíno e do inconsciente reprimido.

Abstract

We argue about the genuine unconscious differentiated from the repressed unconscious in a journey through Freud's work, from the *Project for a Scientific Psychology* (1895) and the *Letter 52* (December 6, 1896), through *The Interpretation of Dreams* (1900) towards *The Ego and the Id* (1923), until *A Note Upon the 'Mystic Writing Pad'* (1924) and *Conference 31: The Dissection of the Psychical Personality* (1933), to end in *An Outline of Psycho-Analysis* (1938).

Keywords: *Genuine unconscious, Repressed unconscious, Psychic apparatus, Writing in transcription and retranscription, Topological model of the Klein's bottle.*

Referências

FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900-1901). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4 e 5).

FREUD, S. Carta 52 (06 dez.1896). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 281-287. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 157-221. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago,

1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-450. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Uma nota sobre o bloco mágico (1925 [1924]). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 253-259. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, J. Conferências caraquenhãs (1980). In: MILLER, J.-A. *Percurso de Lacan*. Rio: Zahar, 1987.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691. (Campo Freudiano no Brasil).

Recebido: 10/11/2020

Aprovado: 15/12/2020

Sobre a autora

Marta Gerez Ambertin

Doutora em psicologia pela Universidade Nacional de Tucumán (Argentina).
Pós-doutora em psicologia clínica – menção psicanálise pela PUC São Paulo (Brasil).
Diretora do curso de doutorado em psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Tucumán (Argentina).

Endereço para correspondência

E-mail: martagerezambertin@gmail.com

Os efeitos da pandemia na instituição e na clínica psicanalítica – trabalhando on-line

*Pandemic effects on the institution
and the psychoanalytic clinic
– working on-line*

Anna Lucia Leão López

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre os efeitos da pandemia na clínica e na instituição psicanalítica, bem como a vivência do analista durante o trabalho *on-line*. Para sustentar as reflexões ora apresentadas, recorro a textos de Freud (1914-1920), destacando: *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* (1915); *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919); *Além do princípio de prazer* (1920). A partir dos textos investigados, foi possível, de forma inicial, estabelecer as seguintes articulações: neuroses de guerra (neuroses traumáticas) e as neuroses como efeito da pandemia; a morte em tempos de Freud e em tempos de pandemia, bem como a vivência de Freud durante a I Guerra Mundial, a gripe espanhola e a vivência do analista durante a pandemia.

Palavras-chave: Pandemia, Neuroses de guerra, Morte, Psicanálise, *On-line*.

*Ah, o horror de morrer!
E encontrar o mistério frente a frente
Sem poder evitá-lo, sem poder...
FERNANDO PESSOA*

Este trabalho é fruto de duas apresentações realizadas em 2020, em tempos de pandemia. A primeira, na XI Jornada de Psicanálise do CBP-RJ (Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro), com o título *A clínica psicanalítica on-line: travessia de novas verdades*, e a segunda, na IV Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará – *A clínica psicanalítica na atualidade*, ambas as jornadas, pela primeira vez, no formato exclusivamente *on-line*.

Início com agradecimento a todas e todos por estarem comigo nesta travessia *on-line*.

Guimarães Rosa, em *Grandes sertões: verdades*, nos diz que “mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende” (1994, p. 325). De repente, somos atropelados pela pandemia e, com isso, tivemos que aprender e trabalhar intensamente *on-line*.

Em 21 de março de 2020, na Assembleia Geral Ordinária, difícil por causa do início da pandemia, fui eleita presidente do CBP-RJ para a gestão 2020-2022. Nesse dia, a porta do CBP-RJ foi fechada e o último encontro presencial aconteceu. Houve uma despedida

e dali para frente todos os encontros e as atividades da instituição passaram a ser exclusivamente *on-line*.

Apesar de haver experiências com atendimentos *on-line* antes da pandemia, eles eram pontuais, devido, por exemplo, à mudança de cidade do analisando ou do analista.

Ocorre que, desde março de 2020, nosso ofício de analista passou a ser exclusivamente *on-line*. Até então, o CBP-RJ tinha a vivência do *on-line* com a participação de um membro efetivo que se mudou para Portugal e continuou participando *on-line* das supervisões do NEPSI (Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência). Além disso, participou *on-line* de uma mesa comigo na V Jornada de Psicanálise do CBP-RJ em 2014, cujo tema foi *A psicanálise real e a realidade virtual*.

Nesse trilha, em julho de 2015, no Rio Grande do Sul aconteceu o XXI Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e o I Congresso Internacional de Psicanálise, cujo tema foi *Conexões virtuais. diálogos com a psicanálise*. No mesmo ano, em Belo Horizonte, a XXXIII Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais abordou o tema *Psicanálise e contemporaneidade: o mundo virtual em questão*.

O material compilado desses três eventos originou a publicação do livro *Conexões virtuais. Diálogos com a psicanálise* (2016), organizado por Anchyses Jobim Lopes, Cibele Prado Barbieri, Maria Beatriz Jacques Ramos e Ricardo Azevedo Barreto, publicado pela editora Escuta.

Na Assembleia de 21 de março de 2020, deparamos com a pergunta: o que fazer? A partir das experiências de cada um, concordamos em usar a ferramenta Zoom, que nos serviria para retornar, na segunda quinzena de abril de 2020, com as atividades da formação do CBP-RJ.

No sentido de aprendermos juntos sobre as possibilidades e os limites relacionados ao uso da ferramenta Zoom, nós, professores, passamos a nos reunir *on-line* duas vezes

por semana, até altas horas da noite. Trabalhamos exaustivamente para dar conta desse início *on-line* da formação.

Diria que trabalhamos de forma árdua psiquicamente para dar conta desse processo, ao mesmo tempo vivendo a pandemia e seus efeitos imediatos. E ainda sabendo que a elaboração da vivência da pandemia só será possível *a posteriori*, pós-pandemia. Diria que estamos num momento de investigação da clínica psicanalítica *on-line*.

Ressalto e agradeço, mais uma vez, que a continuidade da formação no CBP-RJ só foi possível pelo apoio e pelo engajamento dos professores, bem como pela dedicação da nossa diretoria, com incansáveis reuniões semanais.

E assim, enquanto instituição, fomos caminhando nesse formato *on-line*. Retomamos as supervisões do Centro de Atendimento Psicossocial (CAP) e do NEPSI, e posteriormente os atendimentos supervisionados.

Realizamos a Assembleia Geral Extraordinária, que foi adiada de março para agosto de 2020, e possibilitou a entrada de cinco novos membros efetivos; a jornada interna do NEPSI; a jornada das monografias (evento interno).

Iniciamos um grupo de estudos de membros efetivos (o qual coordeno e tem como objetivo a troca de vivências da clínica *on-line*, espaço para falar sobre a contratransferência vivida/sentida) e participamos do Movimento de Articulação das entidades psicanalíticas, conduzida pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Após esse breve relato da vivência institucional, voltamos a março de 2020. O “corte lacaniano” da pandemia nos mandou para casa. E nela passamos a atender, dar aula, participar de reuniões, eventos, encontrar amigos, familiares... tudo no formato exclusivamente *on-line*, nesses quadradinhos. No momento da escrita deste artigo, já se passavam 11 meses de pandemia, do trabalho/das atividades *on-line*.

Diante dessa turbulência, recorro aos trabalhos de Freud que coincidem com a I Guerra Mundial (1914-1918) e a gripe espanhola (1918-1919), buscando entender como Freud sustentou seu lugar de analista, como ele conduzia sua clínica durante tais períodos. Realizo, portanto, uma busca por ferramentas para me sustentar como analista, arcando com as turbulências e as encrencas vividas na transferência, podendo, assim, silenciar-me diante do outro. E nesse momento, nós, analistas também estamos vivendo nossas turbulências e encrencas como efeito da pandemia. Estamos trabalhando com “ferro quente”.

Destaco a importância dos *Ensaio de metapsicologia*, que Freud escreve em 1914/1915, durante a I Guerra Mundial. No ensaio *O narcisismo: uma introdução*, de 1914, Freud apresenta um ponto de virada na metapsicologia. Virada fundamental da primeira tópica para a segunda tópica. Nesse texto, o primeiro dualismo pulsional (pulsões sexuais *versus* pulsões de autoconservação) está sendo reformulado, e o segundo dualismo pulsional (pulsões de vida e pulsões de morte) está a caminho.

Roudinesco (2016, p. 210) diz que, nesse período de escrita dos *Ensaio de metapsicologia*, Freud

[...] esboçava um quadro sombrio das múltiplas facetas mediante as quais o ser humano sente prazer em seduzir, ostentar, atormentar-se atormentando o outro, odiar, ao passo que declara amar.

Ao chegar em 1920, Freud perde a sua filha Sophie Halberstadt para a gripe espanhola, e escreve seu texto *Além do princípio de prazer*, provocando uma virada na sua teoria e apresentando um novo dualismo pulsional: pulsões de vida *versus* pulsões de morte. Chega o fim da I Guerra Mundial e o fim da gripe espanhola.

Roudinesco (2016, p. 238) assim apresenta o que Freud escreve sobre a morte da sua filha:

A brutalidade sem véu da época nos oprime. Nossa pobre criança agraciada pelos deuses será cremada amanhã... Sophie deixa dois filhos, de seis anos e de treze meses, e um marido inconsolável que agora vai pagar caro uma felicidade que durou sete anos. Essa felicidade só existia entre eles, não externamente. Guerra, ocupação, ferimento, evaporação de sua fortuna – mas eles haviam permanecido corajosos e alegres. Com que fim escrevo, então? Sei apenas que não estamos juntos e que nessa miserável época de confinamento não podemos ir à casa um do outro... Foi um ato do destino absurdo e brutal que nos arrancou nossa Sophie, alguma coisa face à qual não podemos nem acusar nem ruminar, somente curvar a cabeça sob o golpe, pobre ser humano sem recurso com o qual jogam as potências superiores.

Nessa investigação dos textos de Freud (1914-1920), destaco o conceito de neurose de guerra e os textos: *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* ([1915] 2020a), *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* ([1919] 2010) e *Além do princípio de prazer* ([1920] 2020b).

As neuroses de guerra tiveram um forte impacto na reestruturação da metapsicologia, da clínica psicanalítica, da reformulação pulsional e trazem o problema da repetição de eventos desprazerosos. E mais, as neuroses de guerra como campo de disputas acerca da validade das hipóteses etiológicas psicanalíticas.

O tratamento psicanalítico de neuróticos de guerra teve forte repercussão política e foi tema do V Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido na cidade de Budapeste, em 1918, com presença de autoridades políticas e militares. O tema desse evento foi *Efeitos psíquicos da guerra*.

Ressalto a importância de Karl Abraham, Ernst Simmel e Sandor Ferenczi para posterior implementação de clínicas públicas de psicanálise. Em 2020, estamos refletindo sobre os efeitos psíquicos da pandemia.

Vale destacar que nesse congresso de Budapeste foi levantada uma questão atual e fundamental para a psicanálise: como inscrever a intervenção da psicanálise no âmago da vida das sociedades, seja em tempos de guerra, seja em tempos de paz?

No texto *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra*, Freud ([1919] 2010) inicia lamentando a brusca queda do interesse público e governamental sobre essas neuroses. Em seguida, compreende as neuroses de guerra como neuroses traumáticas, que foram possibilitadas ou favorecidas por um conflito do Eu, o Eu que teme ser prejudicado. O caráter violento do acontecimento, a carga libidinal envolvida e a regressão psíquica recorrente em traumatizados de guerra desencadeiam o excesso pulsional que romperia o “escudo protetor”, ou seja, o aparelho psíquico não tem como “enredar” ou simbolizar tais eventos. Traumas violentos como os traumas de guerra (ou traumas da pandemia) funcionam como fatores desencadeantes de elementos latentes em uma estrutura psíquica subjacente, segundo a temporalidade do trauma, que atuaria retroativamente.

O esgotamento físico e a sobrecarga psíquica, normalmente exigentes e decorrentes de meses, por vezes anos, na guerra, estabelecem condições favoráveis ao desencadeamento de sintomas. O esgarçado tecido psíquico torna-se suscetível à irrupção de conteúdos inconscientes a partir de eventos traumáticos que, atuando retroativamente, cindem o Eu. Em 2020 estamos falando da fadiga da pandemia.

Outro texto relevante de Freud para a presente reflexão é *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* ([1915] 2020). Destaco uma passagem na qual Freud (2020a, p. 99) nos diz:

Tomado pela agitação desses tempos de guerra... das grandes mudanças que já se realizaram ou que começam a se realizar, e sem previsão quanto ao futuro está tomando forma, nós mesmos duvidamos do significado das

impressões que nos assolam e do valor dos julgamentos de formamos.

Uma fala que cabe em tempos de pandemia. Freud salienta que a desilusão que a I Guerra Mundial (esta pandemia) provocou (e ainda vai provocar) nos impõe uma modificação de perspectiva em relação à morte.

O texto *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* ([1915] 2020) é dividido em duas partes. A primeira é *A desilusão diante da guerra* e a segunda, *A nossa relação com a morte*. Destaco o texto da segunda parte para continuar a presente reflexão.

Freud escreve que o homem quer deixar a morte de lado, quer eliminá-la da vida. Ninguém acredita em sua própria morte, ou seja, no inconsciente, cada um de nós está convencido da sua imortalidade. O ser humano força a morte a deixar de ser uma necessidade para se tornar um fator acidental. Na guerra (na pandemia), a morte já não se deixa mais renegar. Temos que acreditar nela. Os seres humanos realmente morrem. Em novembro de 2020, o Brasil passava de 164 mil mortos pela Covid-19. Em dezembro de 2020 passava de 175 mil. E no final da escrita deste artigo passava de 245 mil mortos.

Freud (2020a, p. 121-122) argumenta que o inconsciente em relação ao problema da morte é como o humano pré-histórico. E esclarece que a relação do homem primitivo com a morte é cheia de contradições:

A pré-história está, pois, repleta de assassinatos. Ainda hoje, o que nossos filhos aprendem na escola como sendo História do Mundo é essencialmente uma sequência de genocídios.

Nosso inconsciente é tão inacessível à representação da própria morte, tão ávido por matar o que nos é estranho, tão cindido (ambivalente) em relação com a pessoa amada quanto o ser humano dos tempos primevos. Nosso inconsciente reconhece a morte como aniquilação da vida e a nega como irreal. A

guerra (a pandemia) nos despoja das novas camadas de cultura e faz reaparecer em nós o homem primitivo. Nos submetemos ao medo da morte com muito mais frequência do que nós mesmos supomos.

Freud fala também que existem aqueles que arriscam a própria vida na batalha e aqueles que ficam em casa e precisam apenas aguardar a perda de seus entes queridos, ou seja, quem está linha de frente e quem está aguardando.

A guerra (a pandemia) perturba a relação do homem com a morte. Como o nosso inconsciente é inacessível à sua representação, para aceitá-la, é preciso negar a sua própria existência, tirá-la de cena, até mesmo teatralizá-la numa identificação com o herói idealizado.

Freud (2020a, p. 132) afirma:

Tolerar a vida continua a ser, afinal, a primeira tarefa de todos os seres vivos. A ilusão perde o seu valor quando ela, nesse caso, perturba-nos [...] se quiser manter a paz arme-se para a guerra [...] se quiser suportar a vida, prepare-se para a morte.

Em 1920, abre-se uma questão: como deveriam ser tratados os sujeitos acometidos pela neurose de guerra? Freud responde: o tratamento pela fala pela psicanálise. E diz que os médicos deveriam submeter-se às necessidades do doente; que deve ser escutado e não tratado como um doente. Durante a gripe espanhola, Freud pensava na própria morte, na dos amigos e parentes e temia morrer antes da mãe.

Naquele ano, Freud pensava muito mais no valor de suas descobertas do que em suas amizades. Estava determinado a dedicar a sua obra o tempo que lhe restava de vida. Aceitou que as atividades do movimento psicanalítico se deslocassem para o mundo anglófono (países que tinham o inglês como primeira língua).

Nesse sentido, parte para três tipos de pesquisa:

- um estudo especulativo sobre a vida e a morte, que ia de par com uma reforma de sua primeira tópica;
- uma análise dos mecanismos coletivos do poder social;
- uma interpretação do fenômeno de telepatia.

Maneira de imergir novamente no mundo irracional que o assombrava cada vez mais, à medida que ele definia a si mesmo como um pensador das luzes e da razão.

Estamos num tempo veloz que a internet nos impõe. Com pouco tempo, com rapidez no recebimento de informações e mensagens e com a exigência rápida de resposta. Diria que com pouco tempo. Freud se correspondia e trocava através das suas cartas, com tempo de espera, de elaboração, de calma. E nós analistas, como nos mostra Freud, precisamos de paciência. A pandemia nos coloca na espera, à espera de uma vacina.

A pandemia nos colocou num presente permanente. Ficamos aprisionados nesse presente. Na solidão do isolamento, da interação. No desamparo e no abandono, onde segurança, previsão e controle desaparecem e qualquer um pode ser fonte da morte.

Considerações finais

Essas são questões levantadas a partir dos desafios que a contemporaneidade nos coloca enquanto analistas: Qual o lugar da psicanálise? O que é específico do analista? Como responder de forma mais criativa a esse período de transformações e mudanças tão rápidas? Como nós analistas estamos sendo afetados por essas mudanças? Como sobreviver ao choque? Como lidar com o susto? Como estar preparado para o inesperado?

E diria que estamos diante de uma questão crucial: como serão aqueles que estão *vivendo/se tornando gente* a partir de março de 2020?

Este artigo se propõe a abrir essas questões e não responder a elas/dar a elas uma resposta, considerações finais como ponto

de partida para novas investigações e reflexões.

Abstract

This writing in the form of conversation is the narrative of a journey of reflections and psychoanalytic actions during the period in our history marked by the Covid-19 crisis, in the year 2020. The author, inspired by the paths of the Grande Sertão, book written by Guimarães Rosa, punctuates their crossing, highlighting fragments of aspects that have been configured, on the one hand, as coping reinsurers and, on the other, promoting openness to a new psychoanalytic clinic outlined in the online molds.

Keywords: *Pandemic paths, Deconstruction and reconstruction, Psychoanalysis and art, Essential experiences, On-line clinic: look and voice.*

Referências

- ANDRADE, A.; FONSECA, E.R. da; CAROPRESO, F.; IANNINI, G.; BEDÊ, H.; OLIVEIRA, L. E. P. de O.; SILVA, M. V.; TAVARES, P. H.; SIMANKE, R. T. Fontes psicanalíticas: pequeno atlas de referências freudianas. In: FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Tradução e notas: Maria Rita Salzano Moraes; revisão de tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 230-239. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Tradução e notas Maria Rita Salzano Moraes; revisão de tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 58-220. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte (1915). In: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Sigmund Freud; tradução Maria Rita Salzano. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a. p. 99-135. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Introdução a psicanálise das neuroses de guerra (1919). In: _____. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*: além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 382-388. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 14).
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca Luso-Brasileira - Série Brasileira. v. II). Disponível em: https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/rosa_j_g_grande_sertao_veredas.pdf. Acesso em: 21 de fevereiro de 2020.
- ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Sobre a autora

Anna Lucia Leão Lopez

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ) desde 2000. Especialista em psicanálise pela UERJ. Especialista em educação psicomotora pelo Centro Universitário do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR). Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ. Musicista pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário. Fundadora e Coordenadora do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPSI). Professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ. Supervisora clínica do NEPSI. Presidente CBP-RJ (2004-2006; 2006-2008; 2018-2020; 2020-2022).

Endereço para correspondência

E-mail: annalucia2004@gmail.com

Pra falar de psicanálise em tempos contemporâneos – um conto sobre travessia¹

*Talking about psychoanalysis nowadays
– a tale about crossing*

Angela Maria Menezes de Almeida

Resumo

Este escrito em forma de conversa é a narrativa de um percurso de reflexões/ações psicanalíticas durante o período de nossa história marcado pela crise da Covid-19, no ano 2020. A autora, inspirada nas veredas do Grande Sertão rosiano, vai pontuando sua travessia, destacando fragmentos de aspectos que têm se configurado, por um lado, como reassseguradores de enfrentamento e, por outro, como propiciadores de abertura a uma nova clínica psicanalítica delineada nos moldes *on-line*.

Palavras-chave: Veredas pandêmicas, Desconstrução e reconstrução, Psicanálise e arte, Experiências essenciais, Clínica *on-line*: olhar e voz.

*Assim, é como conto.
Antes, conto as coisas
que formaram passado para mim,
com mais pertença.
Vou lhe falar.
Lhe falo do sertão.
Do que não sei.
Um grande sertão!
Não sei.
Ninguém ainda não sabe.
Só umas raríssimas pessoas – e essas
só poucas veredas, veredazinhas.
O que muito lhe agradeço é a sua
fineza de atenção.*

JOÃO GUIMARÃES ROSA

1. Trabalho apresentado na XI Jornada de Psicanálise A CLÍNICA PSICANALÍTICA ON-LINE: TRAVESSIA DE NOVAS VEREDAS, do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em 13-14 nov. 2020, no Rio de Janeiro (RJ), por meio da plataforma Zoom.

Meu propósito com este texto é marcar um percurso de travessia por veredas difíceis de enfrentar na vida, em especial, no âmbito da psicanálise, em função do tempo inominável que abateu a humanidade com o sopro inusitado e asfixiante de um vírus letal. Falo do período de nossa história marcado pela crise mundial da Covid-19, neste ano 2020.

Este escrito pretende se configurar numa forma de conversa, em que se fica bem próximo a um outro que empresta o seu ouvido para captar a narrativa que vai se desenrolando. Mas este conto não tem compromisso com a verdade posta pela realidade. É de uma verdade sensível que quero lhes falar. É como se fosse uma história vivida e sentida, que vai saindo das lembranças e dos enigmas postos pela narradora.

Vou lhes falar a partir de mim. A partir de meu vínculo com a psicanálise, na condição de psicanalista. É o meu olhar. Mas sinto que não estou sozinha. Miro e vejo que muitos me acompanham. O sertão está dentro de nós.

Este registro quer se delinear como um processo de captura de vários instantes/fotografias que, aproximados e em movimento, nos remetem a um filme, em que somos os atores/as atrizes de muitas cenas.

Quero lhes contar sobre um tempo de intimidades com o sertão.

Mas o que é o sertão?

Sertão nos lembra vastidão árida, povoada de vazio. Por ser pedregoso e difícil de habitar, configura-se como espaço apartado do aconchego, onde a solidão se abate sobre o ser. O sertão traz em si o amálgama do nada/vazio com o aterrador/devastador.

Seria o sertão, em nós, o vírus que não vemos e nos horrorizamos diante da possibilidade de contê-lo?

Seria o abalo de nosso saber/fazer psicanalítico, sedimentado sobre constructos tais que nos coloca no centro dos estilhaços de uma desconstrução e nos convoca a participar de uma criação, uma nova gênese psicanalítica?

Seria o espelhamento de nossa insignificância, de nossa fragilidade e vulnerabilidade, diante de uma imensidão cósmica, impossível de compreender?

Seria a destruição de nosso narcisismo o confronto com nossa desimportância e o esfacelamento de um ideal de poder, de saber e de superioridade?

Seria o medo da morte, de uma força/pulsão que vibra em nós, não se deixando conduzir?

Seria o sertão o estranho em nossas entranhas e, por isso mesmo, tão familiar a nós?

Um estranho assustador e, ao mesmo tempo, revelador de nosso inconsciente?

Fiquei pensando, aqui, no *Unheimlich*, do qual nos falou Freud em 1919 e que, um século depois, parece se desprender daqueles escritos, nos trazendo um saber que não nos chegou pela episteme, mas está posto em nós pelo horror sentido neste momento singular em que vivenciamos uma dupla tragédia: a pandêmica e a necropolítica.

É sobre isso que quero lhes falar. É d'isso que eu nem sei bem como se instalou em mim e que eu tenho me aproximado na busca de perceber em suas sutilezas como um novo foi se fazendo presente.

Esta história, conto ou caso é dedicada a meus colegas psicanalistas.

E aí eu posso lhes dizer que as coisas que eu fui elencando são de uma ordem tão simples que quase não me permiti escrever para expô-las diante desta plateia seleta. Só o faço mesmo, porque o que eu quero lhes contar é da apropriação de alguns aspectos de fragmentos positivos, que este tempo vivido no trágico de uma experiência tem me trazido como legado. É no *a posteriori* desse tempo, até aqui, que eu me vejo neste agora.

Primeiramente, vou lhes contar de um aprisionamento vivenciado por mim. Da condição de um isolamento social requerido como medida protetiva de vida – o primeiro forte impacto recebido – a experiência de viver a solidão que, na verdade, é nossa condição estrutural enquanto ser humano – ser

só – eu posso afirmar que a abertura de um novo tempo se fez.

Um tempo de se voltar para si, num movimento de se ouvir e se perceber em seus desejos e modos de ser. Um tempo descolado do cronológico e materializado pelas sensações. Um tempo de impressões sensíveis, que não se atrela a um passar sucessivo, linear e empírico do cotidiano, mas o excede. Um tempo de descoberta de si, em plenitude, em que o passado e o presente se enlaçam formando um núcleo de experiências essenciais que apontam para um mais além.

Este tem sido um tempo de solidão produtiva, em que tenho podido me dedicar à leitura, à escrita, aos estudos psicanalíticos e outros, em que tenho aceitado os desafios de um aprendizado em tecnologia virtual. Eu diria um tempo de reconstrução que me surpreende, quando penso no aparente paradoxo: a condição de um aprisionamento num espaço definido por um tempo indefinido e a sensação serena de liberdade e proximidade do outro.

Um outro aspecto que me marcou, suscitando em mim muito interesse. E só me dei conta da razão dessa sintonia fina após me debruçar sobre ele, para tentar apreendê-lo em minhas entranhas. Foi minha intensa proximidade com as artes, em especial, os clássicos da literatura, da pintura e da música. Pude perceber que utilizei a inspiração nas artes como antídoto para o enfrentamento do desassossego e da angústia, frente à brutalidade do cotidiano presenciado nas relações político-sociais que vieram se somar a este contexto pandêmico.

Essa experiência levou sua ressonância ao meu trabalho de coordenação de seminários, na formação psicanalítica do CBP-RJ quando, neste semestre, tenho feito a abertura dos trabalhos, sensibilizando os candidatos para a escuta de clássicos da música universal. Entre tantos, já ouvimos Beethoven, Chopin, Schubert, Mozart, Debussy, Strauss, Ravel, Liszt, Bach, Tchaikovsky, Vi-

valdi, Gounod, Sibelius. E ainda ouviremos Mendelssohn e Villa Lobos. Acredito que, para além de um acalanto que essa música possa suscitar nos ouvintes, está uma estratégia de preparo à sensibilidade para a escuta analítica.

Penso que a transmissão da psicanálise, ao trilhar veredas que abarcam novas abordagens, em especial o cinema, a literatura, as artes e a música, contribui para apurar a capacidade intuitiva para a escuta abrindo, assim, possibilidades para que o caminho das pedras psicanalíticas seja encontrado/construído por cada um a partir de sua intuição e sua liberdade criativa.

Outro ponto que quero ressaltar como extremamente positivo para a nossa saúde psíquica, enquanto analistas, surgiu de um convite da Anna Lúcia Leão, presidente do CBP-RJ, para a formação de um grupo de estudos entre os membros efetivos da instituição.

Logo foi possível perceber em nossas falas, a ressonância de desejos que, para além de estudos, traduziam nossa ânsia por compartilhamento, por apoio, por reassseguramento, diante deste tempo de incerteza em que estamos imersos e do enfrentamento do novo a que somos chamados a gestar.

De um lado, o inominável da pandemia nos deixa de frente para a dimensão de nossa vulnerabilidade, de nossa impotência; de outro, o absurdo de uma política predatória, nos assusta com a possibilidade de esfacelamento de valores morais, culturais, éticos e políticos conquistados por séculos a duras custas.

Então, uma coisa curiosa aconteceu. Em minhas leituras encontrei, talvez não por acaso, um alerta do filósofo e revolucionário russo do século XIX Mikhail Bakunin que, naqueles idos, sinalizava para o descalabro de atos humanos que podem levar ao desaparecimento do legado cultural que grandes autores, artistas, compositores deixaram para a humanidade. E aí ele dizia: “Diante disso, devemos lutar, com a própria vida, se

for preciso, para preservar a Sinfonia n.º 9 de Beethoven”².

Essa sinfonia, além de ser considerada uma das obras clássicas mais importantes que nos foi legada, por sua perfeição e beleza, tem como significados: ser uma ode à alegria, um hino à união entre os homens e um chamado ao seu processo de revigoramento.

Era tudo que precisávamos naquele momento para continuar dando impulso à nossa caminhada, que tem na palavra compartilhada o grande esteio para reassegurar uma psicanálise viva e forte, que com sua ética possa continuar cultivando a pluralidade de ideias, as liberdades individuais, a dignidade e o respeito ao ser humano.

Agora eu quero lhes contar uma coisa bonita de ouvir: nossas palavras vêm se enlaçando, quinzenalmente, às palavras de nossos amigos psicanalistas e nos fortalecendo como pessoas, como profissionais e eu ousaria dizer que, até mesmo como instituição psicanalítica. Uma rede de afetos começou a ser tecida. E, então, eu lhes pergunto: Pode ter beleza mais reconfortante que essa?

Um último aspecto de extrema importância que quero dividir com vocês nesta história, que teima em resistir ao trágico do momento e às contingências a que ele tem nos submetido, diz respeito à minha experiência psicanalítica com a clínica *on-line*, uma prática completamente nova para mim.

De pronto, uma luz preocupante se acendeu. Como manter vivos os princípios da psicanálise dentro do âmbito de um atendimento virtual? Procurei, a princípio, pensar que esse novo estar clínico precisaria fundamentalmente se pautar na ética psicanalítica. E que, a partir daí, um novo enquadre clínico deveria ser construído com transparência e certa flexibilidade, considerando as sutilezas que o momento ia nos apresentando.

Antes disso, pensei no necessário enquadre interior de nós próprios, analistas, como

condição de poder assegurar a atenção fluente, o vínculo de implicação no atendimento e a garantia da transferência na e sobre a palavra.

Após duas semanas de suspensão das sessões, fiz contato com os pacientes, convidando-os a participar da nova clínica *on-line*. Os acolhimentos foram sendo feitos a cada um no seu tempo. Logo pude constatar o retorno de todos e ainda recebi novos pacientes durante o período de quarentena.

Diante da forma abrupta como fomos lançados a esse recurso tecnológico, como único suporte viável à realização do trabalho clínico analítico, fez-se pertinente um distanciamento reflexivo sobre esta nova realidade e seu impacto em analistas e analisandos.

O *setting* eletrônico precisa ser pensado, discutido e construído com base em parâmetros tais que lhe assegurem continuar sendo espaço/lugar onde o desejo de saber de si possa advir, apoiado na presentificação de um trabalho analítico ético, forte e coerente. A comunicação virtual é irreversível. Não dá para ser desconsiderada.

Um aspecto significativo que a tecnologia virtual tem nos propiciado, neste contexto pandêmico que nos levou ao isolamento social, é a possibilidade de não perder o elo de conexão/comunicação com o outro e de continuar construindo nossos vínculos.

Em minha experiência na clínica *on-line*, quero destacar dois elementos em que tenho buscado investir com muito cuidado: o olhar e a palavra.

Gosto de pensar poeticamente que os olhos são a janela da alma. O olhar abre para o interno. Os olhos expressam o que guardamos no mais íntimo de nós. Eles têm uma linguagem própria e nos falamos de tristeza e de alegria, de desapontamento e de satisfação, de raiva e de amor. Eu diria que eles expressam nossos desejos, nossas verdades.

Então, penso que vivenciar a clínica psicanalítica, olhando nos olhos, é poder empreender uma viagem de descoberta de no-

2. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-historia-humana-em-nove-sinfonias>. Acesso em: out. 2020.

vas formas de olhar e, conseqüentemente, de novos jeitos de sentir.

Percebo que, através das telas, nossos olhos ficaram mais próximos, permitindo-nos, segundo Haag (1997), a “dobra do olhar”, a certeza do vaivém. Isso é um exercício de continência que a pulsão escópica nos permite.

Entendo também que, na análise *on-line*, configura-se uma nova forma de presença – a presença pela voz. A voz, em psicanálise, é um objeto da pulsão invocante, pulsão cantante, pulsão ouvinte. Nós podemos nos escutar enquanto falamos. A palavra falada traz em sua enunciação um sentido que embute afetos e enigmas do sujeito falante (LACAN, [1973] 2003). O sujeito é o “fala-a-ser”, ou seja, ele se faz sujeito no momento em que fala e é também a “falta-a-ser”, pois sempre lhe falta algo, é um sujeito em falta.

A voz é o objeto que circula entre o sujeito e o Outro. A voz e o olhar do psicanalista e do analisando, entrelaçados, são emanações pulsionais que ocupam o espaço do “entre”, onde se dá o acontecimento, o enigma. Aqui, me lembro de um dizer rosiano nascido talvez num instante poético, mas que faz todo o sentido para a psicanálise: “Quando parece que nada está acontecendo, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2001, p. 119).

Freud ([1912] 1996, p. 126) nos ensinou que a psicanálise, enquanto técnica, é o tratamento pela palavra em associação livre: “Diga-me tudo o que vier à sua lembrança, sem censura” (1912). Ou seja, deixe que a palavra se torne presença, através da voz. Habite-a. Porque habitar a palavra é habitar-se.

E quando a palavra se soltar do pensamento e se fizer voz, quando pudermos captá-la pela audição e, ouvindo nossa própria palavra, quiçá, conseguiremos significá-la. Aí, então, uma gênese poderá se anunciar em nós, dando início a um delicado processo de convivência com a dor e a delícia de ser quem somos.

No mais... “viver carece de ter coragem” (ROSA, 2015, p.97).

Obrigada, pela gentileza da escuta.

Abstract

This writing in the form of conversation is the narrative of a journey of reflections and psychoanalytic actions during the period in our history marked by the Covid-19 crisis, in the year 2020. The author, inspired by the paths of the Grande Sertão, book written by Guimarães Rosa, punctuates their crossing, highlighting fragments of aspects that have been configured, on the one hand, as coping rein-surers and, on the other, promoting openness to a new psychoanalytic clinic outlined in the online molds.

Keywords: *Pandemic paths, Deconstruction and reconstruction, Psychoanalysis and art, Essential experiences, On-line clinic: look and voice.*

Referências

FREUD, S. O 'estranho' (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-269. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

HAAG, G. Como o espírito vem ao corpo: ensinamentos da observação referentes aos primeiros desenvolvimentos e suas implicações na prevenção. In: _____. *Observação de bebês - os laços de encantamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 235-239.

LACAN, J. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497. (Campo Freudiano no Brasil).

ROSA, J. G. *O espelho*. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Sobre a autora

Angela Maria Menezes de Almeida

Pedagoga.

Psicanalista.

Membro efetivo do CBP-RJ.

Coordenadora de seminários

no curso de formação de psicanalista do CBP-RJ.

Coordenadora de cursos livres na área

de psicanálise.

Especialista em metodologia

do ensino superior e em pedagogia empresarial pela UNIGRANRIO-RJ.

Mestre em Educação pela UNIVERSO-RJ.

Autora de artigos psicanalíticos publicados nas Revistas *Estudos de Psicanálise* (MG) e *Cógito* (BA).

Coautora e organizadora do livro *Gestão escolar: ações, reflexões e compartilhamentos na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Arco-Íris, 2008.

Autora do livro *A menina que queria ser*. Nova Friburgo: In Media Res, 2019.

Endereço para correspondência

E-mail: ammalmeida.49@gmail.com

Psicanálise ampliada: possibilidades na pandemia

*Amplified psychoanalysis:
possibilities in the pandemic*

Magda Maria Colao
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto
Anelise Scheuer Rabuske

Resumo

Este ensaio objetiva analisar o período pandêmico da Covid-19, seus reflexos na saúde mental da sociedade, bem como algumas repercussões no trabalho psicanalítico. Pretendemos entender a psicanálise não apenas no espaço do consultório, mas também de forma ampliada, em que ela possa dar a sua contribuição à saúde integral, ocupando-se com a promoção e a prevenção em saúde mental e pública. Como exemplo de psicanálise ampliada, mencionamos alguns ciclos de estudos oferecidos nos últimos anos pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS) aos profissionais da saúde e da educação. Além disso, o ensaio descreve dois recortes de casuísticas em atendimento na forma *on-line*, lembrando, como dizia Freud (1937), que o trabalho do analista se assemelha ao do arqueólogo. O ensaio finaliza sinalizando possibilidades de elaboração deste período em que a dor, a angústia, a fobia e o desamparo se fazem muito presentes na escuta analítica. Os autores que nos auxiliaram nesta reflexão são vários, mas destacamos Freud, Danto, Dolto e Minerbo.

Palavras-chave: Psicanálise ampliada, Saúde mental, Pandemia, Ciclos de estudos.

Com o início do ano 2020, urgentes mudanças se anunciavam. A pandemia chegou sem aviso prévio e atingiu toda a sociedade mundial. O trabalho dos profissionais da psicanálise e de suas instituições foi muito afetado. Fez-se necessário pensar novas possibilidades para os atendimentos clínicos, os seminários de formação psicanalítica, as reuniões de diretoria e os ciclos de estudos de psicanálise, estes últimos abertos aos profissionais da saúde e da educação. A forma presencial não era mais possível, em função da necessidade de distanciamento social, e essa previsão se estendeu por todo o ano 2020, tendo continuidade em 2021. A possibilidade da vacinação aos poucos vai se fazendo presen-

te, mas levará um período longo para atingir uma grande escala para conter o Sars-Cov-2 (Covid-19).

A pandemia nos fez enfrentar situações de perdas de pessoas próximas, familiares, familiares de pacientes e colegas. O contato presencial teve que ser substituído pelo virtual, até então não muito conhecido ou poucas vezes utilizado. A forma virtual se impôs como única possibilidade viável, devido ao distanciamento social. Como manter o cuidado com o outro em uma relação virtual? Como atender crianças, adolescentes ou adultos na modalidade *on-line*? Qual a diferença entre iniciar um atendimento remoto ou seguir atendendo pacientes de mais tem-

po? Será que os ciclos de estudos de psicanálise podem ter um espaço síncrono? O que entendemos por psicanálise ampliada? Vários questionamentos surgiram, uma vez que fazer uso das tecnologias não era tão usual no campo da psicanálise.

Possivelmente, os atendimentos clínicos, os seminários de formação, as reuniões, os ciclos de estudos de psicanálise e as palestras possibilitaram uma atenção, uma escuta e um olhar para uma psicanálise ampliada, que já havia dado alguns sinais na prática de psicanalistas como Françoise Dolto, que, desde os seus oito anos de idade, dizia que seria médica de crianças. Ao iniciar seus estudos de medicina em 1932, pensava em dedicar-se à pediatria. Porém, após a análise pessoal realizada com o psicanalista René Laforgue, Dolto iniciou sua carreira como psicanalista.

Segundo Roudinesco (1998, p. 158), em 24 de setembro de 1940,

Dolto inaugurou, no Hospital Trousseau, um consultório que se tornaria 'público', isto é, aberto aos analistas que desejassem se formar na prática da psicanálise de crianças. Ela o fechou em 1978.

Sua preocupação era com um trabalho psicanalítico para além do paciente, ou seja, havia uma escuta dos responsáveis e da criança ou do adolescente. O início de um tratamento só se efetivava com a concordância de todos.

Ledoux (1995) menciona que, na década de 1970, Dolto oferecia um espaço em programa radiofônico, respondendo a perguntas de pais ou professores, perguntas essas que implicavam a constituição do sujeito ou as relações humanas. Além disso, em 1979, ela criou a Casa Verde, com o objetivo de acolher crianças de até 3 anos de idade, acompanhadas dos pais, para evitar os traumas de ingresso na pré-escola. Kupfer (2006) menciona que, em 2001, na França, havia 130 Casas Verdes.

Assim, neste momento de severa crise mundial, quem são os profissionais convocados a criar narrativas sobre o trauma social que estamos vivendo? Seja por meio de atendimentos virtuais e *lives*, seja por programas de rádio e TV, seja na mídia escrita, são os filósofos e/ou os psicanalistas que vêm a público tentar dar nome e sentido ao que vivemos. Só um campo de saber que se ocupa da escuta de questões profundas do inconsciente seria capaz de tal feito.

Este ensaio nasce do desejo de refletir sobre o trabalho da psicanálise ampliada nestes tempos de tantas privações e adversidades. Nossa reflexão, inicialmente, vai se ocupar do entendimento da psicanálise ampliada. Vamos relatar um pouco do trabalho denominado ciclos de estudos de psicanálise do CPRS, descrever algumas vinhetas de casos clínicos e os impactos percebidos durante este período pandêmico, bem como pensar possibilidades de elaboração do trauma vivido.

Talvez possamos nos perguntar desde logo: quais serão as marcas e as repercussões deste momento histórico da pandemia Covid-19 nas relações humanas, na sociedade, no sujeito e em sua constituição?

Psicanálise: clínica ampliada

A psicanálise ampliada interage com o modelo de atenção psicossocial baseado no conceito de saúde integral, que se preocupa com a promoção e a prevenção em saúde mental e pública, em associação com políticas de saúde em geral. É uma ferramenta teórica e prática diante do sofrimento e do adoecimento humano, com um olhar ampliado para a singularidade do sujeito e a complexidade de seu contexto.

A clínica ampliada articula as condições biopsicossociais com a qualidade de vida, propõe o diálogo entre os profissionais e o paciente para desenvolver a proposta terapêutica e estabelece a escuta do sujeito psíquico em prol da saúde mental e da contínua formação profissional.

A psicanálise ampliada é uma práxis político-social. Está imbuída da consciência da sociedade e do espírito de reforma sanitária, que compreende uma nova concepção de saúde desde as *Clínicas públicas de Freud*, pesquisadas por Danto (2019). A psicanálise se recria na crise social.

Fernandes (2019, p. 390) declara:

[...] as clínicas públicas de Freud são a prova de que a história da psicanálise não é uma competição estática na qual ‘vence quem fala mais alto’ (ou mais moderadamente). Justamente por ser móvel que ela se constrói e se reconstrói a cada urgência do contemporâneo, que lhe exige explicações por meio do resgate de vozes ditas vencidas. Que se suspendam as críticas ardilosas que dizem que olhar para trás quando a barbárie se apresenta ao lado seria uma forma de negar o que vem pela frente. Dos discursos dos vencedores, estamos fartos: movemo-nos.

O que se conhece como saúde mental é uma área muito extensa e complexa do conhecimento que abrange a transversalidade de saberes, os quais ampliam “[...] conhecimentos, de forma tão rica e polissêmica que encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam os limites” (AMARANTE, 2013, p. 16).

Há perspectivas e cenários na contemporaneidade que demandam a psicanálise ampliada tanto para contribuir no “processo civilizatório” quanto para fazer o acolhimento e pensar o homem e a sociedade em sua totalidade.

Freud afirma que o primeiro requisito da civilização é o da justiça – isto é, a garantia de que uma lei não será violada em favor de um indivíduo (DANTO, 2019, p. 387).

Assim:

[...] há tempos imemoriais ocorre na humanidade o processo de evolução da cultura.

[...] A ele devemos o melhor daquilo que nos tornamos e uma boa parte daquilo de que sofremos. Suas causas e seus começos são obscuros, seu desfecho é incerto, mas algumas de suas características são claras (FREUD, [1932] 2016, p. 433).

A psicanálise e a saúde coletiva surgem como uma clínica que se amplia e amplia a capacidade de prestar atenção aos sujeitos. A clínica do sujeito é do saber. Além de disposição, formação, análise e supervisão, o psicanalista precisa cultivar disciplina intelectual em uma concepção de teoria crítica. Dessa forma, é capaz de fazer uma escuta com aceitação do outro e de seus saberes.

A psicanálise ampliada situa o exercício da prática clínica na atenção básica, em suas mais diversas intervenções clínicas, aliadas “[...] ao campo da imprevisibilidade radical da vida cotidiana” (CUNHA, 2007, p. 97).

Amarante (2013, p. 63) diz que começamos

[...] a pensar o campo da saúde mental e atenção psicossocial não como modelo ou sistema fechado, mas sim como processo; um processo que é social, e um processo social que é complexo.

Falar de psicanálise ampliada é falar da experiência humana e de sua

[...] subjetividade enquanto processo, enquanto resultado de uma criação. Processo, efeito de múltiplas forças: sociais, econômicas, ideológicas, científicas, políticas, culturais, psicológicas, [...] e o laço social (MATOS, 2004, p. 20).

Em tempos de pandemia, a escuta psicanalítica tem sido demandada tanto para atendimentos individuais, com suas narrativas de sofrimento, quanto para buscar respostas sobre a realidade de sucessivas perdas. Da mesma forma, é requerida como um trabalho de acompanhamento terapêutico de

pacientes sobre os efeitos de impactos trágicos. As práticas têm

[...] demonstrado a flexibilidade com que a psicanálise se inscreve no social, sem que, no entanto, seus pressupostos teóricos fiquem comprometidos. Lacan, convidado a escrever sobre variantes do tratamento que se espera de um psicanalista definiu: “uma psicanálise, padrão ou não, é o tratamento que se espera de um psicanalista” (JAVER, 2004, p. 95).

Conforme narra Lancetti (2016), Freud também tratava alguns pacientes andando pelas ruas ou pelo *campus* da universidade, como evidenciado, por exemplo, no caso de Gustav Mahler:

O grande compositor, que sofria de uma loucura da dúvida, enviou vários telegramas a Freud ora solicitando análise, ora para demarcar os encontros, o que levou Freud tomar uma atitude ativa, intimidando-o (LANCETTI, 2016, p. 27).

Em *Caminhos da terapia psicanalítica*, Freud ([1919] 2020, p. 280) declara:

Como sabem, nunca nos gabamos da completude e inteireza de nosso saber e de nossa capacidade; estamos prontos, agora não menos que antes, a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos o que puder ser melhorado.

A psicanálise é revolucionária e seu destino depende do destino do mundo. Para Danto (2019, p. 386-387):

Freud sempre acreditou que a psicanálise libertaria as habilidades de raciocínio nos indivíduos oprimidos e que o *insight* pessoal (combinado com o pensamento crítico) conduziria naturalmente à independência psicológica. [...] As neuroses ameaçam a saúde pública.

Além disso, segundo acredita, os psicanalistas pecam quando insistem “[...] em considerar a neurose do sujeito como único *locus* de intervenção” (DANTO, 2019, p. XX).

A psicanálise é matéria viva presente nos mais diferentes ambientes, extrapolando as paredes do consultório, constituindo-se em uma escuta que pode circular por todos os espaços sociais que em nosso país se encontram no “olho do furacão” (BROIDE, 2019).

É intrigante, protesta Danto (2019, p. xxxix), que “[...] a história do ativismo político na psicanálise tenha sido consistentemente omitida do público”.

O momento histórico brasileiro, esperança Broide (2019, p. xvii):

[...] tem mobilizado também diferentes associações psicanalíticas, que buscam outras formas de inserção e de atendimento clínico no campo social, numa sinergia que vai colocando como inexorável o olhar para fora de sua própria instituição e da classe social de seus membros.

Psicanálise ampliada: ciclos de estudos

No Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), em 2019, passamos a oferecer ciclos de estudos de psicanálise aos profissionais de saúde e educação. Cada ciclo conta com cinco encontros – os dois primeiros oferecidos na modalidade presencial –, objetivando proporcionar o conhecimento dos fundamentos do transtorno do espectro autista (TEA) a partir de contribuições da psicanálise.

Para o estudo sobre o TEA, inicialmente examinamos alguns conceitos desde os mais arcaicos do psiquismo humano e consideramos pertinente retomar as noções de metapsicologia freudiana, especificando o tripé dos modelos (dinâmico, tópico e econômico), bem como a constituição do sujeito (Narciso e Édipo) e as relações com o outro, necessárias à subjetivação da criança. Revisitamos a história do autismo, desde Bleuler, o primeiro a utilizar (em 1911) o termo autismo, re-

ferindo-se ao autoerotismo mencionado por Freud (1905), até as pesquisas mais recentes sobre autismos – Alvarez (1994), Laznik (2004), Dolto (2005), Kupfer (2020), Kupfer e Pinto (2010), Azevedo (2011), Jerusalinsky (2012), Maleval (2017), entre outros.

Em 2020, os ciclos de estudos de psicanálise previstos na forma presencial passaram a ser *on-line*, o que trouxe como benefício contemplar profissionais de diferentes estados brasileiros. Os temas envolvendo o TEA tiveram continuidade, porém outros assuntos também foram abordados, como: “Trauma e luto: repercussões e mudanças nas relações afetivas”; “Adoecimentos psíquicos na infância e na adolescência no século XXI”; “Constituição psíquica e sintomas na infância a partir de Winnicott e Dolto”.

Para 2021, são previstos os temas: “Psicanálise: o arcaico e as psicopatologias atuais”; “Sofrimentos psíquicos em tempos de pandemia: da infância à velhice”; “A psicanálise e os teatros do corpo: os sofrimentos psicossomáticos”. Todos os Ciclos são ministrados por psicanalistas do CPRS.

E os adolescentes na pandemia?

E quando se está em um período da vida no qual a convivência com os semelhantes é constituinte da identidade? Ficar em casa, quando se é adolescente, pode intensificar o sentimento de solidão. O sujeito humano, de forma geral, é solitário, o que não quer dizer que vivenciar a solidão seja algo fácil. Não existe “o” adolescente e, sim, múltiplas adolescências. Então, cada qual experimenta esse contexto pandêmico de forma singular, a partir dos recursos internos que já tem construídos dentro de si. Vejamos um recorte:

Léo,¹ 14 anos. A puberdade fez seu corpo crescer de tal forma que ficou muito maior

que os demais. Sente-se estranho com esse corpo, e sua timidez confere um isolamento social maior ainda. Prefere os amigos virtuais, que conhece em *chats* de jogos. Conversa com a câmera fechada, não gosta de se mostrar (nem de se ver). Com 11 anos, passou a ter dificuldades para acompanhar os conteúdos escolares. Atrasos recorrentes na entrega das atividades e notas baixas culminaram em duas reprovações. Uma mudança de cidade, troca de escola e, após três semanas adaptando-se ao novo espaço, começou o isolamento. Lamenta a impossibilidade de conviver com os novos colegas, mas também deseja que o isolamento continue por muito tempo. Assim, não precisa submeter-se ao olhar dos outros. Neles projeta uma autoimagem bastante depreciada, sentida como persecutória e que, aos poucos, vamos compreendendo. Nas sessões *on-line*, a câmera é ligada raras vezes – para mostrar o gato Fred, seu quarto e suas ricas construções no Minecraft. Narrativas são construídas sobre angústias, fantasias, singularidades. Na escola, o desempenho melhora: entrega em dia as tarefas e mostra interesse pelo que aprende, compartilha com a analista curiosidades, aprendizagens e o orgulho por ter ensinado uma professora a utilizar um recurso virtual.

Se considerarmos o contexto contemporâneo no qual estamos mergulhados, vamos observar que um grupo considerável de adolescentes já se ocupa há vários anos de viver remotamente. Permanecer longos períodos no computador ou no *video game* era algo que nós, adultos, sentíamos como inadequado e tratávamos de corrigir. Hoje atendemos, estudamos, fazemos compras, lecionamos, “batemos papo” em família e até nos encontramos para brindar de forma remota. Nossos adolescentes, habituados com as tecnologias, orientam-nos sobre o uso das ferramentas, tornando possível ir adiante em meio à pandemia.

Dentro do sujeito que vivencia o processo adolescente, há uma criança e suas marcas

1. Os nomes utilizados nos recortes de casuísticas são fictícios bem como as idades e outros dados, criando condições para a preservação do sigilo em torno das identidades envolvidas. Ambos os recortes foram autorizados formalmente pela família.

constitutivas, produzidas no encontro com o outro. Essas marcas trazem desdobramentos nos distintos momentos do desenvolvimento e nas diferentes situações apresentadas pela vida:

[...] no outro se alimentam não somente nossas bocas senão nossas mentes; dele recebemos junto com o leite, o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós e isso é inevitável (BLEICHMAR, 2005, p. 8).

Cardoso (2011), ao apresentar a obra *Adolescentes*, alerta para os grandes desafios da clínica contemporânea, apontando para uma radicalização do sofrimento individual. Trata-se de um tempo de desamparo coletivo, que, embora possa acenar para outras modalidades de existência, é, antes de tudo, uma condição de passagem que desperta intensas angústias e dor psíquica.

O autor afirma:

Observamos um nítido incremento de quadros patológicos de maior gravidade, em que se pode destacar, dentre outros aspectos, a prevalência das atuações e das passagens ao ato, o apelo a mecanismos defensivos mais arcaicos elementares, implicando precária elaboração, e que sinalizam, além de outras consequências, a intensificação de um estado de desamparo e de desorientação subjetiva, em especial entre adolescentes e adultos jovens (CARDOSO, 2011, p. 9).

Na sequência, outro fragmento casuístico:

Sara, 17 anos, é encaminhada por um profissional da saúde que a acompanha. Na chegada, anuncia que teve alguns breves suportes terapêuticos, logo interrompidos: não confia nas pessoas. Tudo indica um quadro limítrofe: tentativa de suicídio, dificuldades de relacionamento, enfrentamento de figuras de autoridade e a mãe não consegue convencê-la a fazer o que quer que seja. Vai estabele-

cendo laço e permanece na análise. Com a pandemia, os atendimentos tornam-se *on-line*. Sara resiste: falta aos encontros, manda mensagens dizendo que não quer conversar. Após 45 dias, os atendimentos presenciais são retomados com a utilização dos protocolos sanitários. Brigas constantes entre filha e mãe – com esta enfraquecida, as vontades da primeira prevalecem. Aos poucos, Sara interroga sobre o início de sua vida – assunto até então silenciado –, sobre a família de origem, os porquês da adoção. Imagina ter sido abandonada em alguma lixeira e conhece que foi buscada, com alguns meses, em um abrigo. Parece entrar em um período de maior estabilidade emocional, porém sempre brava com a impossibilidade de estar com amigos. Sente-se “roubada pelo vírus”. Quando fica “pra baixo”, precisa mudar radicalmente seu visual, para “se sentir gente”. Mostra materiais que produz para uma rede social, onde gosta de ser admirada, curtida. Aquela Sara é desinibida, faz coisas engraçadas que divertem as pessoas. No fundo, acha-se feia, pensa que ninguém gosta dela, sente-se sozinha, tem raiva de si, da mãe, das pessoas, da analista também. Desta, teme (deseja?) a morte por Covid-19. Revela-se sedutora/manipuladora, mas também frágil, autodestrutiva. Quando seu personagem favorito em uma série morre, não diferencia realidade e ficção. Fere-se e é internada. Gosta da experiência: a comida é boa, diverte-se com as companhias, não precisa estar trancada em casa. Logo após receber alta, cria condições para uma nova internação. Retorna para a análise após a alta, muitas emoções são despertadas, e sentimentos contratransferenciais intensos precisam ser elaborados: impotência, validade do trabalho, será a morte simbólica da analista?

Quem é Sara, afinal? Quais os limites dessa dupla analítica? Permanece nas sessões, mesmo que ameace rupturas. Parece ter encontrado ali algo que faz sentido, que suporta suas angústias, em que pode confiar, apesar dos percalços impostos pela pande-

mia e pelas fantasias de morte/abandono a ela agregados.

Freud ([1937] 2018 p. 330), em *Construções em análise*, compara o trabalho do analista ao do arqueólogo, dizendo que os desafios são semelhantes, com a diferença que o material com o qual trabalha o analista não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo. A possibilidade de “sintonizar os fragmentos de um passado soterrado” (SCHOR, 2017, p. 62) parece estar inteiramente vinculada ao resgate do sentido das experiências vividas, por meio das construções narrativas oportunizadas pela dupla analítica.

Do trauma à possibilidade de elaboração

Vivemos uma espécie de *trauma social*, uma vez que não temos representação simbólica em nosso psiquismo no que se refere ao enfrentamento de uma pandemia. Como refere Minerbo (2016), de acordo com a definição oficial, metapsicológica, dada por Freud em 1920, *trauma* é um afluxo excessivo de energia que rompe o escudo protetor, invade o aparelho psíquico e o desorganiza.

Ao longo de quase um ano de pandemia, a procura por atendimento psicanalítico em função das consequências desse contexto disruptivo aumentou exponencialmente. Sintomas melancólicos, crises de ansiedade, desintegração do eu, entre outras formas de sofrimento emocional, apresentam-se agudizadas. Perdas e privações das mais diversas naturezas têm sido o fio condutor da existência desde março de 2020. A escuta dessas formações inconscientes tem escancarado um profundo sentimento de desamparo e uma enorme dificuldade na elaboração de tantos lutos.

Outeiral e Godoy (2003, p. 5) citam o texto de Freud (1926) sobre a inibição, sintoma e angústia, que passa a compreender o desamparo como a “[...] base do desespero do homem quando confrontado com a precariedade de sua existência”. Freud concebe a angústia como uma reação ao perigo, que, localizada no ego, assume a função de pro-

teger o psiquismo contra o acúmulo de excitação.

Para Outeiral e Godoy (2003), a compreensão do desamparo funda-se a partir de uma condição biológica objetiva de incapacidade do bebê de satisfazer por si só suas necessidades. No entanto, a condição de desamparo representa também a condição de abertura para o outro, indispensável na constituição psíquica. O retorno à condição de desamparo causado pelo perigo real de um micro-organismo ainda muito desconhecido e que ameaça a continuidade da existência torna-se um dispositivo para que o indivíduo que sofre procure um espaço de escuta. Podemos pensar que o paciente busca e encontra na pessoa do analista a mesma segurança que o bebê (tomado pelo desamparo primordial) encontra na figura da mãe.

Na medida em que nos colocamos nesse espaço de escutar a dor e o desamparo do outro, ainda que de forma *on-line* e muitas vezes só por conversas de áudio, nos é apresentada a possibilidade de tecer novos afetos, criar narrativas e representações simbólicas que possam ser continentes com o momento que vivenciamos.

Minerbo (2016, p. 32) nos diz que

[...] assim como o aparelho digestivo não pode fazer outra coisa a não ser tentar digerir o que comemos, o aparelho psíquico não pode fazer outra coisa a não ser tentar simbolizar – isto é, dar sentido ao que vivemos.

Julieta Jerusalinsky (2020) diz que somos escutadores da angústia – sentimento mais difuso que o medo, já que este, pelo menos, é um temor de algo específico. A angústia é mais avassaladora, invade, tira o sono, causa palpitações, toma o corpo de aflição.

A autora nos mostra que, quando as coordenadas simbólicas que sustentam a vida de alguém se fragilizam, torna-se difícil imaginar um futuro. Ainda que nunca saibamos do futuro, imaginar um é imprescindível para sustentar um presente. A escuta que, ao

longo deste tempo de pandemia, vem sendo oferecida por nós, em um trabalho árduo e intenso, entra aqui como uma possibilidade de reconstruir a ponte entre o presente e a possibilidade de um futuro.

Tecendo considerações

A psicanálise, intervenção clínica criada por Freud no final do século XIX, só permanece eficaz naquilo que se propõe justamente por sua capacidade de acolher as novas demandas de cada época. Entretanto, como vimos, 2020 trouxe significativos desafios para a prática psicanalítica, demandando permanente reflexão acerca dos desdobramentos dos novos formatos de intervenção.

Com suas clínicas públicas que estiveram ativas de 1918 a 1938, Freud expandiu para além da clínica a aplicação de suas descobertas, no sentido da complexidade histórico-político-social. A psicanálise ampliada, uma abordagem de intervenção no atendimento terapêutico da clínica ampliada, envolve possibilidades de transformação do sujeito e da sociedade. Presente como uma práxis integrada no campo da prevenção e da promoção em saúde mental, sua centralidade é no sujeito em seu contexto. O compromisso é com o coletivo. Tal modalidade compõe saberes e práticas de teoria crítica da realidade para atender às mudanças sociais.

Nos ciclos de estudos de psicanálise, percebemos, neste período adverso, uma possibilidade de contemplar pessoas que não poderiam participar de forma presencial, em função da distância. Além da explanação dos assuntos previstos para cada encontro, eram oferecidos textos para leitura prévia, sugeridos filmes, e abria-se espaço para pequenos debates, trocas, relatos, bem como uma escuta de pensar alternativas em grupo. Vale ressaltar a contribuição advinda do conceito de “depressão Covid-19” (NASIO, 2021), que caracteriza uma depressão acrescida de muita angústia.

Por meio dos atendimentos *on-line*, nós, psicanalistas, que até então lidávamos com as fantasias e o mundo interno dos pacientes,

repentinamente, entramos na intimidade de sua casa, conhecendo seus animais de estimação e, muitas vezes, também outros membros da família. Na medida em que precisaram ser retomados presencialmente, alguns atendimentos também foram feitos a partir da estranheza das máscaras e dos novos protocolos de higiene. Novos atendimentos iniciaram nesse meio-tempo, atravessados ou pela distância física, ou por parte dos nossos rostos cobertos.

Diante desse panorama, nos perguntamos se nossa prática será a mesma quando a pandemia acabar! Arriscaríamos dizer que não. A experiência e a construção de novas ferramentas que enriquecem nossa gama de intervenções vêm nos tornando mais sensíveis às dores do outro.

Abstract

This essay aims to analyze the Covid-19 pandemic, its impact on the mental health of society, as well as some repercussions it has on psychoanalytic work. Our goal is to understand Psychoanalysis not only in the clinic space but in an expanded way, in which it can contribute to integral health by dealing with the prevention and promotion of mental and public health. As an example of amplified Psychoanalysis, we will explore some study cycles offered in the last few years by the Rio Grande do Sul Psychoanalytical Circle (CPRS) to health and education professionals. Also, the essay describes two clinical cases of adolescents undergoing online sessions, thus recalling, as Freud (1937) said, that the analyst's work is similar to that of the archaeologist. The essay ends with an overview of possibilities for elaborating this pandemic period when pain, anguish, phobia, and helplessness are very present in the analytical listening. Several authors helped us in this reflection, but we highlight Freud, Danto, Dolto, and Minerbo.

Keywords: *Amplified psychoanalysis, Mental health, Pandemic, Study cycle.*

Referências

- ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- AMARANTE, P. *Saúde mental e atenção psicossocial*. 4 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- AZEVEDO, F. C. de. *Autismo e psicanálise*. Curitiba: Juruá, 2011.
- BLEICHMAR, S. *Subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topia, 2005.
- BROIDE, J. Prefácio. In: DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- CARDOSO, M. R. (org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2011.
- CUNHA, Gustavo T. *A construção da clínica ampliada na atenção básica*. 2. ed. Rio de Janeiro: HUCITEC, 2007.
- DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DOLTO, F. *A causa das crianças*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.
- FERNANDES, M. Posfácio. *Psicanálise para quem? In: DANTO, E. A. As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica. [1919]. In: _____. *Histórias de uma neurose infantil* ["o homem dos lobos"], *Além de princípio do prazer e outros textos* [1917-1920]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 279-292. (Obras completas, 14).
- FREUD, S. Construções em análise (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo. Compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 328-344. (Obras completas, 19).
- FREUD, S. Por que a guerra? Carta a Einstein (1932). In: _____. *O mal-estar na civilização: novas conferências introdução à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 415-435. (Obras completas, 18).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- JAVER, E. R. Reflexões sobre uma experiência de acompanhamento terapêutico (AT). In: NASCIMENTO, C. A. T. do. *Psicologias e políticas públicas: experiências em saúde pública*. Porto Alegre: CRP, 2004. p. 95-105.
- JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2012.
- JERUSALINSKY, J. *Escutadores do sofrimento psíquico durante o confinamento e a construção de saídas coletivas para a pandemia*. Facebook. 5 abril 2020. Disponível em: <http://www.unirio.br/covid/material-educativo>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- KUPFER, M. C. *Arthur: um autista no século XIX*. São Paulo: Escuta, 2020.
- KUPFER, M. C. Françoise Dolto, uma médica de educação. *Revista Mal-Estar Subj.* v. 6, n. 2, Fortaleza, set. 2006.
- KUPFER, M. C.; PINTO, F. S. C. N. (orgs.). *Lugar de vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2010.
- LANCETTI, A. *Clínica peripatética*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2016.
- LAZNIK, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.
- LEDOUX, M.-H. Introdução à obra de Françoise Dolto. In: NASIO, J. D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 203-246.
- MALEVAL, J.-C. *O autista e a sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.
- MATOS, R. A psicologia como prática político-social. In: NASCIMENTO, C. A. T. *Psicologias e políticas públicas: experiências em saúde pública*. Porto Alegre: CRP, 2004. p. 17-30.
- MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.
- NASIO, J. D. Depresión Covid: por que és inédita y cómo el coronavirus nos afectará a largo plazo. En-

trevista concedida a María Laura Avignolo. *Clarín Sociedad*, Argentina, 15 jan. 2021. Disponível em: https://www.clarin.com/sociedad/depresion-covid-inedita-pandemia-afectara-largo-plazo_0_JBqTAwxXW.html. Acesso em: 20 jan. 2021.

OUTEIRAL, J.; GODOY, L. *Desamparo e trauma, transferência e contratransferência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHOR, D. *Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática*. São Paulo: Blucher, 2017.

Recebido em: 15/12/2020

Aprovado em: 30/12/2020

Sobre as autoras

Magda Maria Colao

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Mestre em aconselhamento psicopedagógico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Psicóloga, pedagoga, orientadora educacional.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Professora adjunta da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Integrante do Grupo de Pesquisa Internacional de Formação de Professores do Mercosul/Cone Sul.

Linha de pesquisa: Trabalho, movimentos sociais e educação (FACED/ UFRGS)

Parecerista da *Revista Direito Ambiental e Sociedade*, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Direito da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Psicopedagoga titular.

Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora em Psicologia Social pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Pós-doutoranda em Psicologia Social pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise.

Autora do livro *O mutismo seletivo no espaço escolar* (Veranópolis, RS: Diálogo Freirianiano, 2019)

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Psicóloga.

Psicanalista membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Mestre em Ciências da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Pesquisadora na área de envelhecimento humano no Projeto Veranópolis: envelhecimento, longevidade e qualidade de vida.

Autora do livro infantil *Ana Lise e o menino de olhos verdes*.

Anelise Scheuer Rabuske

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Psicóloga clínica desde 1998.

Mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Lecionou na Faculdade São Judas Tadeu, no Instituto Superior de Educação Ivoti (graduação) e na Unisinos (pós-graduação).

Atualmente dedica-se à clínica psicanalítica nas cidades de Dois Irmãos e Ivoti (RS).

Coordenadora do Seminário Freud V na Formação Psicanalítica do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Endereço para correspondência

Magda Maria Colao

E-mail: magdacolao@gmail.com

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

E-mail: mwagnerpokorski@gmail.com

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

E-mail: waleska.pessato@terra.com.br

Anelise Scheuer Rabuske

E-mail: anerab@hotmail.com

Será que dá para suspender o céu? Reflexões sobre a clínica on-line, subjetivação e sonhos¹

*Is it possible to suspend the sky?
Reflections about on-line clinic,
subjectivity and dreams*

Márcia Alves da Rocha

Resumo

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições indígenas. Suspender o céu é ampliar o horizonte existencial, é enriquecer as nossas subjetividades, nos ensina o líder indígena Ailton Krenak. Tomando como ponto de partida os transgeracionais ensinamentos da cultura Krenak e, ao mesmo tempo, ancorado na clínica psicanalítica, este trabalho apresenta uma reflexão sobre os desafios da clínica nos tempos pandêmicos e de psicanálise *on-line*: será que é possível suspender o céu, para ampliar o horizonte existencial? As reflexões propostas nos levam às postulações winnicottianas a respeito do medo do colapso e ao pensamento de Thomas Ogden sobre a posição autista contígua, bem como à importância da experiência analítica como um meio para que os analisandos consigam sonhar seus sonhos interrompidos ou ainda não sonhados.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica *on-line*, Medo do colapso, Posição autista contígua, Terceiro analítico, Sonhos.

*Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
EMICIDA*

1. Trabalho apresentado na XI Jornada de Psicanálise A CLÍNICA PSICANALÍTICA ON-LINE: TRAVESSIA DE NOVAS VEREDAS, do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em 13-14 nov. 2020, no Rio de Janeiro (RJ), por meio da plataforma Zoom.

Introdução

Este trabalho foi originalmente apresentado na XI Jornada do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção RJ, realizada *on-line* nos dias 13 e 14 de novembro de 2020. O encontro teve como tema central a travessia das novas veredas que se apresentavam na clínica psicanalítica *on-line*. Como psicanalistas e, acima de tudo, como cidadãos, muitos fantasmas e angústias nos assombraram ao longo de 2020. Muitos foram os atravessamentos inomináveis que nos atropelaram com a Covid-19, o caos da saúde da nossa gente, o negacionismo, a impossibilidade dos abraços e dos rituais de despedidas tão necessários ao luto, entre outras tantas angústias por muitas vezes não possíveis de ser elaboradas.

Uma das frases que mais ouvi na clínica em 2020 foi: “quando tudo isso passar...”. “Isso”. Adolescentes, adultos, profissionais da saúde, desempregados. Creio que em todas as direções a pandemia foi ocupando esse lugar do inominável, onde não há forma de identificar claramente o sentido, fica essa sensação de “isso” rondando o ego, um emaranhado de sensações e acontecimentos por vezes não decodificados. Mas sem que eu houvesse propositalmente planejado, o trabalho que redigi fala de alguma forma sobre esperança, sobre a potência do encontro analítico, sobre a potência do “sonhar junto”.

Curiosamente, a reflexão que me motivou a pensar sobre os pontos que abordo a seguir não é oriunda da psicanálise. Meu ponto de partida advém de uma instigante fala de Ailton Krenak, ativista dos direitos indígenas, nascido na reserva das famílias Krenak, na região do vale do rio Doce – área profundamente afetada pela extração de minérios. Nos diz o líder indígena: “Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo para respirar” (KRENAK, 2019, p. 28).

Em sua narrativa ancorada na forte ancestralidade presente na cultura Krenak, Ailton nos ensina que suspender o céu significa ampliar a percepção, a subjetividade, o horizonte existencial.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado (KRENAK, 2019, p. 32).

Creio que vale aqui abrir um parêntese para falar sobre o significado no nome Krenak. A sílaba “kre” significa cabeça, já a segunda “nak”, significa terra. Ailton nos ensina, então, que Krenak significa a herança recebida da terra, dos antepassados, das memórias de origem, de um povo que não consegue se conceber sem uma profunda comunhão com a terra.

Na cultura Krenak, se conectar com a terra significa se conectar com o rio e a montanha, e significa também se conectar com os antepassados através dos sonhos. Uma prática que é percebida em diferentes culturas, de

[...] reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as escolhas do dia a dia (KRENAK, 2019, p. 50-51).

Ler e ouvir Ailton Krenak, sem sombra de dúvida, suspendeu o meu céu nesses tempos pandêmicos. Assistir suas *lives* e ler seus textos ampliaram o meu horizonte e me nutriram de doses de pulsão de vida necessárias e urgentes no isolamento do quarto que virou meu “novo” consultório.

Mas não posso negar: sinto uma falta especial da experiência sensorial da clínica, de sentar na minha poltrona no consultório, do cheiro de lavanda, da música na sala de espera, do som da campainha tocando e de ver

meus analisando pessoalmente, com todas as nuances de sua expressão corporal.

Estou certa de que aprendemos muito – e seguimos aprendendo – com as novas dinâmicas que se apresentam com o atendimento *on-line*. Aprendemos diariamente formas de nos fazermos “corporalmente” presentes aos nossos analisandos, ainda que simplesmente através de nossa voz ou nossa imagem na tela do computador ou do celular.

Ailton Krenak nos diz que o nosso tempo é especialista em criar ausências. Especialista em criar ausência de subjetividade.

Refletindo sobre seus transgeracionais ensinamentos, me pergunto sobre os impactos da pandemia na constituição da subjetividade:

Será que em meio ao caos dá para suspender o céu, para ampliar o horizonte existencial?

Que sonhos são possíveis de ser sonhados diante de um horizonte pandêmico?

Na esteira das reflexões causadas a partir dessas indagações, os parágrafos que se seguem refletem meus pensamentos acerca da experiência de ser – ou de vir a ser – na constituição da subjetividade, sobre a importância de sonhar e sobre a possibilidade do analista de “sonhar com” seu analisando.

É possível ampliar o horizonte existencial?

Para ilustrar meu pensamento, penso ser válido compartilhar fragmentos de um atendimento clínico. Chamarei o analisando de Júlio. Júlio chegou em meu consultório cerca de um ano antes do início da pandemia de Covid-19, contando que lutava contra um diagnóstico psiquiátrico de depressão e ansiedade. Sentia muita falta de ar quando saía de casa. Paradoxalmente, ambientes a céu aberto lhe traziam sensação de sufocamento. Isso tanto o apavorava quanto o paralisava. Penso que seu pedido era para que eu o ajudasse a empurrar o céu, a ampliar sua subjetividade, para que ele finalmente pudesse voltar a respirar.

Em termos winnicottianos, eu sentia em Júlio um forte medo do colapso, um receio de perder as delimitações do seu *self*.

A respeito do medo do colapso, Winnicott (1994, p. 70) nos diz:

Utilizei intencionalmente a expressão “colapso” por ser bastante vaga e por poder significar o fracasso de uma organização de defesa. Mas perguntamos de imediato: uma defesa contra o quê? E isto nos conduz ao significado mais profundo do termo, uma vez que precisamos utilizar a palavra “colapso” para descrever o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva.

Winnicott complementa seu pensamento esclarecendo que nas psiconeuroses é a ansiedade de castração que está por trás das defesas, mas nos fenômenos mais psicóticos (arriscando dizer, por nossa conta, nos fenômenos mais limítrofes), o que está em jogo é um colapso do estabelecimento de um *self* unitário.

O ego organiza defesas contra o colapso da organização do ego e é esta organização a ameaçada (WINNICOTT, 1994, p. 71).

Para Winnicott, o medo de colapsar traduz um receio do sujeito de retornar às agonias primitivas, de retornar ao estágio de impossibilidade de diferenciação do “eu” e do “não eu”. Para o autor, o termo “ansiedade” não é suficientemente forte para descrever seu pensamento acerca das agonias primitivas, que englobam o receio de retornar a um estado de não integração e de cair para sempre, além do receio de perda do conluio psicossomático, da perda do senso do real e da perda da capacidade de se relacionar com objetos.

Considerando-se as postulações winnicottianas, eu acrescentaria que minhas primeiras impressões com Júlio foram de que ele sentia um forte receio de perder suas sen-

sações de demarcação sensorial. Perder essa delimitação seria o equivalente a vivenciar o terror de cair num espaço sem forma e sem fim. Para se proteger de uma angústia não localizada e, portanto, não nomeada, Júlio precisou lançar mão dos recursos corporais como forma de defesa e de organização da experiência de ser.

Em *O ego e o id*, Freud ([1923] 1996, p. 39-40) já nos dizia que

[...] o ego é, primeiro e acima de tudo um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.

Em uma nota de rodapé acrescentada posteriormente, ele complementa:

[...] o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental (FREUD, [1923] 1996, p. 40).

Thomas Ogden (1989), tomando como base a premissa freudiana de que o ego tem origem na superfície corporal – e ao mesmo tempo inspirado nos pensamentos de Melanie Klein, Esther Bick, Donald Meltzer e Francis Tustin – propõe a postulação de uma organização psicológica que denominou de “posição autista contígua” caracterizando-a como o modo mais primitivo, pré-simbólico e sensorial de atribuir sentido à experiência.

Em sua postulação Ogden utiliza a palavra “autista” para designar a mais primitiva organização psicológica de que o sujeito lança mão. Mas não faz isso para alocar sua proposição no espectro autista. Faz uso do termo para fazer uma correlação com os tipos de defesa hipertrofiados do autismo e do modo de atribuir sentido à experiência e às relações objetais.

A posição autista contígua está associada a um modo de produzir experiência dominado por sensações e caracterizado por impressões protossimbólicas da experiência sensorial que, em conjunto, ajudam a constituir uma vivência de superfícies delimitadas. O caráter rítmico e as experiências de contiguidade sensorial (especialmente na superfície da pele) contribuem para uma sensação elementar de contiguidade do ser através do tempo (OGDEN, 1996, p. 32).

Na posição autista contígua a produção de experiências é dominada por sensações, por uma impossibilidade do sujeito em fazer uma mediação entre a sensação de subjetividade e a própria experiência sensorial vivida. Nas palavras de Ogden (1996, p. 135):

[...] num modo autista contíguo, a angústia predominante é a do colapso da sensação de demarcação sensorial, sobre a qual estão baseados os rudimentos da experiência de um *self* coeso.

Voltando novamente a Júlio, destaco que suas sensações de falta de ar – assim como outros recursos corporais de que inconscientemente precisou lançar mão, como o receio de não ser mais capaz de conter a urina, por exemplo – passaram a fazer parte de sua vida, e ele se sentia incapaz de compreender a invasão de sensações que o dominavam. Era como se ele sentisse que estava perdendo suas bordas sensoriais, ele se sentia perdendo a delimitação de seu *self*.

Em seu primeiro ano de análise, Júlio foi corajosamente se permitindo mergulhar em sua história pessoal e nos emaranhados familiares. Nessa fase sentiu mais claramente a necessidade de ficar consigo mesmo e, aos poucos, foi buscando formas de se apaziguar com as incômodas sensações corporais que o invadiam, tentando compreender que elas estavam lhe comunicando algo. Chegado o final do primeiro ano de seu processo analítico, as suas sensações de falta de ar quando

estava fora de casa estavam menos presentes. Caminhadas ao ar livre já não lhe eram tão sufocantes. Comemorávamos juntos cada passeio na beira da praia, cada ida ao banco ou saída para almoçar no restaurante perto de casa.

O ano 2020 começou e com ele novas oportunidades de trabalho se descortinaram para Júlio. Apesar de ainda se sentir mais confortável em casa – sob a proteção do contorno proporcionado pelas paredes do lar –, já se sentia mais apto a enfrentar os desafios das saídas para trabalhar com menos sofrimento. Quando março chegou, e o isolamento social em decorrência da pandemia se fez necessário, Júlio ponderou: “Mas logo agora que eu tinha voltado a sair de casa com mais conforto? Logo agora que eu tinha voltado a respirar?”

Seu latente receio de retornar ao mesmo estado de angústia em que se encontrara um ano antes, me fez pensar nos impactantes versos da música *Amarelo* de Emicida: “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”.

Elaborei as sensações que a lembrança desses versos me suscitara e fiz uma devolutiva para Júlio: sua sensação quando havia começado a análise era de perda da existência, mas agora já lhe era possível recorrer a outros instrumentos internos para não sentir a iminência do colapso e conter o medo de parar de respirar, assim como conter o pavor de cair num espaço sem fim.

Em meio às crises que culminavam com seus episódios de falta de ar, Júlio vivenciava sensações de não existência como parte do seu mecanismo de defesa.

Mas, conforme nos disse Winnicott (1994, p. 76, *itálico do autor*),

[...] pode haver um elemento positivo em tudo isso, ou seja, um elemento que não é uma defesa. Pode-se dizer que *somente a partir da não existência é que a existência pode começar*.

Mais à frente, no mesmo texto, o autor complementa que

[...] o indivíduo não pode desenvolver-se a partir de uma raiz de ego se esta estiver divorciada da experiência psicossomática e do narcisismo primário (WINNICOTT, 1994, p. 76).

Partindo desse pressuposto winnicottiano, penso que as experiências psicossomáticas de falta de ar de Júlio foram a saída que ele encontrara para seu processo de integração, de volta da sensação de existência.

Mas Júlio tinha receio de regredir em suas conquistas, de voltar a se sentir sem ar com o sufocante mundo externo que se apresentava com a chegada da pandemia. Inesperadamente, a doença que paralisava o mundo tinha consequências respiratórias severas e sugeriam uma proximidade muito dura com o sintoma que muito havia lutado para combater. Tinha receio de que o pavor do vírus o asfixiasse novamente.

Mas isso não aconteceu. Suas delimitações de “dentro” e “fora” estavam mais estabelecidas, e sua grande descoberta foi que já tinha vivenciado a sua “pandemia pessoal”, já havia vivenciado suas próprias condições de isolamento social e se deparado com a incômoda descoberta de sua impotência. Sim, era possível para Júlio suspender o céu, era possível respirar mesmo em meio às sufocantes notícias da pandemia.

Sonhando os sonhos não sonhados

Júlio é de longe o analisando que mais me trouxe sonhos. Com ele vou desde às postulações freudianas acerca dos sonhos, ao *Oráculo da noite*, de Sidarta Ribeiro (2019). Cem por cento de seus sonhos – desde que iniciamos nosso percurso – sempre foram sobre casas. Nem sempre a mesma casa, nem sempre o mesmo bairro ou cidade, nem sempre os mesmos moradores, mas casas, sempre casas.

Freud ([1916] 1996, p. 215) nos diz que “[...] a elaboração onírica consiste, essencial-

mente, na transformação dos pensamentos em uma experiência alucinatória”.

Ainda a respeito dos sonhos, Freud ([1917] 1996, p. 236) vai nos dizer:

A conclusão do processo onírico consiste no conteúdo de pensamento – regressivamente transformado e elaborado numa fantasia carregada de desejo –, tornando-se consciente como uma percepção sensorial; enquanto isso ocorre, ele passa por uma revisão secundária, à qual todo conceito perceptual está sujeito.

Freud apontou para a existência de sentidos ocultos ligados à experiência subjetiva do sonhador, destacando os sonhos como um importante canal para a investigação do inconsciente. Ribeiro (2019), por sua vez, enfatiza que a reflexão acerca dos sonhos deve considerar os diferentes estados de sono.

Ribeiro (2019, p. 35) também nos dá conta de que

[...] é curioso que a palavra em alemão para sonho – *Traum* – se pareça tanto com trauma, que, em grego, com etimologia bem distinta, quer dizer ferida. Memórias são cicatrizes, e sua ativação durante o sono possui causa e significado.

Inicialmente os sonhos das casas de Júlio reproduziam simbolicamente agonias muito primitivas. Ora as casas não tinham telhado e eram invadidas por chuvas torrenciais, ora não tinham janelas, com ambientes irrespiráveis e sufocantes. Sem que houvesse sido uma demanda claramente (ou unicamente) minha, passo a passo nossa dinâmica semanal ia sendo pautada por seus sonhos. No nosso interjogo tacitamente estabelecido, os sonhos passaram a ser nossa principal fonte de comunicação.

Acerca dos sonhos, Thomas Ogden (2010) tem uma inspiradora postulação. O autor defende que a capacidade onírica tem a potência de criar a diferença entre mente consciente e mente inconsciente.

Ou seja, o indivíduo que não é capaz de sonhar não consegue diferenciar a experiência consciente da experiência inconsciente. Não consegue diferenciar se está acordado – percebendo a realidade – ou se está dormindo e sonhando.

Uma pessoa consulta um psicanalista porque está sofrendo emocionalmente sem saber, ela é incapaz de sonhar (isto é, é incapaz de elaboração psicológica inconsciente) ou fica tão perturbada com o que está sonhando que seu sonho é interrompido (OGDEN, 2010, p. 28).

Ogden sugere que os analisandos buscam a análise para obter ajuda para sonhar seus sonhos não sonhados ou para terminarem de sonhar seus pesadelos ou sonhos interrompidos.

E complementa seu pensamento:

Durante sua participação no sonhar os sonhos não sonhados e interrompidos do paciente, o analista vem a conhecer o paciente de um modo e em uma profundidade que podem lhe permitir dizer algo ao paciente que seja verdadeiro para a experiência emocional consciente e inconsciente que está ocorrendo no relacionamento analítico em um dado momento. O que o analista diz deve ser utilizável pelo paciente para propósitos de elaboração psicológica consciente e inconsciente, ou seja, para sonhar sua própria experiência, deste modo sonhando-se existir mais plenamente (OGDEN, 2010, p. 28).

Ogden nos diz que, à medida que é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo é incapaz de mudar ou de tornar-se diferente de quem tem sido. Para o autor, tanto o paciente quanto o analista se engajam na experiência analítica com o objetivo de gerar condições para que o analisando – com a participação do analista – possa se tornar mais capaz de sonhar seus sonhos não sonhados ou seus sonhos interrompidos.

O autor defende que

[...] o pensamento psicanalítico contemporâneo está aproximando-se de um ponto em que não se pode mais falar simplesmente do analista e do analisando como sujeitos separados que tomam um ao outro como objeto (OGDEN, 1996, p. 58).

Assim, cunhando o conceito do “terceiro analítico” o autor propõe que os sonhos sonhados pelo paciente são, ao mesmo tempo, seus próprios sonhos e devaneios, bem como os sonhos de um terceiro sujeito, que é simultaneamente o analista e o paciente e, ao mesmo tempo, nenhum deles.

Para Ogden, tanto na relação mãe-bebê quanto na relação analista-analisando, não se trata de desembaraçar os elementos constitutivos da relação. Considerando-se a interdependência entre sujeito e objeto, a tarefa analítica pressupõe uma tentativa de descrever a natureza específica da experiência de inter-relação da subjetividade individual e da intersubjetividade. Para o autor, portanto, a ideia do analista como uma tela branca, neutra para as projeções do paciente, não cabe nas concepções contemporâneas a respeito do processo analítico.

A situação analítica, como a percebo, é composta de três sujeitos em conversação inconsciente entre si: o paciente e o analista como sujeitos separados e o “terceiro analítico” intersubjetivo. O “terceiro analítico” intersubjetivo inconsciente está para sempre no processo de vir a ser dentro do campo de forças emocionais criado pela interação do inconsciente do paciente e do analista. O terceiro “sujeito da análise” é um sujeito construído conjunta mas assimetricamente pelo par analítico. Quando o processo analítico é uma “preocupação constante” (Winnicott, 1964), nem o analista nem o analisando podem alegar serem os únicos autores de seus “próprios” sonhos/devaneios (OGDEN, 2010, p. 24).

Ogden vai nos dizer ainda que, durante a participação no sonhar os sonhos não so-

nhados ou interrompidos do paciente, o analista vem a conhecer o paciente de um modo que possa dizer ao paciente algo que seja verdadeiro para a experiência emocional consciente e inconsciente que está ocorrendo no relacionamento analítico naquele momento.

Recordando da sessão em que compartilhei com Júlio os versos de Emicida que me vieram à mente, penso que o terceiro analítico pode ter se “presentificado” em nossa dinâmica através desses versos. Através da metáfora expressa na letra da música, pude ajudar Júlio a compreender que suas sensações de despersonalização já poderiam ficar no passado.

Refletindo sobre a compreensão que Ogden tem dos sonhos – ao sugerir que os analisandos nos procuram para buscar ajuda para terminarem de sonhar seus pesadelos e, assim, buscarem um caminho de elaboração rumo à possibilidade de sonhar os sonhos ainda não sonhados – penso na potência do encontro analítico ao lembrar das significativas mudanças de enredo nos sonhos de Júlio. Ainda que a temática central continuasse a ser sobre casas, seus sonhos deixaram de ter casas inundadas por terríveis tempestades ou avassaladoras enchentes, assim como deixaram de ser claustrofóbicas e sufocantes.

Para Ogden, a meta da psicanálise não é simplesmente sonhar os sonhos não sonhados e interrompidos do paciente no *setting* analítico. A participação do analista no sonhar a experiência anteriormente insonhável do paciente é um meio para um fim, ou seja, é proporcionar ao paciente que ele desenvolva sua capacidade de sonhar sua experiência sozinho.

Curiosamente, foi em paralelo ao caos pandêmico mundial que as casas dos sonhos de Júlio passaram a apresentar telhados sólidos e protetores. Além disso, deixaram de ser claustrofóbicas e passaram a apresentar grandes janelas que, quando abertas, apontavam para amplas e belas paisagens. De alguma forma, mesmo diante dos cenários inomináveis impostos pela pandemia, Júlio

conseguiu encontrar formas de sonhar novos sonhos, de elaborar suas angústias mais profundas. Sim, era possível não só suspender o céu, como também sonhar sonhos ainda não sonhados.

Considerações finais

Conforme citei no começo do texto, o ponto de partida para elaborar este trabalho se deu a partir das reflexões que os ensinamentos transgeracionais de Ailton Krenak me suscitaram. Em minha perspectiva, a compreensão da cultura indígena sobre a suspensão do céu como forma de ampliação da subjetividade teve muita relevância para as minhas formas de lidar com a clínica psicanalítica diante do horizonte pandêmico.

Particularmente, eu já me aventurava em atendimentos via *Skype*, mas de forma muito reduzida, restrita a pacientes que por motivos diversos mudaram de cidade e demonstraram interesse em dar continuidade ao seu processo analítico. Mas me deparar com a necessidade urgente de transferir toda a minha clínica para o modo *on-line* me fez pensar que alcances seriam possíveis ao atendimento psicanalítico diante do cenário que se apresentava, especialmente nos casos de pacientes mais regredidos.

Escrever estas páginas, em alguma medida, foi uma forma que encontrei para elaborar meus próprios questionamentos de que é possível sim nos fazermos presentes aos nossos analisando ainda que mediados por uma tela ou linha telefônica. E sim, o encontro analítico em toda a sua potência também pode acontecer na emergência da clínica *on-line* imposta pela pandemia.

Compartilhei fragmentos clínicos de um analisando que parecia me pedir ajuda para “suspender o céu e respirar”. Seu horizonte existencial colapsava e a iminência das agônias primitivas lhe davam sensações de despersonalização. Como mecanismo de defesa, ele precisou recorrer a um modo mais primitivo, pré-simbólico e sensorial de atribuir sentido à experiência.

Talvez conectar os ensinamentos da cultura indígena com elaborações psicanalíticas seja um tanto quanto inventivo. Mas, além das reflexões acerca da constituição da subjetividade, a cultura indígena também me suscita elaborações acerca da importância dos sonhos. Assim como a cultura Krenak valoriza a relevância dos sonhos para a conexão com o passado – e o consequente encontro de respostas para os caminhos futuros –, também encontramos outros registros de culturas indígenas relatando a importância dos sonhos.

O xamã yanomami e ativista político Davi Kopenawa nos diz:

[...] quando queremos conhecer as coisas, esforçamo-nos para vê-las no sonho. Esse é o nosso modo de ganhar conhecimento (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 465).

Ailton Krenak nos diz que os sonhos são o lugar da visão, um outro lugar que a gente pode habitar, um lugar que se abre para outras visões da vida não limitada, um lugar onde, sim, é possível suspender o céu. Através dos sonhos podemos habitar um lugar além dessa terra dura, nos diz Ailton Krenak.

Em minha dinâmica com Júlio, que no início da pandemia me deixava apreensiva quanto à viabilidade de acontecer *on-line* – devido ao estado regredido em que ele se encontrava –, percebo que, para sonhar junto, não é necessário nada mais do que o par analista-analisando. Nada mais do que a disponibilidade mútua para o engajamento na experiência analítica, em que o terceiro analítico intersubjetivo encontra espaço para se presentificar, auxiliando o analisando a sonhar seus sonhos interrompidos ou ainda não sonhados.

Abstract

Singing, dancing and experiencing the magical experience of suspending the sky is common in many indigenous traditions. Suspending the sky is to enlarge our existential horizon, is enriching our subjectivities, says the indigenous leader Ailton Krenak. Taking Krenak's trans-generational teachings as a starting point, but priority anchored in the psychoanalytic clinic, the article proposes a reflection about the challenges of the on-line psychoanalytic clinic in pandemic times: is it possible to suspend the sky, to expand the existential horizon? The reflections lead us to Winnicott's postulations related to the fear of breakdown and to Thomas Ogden's postulations related to the autistic contiguous position, as well as the importance of the analytical experience as a means for analysts to be able to dream their dreams interrupted or not yet dreamed.

Keywords: *On-line psychoanalytic clinic, Fear of breakdown, Autistic contiguous position, The analytic third, Dreams.*

Referências

COELHO JUNIOR, N. E. Thomas Ogden e a alteridade em psicanálise. *Impulso*, Piracicaba, 22(55), p. 56-76, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/413/1078>

FERNANDES, J. B.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. A posição autista-contígua e a comunicação não verbal na clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 45, p. 71-82, julho, 2016. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

FREUD, S. Conferência XIV: Realização de desejo (1916 [1915-16]). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II) (1915-1916)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 215-228. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 15).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915]). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 229-241. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 14).

KOPENAWA, D; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OGDEN, T. H. *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. Tradução: Tania Maria Zalberg. São Paulo: Escuta, 2014.

OGDEN, T. H. *Os sujeitos da psicanálise*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

OGDEN, T. H. *Rêverie e interpretação: captando algo humano*. Tradução: Tania Maria Zalberg. São Paulo: Escuta, 2013.

OGDEN, T. H. *The primitive edge of experience*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers Inc, 1989.

OGDEN, T. H. *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos e gritos interrompidos*. Tradução: Daniel Buono. São Paulo: Artmed, 2010.

RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (*breakdown*). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Sobre a autora

Márcia Alves da Rocha

Graduada em comunicação social.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.

Integrante do Grupo de Trabalho sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.

Endereço para correspondência

E-mail: marcia_a_rocha@hotmail.com

Análise on-line!

Considerações sobre a transferência¹

On-line analysis!
Considerations on transference

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro

Resumo

2020, um ano atípico! A Covid-19 instalou um estado pandêmico que exigiu da população uma medida radical, o isolamento social. Psicanalistas e analisandos se viram impedidos de continuar as análises presenciais. Assim, foi ‘inventado’ o dispositivo de psicanálise *on-line*. Sendo uma prática sem precedentes, precisou de novos estudos acerca de sua viabilidade. Com esse propósito, procuramos identificar se seria possível, nesse novo dispositivo psicanalítico, a instalação e sustentação da transferência através dos objetos pulsionais, voz e olhar, presentes, por excelência, no formato virtual.

Palavras-chave: Covid-19, Luto, Psicanálise *on-line*, Transferência, Resistência, Objetos pulsionais: voz, olhar.

*A experiência consiste em experimentar
o que não desejávamos experimentar!*
(FREUD, [1905] 1977)

O ano 2020 foi atípico para todos nós! Com a disseminação da pandemia da Covid-19, incontrolada e de características desconhecidas, o mundo, em pânico, se viu obrigado ao isolamento social. A humanidade, apesar de ter vivido tantas atrocidades, não se tornou imune à dor e à morte.

O nosso imaginário saltou de representações romanceadas sobre a China e a Itália, para o real de um número crescente de mortes solitárias em um CTI, às vezes improvisado, sem despedidas de familiares, sepultamentos restritos socialmente e um luto ad-

verso, vividos também no Brasil, assim como no outros países.

A única coisa conhecida era que a condição de sermos humanos era a nossa maior vulnerabilidade! Desta certeza adveio suspensão de atividades presenciais em sua maioria, entre outras providências.

Análises interrompidas, analistas e analisandos suspensos do *setting* psicanalítico! Esse foi o fator desencadeante para a “invenção” do dispositivo de análises *on-line*!, diferindo de atendimentos virtuais esporádicos que, uns e outros, fazíamos em momentos

1. Trabalho apresentado na XI Jornada de Psicanálise A CLÍNICA PSICANALÍTICA ON-LINE: TRAVESSIA DE NOVAS VEREDAS, do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em 13-14 nov. 2020, no Rio de Janeiro (RJ), por meio da plataforma Zoom.

especiais: longas viagens, doenças incapacitantes, mudanças territoriais etc.

Do legado de Freud, assimilamos, até com bastante intimidade, o *setting* psicanalítico, onde psicanalista e analisando se encontram presencialmente, tendo como prerrogativas físicas, uma poltrona e um divã para a palavra e sua escuta.

Com tantos meses tateando na construção de uma nova forma de atendimento psicanalítico, será que já conseguimos escuta psíquica suficiente, que nos permita teorizar acerca do atendimento psicanalítico *on-line*?

No incomum dessa prática, recorreremos à literatura e à nossa própria vivência em análise em busca de indícios sobre como operar nesse novo procedimento. Afinal, são os alicerces da nossa prática. No entanto, nada encontrado. Não se teorizou sobre uma prática que não existia – a virtual! Voltamo-nos para as trocas com os colegas, que foram muito importantes! Nisso revivemos a estrutura da nossa formação!

Março/2020, um marco!

Cautelosos, começamos os primeiros contatos virtuais. Deparamo-nos com respostas, as mais variadas, como seria de se esperar, pois em psicanálise tudo é da ordem do singular e do caso a caso.

De início, alguns se adiantaram e solicitaram as sessões *on-line*. Estaria esse sujeito impulsionado pelos desejos, de analista e de analisando? Em vias de ter sua análise suspensa em um momento subjetivo importante, esforçou-se por superar as barreiras do distanciamento social, e manteve-se enlaçado, mesmo virtualmente, no processo? Seria uma transferência inabalada, sustentando o vínculo psicanalítico?

Ou, antes, uma colagem do sujeito a qualquer proposta que pudesse retirá-lo desse caos ‘intimamente-social’? Estaria contaminado pelo modismo das *lives*, alienado na tela exterior sem questionamentos próprios?

Vimos outros analisandos que aguardaram a proposta do analista e foram retomando

com algumas dificuldades suas análises: uns, tentando imprimir o mesmo ritmo já conhecido, outros, abraçando esta vivência como um novo traumático a ser superado! Construções em análise operadas na transferência.

Motivos de considerações apreensivas foram requeridos para analisandos que se recusaram à análise *on-line*. O que estaria se construindo no seu imaginário e que ponto de desconforto se apresentava? Não suportar a análise virtual seria um componente pulsional, libidinal, cujo objeto de satisfação estaria no contato presencial, concreto?

E algumas surpresas: pessoas iniciando uma proposta de análise sem nunca terem se encontrado pessoalmente com o analista! E, na contramão, o processo dando certo!

Encontramos o desejo, a resistência e a transferência. O *desejo* é o ponto de causa para que uma análise aconteça! A resistência seria de quem e desde quando? Será que se insinuava imperceptível? Como era vivenciada a análise em seu tempo presencial? Parece-me que a modulação anterior se repete no dispositivo atual.

Poderia a resistência mostrar-se em falhas no uso da tecnologia, como ficar sem bateria, não escutar o telefone, confundir o horário etc., por parte tanto do analista quanto do analisando? Fatores externos, não controláveis, também podem interferir ou impedir a realização das sessões.

Temos à mão uma lista desses fatores, desde a falta de privacidade em casa até mudança para lugares sem conexão de internet, ou seja, uma infinidade de obstáculos!

Porém, o obstáculo mais difícil a ser superado é o interno. Interpõe-se aí a força do recalçamento, cujos efeitos mostram-se em sintomas como medo, insegurança, distúrbios de sono e alimentação, depressão, fechamento narcísico – o Eu dobrando-se sobre si mesmo, ou um negativismo revelando um empobrecimento de suas questões. A fragilidade diante de ameaças à vida, própria ou dos entes queridos, pode levar esse sujeito a

declinar de sua subjetividade, de sua divisão, perdendo-se nos consequentes conflitos.

Vimos o luto se instalar por perdas objetivas significativas, perdas da rotina e da liberdade e pelas alterações na relação com o tempo e o espaço. Tudo isso chegando à escuta virtual! Recorrente nela temos a vivência de um mundo interno colapsado, sufocado no gozo inconfessável de se refugiar no confinamento justificando, por exemplo, uma fobia social.

Um paciente diz:

Estou até com remorso por pensar numa coisa, no medo da pandemia acabar e eu ter que voltar a conviver com as pessoas! Seria um medo de lutar de novo com os meus fantasmas?

Um redemoinho de dor advém de um ‘isolamento afetivo’ de familiares e amigos, marcado por agressões e ressentimentos. Estando, agora, por uma lei maior, em isolamento social, isola a dor! Não caberia se questionar, está dado!

A pontuação interpretativa visa buscar a atualização da pulsão de vida, possibilitando uma revisão de sua posição no laço social, saindo do olhar especular para o subjetivo. Nesse momento, apostamos na eficácia das pontuações, da associação livre e da transferência no *setting* virtual. Retomamos o desenvolvimento do conceito de transferência nas obras de Freud e Lacan, pinçando alguns de seus artigos.

A transferência, o que se faz necessário à sua instalação, o corpo presente do analista, a voz, sua modulação, as referências do encaminhamento, as condições psíquicas do sujeito dispostas ao laço, o sofrimento? Com a mudança das condições físicas, Isso caminharia invadido pelo Real pelas dobras do Imaginário para chegar ao Simbólico?

No artigo *Sobre o início do tratamento*, Freud ([1913] 1977, p. 164), apesar de não estar convicto da importância de tais ‘escritos’, fez recomendações aos analistas quanto

aos aspectos formais da análise, mas afirmou “[...] não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas”. Essas teriam apenas a função de promover a única regra, a associação livre!

Hora da sessão! Quem aciona o dispositivo? Como é esse manejo? O que escutamos do sujeito: insegurança, dúvida quanto à pertinência da sua entrada sem avisar, atrasos ou adiantamentos, ansiedade, prontidão e até mesmo, diante de uma falha da tecnologia, como lidam com a falha e com a frustração?

E os silêncios, quando a sessão se passa apenas pela voz, sem a imagem? Às vezes ouvimos:

“Analista, você está aí?” seguido de um suspiro dizendo: “Ah! Bom!” após ouvir da analista: “Sim, estou aqui te escutando!”

Para além do corpo presente, a voz (fala e escuta) e o olhar (ver e ser visto), componentes da pulsão, presentes nas análises *on-line*, se prestam, com eficiência, à transferência, terreno necessário ao deslizamento da cadeia significante.

Jean-Michel Vivès (2012), em seu livro *A voz na clínica psicanalítica*, trabalha esses objetos e lembra como Lacan os introduziu na lista dos objetos pulsionais de Freud, embora a este, eles não lhe tivessem escapado como pulsão oral e pulsão de olhar.

Vivès (2012, p. 12) explica que Lacan (1964) extraiu o objeto voz do estudo das alucinações psicóticas e o incluiu na dinâmica do tornar-se sujeito.

A voz, [...] por sua estreita ligação com a fala e o significante, [...] aos poucos foi adquirindo estatuto pulsional – pulsão invocante –, por sabermos que a emergência do sujeito e sua inscrição no conjunto dos humanos [...] estão estreitamente ligadas ao que se apreende no concerto das vozes que o circundam.

A voz, apresentando-se também como silêncio, é a parte do corpo do analista que se

põe em jogo para a produção de um enunciado, que por sua vez, apaga a voz. “A fala vela a voz” (VIVÈS, 2012, p. 13), momento em que se evidencia a dimensão da escuta psicanalítica para além de se ouvir o som daquele que fala – nisso reside sua especificidade na psicanálise!

Sobre o olhar, Vivès (2012, p. 16) ressalta sua invasão sobre o bebê, que “[...] se vê mergulhado num espaço panóptico, [...] antes mesmo que ele possa ver”. O sujeito, para se ver livre do *Isso* que o olha, não se sabe de onde, e ter prazer no ser olhado, olhar e fazer-se ver, precisa desembaraçar-se do olhar do Outro. Para tal processo, a pulsão escópica deve ser ativada em suas duas dimensões: ativa e ativa na passividade.

Na economia psíquica, quanto a esses objetos pulsionais, o autor ressalta que o sujeito pode fechar os olhos ou desviar o olhar; acrescento, na análise *on-line*, desliga a câmera, mas quanto à voz, não pode fechar os ouvidos, dimensão onipresente na análise *on-line*.

Acompanhando o conceito de transferência em Freud

As primeiras menções ao conceito de transferência surgiram em 1895, quando em *A psicoterapia da histeria* Freud ([1893-1895] 1977, p. 360) falou da *mésalliance*, uma “falsa ligação”, em que o paciente endereça, ao analista, afetos que seriam destinados a seus objetos infantis, num equívoco.

Em *A interpretação dos sonhos*, no capítulo VII, *A psicologia dos processos oníricos*, item C, *Realização de desejo*, Freud ([1900] 1977, p. 599, nota do tradutor) usou, pela primeira vez, o termo “transferência” [Übertragung] no seu sentido analítico.

Analisa nesse momento

[...] o processo de transferir a um objeto contemporâneo [o analista] sentimentos que originalmente se aplicavam, e ainda se aplicam inconscientemente, a um objeto infantil (FREUD, [1900] 1977, p. 599).

Em *Fragmento da análise de um caso de histeria*, seção IV, Freud ([1905] 1977, p. 113) discute extensamente no caso Dora o fenômeno da transferência dizendo

[...] é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do médico [psicanalista] no momento presente.

Em *A dinâmica da transferência*, Freud ([1912] 1977) deixou clara a origem infantil do material transferencial e introduziu nele a questão da resistência, afirmando que a transferência é a sua arma mais forte. Nesse texto ele fala da construção de uma neurose transferencial artificial. Seu manejo requer o reconhecimento de dois tipos de transferência:

- *a positiva*, sentimentos afetuosos – o amor de transferência, que favorece a interpretação na direção do tratamento; e
- *a negativa*, sentimentos hostis e eróticos recalcados, atuando como uma resistência ao trabalho analítico.

Em função de suas duas faces, Bleuler ([1911] 1977) lhe atribuiu a característica de “ambivalência”, como citado por Freud ([1911] 1977, p. 141) no mesmo artigo.

No final texto, uma pérola:

Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie* (FREUD [1911] 1977, p. 143).

Corroborando essa ideia, em *Recordar, repetir, elaborar*, Freud ([1914] 1977, p. 199), disse: “[...] não se pode vencer um inimigo ausente ou fora de alcance”.

A transferência diz respeito não a uma projeção, como apressadamente poderíamos definir, mas antes, é uma atuação no presente confirmando a característica “atemporal” do inconsciente, como descrito por Freud em vários momentos de sua obra. Assim, exemplificou em:

[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). [...] o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico (FREUD, [1914] 1977, p. 196).

Em *Análise terminável e interminável*, Freud ([1937] 1977, p. 249) vê como importante a dissolução da transferência. Exemplifica sua posição retomando um caso anterior: “Quando [...] ele retornou a Viena, tive de ajudá-lo a dominar uma parte da transferência que não fora resolvida”.

Discorre sobre seu manejo diante da ação da pulsão de morte em dupla com a pulsão de vida, e assevera que o processo analítico deveria conduzir o sujeito ao confronto com a castração, onde sua aceitação se dá no ‘saber fazer com ela’. O que resulta ato criativo!

Nesse sentido, em *Forma e figura da transferência*, Jean-Michel Vivès (2006, p. 128) acrescenta que, ao final da análise,

[...] os objetos serão investidos por aquilo que são: não mais o objeto absoluto do desejo, que é faltoso; [...] serão objetos para o desejo, [por ele] perfurados, [permitindo] ao sujeito investi-los, sem que seja levado a se alienar neles.

Acompanhando o conceito de transferência em Lacan

No artigo *Intervenção sobre a transferência*, retomando o caso Dora, Lacan ([1951] 1998, p. 222), fala do engodo sustentado pelo ana-

lista ao aceitar ocupar na análise, um lugar particular,

Em outras palavras, a transferência não é nada de real no sujeito, senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética psicanalítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos.

No *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*, no capítulo XIX *A função criativa da palavra*, Lacan pergunta ([1953-1954] 1986, p. 274):

A partir de quando há verdadeiramente transferência? – Quando a imagem que o sujeito exige se confunde para o sujeito com a realidade em que ele está situado.

Considera que, quando a palavra do analista analisa a situação transferencial, ao evocar a situação em que o sujeito se encontrava frente ao objeto antigo, não assimilável ao objeto presente – o analista,

[...] a palavra atual, como a palavra antiga, é colocada num ‘parêntese de tempo’, [...] cuja modulação sendo idêntica, torna a palavra do analista de mesmo valor que a palavra antiga (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 276).

Atualização do antigo na sobreposição, por deslocamento de afeto, da palavra ouvida do analista.

No *Seminário 8: A transferência*, Lacan ([1960-1961] 1992, p. 70-71) mostra o analista abordado pelo sujeito como aquele que sabe.

Aí está um homem, o psicanalista, de quem se vem buscar a ciência daquilo que se tem de mais íntimo [...] – é bem este o estado de espírito com que se o aborda comumente – e, portanto, daquilo que deveria ser, de saída, suposto lhe ser mais estranho. E no entanto, ao mesmo tempo, eis o que encontramos no início da análise: esta ciência, ele é suposto tê-la.

Marco Antonio Coutinho Jorge (2017, p. 150-151), em *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan - vol. 3: A prática psicanalítica*, lembra que nesse seminário

Lacan já havia estabelecido certa articulação entre suposição de saber, a dimensão da ignorância do sujeito que sofre e o lugar do psicanalista [...] tateando na construção da categoria do sujeito suposto saber.

Essa construção é tributária da concepção do inconsciente como um saber, constituído por significantes, o Simbólico, tendo como núcleo uma falta – o Real (JORGE, 2017, p. 96). Estabelece, ainda, a relação da *repetição* com a transferência e a resistência. Diz que a repetição é um efeito da resistência e, por isso mesmo, seria “[...] uma resistência à simbolização, logo à associação livre” (JORGE, 2017, p. 96).

A percepção da insistência da repetição conduziria Freud, em 1920, ao conceito de pulsão de morte, no texto *Mais além do princípio de prazer*.

No Seminário Livro 9, *A identificação*, (1961-1962), Lacan introduziu a fórmula do Sujeito suposto Saber ainda não ligado à transferência.

Foi no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* que Lacan ([1964] 1990) articulou os dois conceitos, Sujeito suposto Saber e transferência.

Definiu “[...] a transferência como um fenômeno essencial, ligado ao desejo como um fenômeno nodal do ser humano, descoberto muito antes de Freud” (LACAN, [1964] 1990, p. 219), lembrando já ter sido tratada, em *O banquete*, de Platão, em torno de 385-380 a.C.

À máxima, “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, [1964] 1990, p. 223), articulamos a posição de sujeito suposto saber, (S.s.S.), atribuído em análise ao analista, lugar por ele ocupado, mas sabendo-se não sê-lo.

De que se trata esse saber, senão de ir ao encontro do desejo inconsciente? Assim,

afirma Lacan ([1964] 1990, p. 220), “[...] desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, (S.s.S.), ... – há transferência”.

Vivès (2006, p. 126) lembra o conceito de *semblant* introduzido por Lacan no *Seminário 18: De um discurso que não será semblante*, em que o analista, ao interpretar, não atesta a verdade do sujeito e sim a desencadeia. O solo do qual brota a transferência, não é outro senão, desde o início da vida, o da operação de alienação-separação do sujeito no campo do Outro. Partindo do desejo e suas articulações, a análise requer ser pensada nos dois campos: o do Eu e o do Outro.

Revisitar, em suas fontes, o conceito de transferência na psicanálise abriu uma janela que nos permitiu pensar na possibilidade da eficiência da prática *on-line*. A análise, *presencial ou virtual*, se sustentará pela instalação e manejo da transferência, postos a serviço da fala e sua escuta, e do olhar.

Sabemos do aumento das dificuldades e do esforço nos atendimentos *on-line*, tanto para o sujeito, quanto para o analista. Tocados pelo *non-sense* trazido no chiste – “A experiência consiste em experimentar o que não desejávamos experimentar!” – descobrimos que a experiência sem elaboração não nos torna sábios!

Artimanhas do inconsciente num dito enganoso que combina uma boa substância com um envoltório eficaz. Leva-nos a ser enganados por um fator à custa do outro. “Ficamos desconcertados e pensamos ter aprendido nova verdade” (FREUD, [1905] 1977, p. 112).

Engenhosamente, definindo a palavra ‘experiência’ pelo uso da palavra ‘experimentar’, nos conduz a superestimar a ideia de que o saber advém da experiência. “Sob esse disfarce levamos um tempo para reconhecer a ‘platitudo’ [dos ditos]: ‘O sofrimento faz-nos sábios’ e que ‘a adversidade é a melhor escola’” (FREUD, [1905] 1977, p. 112).

Ao homem ávido pelos clichês, esses ditos soam como frases sábias, que no fundo não trazem nenhuma informação, apenas banalidades.

Nossa história sobre a terra não relata um saber que se construiu pela experiência das dores da humanidade. Repetimos a dor: no desrespeito ao outro, ao meio ambiente, à vida. Parece, mesmo, não ser pelo sofrimento que aprendemos, mas antes, pela construção, pela elaboração, de uma nova posição psíquica a partir da experiência de dor!

A humanidade, marcada pelo desamparo estrutural, surpreendida pelo Real, faltando-lhe o Simbólico, se refugia no Imaginário. Fantasias de ruína e morte, impotência e desolação apresentam-se à escuta, mesmo virtual. E não havendo um saber universal, será construído em cada sujeito escutado, um saber singular, tão singular quanto sua própria dor.

Imersos na subjetividade do nosso tempo, a pandemia causada pela força destrutiva do vírus apenas precipitou o que no futuro, talvez seja a nossa prática. Quem sabe, em um cenário bem mais requintado, talvez em 3D, acrescentado de outros sentidos, como olfato e tato.

Até aqui, são reflexões e construções teóricas, ainda incompletas, sobre o procedimento analítico virtual que se nos impôs, e não é dado ao psicanalista recuar de sua escuta!

Abstract

2020, an atypical year! Covid-19 has installed a pandemic state that demanded a radical measure from the population, such as social isolation. Psychoanalysts and analysts have been prevented from continuing person-to-person analysis. So, the on-line analysis device was 'invented'. Being an unprecedented practice, it needed new studies about its viability. For this purpose we seek to identify whether it would be possible, in this new psychoanalytic device, to install and sustain the transference through the pulsional objects, voice and look, which are present, par excellence, in the virtual format.

Keywords: Covid-19, Mourning, On-line Psychoanalysis, Transference, Resistance, Pulsional Objects: voice and look.

Referências

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 111-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 5).

FREUD, S. A psicoterapia da histeria (Freud). In: _____. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 311-367. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 163-187. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*

(1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 1-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 111-223. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 111-223. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*, v. 3: a prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, J. Intervenção sobre a transferência (1951). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 214-225. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Revisão de Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 9: A identificação* (1961-1962). Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação para circulação interna.

VIVÈS, J.-M. Forma e figura da transferência. In: *Lacan e a formação do psicanalista*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 121-129.

VIVÈS, J.-M. Se um discurso pode ser sem fala(s), pode ser sem voz? In: _____. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2012. p. 11-26.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 05/12/2020

Sobre a autora

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro

Psicóloga.

Psicanalista.

Professora no Programa

de Formação Psicanalítica do CPMG desde 1994.

Editora da Revista *Reverso* (CPMG) desde 2015.

Sócia do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Sócia do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Sócia da Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas (IFPS).

Autora de artigos publicados em livro e revistas de psicanálise.

Presidente do Círculo Brasileiro

de Psicanálise (CBP) - gestão 2002-2004.

Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) - gestão 2005-2007.

Coordenadora da Comissão de Formação Psicanalítica do CPMG - gestões 2001-2003 e 2003-2005.

Endereço para correspondência

E-mail: mazzarellocotta@yahoo.com.br

Covid-19

Consequências Covid-19: *pandemia do olhar e um esgarçamento do enquadre clínico*¹

*Covid-19:
Consequences Covid-19:
pandemic in the eye and a thinning
of the clinical framework*

Stetina Trani de Meneses e Dacorso

Resumo

Na situação de pandemia e isolamento social, duas questões se fazem presentes. A primeira é que o uso das máscaras fez sobressair o olhar, zona erógena por excelência: voyeurismo, castrição, alma exposta, desnudamento, hipnose, sedução. Como será que as pessoas veem e se sentem andando nas ruas? E desse pensar fomos para os atendimentos *on-line*. A situação de isolamento provocou discussões que passaram a girar em torno da importância e da diferença entre atendimento presencial e atendimento à distância. Como pensar e analisar as novas fronteiras do *setting* e os consequentes esgarçamentos do enquadre psicanalítico?

Palavras-chave: Olhar, Psicanálise do olhar, Clínica *on-line*, Enquadre clínico.

Introdução

*Quando a luz dos olhos meus
e a luz dos olhos teus
resolvem se encontrar.*

TOM JOBIM; VINICIUS DE MORAIS

A primeira questão a me chamar a atenção foram os olhos. Comecei a pensá-los a partir da máscara, dos atendimentos por vídeo. Os olhos passam a ocupar um lugar privilegiado.

Muitas pessoas foram educadas pelo olhar. Bastava um dos pais ou os dois olha-

rem e já se sabia o que fazer, ou o que se tinha feito de errado! Um poder inquestionável de ler pensamentos e traduzir desejos daquele que olha.

Com o uso das máscaras as mulheres passam a reforçar a pintura dos olhos. Máscaras encobrindo o nariz e boca, de fora apenas os olhos! Andamos olhando em volta tentando reconhecer as pessoas pelo olhar, pelo cabelo, pelo jeito de andar. Respondemos cumprimentos sem ter muita certeza de quem é. O mundo se transformou num panóptico!

1. Trabalho apresentado na XI Jornada de Psicanálise A CLÍNICA PSICANALÍTICA ON-LINE: TRAVESSIA DE NOVAS VEREDAS, do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em 13-14 nov. 2020, no Rio de Janeiro (RJ), por meio da plataforma Zoom.

Olhar do *voyeur* que investiga, observa, captura. Segundo Freud (1910), a cegueira histérica só o é na consciência, no inconsciente vê.

Fenichel (1981), por sua vez, analisa na escopofilia que a sexualização das sensações visuais é análoga ao erotismo tátil. A situação do *setting* analítico é por demais singular. Um olhar de sofrimento e uma demanda a alguém que “supostamente” não se conhece. Situação ideal.

Porém, para a psicanálise essas escolhas não são gratuitas. Expectativa, ansiedade, olhar demandante assustado, lacrimejante. Voz ansiosa, autoritária, baixa, sofrida, desconfiada. E as percepções desse corpo erógeno são muitas! Por sua vez esse que demanda também captura detalhes possíveis e passíveis daquele que o atende, seja no registro consciente ou não: odores, decoração, tom de voz, olhares, comprimidos.

Se algo se estabelece, a relação continua num frente a frente e depois de um tempo não previsível é o divã, a voz que ecoa, que responde de algum lugar para outro que não é o mesmo lugar de onde se enuncia.

Segundo Green (2014), a linguagem e o discurso são insuficientes. O afeto e o corpo erógeno denunciam, gritam o que não consegue ser dito. E no atendimento *on-line*? Como fica essa erogeneidade, o não dito que grita no corpo?

É um lago negro o seu olhar

*Há no seu olhar,
algo de saudade,
de um tempo ou lugar
na eternidade.*

GILBERTO GIL

Final do século XX, sociedade do espetáculo, da imagem que fala mais que mil palavras! Sociedade diagnosticada por teóricos como narcísica. Sabemos que, quando usamos palavras patológicas para universalida-

des, precisamos criar outras para descrever a própria patologia. Já disse o escritor: toda unanimidade é burra!! Então, nós, que trabalhamos com castração, alteridade e singularidades, precisamos tentar analisar as diversas nuances que se nos apresentam, suas várias idiosincrasias.

A sociedade da exibição e do espetáculo também sofisticou sua parafernália tecnológica e passamos a conversar e analisar as possibilidades do atendimentos *on-line*. Nos preocupamos com as relações virtuais e sua periculosidade. Crianças e jovens seduzidos pelas telas, pelo olhar fixado, hipnotizados pela sequência rápida de cenas e pela facilidade de acesso, pesquisa. Outros mundos, outras culturas, outros saberes, outros perigos!

Aí a vida vem e vira, e revira.

*Este seu olhar,
quando encontra o meu,
fala de umas coisas,
que eu não posso acreditar.*

TOM JOBIM

Isolamento social! Distanciamento físico! O mundo fechado entre quatro paredes da casa! Distanciamento do *setting*, dos locais de transmissão, de outros locais de trabalho, do coletivo. O perigo que surge é da ordem do não visto, do invisível, do inominável. Acomete sem sabermos quando ou quem. Solução: isolamento social.

Depois de algum tempo a tecnologia se transformou num lugar-comum: computador, *laptop*, *Kindle*, celular, *tablet*. As conversas giram em torno do melhor, do mais em conta, do melhor custo-benefício. A vida numa tela. Namora-se. Atende-se analiticamente. Transmite-se a psicanálise. Acontecem graduações, *lives*, comércio. E o mundo mudou!

Todos agora somos voyeuristas!!! Olhamos. Buscamos. Mande o *link*. Não consigo! Cadê vocês? Estão aí? Ai, não aguento mais a tela! Não? E agora José?

*Olhos nos olhos
quero ver o que você diz.*
CHICO BUARQUE

Presos em casa, o que fazemos? Ah, pode sair desde que use máscaras, distanciamento e álcool 70%! Ótimo! Solução científica encontrada! Podemos sair!

Confusão e desconhecimento! Máscara tapando o rosto, olhos ficando de fora. Com óculos não se consegue dar conta do vapor da respiração. Nos deparamos com olhares insistentes. Será que conheço? Está me cumprimentando ou não? Será que minha máscara está suja?

A pandemia é do olhar!

Aparelho perceptivo restrito ao olhar! Não pode tocar, beijar, chegar perto! Os olhos capturam o outro e o mundo. Olhamos insistentemente aqueles que passam por nós, nos cumprimentam falando o nome. Nos assustamos: quem será?

Os olhos são espelho da alma. Então, as almas estão nuas!!! Olhos muito pintados, cílios postiços, olhos que desviam, se abaixam, olhos insistentes, olhos que capturam.

Para Freud (1910), os olhos percebem as alterações do mundo externo para registrarmos o mundo e os objetos que servem a nossa sobrevivência, nosso prazer, nossa necessidade. Objetos que são reencontro dos objetos de amor. Assim, olhamos avidamente à volta, às telas. O bebê, ao mamar, busca com o olhar o Outro que cuida, alimenta, protege e salva do mergulho no aniquilamento.

É impossível não lembrar do panóptico a que Foucault se referiu como controle do outro, além das máscaras e que transformou o mundo. Nos deparamos com a segurança à nossa vida e patrimônio: nos corredores e nas lojas há câmeras que olham por nós!

Ferenczi (2009) se refere ao efeito do hipnotizador que submete o outro pelo olhar, pela exigência do controle do olhar. Nos tornamos, todos, voyeuristas do mundo.

À minha volta as pessoas dizem das máscaras que, ao tapar o rosto, escondem o sorris-

so. Como? Nós já temos toda uma linguagem do olhar! Agora a estamos aprimorando, levantamos as sobrancelhas, fechamos os dois olhos. Quando rimos, os olhos se apertam. Arregalamos os olhos com vontade para mostrar espanto, susto com o inesperado. Piscamos um olho como sinal de cumplicidade. Uma linguagem do olhar.

Ao longo da mitologia, os olhos têm lugar privilegiado. Lady Godiva, para aliviar os impostos sobre a população, aceita o desavio do Conde Chester e desfila nua em cima de um cavalo pelas ruas. O povo, tendo conhecimento de seu ato, sai das ruas e fecha as janelas e como tributo e respeito não olha o que está a se exhibir. Mas um curioso olha por entre as frestas e fica cego! Olhou o que não era para ser visto!

Édipo se cega ao ver Jocasta morta e como punição à realização do desejo incestuoso. Olhar a Medusa diretamente transforma em estátua de pedra. Argos possuía 100 (cem) olhos e dormia de dois em dois para não perder de vista Io, rival de Juno, que foi transformada em novilha por ciúmes. Os olhos captam a diferença do “a mais”, do maior, do melhor e do mais valorizado, do não estar ali, do pequeno, da falta.

Ferenczi (2009) analisa os olhos como símbolo dos órgãos sexuais, pontuando que a confusão que se sente ao ser olhado fixamente e que impede de retribuir o olhar tem sua explicação no simbolismo sexual da região ocular. As paridades simbólicas implicam que um dos lados está submetido ao recalque e o outro então fica superinvestido. Há um deslocamento de baixo para cima, transferindo a energia de uma região para outra, mecanismo comum nos movimentos oriundos do inconsciente. De baixo para cima! Olhos componentes da pulsão sexual. Não é só a alma que está nua. A nossa erogeneidade se exhibe de forma desavergonhada.

O olhar na captura de imagens, impacto provocado pelo visto, pela cena, pela leitura do texto, olhar que se perde, olhar esvaziado. Ah, os olhos! Cores variadas, sentidos dife-

rentes. Lacrimejantes, vermelhos, grandes, pequenos. São intrigantes os olhos e os olhares.

A poesia e a literatura são carregadas de exemplos em que a paixão se instala à primeira vista de forma enlouquecida.

O olhar siderado da paixão agarra o objeto e o prende.

*Como [...] o homem [...] era mais um,
só que num relance seus olhos
me chuparam feito um zoom.
Ele me comia com aqueles olhos
de comer fotografia.
Eu me sentia de close em close.*
EDU LOBO; CHICO BUARQUE

O olho desempenha um papel importante nas condições em que se realiza a conquista do objeto, transmitindo a sensação de excitação que o sentimento de beleza nos dá.

A análise dos olhos pelo olhar da psicanálise nos instiga a vários desenrolares. Olhos que percebem a diferença. Olhos como símbolo da castração. Olhos como controle do outro e/ou do mundo. Um Argos moderno que está nas câmeras de celulares e câmeras de controle “Sorria, você está sendo filmado”. Olhos que capturam e aprisionam; olhos que seduzem desnudando e exibindo o desejo; Olhos que hipnotizam. Olhos que são toques cutâneos.

Usar as máscaras nos impulsiona a olhar olhos que nos olham, já que temos a alternativa de desviá-los covardemente. É preciso coragem para confrontar outro olhar, sabemos disso. Por quê? Se conseguirmos nos ver nos olhares, sabemos do desconforto provocado pelo olhar daquele que nos vê/olha, porque é capaz de capturar o que não vemos em nós.

Lembremos das charges, das mímicas e do estranhamento em nós decorrente do nosso reflexo nos espelhos e TVs da vida. Estranho que somos de nós mesmos e, por ser tão familiar, por segundos, não nos reconhecemos. E, com certeza, não reconhecemos

muitos familiares pela vida afora (FREUD, 1923).

A cegueira histórica ocorre por uma dissociação entre processos inconscientes e conscientes no ato de ver. Se um órgão serve a dois senhores exercendo dupla função, um dos lados irá se retrair.

A pulsão sexual, ao utilizar dos olhos, pode atrair processos defensivos provocando cegueira. O Eu perde o domínio sobre o órgão. O preço pode ser uma cegueira ou limitações no ver/olhar.

Quanto nos tem escapado nessa pandemia do olhar? E como pensar o distanciamento no *setting* quando atendemos por uma tela e ficamos ali fixos naquele rosto ou ficamos com uma voz quando atendemos sem vídeo?

Assim, no *setting*...

Temos publicações sobre a clínica que são consideradas clássicas. Trazem análises teóricas das disposições do *setting*: contrato, poltrona, divã; intervenções do analista; transferência e outras considerações.

Um tempo na poltrona de frente e depois o divã. Só existe/há análise se está no divã? Quando encaminhar para o divã? O que dizer nas entrevistas preliminares? Momento da interpretação? Como fazê-la? Silêncios? De frente, para onde olhar, se cai um silêncio? E muitas são as questões, principalmente para candidatos. Com a prática nós as diminuímos, mas não acabam graças ao inconsciente!

No *setting* analisamos a importância do encontro erógeno utilizando, quando necessário e urgente, a tecnologia: atendimentos por *Skype*, por telefone, procurando entender e analisar uma e outra forma. Comparamos, valorizamos, marcamos as diferenças entre os dois tipos de atendimento, mas com o olhar de que o uso das tecnologias é exceção. Dialogamos em congressos, jornadas. Publicamos.

Aí, a pandemia do coronavírus impõe o isolamento social. Vários foram os trabalhos em que se argumentou que a presença eró-

gena, corpórea era fundamental ao trabalho analítico. Agora nós, analistas, tínhamos (e ainda temos) dois caminhos: não atender ou nos ajustar.

Eu creio que a psicanálise só sobreviveu por ser revolucionária, por pensar contextos socioculturais e históricos, e conseguir encontrar um caminho para se manter e se reinventar. A grande dificuldade é manter o *leitmotiv*, a coluna vertebral da teoria com a qual nos identificamos, isto é, não trair os conceitos fundamentais que a constituem e a identificam. Continuo a repetir que o ecletismo é, no fundo, um não comprometimento e um não saber.

Muitos passaram a atender *on-line*. Porque os pacientes precisavam, foi um argumento muito usado. Mas a transmissão não é possível! Como? Atende-se *on-line*, mas transmissão não? O que isso significa? Argumentações incompreensíveis. Até que atender *on-line* fica natural. Mais algumas semanas, e a transmissão se estabelece de forma remota. Acredito, que neste momento planetário sombrio, o peso deveria ter sido no comprometimento com a psicanálise, com um ofício que é exercido na crise e para a crise. Enfim, em três meses, todos atendiam e trabalhavam na nova modalidade.

Agora precisávamos pensar a nova situação. Será que o enquadre que servia ao presencial serve para a situação *on-line*? Atendimentos por vídeo ou fone? Voz ou olho-voz? Coloca-se o fone de ouvido ou o telefone seguro pelas mãos! Quem chama?

As questões foram e são inúmeras. E a transferência, como trabalhar? A ligação caiu. Caiu mesmo? E o silêncio? Podemos solicitar que os atendimentos sejam em lugares sem interferências e privativos, mas o analisando vai dispor do que for possível.

As fronteiras se esgarçaram. É necessitamos pensar em como o inconsciente se exhibe nas veredas atuais do enquadre. É este o nosso trabalho. Sempre e agora, principalmente.

Os analistas podem comungar com a mesma linha teórica, porém seu estilo vai abar-

car sua história, sua análise e analista, sua interpretação da psicanálise e sua transferência com a psicanálise. Além disso, qual comunidade ele atende? Que pessoas o procuram? Tudo isso, acredito, vai permear sua análise do momento presente. Se os analisandos são singulares em sua fala, sua história e seu sofrimento, também o é nossa intervenção, principalmente em situações que surgem nestes tempos de atendimentos remotos.

Já atendi uma mãe recente quando o bebê chorou para mamar e ela sozinha, foi com o celular até berço me apresentou ao bebê. Ligou câmera – porque o atendimento é sem câmera – e eu o cumprimentei. Fechou a câmera e veio até o sofá se sentou, abriu a blusa e amamentou o bebê. Aí solicitou o término da sessão.

Deve-se interpretar? O quê? Por quê? Mãe de bebê, sozinha em casa, que não quer interromper sua sessão. Vale marcar que deseja mostrar que amamenta seu bebê? Deve-se recusar atendê-la e dizer que a atenderemos quando houver mais uma pessoa em casa para cuidar do bebê? Considerar a cena erógena e provocativa? Realmente não sei. A única coisa que levo em consideração é de uma pessoa que, apesar de dificuldades culturais, isolamento social e dificuldades pessoais, está só e quer continuar sua análise!

Levantei algumas questões anteriormente. Não é possível aqui analisar sobre todas. Pensemos algumas poucas. Temos o silêncio nas sessões que acolhemos no presencial. E *on-line*?

Quando era mais de uma sessão por semana, o silêncio do analista era mantido para instigar o surgimento de associações. Silêncio que implicava neutralidade do analista, permitia emergências das representações inconscientes, elaborações internas do analista e analisando. Ele faz (fazia) parte do enquadre.

Com as pessoas podendo realizar uma sessão por semana, já passamos por discussões se isso seria análise ou não. Não chegamos a um acordo. Óbvio.

Divã só é análise se estiver no divã? Tema também sem acordos. Óbvio. Com um atendimento por semana, o silêncio teve de ser redimensionado pelos analistas: como manter neutralidade, não direção, espaço de emergência e se colocar. Já que com uma vez por semana tivemos e temos muitos detalhes do enquadre para repensar.

A função do silêncio é complexa. Sustenta-se que o silêncio da elaboração não deve nunca ser interrompido, mas partilhado no *setting*. Mas como pensar o silêncio por celular? E numa tela com olho no olho? Novamente somos convocados a repensar o enquadre. Tarefa difícil, principalmente quando nos colamos a um padrão repetido e o questionamento é sentido como derrota a uma identificação teórico-clínica.

Ao estarmos num *setting* que também não é o costumeiro, precisamos adequar nossas intervenções. Movimento nas residências em que há outras pessoas, crianças, marido ou esposa curiosa, deve ser levado em consideração. Nem todas as pessoas moram em grandes espaços de forma a conseguir um isolamento físico e de ruídos.

Com tantos impasses, devemos recorrer aos teóricos que trabalham os analisandos que têm dificuldade de se adequar ao enquadramento (GREEN, 2014). Então fazemos um *link* com o isolamento social que levou ao atendimento *on-line* para quem quisesse continuar atendendo ou fazendo análise. O atendimento *on-line* pode ser considerado um novo enquadramento que temos de pensar. A adequação anterior se apresenta entre aspas. Temos agora um novo campo de pesquisa: os pontos positivos e a insuficiência do enquadramento.

Atendendo *on-line*, entramos na residência dos analisandos. Casa, em *A interpretação dos sonhos*, tem um sentido exposto no primeiro período de análise de Freud, quando trabalhava com a interpretação. Devemos pensar neste novo enquadramento: casa=mundo interno=inconsciente. Como

vamos ordenar “o que não tem governo nem nunca terá”.

Na situação clínica, o fio condutor é a comunicação verbal, tentar trazer para linguagem o que ocorre no psíquico, que inclui um não verbal. *Basta* lembrar nossas sessões com fronteiriços e ver em seu rosto o sofrimento por não conseguir se expressar em determinados momentos!

Os escritos técnicos de Freud são anteriores a 1915. Após a pulsão de morte, a abordagem técnica é avaliada pela reação terapêutica negativa e pela compulsão à repetição.

Em 1924 Rank e Ferenczi questionam a técnica com base na vivência clínica. Bercherie, na revista *Ornicar?*, se refere a quatro grupos, e o último é nomeado de tendência marginal, que são os clínicos, aqueles que testam a partir de sua experiência no *setting*.

Depois de 1924, já não é mais pesquisar sobre o aparelho psíquico, mas pensar a clínica e no que se pode proporcionar de melhor ao analisando.

Melanie Klein aborda as relações de objeto como caminho de uma organização. J. Lacan reformula a teoria/técnica introduzindo conceitos novos e relativizando o conceito de pulsão. Isidoro Berenstein trabalha com a teoria do vínculo.

Winnicott é considerado de forma incontestada um grande pensador da clínica e na mesma vereda temos Masud Khan, considerado possuidor de grande criatividade e W. R. Bion no estudo da psicose.

As questões da técnica sempre em aberto a cada tempo em que, além dos neuróticos, outros quadros clínicos não identificados procuravam a psicanálise, obrigando a revisão teórico-clínica. A pulsão, ao lado da representação e do afeto, tem promovido discussões sobre o que se refere ao afeto: afeto e o corpo/soma; afeto e recalque/repressão; afetos na relação, afeto e descarga são discussões em aberto.

A psicanálise avança na clínica contemporânea, confirmando

[...] que uma psicanálise que não se interessa pelo pensamento clínico constitui uma disciplina mundana, ornamental e estéril, terminará agonizando (GREEN, 2014, p. 24).

Green (2014, 2014, p. 315) afirma: “Los factores extraverbales son vías de sentido cuyos efectos se combinan con las de la lengua”.

A situação analítica se apoia no tripé:

- A dupla significação de sons e sentidos;
- A dupla representação de palavras e coisas;
- A dupla referência de realidade psíquica e realidade material.

Todas essas dualidades correspondem aos vários modelos de Freud. Afirmamos no início que a psicanálise trabalha na crise. Talvez ela seja como o sujeito: ambos se movem e pensam quando o sofrimento fica excessivo e impulsiona a sair do lugar.

Ainda com Green (2014), me pareceu elucidativo e bem atual recuperar em *Psicologia das massas e análise do eu* a figura ambivalente do pai. Se, por um lado, ele é violento e autocrático, por outro, é admirado pela sua autonomia subjetiva. O pai tomado como modelo e não apenas como o rival, na identificação primária. A identificação com o pai é uma busca de verdade.

Trabalhamos, torno a repetir, com o inconsciente; a sexualidade perverso-polimorfa é subversiva; a destrutividade pulsional é uma ameaça. Porque mudamos o *setting* essas forças não silenciaram. Assim é um campo de pesquisa como afirmamos: rico, angustiante e instigante. O que não se perde nunca é o “tato psicológico”, como descreve Ferenczi, ou o *feelling* como o momento de o analista se colocar e como o faz. Agora como podemos analisar esse *feelling on-line*?

Como veem são muitas questões. Em algumas delas encontrei um caminho na singularidade da escuta de cada analisando e de sua demanda que se articula a sua história. Mas as discussões são fundamentais em nossas trocas, mesmo cada um de nós sendo sin-

gular no estilo, na clínica e na identificação com a psicanálise, como assinalai antes.

A difusão da ciência, seu alastrar e sua transmissão abarcam mediócras, gênios, repetidores e traidores – que dizem se identificar. Mas a coluna vertebral de um saber foi modificada a tal ponto que é qualquer coisa menos aquilo a que ela se propôs.

Ferenczi (1928) se refere a essa elasticidade da técnica e dos profissionais com muita propriedade, indo, retornando, reavaliando e os neoferenczianos adequando-a a atendimentos em situações distintas, clínicas sociais, ambulatorios em situação de risco.

Muitas críticas à psicanálise assinalam que ela que não apresenta nada de novo, apenas se recoloca ou se relê o que já existe. Essa é uma ótima oportunidade para pensarmos e reencontrar teóricos que pensam, repensam e desorganizam um *setting* sem perder o *leitmotiv* da psicanálise, por exemplo: Green, Ferenczi, Bion, Winicott em quadros que provocam as fronteiras do *setting*. Este momento é uma situação ideal para tal pensar.

Alguns olhares e links

Poderíamos além do olhar, ter pensado sobre a voz. O uso da máscara torna o som muitas vezes inaudível e incompreensível. Os atendimentos *on-line* – sem vídeo – trazem a voz para perto. Aparelho auditivo que tem um lugar diferenciado na segunda tópica freudiana, próximo ao Supereu (1923). Vozes que agoniam o psicótico. Voz da sereia que seduz e leva à morte com seu grito. Mas optamos pelo olhar.

O Isso olha. Olha a cena e é olhado por ela. Na pandemia o Isso está sendo o nosso destino. Cena que no *setting* remoto temos que repensar.

Retomando Freud (1914) que afirma que o ódio é mais antigo que o amor, porque o objetivo é eliminar qualquer irrupção do estado anterior. Podemos ampliar essa análise para o desconforto e os desafios provocados por qualquer mudança no estabelecido.

A psicanálise na atualidade e, mais ainda, neste período de pandemia teve introduzidas em sua metodologia mudanças que nos levam a elucidar limites, obstáculos e dificuldades no desempenhar de nosso ofício.

Considero muito pertinentes colocações do André Green na discussão sobre a persistência da psicanálise no mundo moderno.

Assim, encerro estes links de ideias e olhares com André Green (2019, p.164):

É preciso refletir mais sobre as limitações impostas por dogmas ou sobre o reducionismo dos modelos pós-freudianos centrados em mãe-bebê e desejo-castração. A sexualidade é subversiva e a pulsão destrutiva é uma ameaça. O futuro da psicanálise vai depender do combate pela verdade.

Abstract

In the situation of pandemic and social isolation, two issues are present. The first is that with the use of masks the look stood out. Erogenous zone par excellence: voyeurism; castration; exposed soul; stripping; hypnosis; seduction. How will people see and feel walking on the streets? And from this thinking we went to the on-line appointments. The situation of isolation provoked discussions that began to resolve around the importance and differences of face-to-face and remote services. How to think and analyze the new frontiers of the setting and the consequent thinning of the psychoanalytic framework.

Keywords: Look, Psychoanalysis of the loo, On-line clinic, Clinical framework.

Referências

- ASSOUN, Paul-Laurent. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BERCHERIE, P. O ocular quadrifocal II. *Ornicar?*, Paris, n. 31, p. 9-125, 1984. Tradução: Maria Cecília Figueira Silveira. (Xerox cedido).
- ETCHEGOYEN, R. H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 1981.
- FERENCZI, S. *O simbolismo dos olhos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas, v. 2).
- FERENCZI, S. *Obras completas de psicanálise*, v. IV. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, S. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910 [1909]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 221-227. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. O 'estranho' (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-269. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GIL, G. *Seu olhar*. Noite Neon: Dia Dorim, 1985.

GREEN, A.; URRIBARRI, F. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. São Paulo: Blucher, 2019.

GREEN, A. *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2014.

GREENSON, R. *Técnica y práctica del psicoanálisis*. México: Siglo Veintiuno, 1980.

HOLLANDA, C. B. *Olhos nos olhos. Meus caros amigos*: Philips Record, 1976.

JOBIM, A. C. *Este teu olhar* - João Gilberto. LP Odeon, 1961.

JOBIM, A. C.; MORAIS, V. *Pela luz dos olhos teus*. Álbum Odeon, 1988.

LOBO, E.; HOLANDA, C. B. *A história de Lily Braun. Carioca ao vivo*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2009.

SCHEINKMAN, Daniela. *Da pulsão escópica ao olhar*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

VIVES, J.-M. A voz na psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 35, n. 66, p. 19-24, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000200003&lng=pt&nr m=iso. Acesso em: 21 out. 2020.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Sobre a autora

Stetina Trani de Meneses e Dacorso

Psicóloga pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Psicanalista membro do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ.

Mestre em literatura brasileira por Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/PUC Minas.

Mestre em psicanálise

pela American World University (AWU-USA).

Coordenadora do curso de formação em psicanálise e de seminários de psicanálise do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama de Juiz de Fora.

Didata em psicanálise

– Instituto Brasileiro de Psicanálise,

Dinâmica de Grupo e Psicodrama- Juiz de Fora.

Professora titular do curso de Psicologia

da Uniacademia - JF.

Presidente do Círculo Brasileiro

de Psicanálise 2010-2012/2012-2014.

Endereço para correspondência

E-mail: sdacorso@gmail.com

Leonardo da Vinci, Freud e o estranho familiar ('Das Unheimlich')

Leonardo da Vinci, Freud and the uncanny ('Das Unheimlich')

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

História de algumas críticas ao livro de Freud sobre Leonardo da Vinci. Dados mais recentes sobre a biografia de Leonardo. Perda precoce do amor da mãe biológica do artista resultando na síndrome da mãe morta, descrita por André Green. O sorriso da Mona Lisa caracterizado como estranho familiar (*unheimlich*) por Freud. Genealogia do termo estranho familiar na obra de Freud até o artigo com esse título. Desenhos de Leonardo sobre o tema de Maria com o filho ou *Sant'Ana com a Virgem e o Menino*, até aquele conhecido como cartão de Burlington. Interpretações sobre esse cartão. A criatividade segundo Winnicott. Do cartão ao quadro no Louvre como passagem do tema da solidão, silêncio e escuridão do artigo de Freud sobre o estranho familiar à gênese da poesia, da música e da pintura.

Palavras-chave: Freud e Leonardo da Vinci, Estranho familiar (*unheimlich*), Mãe morta, Criatividade.

Sem dúvida, o grande Leonardo permaneceu uma criança por toda sua vida, em mais de um aspecto.

Se diz que todos os grandes homens precisam conservar uma parte infantil.

Mesmo quando adulto ele continuou a brincar, e este era outro motivo pelo qual frequentemente se mostrava como estranho [unheimlich] e inquietante para seus contemporâneos.

(FREUD)

Introdução

Em carta a Lou Andreas-Salomé, Freud escreve que seu Leonardo da Vinci é “única coisa bonita que já escrevi” (FREUD, 2003, p. xli). Apesar de sua obra favorita, foi uma das que sofreu maior número de críticas desqualificadoras.

A primeira e mais séria crítica foi a de que, nas palavras de Leonardo sobre sua lembrança a infância, em italiano *nibio*, significava milhafre e não abutre. Crítica feita em 1923 por Eric Maclagan, historiador da arte inglês (SHAPIRO, 1955, p. 150). Não chegou aos ou-

vidos de Freud, ou ele a ignorou. De fato, as traduções alemãs dos livros do escritor russo Merezhkovsky e do acadêmico italiano Solmi, obras usadas por Freud, estava errada. Todo o trecho em que Freud tecera um erudito paralelo entre a fantasia da infância de Leonardo e as divindades egípcias e gregas, perdera a conexão com o resto do texto.

Além do erro de tradução, ao longo de décadas, outras críticas se avolumaram, principalmente quanto às interpretações de Freud. Ele as ignorou. Mas em 1955, Meyer Shapiro, historiador da arte que fez sua carreira na

Universidade de Columbia e ministrou cursos e palestras nas mais célebres instituições (*The New School for Social Research*, Harvard, Oxford, *College de France*), pronunciou uma conferência na renomada sociedade psicanalítica de Nova York, o *William Alanson White Institute*. Essa conferência, que se tornou citação frequente nos textos críticos ao livro de Freud em muitas biografias de Leonardo, apareceu também na introdução de edições do livro *Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci*.

Shapiro não se deteve muito nas interpretações de Freud. Inicia lembrando o erro de tradução descoberto mais de trinta anos antes. A seguir disserta a partir da história e da sociologia da arte. Freud explicava Leonardo e sua arte a partir de uma perspectiva completamente subjetiva, sem levar em conta *A Virgem com o Menino e Sant'Ana*¹ quanto à polêmica religiosa da época e a ser tema dos grandes artistas precursores de Da Vinci. Segundo Shapiro, tais dados explicavam melhor o quadro de Louvre e o cartão de Burlington do que as vicissitudes da infância do artista. Além disso, Freud dissecava a origem na infância das características psicológicas de Leonardo, mas não explicava seu talento e a importância de sua obra enquanto arte.

No livro de Freud os elementos originais da obra de arte são meras representações de memórias e desejos infantis: o estilo ele mesmo pertence ao outro – talvez biológico – domínio do individual – intocado pelos seus conceitos. (SHAPIRO, 1955, p. 166)

Ao termo “estilo” acrescentaríamos outros pouco ou não explicados: talento, impacto da obra no público (gozo estético) e, para a psicanálise mesmo, sublimação.

1. Não ilustraremos o texto com imagens do quadro *A Virgem com o Menino e Sant'Ana* que se encontra no Museu do Louvre ou do desenho conhecido como *Cartão de Burlington* que se encontra na National Gallery em Londres por ambos serem facilmente encontráveis pelos mecanismos de busca na internet.

Apesar de todas as tropeços, o livro de Freud sobre Leonardo permanece uma leitura muito apreciada tanto pelos leitores de psicanálise, quanto pelos biógrafos e amantes da obra de Leonardo.

Quando da exposição comemorativa dos 500 anos da morte do artista, realizada em 2019, no *Palazzo Vecchio*, em Florença, onde foram expostos onze fólios do *Codex Atlanticus* de Leonardo, um dos três textos comentando o fólio *O voo* foi todo sobre o livro de Freud (BERRUTI, 2019).

Quanto ao desafio ainda aberto por Shapiro há seis décadas, tentamos esboçar algumas respostas. E como não apreciaria Shapiro, iniciamos pela atualização dos dados sobre a biografia de Leonardo.

A infância de Leonardo

– o que mais se sabe desde a época de Freud

Os dados sobre a infância de Leonardo são escassos. Sabia-se menos ainda ao final do século XIX e início do XX, época em que Merezhkovsky e Freud escreveram a respeito de Leonardo. Sobre seu nascimento e a primeira infância, além do fato de que era um filho ilegítimo, em *Uma recordação da infância* as informações objetivas conhecidas a época e mencionadas por Freud ao longo de seu livro são estas:

Sabemos muito pouco da juventude de Leonardo. Ele nasceu em 1452, em Vinci, uma pequena cidade entre Florença e Empoli; foi um bastardo, o que naquela época não era visto como uma pesada mácula burguesa, seu pai foi *Ser Piero da Vinci*, um tabelião herdeiro de uma família de tabeliões e camponês, que tiraram seu nome deste local, Vinci. Sua mãe, provavelmente uma camponesa, que posteriormente casou com outro morador de Vinci. Essa mãe não participou mais da história de Leonardo [...]. A única informação segura acerca da infância de Leonardo aparece em um documento oficial, de 1457, em um caderno de impostos em Florença, no qual, os entre os habitantes da casa da família Vinci é

introduzido o nome de Leonardo como o filho ilegítimo, de cinco anos, de Ser Piero. [...] seu pai, Ser Piero da Vinci, ainda no ano do nascimento de Leonardo, se casou com a nobre Dona Albiera; à ausência de filhos desse casamento, ele deve sua acolhida, legalmente comprovada, com a idade de cinco anos, na casa paterna, ou melhor dizendo, na casa do avô. [...] Na casa de seu pai, ele não encontrou apenas Albiera, a boa madrasta, mas também a avó, Mona Lucia [...] Ele teve duas mães [...] Caterina, de quem foi separado na idade entre três e cinco, e uma jovem e carinhosa madrasta, a mulher de seu pai, Dona Albiera. (FREUD, [1910] 2015, p. 93-94, 106, 132-133)

Durante o século XX e início do XXI mais informações vieram à tona. A mãe de Leonardo chamava-se Caterina Lippi, nascera em 1436 numa família de fazendeiros humildes e ficou órfã aos 14 anos. Junto com seu irmão foi para a casa de uma avó, que faleceu em 1451. Deixada à própria sorte para cuidar de si e seu irmão mais novo, Caterina, então com 16 anos, envolveu-se em julho daquele ano com Piero da Vinci, um homem próspero e renomado que tinha 24 anos. Caterina vinha de uma classe inferior e é possível que Piero já estivesse comprometido com uma moça também de 16 anos, Albiera, filha de um sapateiro florentino. Ao contrário do que hoje se possa supor, os sapateiros pertenciam a uma valorizada classe de artesãos. Ele e Albiera casaram-se oito meses após o nascimento de Leonardo (ISAACSON, 2017, p. 32²). Para manter as aparências, Piero, ou seu pai, Antônio, ajudou a forjar, pouco tempo após o nascimento do filho, o casamento de Caterina com um fazendeiro e oleiro local que tinha conexões com a família da Vinci. Apesar do sobrenome ou apelido Accattabriga, tudo indica que o marido de Caterina, além de ser homem trabalhador, sempre manteve

boas relações com Piero. Ao longo dos anos Piero e Accattabriga foram testemunhas um do outro em alguns contratos e escrituras. Caterina e seu marido tiveram quatro filhas e um filho.

Um dos biógrafos data o casamento de Catarina dezoito meses após o nascimento de Leonardo. Exatamente o tempo de amamentação dos bebês na época. O que sugere um acordo ou contrato:

Caterina restitui Leonardo à sua família paterna, depois que desmamou a criança, uma vez terminado seu trabalho de mãe. (BRADLEY, 1989, p. 56).

Mais recentemente, outra biógrafa de Leonardo diminui o tempo de aleitamento:

[...] oito meses após o nascimento da criança que certamente ela conservou consigo, os Vinci lhe arranjam ou lhe compram um marido [...] (CHAUVEAU, 2017, p. 16)

O primeiro antepassado conhecido de Leonardo foi Ser Michele que adotou por sobrenome sua comuna de origem – Vinci – emigrou para Florença, onde assumiu o ofício de notário. Foi sucedido nesse ofício por seu filho e seu neto Piero, que se tornou chanceler da República. Três gerações de leigistas que construíram um nome na capital.

Antonio, o avô de Leonardo, rompeu a tradição familiar. Preferiu passar sua vida nas terras que seus antepassados adquiriram. Uma propriedade rural relativamente modesta, da qual grande parte era arrendada a pequenos agricultores. Assim como seus antepassados, Antonio usava o título de “Ser”, mas não tinha o direito a esse título nos documentos oficiais. Parece que nunca obteve qualquer diploma ou exerceu profissão definida. Vivia de rendas e se satisfazia com pouco. Um dos especialistas na obra artística de Leonardo menciona que o avô, quando jovem, teria sido mercador na Espanha e no norte da África (VEZZOSI, 2019, p. 12), o que

2. Edição original em inglês de 2017.

não é confirmado nas demais biografias. Mas talvez explicasse o fato, descrito por todos os biógrafos, de Antonio ter se casado já na meia-idade. Desposou Lucia, a filha de um notário (BRAMLY, 1989, p. 52-54).

Quando o pai de Leonardo nasceu, Antonio teria mais de cinquenta anos. O avô de Leonardo teve mais dois filhos: Violante, da qual nada se sabe e deve ter falecido muito jovem, e Francisco, que tinha apenas quinze anos quando Leonardo nasceu, e que lhe seria muito próximo na infância. Embora viesse a casar, não teve filhos e Francisco adotou Leonardo como seu herdeiro. Antonio teria oitenta anos e Lucia cinquenta e um quando o neto nasceu. Isso facilmente explica que, apesar de sua bastardia, Leonardo, como o primeiro e único neto, foi muito bem recebido pelos avós. Piero viria a casar-se mais três vezes, mas só no terceiro casamento, e quando Leonardo já estava com 24 anos, nasceu-lhe outro filho. E os avós Antonio e Lucia já tinham falecido há havia muito.

A afirmação de que o menino foi viver com os Vinci logo depois do nascimento foi reforçada por Rouanet (2003), que relata a descoberta feita em 1931 pelo historiador Emil Möler. O historiador encontrou uma crônica familiar redigida por Antonio da Vinci, na qual o avô de Leonardo registrou cuidadosamente o nascimento e o batismo do menino, além do nome do padre e dez testemunhas.

Tudo indica que o contraste entre a origem de Leonardo e a distinção de seu batizado deveram-se a Antonio e Lucia. Relata o mais recente biógrafo de Leonardo:

Leonardo nasceu num sábado e, no dia seguinte, foi batizado pelo padre local na igreja paroquial de Vinci. A pia batismal ainda está lá. Apesar das circunstâncias de sua concepção, a cerimônia foi um enorme evento aberto. Havia dez padrinhos servindo de testemunhas [...] e um público presente muito acima da média da igreja, com membros da nobreza rural entre os convidados. Uma semana de-

pois, Piero da Vinci abandonou Caterina e o filho pequeno, onde, já na segunda-feira, retornou ao escritório a fim de atestar a autenticidade de documentos para os clientes. (ISAACSON, 2019, p. 33)

Rouanet (2003) defende que o reconhecimento tão formal da existência do neto sugere uma solicitude inesperada do avô. Antonio teria assumido a responsabilidade por Leonardo desde o início, e o menino foi viver na casa dos Vinci imediatamente, e não depois, entre três ou cinco anos, como afirma Freud. De fato, tudo indica que o avô tivesse assumido plenamente a responsabilidade pelo neto. Mas levá-lo logo após o nascimento para sua casa provavelmente implicaria contratar uma ama de leite para Leonardo desde o início. E o próprio Rouanet coloca sua opinião: "Não conheço nenhuma prova de que Caterina não tivesse amamentado o filho (ROUANET, 2003, p. 221)".

A tese de Freud de que Leonardo teria sido amamentado por sua mãe biológica permanece plausível, assim como a de que permaneceram em outro local que a residência dos avós do menino. Permanece aceitável a imagem freudiana da jovem mãe com seu primeiro filho, isolados do resto do mundo, em uma relação idílica. Resta debater se os três ou cinco anos defendidos por Freud, ou pelo tempo bem menor, entre oito a dezoito meses.

Nos anos seguintes ao nascimento de Leonardo, Piero e Albiera frequentemente iam a Vinci. Mas com o pai morando em Florença e a mãe, apesar de morar próximo, se ocupar do marido e seus filhos, Leonardo tinha como lar a casa dos avós.

O primeiro documento após o batismo é a declaração feita em um recenseamento tributário de 1457, documento mencionado por Freud na citação mais acima. Além de possuir uma informação muito sucinta, Freud deixa transparecer que lhe era pouco claro se a casa é do avô ou do pai de Leonardo. Hoje temos certeza de ser a residência

do avô, a qual Piero e Albiera visitavam com frequência, mas nela não residiam. No documento tributário, Antonio incluiu Leonardo na lista dos dependentes que moravam com ele:

Leonardo, filho do citado Ser Piero, *non legitimo*, nascido dele e de Caterina, que agora é mulher de Accattabriga. (ISSACSON, 2019, p. 34).

A infância de Leonardo aparenta ter sido bastante despreocupada na companhia de avós de idade avançada. Em especial um avô muito despreocupado com a vida. E com a parceria de um tio apenas quinze anos mais velho que o garoto, também tão desprovido de ambições quanto Antonio. Se isso não fosse o bastante, de Leonardo foi exigida pouca educação formal.

Ser bastardo trazia algumas vantagens. A guilda de tabeliões de Florença barrava os *non legitimo*. Assim, Leonardo não foi enviado para uma das ‘escolas de latim’ que à época ensinava os clássicos e as humanidades para os candidatos a comerciantes e outras profissões. Exceto por algumas poucas lições de matemática comercial, que era conhecida como ‘escola de ábaco’, Leonardo foi um autodidata (ISAACSON, 2019, p. 36). E manteve essa liberdade pelo resto da vida.

Apesar de residirem em Florença, as visitas do pai e da madrasta a Vinci eram constantes. A tese freudiana de uma segunda mãe é bastante plausível. Tanto poderia ter sido o avô, quanto a madrasta, ou ambas. A análise dos quadros de Leonardo adulto, inclinam mais para ter sido o papel da madrasta. Sem filhos, é bastante provável que Albiera tenha se afeiçoado muito ao enteado. E Leonardo a ela.

Aos doze anos a livre e despreocupada infância de Leonardo desabou: seu avô faleceu. Albiera morreu no parto, junto com um bebê, que seria seu primeiro filho. E Piero levou o filho consigo para Florença.

As duas mães de Leonardo

– uma versão mais atual

Os biógrafos mais recentes de Leonardo colocam a separação de Caterina, sua mãe biológica, bem mais cedo do que menciona Freud. Em vez de entre três e cinco anos, que teria ocorrido entre oito e dezoito meses de idade. Já a informação mais precisa sobre a morte de Albiera coloca um matiz mais trágico ao final da infância de Leonardo. Permanece válida a interpretação de Freud de que Maria e Ana do quadro *A Virgem com o Menino e Sant’Ana*, que se encontra no Museu do Louvre, representam as duas mães de Leonardo. E pode ser aprofundada.

Pode-se imaginar que Caterina, uma jovem de 16 anos, originária de uma família local de boa origem porém empobrecida, tenha se apegado ao seu primeiro filho. Pelo menos durante os primeiros meses. No quadro, o olhar terno de Maria para seu filho é, de fato muito sugestivo de ser uma lembrança da infância de Leonardo. Porém, o relato dos fatos que se sucederam leva a crer que Caterina precisou, para seu próprio bem, precocemente desinvestir do bebê. O casamento próximo já estava marcado. É pouco crível que seu futuro marido aceitasse Leonardo. E mesmo que o fizesse, o interesse dos avós, pelo menos do avô, em criar seu único neto, assim que terminasse o desmame, implicava a separação entre Caterina e seu filho.

O desinvestimento precoce da mãe no bebê traz certa semelhança com a descrição clínica da mãe morta por André Green, que curiosamente não menciona essa hipótese em seu pequeno, mas denso livro sobre Leonardo e o cartão de Burlington (GREEN, 1994). Mas o desinvestimento, um luto precoce de Caterina que tornasse tolerável seu afastamento do bebê, pode ter sido vivido por Leonardo do mesmo modo que a descrição clínica de Green.

O complexo da mãe morta constitui, na obra de André Green, um ponto de cruzamento teórico-clínico entre narcisismo e es-

tado-limite, formando um núcleo traumático precoce no qual

[...] uma imago se constitui na psique da criança, em consequência de uma depressão materna, transformando brutalmente o objeto vivo, fonte de vitalidade da criança em figura distante, átona, quase inanimada, impregnando muito profundamente [...] pesando sobre o destino libidinal objetual e narcisista. A mãe morta é, ao contrário do que poderia se crer, uma mãe que permanece viva, mas que está, por assim dizer, morta aos olhos da pequena criança de quem ela cuida (GREEN, 1988, p. 247).

A perda do amor é uma perda do sentido, pois o bebê não possui nenhuma explicação para o que aconteceu. Ele busca o pai, mas este não responde a seu apelo. “Eis o sujeito preso entre uma mãe morta e um pai inacessível” (GREEN, 1988, p. 257).

Para sua sobrevivência, o bebê desinveste a figura materna e o seio, e se identifica com a mãe morta. Mas a perda sofrida fica marcada como uma perda padecida no narcisismo do bebê, parcialmente compensado pela exacerbação da fantasia de cena primária tamponando as falhas materna e paterna. Contudo, o luto inconcluso ao longo da vida se manifesta como uma depressão branca.

Uma depressão sem seus sintomas clássicos, mas produzindo

[...] impotência para amar, para tirar partido de seus dotes, para aumentar suas aquisições, ou quando isto ocorreu, insatisfação profunda frente ao resultado (GREEN, 1988, p. 255).

Na descrição dessa síndrome descoberta em sua clínica, Green também destaca a neurose de caráter, o homoerotismo e a hipertrofia da fantasia e dos dons artísticos. O conjunto dos achados de Green nos faz visualizar Leonardo, sem reduzir o artista de Vinci a apenas um retrato da descrição clínica do psicanalista francês.

Com o afastamento de Catarina, não apenas físico, porque continuava a residir próximo, mas principalmente afetivo, a tese de que Albiera tenha se afeiçoado ao menino e ela a ela, é mais do que provável. A trágica morte de Albiera quando Leonardo tinha doze anos certamente evocou e reavivou a perda afetiva da primeira infância. A complementaridade das perdas, os traumas e os restos melancólicos, sem que Freud soubesse desses fatos, perfeitamente amolda-se ao que fora por ele descrito como “equação etiológica”.

Os biógrafos de Leonardo penam para descobrir informações e opiniões mais pessoais em seus cadernos. A partir do livro do romancista Merezhkovsky, em *Uma lembrança da infância*, Freud garimpa e, um século antes de informações mais precisas serem descobertas, corretamente interpreta um acontecimento importante na vida de Leonardo. Freud transcreve por inteiro o que biógrafos de Leonardo encontraram em um dos famosos cadernos: a extensa lista de gastos para o funeral de uma Caterina Um dos autores que Freud utiliza em seu livro, Edmondo Solmi, em *Leonardo da Vinci, Conferenze Fiorentine*, torna Caterina uma meretriz que administrara a casa de Leonardo certo tempo (FREUD, [1910] 2015, p. 122). Mas Freud discordou e conclui:

O novelista Merezhkovsky foi o único escritor que pode nos dizer quem era essa Caterina. A partir de duas outras anotações, ele conclui que em 1493 a mãe de Leonardo, a pobre camponesa de Vinci, veio a Milão para ver seu filho, agora com 41 anos, e que lá adoeceu. Leonardo a colocou em um hospital, e quando ela morreu, a honrou com tão custoso funeral (FREUD, 2003, p. 78, tradução nossa).

Alguns acadêmicos acreditavam que essa Caterina era uma serva. Apesar da extensa lista de gastos, consideravam muito baixa a despesa total. Pesquisas mais recentes, in-

cluindo a descoberta da declaração de um hospital do falecimento de ‘Caterina de Florença’, demonstraram que de fato era a mãe de Leonardo.

O biógrafo mais recente, Isaacson (2019, p. 320-321), cita por extenso a anotação de Leonardo quanto chegada de sua mãe à Milão: “No dia 16 de julho. Caterina chegou no dia 16 de julho de 1493”. Aqui temos o que Isaacson rotula como “tique de tabelião ao repetir a data” e que onze anos mais tarde Leonardo repetirá em seus cadernos ao anotar a hora de falecimento de seu pai. Freud desconhecia este detalhe na anotação sobre Caterina, mas da anotação de Leonardo sobre Piero discorreu longamente em seu livro. Para Freud o sintoma obsessivo mostra a ambivalência e a competição de Leonardo com pai.

Em 1493 o marido de Caterina já tinha falecido há algum tempo e único filho homem desse casamento fora morto pelo disparo de uma arma, provavelmente numa guerra. Tudo indica que Caterina morreu em Milão dias depois de sua chegada. Um registro nos arquivos públicos de Milão informa que Caterina faleceu de malária. Subsidia a informação de Isaacson (2019, p. 321) que as despesas de Leonardo tinham sido adequadas para o funeral de sua mãe, que contara com quatro padres e foi planejado e registrado para a posteridade.

Ao considerar a lista das despesas com o funeral de Caterina um dado relevante e alta a quantia, demonstrando o afeto que Leonardo lhe guardava, as informações mais recentes demonstram que Freud estava correto. Freud interpretara a ausência de qualquer comentário pessoal como sintoma de que conscientemente negava o luto e a importância afetiva de sua mãe biológica e que, provavelmente, o amamentara. Era uma “inclinação tingida de erotismo” (FREUD, [1910] 2015, p. 124) mas recalcada sob a forma de sintoma de uma neurose obsessiva e a repetição numérica dos dias, que Freud desconhecia,

redobra a importância do recalcado e seu retorno através do sintoma. Freud associa essa lista de despesas com outra, que mencionara antes, de roupas e adornos caros que Leonardo comprara para seu discípulo e provável amante, Salai.

Isso exige uma tradução: por meio dessa relação erótica com a mãe tornei-me homossexual (FREUD, [1910] 2015, p. 124).

Pode-se acrescentar um pouco além da interpretação de Freud. A morte de Caterina foi mais trágica do que Freud poderia saber. A malária era uma doença crônica e endêmica na época. Caterina deveria padecer da doença há algum, ou mesmo muito, tempo. É compatível com o sintoma da neurose obsessiva de Leonardo que a negação de seu afeto e seu luto ao falecimento de Caterina também revele a depressão branca sintomática da síndrome da mãe morta descrita por Green. Conscientemente Leonardo não demonstrava seu afeto e talvez para si mesmo não a tivesse em grande apreço. Mas acolhê-la quando do falecimento de seu meio irmão e do padrasto, era necessário a Leonardo como forma de reparação à relação ambivalente com sua mãe. E defesa ao seu próprio desamparo. Uma luta inconsciente contra o reforço de sua pulsão de morte, exacerbada pelo abandono da mãe quando bebê.

O desenho a lápis de 1501/10, *Estudo da Virgem com a Criança e Santa Ana*, hoje na *Gallerie dell’Accademia* de Veneza (FIG. 1), há uma terceira cabeça, entre a Virgem e Sant’Ana, figura que mais parece um crânio desnudo simbolizando a morte. Além de desvelar a pulsão de morte, a terceira cabeça parece segurar, com um pedaço de pano entre os dentes, que o menino se aproxime mais do cordeiro. animal que morde a mão de Cristo. Considerando que o cordeiro simboliza a paixão e a morte de Cristo, ou como diria Freud, o sacrifício da versão humanizada do animal totêmico, é a própria

morte que ambivalentemente freia a si mesma.

Figura 1



Leonardo e seu avô Antonio

É atraente pensar na identificação de Leonardo com seu avô. Tudo indica que tenham sido ele e sua mulher quem por mais tempo e mais diretamente participou da infância de Leonardo.

Freud percebeu, entre os escassos dados biográficos de que dispunha, a confusão entre a residência de Leonardo na casa do pai ou a do avô: “a casa paterna, ou melhor dizendo, na casa do avô” (FREUD, [1910] 2015, p. 106). O que hoje se sabe da declaração feita ao recenseamento tributário feita em 1457 por Antonio, o avô de Leonardo, indica que o menino residiu em sua casa e foi seu dependente. O pai de Leonardo, Piero, e sua esposa, Albiera, faziam seguidas visitas à vila de Vinci, mas residiam a em Florença a maior parte do tempo.

Apesar da dificuldade com os dados de que dispunha, Freud confundiu a casa do avô com a do pai do menino, mas intuiu a importância ao menos da avó de Leonardo:

Na casa de seu pai, ele encontrou Dona Albiera, a boa madrasta, mas também a avó, a mãe de seu pai, Mona Lucia, a qual, devemos supor, não era indelicada em relação a ele, como avós costumam ser. (FREUD, [1910] 2015, p. 132-133)

Por ser filho ilegítimo, a carreira hereditária de notário lhe era vedada a Leonardo. Um dado claramente objetivo. Residindo a maior parte do tempo em Florença, Piero, além da distância física, exercia uma profissão que era proibida ao filho. Carreira que o avô de Leonardo, Antonio, parece jamais ter ambicionado, ou que, até mesmo, ativamente recusou. Passou sua longa e aparentemente feliz existência sem quaisquer ambições de galgar prestígio ou aumentar seu patrimônio. E sendo confirmado que Antonio teria sido mercador na Espanha e norte da África, poderia ser aventada a ideia de que Leonardo, a partir da meia-idade, recusou a identificação com seu sedentário pai e passou a assemelhar-se mais com o avô quando jovem. Tornou-se viajante contumaz, algum tempo na companhia de Cesar Borgia e Maquiavel, por fim terminando seus dias na França.

Os biógrafos mencionam o jovem tio de Leonardo, Francisco, em tudo parecido com Antonio, como o companheiro dos passeios de Leonardo pelos campos e montes da Toscana. Quem lhe fez dedicar-se à contemplação da natureza. Parte ou muito deste dom pode ter sido dada pela convivência com o avô. Os cadernos de Leonardo, que lhe ocuparam mais que a pintura, com milhares de páginas, ilustrações e anotações, e uma multidão de interesses, podem ter sido o compromisso entre a identificação com o avô Antonio e o tio Francisco, e com seu pai Piero. Leonardo tornou-se o inventariante dos

seres humanos, da natureza e de suas próprias invenções: um despreocupado e sono notário do universo. Aliada à tese de Freud de que do mesmo modo que Piero não completara sua função de paternidade, Leonardo também não conseguia terminar e se separar de suas obras.

Algumas Madonas dos desenhos de Leonardo

Em *Leonardo da Vinci - Obra completa de pintura*, Frank Zollner (2018) enumera em trinta e quatro as obras pictóricas que ostentam o nome de Leonardo da Vinci. Contudo, muitas hoje são tidas como quadros atribuídos a discípulos de Leonardo que teriam pintado a partir de cartões desenhados pelo mestre. Algumas vezes provavelmente com retoques do próprio Leonardo. Vários dos quadros listados como autênticos são conhecidos apenas por relatos fidedignos, mas hoje são tidos como perdidos. Ainda há na lista atribuições contestadas. E a lista de Zollner curiosamente inclui o cartão de Burlington, que é um desenho e não uma pintura. Mas dado seu tamanho, impacto artístico e cultural, é listado entre as pinturas. Resultado: mesmo contando com o cartão de Burlington, só podem ser vistos dezenove quadros, em parte ou no todo, incontestavelmente da mão de Leonardo.

Uma vez que é controversa a atribuição ou não a Leonardo de algumas das Madonas, usaremos a primeira lista de trinta e quatro obras. Nessa lista, sejam apenas mãe e filho ou haja outro ou outros personagens, onze quadros mostram Maria e seu filho. Quanto aos desenhos, não foi possível precisar quantos teriam o mesmo tema. Consultando vários livros de arte, há pelo menos uma dúzia. Ao menos três, datados de 1478-1480, nos quais a Madona olha seu filho que se distrai abraçando um gato. Em um deles ela carinhosamente olha para seu filho. Em outro, hoje no Museu Britânico, Leonardo desenhara uma Madona com as duas cabeças (FIG. 2), onde podemos utilizar a mesma in-

terpretação de Freud de que representam as duas mães de Leonardo.

Figura 2



O próximo desenho de Leonardo que selecionamos corrobora um pouco além da tese freudiana clássica. Uma folha de desenhos, hoje na biblioteca do castelo de Windsor, contém vários esboços, dos quais o maior é o da Madona e seu filho, desenhos também datados de 1478-1480. A Virgem não olha para seu filho, apesar de ele a olhar atentamente enquanto se amamenta. Maria aparenta um rosto de muita tristeza, e olha na direção de outra criança, ligeiramente maior que seu filho (FIG. 3). Logo acima, à esquerda, há o rosto de duas mulheres: uma mais jovem, outra bem mais velha. Abaixo, ainda à esquerda há o desenho de um jovem e um homem bem mais velho. Sem dúvida uma folha de exercícios de Leonardo. Mas nada impede que se interprete o olhar para outra criança como Catarina encarando seu desti-

no, as duas mulheres como sendo Albiera, a esposa de Piero, e Lucia, a avó de Leonardo, o jovem sendo Accatabbriga, seu futuro marido e o homem mais velho como Antonio, o avô de Leonardo. A expressão do bebê ao seio não é de êxtase. Sugere apreensão.

Figura 3



Segundo a sequência cronológica dos autores consultados, esses três desenhos feitos na juventude de Leonardo antecipam dez anos ou mais o primeiro desenho, hoje em Veneza, descrito e interpretado mais acima. Realizado entre 1501-1510, quando Leonardo já estava na meia-idade e após a morte de Caterina. No desenho em que há três cabeças, a do meio é um crânio que pelos dentes

segura o bebê. Representação necessária a Leonardo como meio de exteriorizar e reparar o desamparo, reforço contra a sua pulsão de morte, exacerbada pelo abandono da mãe quando bebê e revivida quando ele a ajudou em seus últimos dias.

Contudo, nessa sequência de desenhos há mais um. Um quinto desenho, muito mais importante por seu valor artístico e para as teses de Freud: o desenho que ele nomeia de cartão de Londres em seu livro sobre Leonardo.

O cartão de Burlington ou, como Freud o chama, o cartão de Londres

O cartão da Casa de Burlington é um desenho de 1,415 m por 1,065 m feito a carvão, realçado com giz branco sobre papel tingido de castanho. A data mais provável do desenho é 1499-1501, segundo Zollner (2017, p. 391). Possui esse nome por ter sido adquirido em 1779 pela Academia Real de Arte, mais tarde sediada na Casa Burlington em Londres. Em 1962 foi vendido à National Gallery, também em Londres. Alguns como Isaacson consideram o cartão de Burlington uma obra superior ao quadro da *Virgem com a Criança e Santa Ana*, que se encontra no Museu do Louvre – “nessa versão parece haver uma profundidade emocional maior do que se vê na pintura final” (ISAACSON, 2017, p. 350).

Em seu livro sobre Leonardo, Freud o nomeia de cartão de Londres. Há uma cópia em sua sala de atendimento, colocada numa das paredes do arco que a divide em dois ambientes. (FREUD MUSEUM LONDON, 2020). Não há, no endereço londrino de Freud, uma reprodução do quadro da *Virgem com a Criança e Sant'Ana* do Louvre, ao qual dedicou a maior parte de seu livro.

A tese mais aceita é a de que o cartão de Burlington seja a primeira versão do quadro exposto hoje no Louvre. Essa obra foi iniciada quando do retorno de Leonardo a Florença e datada próximo da Mona Lisa. Mas assim como a Mona Lisa, também não foi

entregue a quem encomendou, no caso, os monges da basílica da Santíssima Annunziata. E ambos os quadros ficaram com Leonardo até sua morte.

No cartão a Virgem está sentada com cabeça e tronco na mesma altura que sua mãe, e São João Batista está no lugar do cordeiro. Em um segundo cartão, hoje desaparecido, a Virgem se inclinaria para baixo e o cordeiro já teria sido substituído São João Batista, tal como é visto no quadro exposto em Paris.

Sobre o cartão de Londres escreve Freud em nota acrescentada em 1923:

É particularmente interessante comparar ao trio de Sant'Anna do Louvre o famoso cartão de Londres, que apresenta outra composição do mesmo tema. Nele as duas figuras maternas estão ainda mais intimamente reunidas, seus limites são ainda mais incertos, de modo que houve observadores, alheios a qualquer empenho de interpretação, que afirmaram ser “como se duas cabeças saíssem de um só corpo”.

A maioria dos autores concorda em que esse cartão de Londres é o trabalho mais antigo, [...]. Combina muito bem com nossa argumentação, se o desenho for uma obra bastante anterior. Também não é difícil imaginar como o quadro do Louvre teria se originado do cartão, enquanto o oposto não faz sentido. Se partirmos da composição do cartão, parece que Leonardo sentiu a necessidade de cancelar a onírica fusão das duas mulheres, que corresponde à sua relação de infância, e afastar fisicamente as duas cabeças. Isso ele fez separando a cabeça e o tronco de Maria da figura de sua mãe e inclinando-os para frente. Para motivar este deslocamento, teve de passar o menino Jesus para o chão, não havendo mais lugar para João Batista menino, substituído então pelo cordeiro (FREUD [1910] 2013, p. 187-188).

Freud utiliza o cartão de Londres para reforçar a tese da dupla maternidade de Leo-

nardo representada no quadro do Louvre. Nele a fusão das duas mães se torna clara em um corpo com duas cabeças. O cartão mistura partes extremamente bem acabadas com outras só no esboço. Como não era para ser visto pelo público, o recalque se retirara bastante de cena. A semelhança do desenho do cartão com as imagens de um sonho é muito forte. Com todo o sentimento de estranheza que aquilo muito mais próximo ao inconsciente, quando de pleno funcionamento do processo secundário, parece-nos ao mesmo tempo familiar e desconhecido.

Freud não utiliza mais elementos do cartão de Londres para reforçar outras teses de seu livro sobre Leonardo. Nem para comentar o estranho, senão sinistro, olhar de Sant'Anna sobre sua filha. Mas entre a primeira publicação do livro sobre Leonardo e o acréscimo da extensa nota sobre cartão de Londres, Freud havia escrito o texto *O estranho* (*Das Unheimlich*).

O estranho Leonardo e a genealogia do estranho em Freud

Na nota preliminar ao *O 'estranho'*, a tradutora Alix Strachey informa que, em uma carta de 12 de maio de 1919, Freud escrevera para Ferenczi dizendo “[...] que tirou um papel velho de uma gaveta e o está reescrevendo”.

Contudo, ela também informa que nada se sabe do texto original e o quanto ele poderia ter sido modificado, mas que em *O estranho*, duas notas de rodapé mencionam *Totem e tabu*, e servem de evidência de que Freud já teria pensado sobre o tema em 1913 (STRACHEY in FREUD, [1919] 1978, p. 2018). De fato, a maior dessas notas de rodapé de Freud conecta um dos temas de *O 'estranho'* com o terceiro ensaio de *Totem e tabu – Animismo, mágica e onipotência de pensamento*. A informação da tradutora é correta, mas profundamente incompleta.

Até 1919 a palavra “estranho” aparece dezesseis vezes na edição standard brasileira, mas traduzindo do alemão *seltsam* ou *fremdem*, palavras de uso habitual em alemão. Ao

contrário do termo pouco usual *unheimlich*, “estranho familiar” ou, se traduzido ao pé da letra, “infamiliar”.³ Mas o significante *unheimlich* já ocorrera várias vezes em alemão nos escritos de Freud.

Alix Strachey parece ter esquecido que, na tradução das obras de Freud por ela e seu marido, o termo alemão *unheimlich* já aparecera em muitas ocasiões. Primeiro no texto mais conhecido como *Caso Dora*, escrito em 1901, mas só publicado em 1905. Nesse texto Freud discorre sobre a sexualidade infantil afirmando que, ao escutar o ato sexual de adultos, “[...] as crianças pressentem algo sexual no ruído inquietante” (*unheimlichen Geräusche*) (FREUD, [1905/1901] 2016, p. 266). Aqui ainda estamos no uso de uma palavra pouco usada em alemão, mas perto de seu sentido habitual.

Em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, mais conhecido como *O homem dos ratos*, de 1909, o casal Strachey novamente encontrara o termo “o estranho” (*unheimlich*). Mas agora numa acepção diferente do uso habitual, em que algo pode ser estranho, mas só produz curiosidade. Agora o termo sugere algo angustiante e ameaçador, que suscita algo vindo de dentro de nós mesmos e, ao mesmo tempo, não se sabe bem de onde nem quando, nem por quê. *Unheimlich*, já como “estranho familiar”, parece quatro vezes em *O homem dos ratos* e em todas foi traduzido para “estranho” (*uncanny*). Ernest Lanzer, nome real do paciente de Freud, aparece como o criador desse novo uso da palavra, pois foi ele quem chamou a atenção de Freud para um uso diferente, um novo conceito.

Palavras de Lanzer:

[...] Mas com esses desejos [ver nuas moças que passavam na rua e pelas quais sentia-se atraído] eu tinha uma sensação inquietante [*unheimlich Gefühl*] de que algo aconteceria,

se eu pensasse tais coisas, e eu deveria fazer tudo para evitá-lo. [...] Por exemplo, que meu pai morreria (FREUD, [1909] 2013, p. 21).

De 1909 a 1910, ao caso clínico de *O homem dos ratos*, seguiram-se as *Cinco lições de psicanálise* e em seguida *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. Sobre o sorriso de Mona Lisa, o mais icônico dos sorrisos das personagens de Leonardo, Freud se utiliza as palavras do escritor e crítico de arte do século XIX, Walter Pater “[...] que o insondável sorriso, sempre possuía algo de sinistro” (FREUD, [1910] 1978, p. 110).

Alguns parágrafos adiante, Freud compara o enigmático sorriso de Mona Lisa com os sorrisos da Virgem e de Sant’Ana em *Sant’Ana com a Virgem e o Menino*.

Embora o sorriso que paira nos lábios das duas mulheres indubitavelmente seja o mesmo do quadro da Mona Lisa, ele perdeu seu caráter estranho [*uncanny/unheimlich*] e misterioso, o que expressa é um sentimento íntimo e de silenciosa felicidade (FREUD [1910] 1978, p. 112, tradução nossa).

O uso do termo “estranho” no caso *O homem dos ratos* poderia ser característica pessoal de um neurótico. Mas no livro sobre Leonardo da Vinci o sorriso de Mona Lisa produz um sentimento de mistério, de algo sinistro inqualificável, mas também de irresistível fascínio. Qualidades do ‘estranho’, que são despertadas por alguma coisa que vem de fora, mas produzem uma reação interior simultânea de familiaridade e de estranheza, agora universalizada pela obra de arte.

Contudo, mais uma vez Freud usou do termo “estranho” no livro sobre Leonardo, além de Mona Lisa, para caracterizar o próprio artista em uma frase que é usada como epígrafe ou citação em livros de arte sobre Leonardo e sua obra.

Sem dúvida, o grande Leonardo permaneceu uma criança por toda sua vida, em mais

3. Ao colega psicanalista Michell Alves de Mello, que estudou por anos na Alemanha e é fluente no idioma germânico, agradecemos por esta informação.

de um aspecto. Se diz que todos os grandes homens precisam conservar uma parte infantil. Mesmo quando adulto ele continuou a brincar, e este era outro motivo pelo qual frequentemente se mostrava como estranho [*unheimlich*] e inquietante para seus contemporâneos. (FREUD [1910] 1978, p. 127, tradução nossa)

E não é apenas em Freud que o homem Leonardo produz tanta fascinação quanto sua obra. Fascinação, palavra cuja origem vem do latim *fascinatio*: encantamento, bruxaria, feitiços, encantamento que entra pelos olhos.⁴

Ainda em 1910, quase em seguida ao livro sobre Leonardo, Freud publicara *O sentido antitético das palavras primitivas*, pequeno tratado de filologia. Provavelmente também fascinado com a descoberta dos diferentes sentidos do significante “estranho”.

Dois anos após o livro sobre Leonardo, Freud aprofunda o uso do termo “estranho” em *Totem e tabu*. Discorrendo, entre outros tópicos, sobre onipotência de pensamentos e animismo, Freud cria uma ponte entre arte, magia e religião.

Apenas em um único campo de nossa civilização permaneceu a onipotência de pensamentos, e isso no domínio da arte. [...] As pessoas com justiça falam da ‘mágica da arte’ e comparam os artistas com os mágicos. (FREUD, [1912/1913] 1978, p. 90, tradução nossa)⁵

Publicado por partes entre 1912 e 1913, e por completo em 1913, *Totem e tabu* traz

4. SANTOS SARAIVA, F. R. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 475.

5. Ao final do parágrafo de onde retiramos esta citação, Freud coloca uma extensa nota de rodapé sobre a origem da arte a partir da religião, e a origem de ambas documentada pelas pinturas pré-históricas em cavernas europeias. Para o aprofundamento deste tema sugerimos nosso texto *Arte da era glacial – arte das cavernas – e o primeiro totem da humanidade (ou, não é que Totem e tabu pode estar certo?)*, Estudos de Psicanálise, n. 45, Belo Horizonte, MG, p. 15-36, julho 2016.

seis vezes a palavra “estranho” (*unheimlich*) na aceção do artigo de 1919. No início da terceira parte do terceiro ensaio - *Animismo, mágica e onipotência dos pensamentos* – Freud elogia e agradece a Ernst Lanzer por ter cunhado a expressão “onipotência dos pensamentos”, que adotou. Ao final do parágrafo, Freud acrescentou uma nota de rodapé:

Parece que atribuímos uma qualidade ‘estranha’ [as aspas são de Freud; ‘*uncanny*’, *unheimlich*] às impressões que buscam confirmar a onipotência dos pensamentos e o modo animista de pensar em geral, depois de atingirmos um estágio em que, a nosso ver, tínhamos abandonado tais crenças. (FREUD, [1913] 1978, p. 86, tradução nossa)

E ao final dessa nota, o tradutor James Strachey faz uma observação direcionando a leitura do artigo de 1919, *O ‘estranho’ (Das Unheimlich)*. Um texto que se caracteriza por possuir várias formas de leitura. Mais que a interpretação dos sintomas de pacientes, mais do que um artigo de filologia ou da análise psicopatológica de um conto de Hoffmann, mas também um outro complexo escrito sobre psicanálise e filosofia da arte.

O cartão de Burlington e o ‘estranho familiar’

O cartão de Londres, certamente foi feito por Leonardo para seu uso pessoal. Há evidências de um segundo cartão, em tudo semelhante ao quadro do Louvre e que o teria originado. Há cópias por discípulos de Leonardo do hoje desaparecido segundo cartão ou do quadro no Louvre, mas não do primeiro cartão. E esse uso particular permitiu a Leonardo que seu inconsciente ficasse mais a céu aberto, mas como tudo que acessa a parte do pré-consciente mais próxima do inconsciente, já possui algum grau de recalque. O que é uma das características do estranho familiar: [...] o prefixo de negação “in-” [*un*] é a marca do recalque (FREUD, [1919] 2019, p. 95).

Em sua maior parte, o cartão apresenta o desenho cuidadosíssimo de um grande artista. Em outros detalhes menores, traços ou contornos inacabados e toscos, em tudo 'primitivos'. Um deles é a mão direita de Sant'Ana levantada, com o dedo indicador apontando para o céu. No desenho um simples esboço, mas assim mesmo caracteristicamente leonardesco. O gesto que aparece em vários quadros de Leonardo. Mais nítido nos quadros posteriores, em que Sant'Ana foi substituída por um andrógino São João Batista, tão pagão que no último foi repintado com os atributos de Baco. Teologicamente, o gesto de Sant'Ana indica o céu e Deus como destino do menino. Freudianos verão um símbolo fálico. Sem dúvida a imagem da mãe de Maria no desenho de Burlington é um tanto masculinizada e inquietante, até mesmo sinistro, o olhar sobre sua filha.

Outro atributo deixado apenas como esboço é o pé direito de Maria, do qual só há um contorno disforme e fendido em apenas dois grandes e grotescos dedos. E o terceiro pé, mais inacabado ainda, a contar da esquerda se parece com um casco equino. Atributo de sátiros, que dera, origem à figuração de demônios cristãos? No artigo do "estranho familiar", Freud retorna várias vezes ao animismo e à onipotência de pensamento como característica do "estranho" [*unheimlich*] e seu retorno. Características que se escondem por detrás do monoteísmo e do pensamento científico. Enquanto o cristianismo de Leonardo era um tanto sofrível, seu panteísmo era bastante dissimulado. Mas, como todo recalcado, sempre tende a retornar.

Giorgio Vasari, primeiro biógrafo de Leonardo, escreve na primeira edição de *Vidas dos artistas* (1550) que no espírito de Leonardo

[...] nasceu um conceito tão herético, que ele não se ligava a nenhuma religião, considerando mais estimável ser filósofo que cristão (VASARI, 2011, p. 444-443).

Prudentemente Vasari omitiu esse trecho quando da segunda edição de seu livro dezoito anos depois. O cartão serve como mais uma evidência do que levou olhos mais atentos a transformar um de seus São João Batista em um Baco.

No cartão de Londres, Maria e sua mãe formam um único corpo, possuidor de duas cabeças, quatro braços e quatro pernas. Freud concorda com a interpretação de que colocar Maria com o tronco e cabeça voltados para baixo no quadro do Louvre foi a solução de minorar a confusão de corpos. Mesmo assim, no quadro, ainda há certo efeito de uma figura combinada.

Sem o artefato da cor para facilitar a distinção, no desenho é difícil discernir de quem são as quatro pernas e

[...] o corpo das duas mulheres abaixo da cintura, expõe um centro de atração que gera inquietude (GREEN, 1988, p. 27).

Maria e Sant'Ana estão uma do lado da outra e Maria está sentada sobre a perna esquerda de sua mãe. Ou ambas com pernas abertas e Sant'Ana sentada sobre a perna direita de Maria?

Nessa segunda interpretação, Green (1994, p. 9) destaca a imagem de um pênis entre as pernas de Sant'Ana. O desenho em tudo leva a pensar, não em uma, mas várias das figuras combinadas criadas pelo bebê kleiniano. Retorno de fantasias e imagens assustadoras do início da primeira infância e recalçadas por todos, que, se no cartão de Londres trazem o 'estranho', também deslumbram o olhar.

O braço de Maria segura seu filho, que se direciona ao outro menino, São João Batista. Mas o desenho do braço e do menino permanecem inacabados. O que se vê é uma forma contínua em que o braço da mãe se metamorfoseia até se transformar no corpo do menino. Leva-se algum tempo até o olhar discernir em que momento o braço de Maria torna-se uma forma separada que, com sua

mão direita, segura o bebê entre suas pernas até o ventre. A mãe não apenas passa seu braço sobre o pênis do filho, como o bebê literalmente se torna falo da mãe. E com o braço direito o menino abençoa seu primo. Mas o braço esquerdo é apenas um esboço que segura o queixo do outro menino. Esboço que tem exatamente a forma de um pênis ereto.

Criatividade na obra de Leonardo: o estranho, o sinistro, a androginia

Em *Criatividade*, um de seus artigos mais lidos, Winnicott (2019, p. 115) se refere a Leonardo da Vinci e ao livro de Freud. Critica que a psicanálise seja usada para desvendar traços da personalidade e sua relação com a infância de artistas, irritando as pessoas criativas em geral, sem chegar o que realmente importa, “o tema central ficou de lado: o próprio impulso criativo” (WINNICOTT, 2019, p. 115). A partir de um viés psicanalítico, a mesma crítica do historiador da arte Shapiro.

Sobre *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*, desde a descoberta em 1923 do erro da tradução para a língua alemã da palavra “abutre” foi colocada em vez de de “milhafre”, não faltaram críticas. De fato, embora o trecho sobre mitologia e androginia escrito por Freud seja excelente, sua associação de Leonardo com uma lembrança da infância ficou invalidada. Mas pode ser que Freud, por vias tortas, tenha acertado.

Segundo Winnicott, a criatividade é essencial para a existência humana. O autor ressalta que não é preciso ser um artista para criar, que se trata de um dom universal capaz de tornar nossa existência valer a pena ser vivida. Criar vai desde o brincar, a invenção de modos de relacionamento afetivo e sexual diferentes para cada ser humano e, portanto, também possibilita a relação psicanalítica até de como conceber novos meios de cuidar ou ensinar, ou de fazer uma torta, ou gerar e educar filhos, ou outros infinitos exemplos. O impulso criativo fornece à nossa existência o sentimento de continuidade e de que a vida vale a pena ser vivida. O oposto é a

submissão, que traz consigo o sentimento de futilidade e de que a vida não é digna de ser vivida. Condição da maior parte da humanidade.

Ao longo de sua obra, Winnicott nomeia e conceitua de diferentes formas a região intermediária entre a realidade subjetiva e a realidade compartilhada, entre o sonho noturno e o trabalho diurno: espaço potencial, brincar, objeto transicional, religião, arte. Cabe à mãe ou substituta(o) de sua função fornecer ao bebê um ambiente razoavelmente seguro e de satisfação para as necessidades biológicas básicas, de modo que possa germinar e frutificar neste espaço o dom do impulso criativo. Tendo ao início ainda um incipiente, ou mesmo nenhum teste de realidade, o bebê possui até mesmo a ilusão, ou alucinação, de que é o criador do seio. Um ambiente suficientemente bom que permita “[...] que o bebê fique louco da maneira própria dos bebês” (WINNICOTT, 2019, p. 118).

Essa criação dá ao bebê o sentimento de SER, elemento feminino puro, ao qual só depois será acrescido do FAZER, elemento masculino puro. Conceitos perigosamente próximos dos de *animus* e *anima* de Jung, além da concepção das divindades primordiais egípcias e gregas como andróginas. Tal como Freud dissertara em seu livro sobre Leonardo. Divindades encontradas também em outras religiões antigas, tal o orfismo, que em décadas posteriores ao livro de Freud foi interligado ao nascimento do pensamento filosófico grego (GUTHRIE, 1993).

Ao também comentar sobre Leonardo da Vinci e o livro de Freud, em *Análise precoce*, Klein (1975, p. 86-89) comenta que o sucesso da sublimação se funda em fixações precoces que não devem ter sofrido um recalque muito cedo, o que impediria a possibilidade de seu desenvolvimento e que fossem assimiladas ao eu. Se o recalque for precoce, as características diretamente sexuais da pulsão não serão sublimadas e se tornarão sintomas neuróticos. Só que quando se fala em fixações muito precoces assimiladas ao

eu, pensamos em outro tipo que as neuroses transferenciais, as neuroses de caráter. O que talvez explique um homem como Leonardo, que transita entre a grande sensibilidade e a brutal indiferença.

Outro fator que contribui para a sublimação, segundo Klein (1975, p. 87), parece ser a capacidade de manter a libido em um estado de suspensão, de tal modo que possa ser deslocada para caminhos mais sutis e não condensada como em sintomas histéricos. O deslocamento permite a transformação das pulsões, domesticando também a pulsão de morte. Klein retoma um dos temas do livro de Freud, sobre o relato de Leonardo da lembrança de que, quando bebê, um pássaro batera muitas vezes com sua cauda em seus lábios, e concorda que representa uma fantasia de felação.

Contudo, os caminhos do deslocamento de uma rudimentar fantasia sexual permitiram que fosse se metamorfoseando no interesse pelos pássaros, na curiosidade de como voavam, de como isso poderia ser feito por seres humanos por meio de engenhos e, finalmente, ter o dom das aves de ver de cima a natureza e de imaginar como seria o mundo visto desse modo. Todos os biógrafos copiam o relato de Vasari (2011, p. 444) de que Leonardo possuía o hábito de comprar aves em cativo e as “[...] soltava no ar, restituindo-lhes a liberdade perdida”.

Contudo, a obra de arte não se destina apenas à contemplação passiva. Ela dispara o gatilho do impulso criativo, que inconscientemente a reconstrói no espaço entre o subjetivo e o objetivo. No espaço transicional eclode a criação, que evoca o seio materno e segue por infinitas associações conscientes e inconscientes. Sujeito e objeto, corpo e mente perdem sua dualidade cartesiana e se fundem.

Mesmo “sobre a solidão, o silêncio e a escuridão”, dos quais “nada podemos dizer a não ser que esses são realmente os fatores ligados à angústia infantil”, palavras de Freud (2020, p. 115) ao último parágrafo de

seu texto sobre *O infamiliar [Das Unheimlich]*, por meio do impulso criativo se tornam conscientemente ou não, associações de palavra, som e luz. E deste modo se tornam as associações que também serão trazidas pela obra de arte. Na leitura literária e poética, por meio dos incessantes fluxos de significantes, construindo pontes entre palavras e imagens, e libertar um pouco à consciência, e muito mais ao inconsciente, um mundo de afetos, personagens e histórias. Na música, por meio da pulsão invocante, construir os contrastes do som infinito, que no bebê é expresso por movimentos com o corpo todo, originando também a dança. Nas artes plásticas, por meio da pulsão escópica, expandir as variações de luz, sombra e cor sobre os contornos das formas.

Deixando à parte as peculiaridades dos traços de caráter e das perguntas sobre a vida sexual de Leonardo, há algumas outras contribuições para a compreensão de sua obra do fenômeno estético. Sua ligação com processos psíquicos muito precoces, hoje inconscientes em crianças maiores e adultos, que quando, mesmo levemente, intuídos produzem sentimento de estranheza.

Contudo, a intuição benigna desses processos reconduz à experiência do fascínio tanto dos sorrisos misteriosos quanto da natureza fantástica das paisagens de fundo dos quadros de Leonardo. E apesar da escassez de sua obra pictórica, o tornaram o pintor mais famoso do Ocidente.

A descrição do quadro clínico da mãe morta, que, mesmo para quem não passou por algo tão dramático como a história de Leonardo bebê, evoca a perda da imago do seio e da mãe idealizadas, e a passagem da posição esquizoparanoide para a depressiva. Essa passagem consigo traz, ao contemplar a obra de arte, algo de sinistro e evoca a última das figuras femininas estudadas por Freud no texto do *Tema dos três escrínios*: a morte. Além disso, remete a uma androginia e bissexualidade anterior ao que hoje denominamos escolha objetal e identidade de gênero,

que evoca a escolha objetal recalçada oposta e, por que não, uma identidade de gênero oposta também recalçada. O momento em que Winnicott (2019, p. 121) se surpreendeu e disse para seu paciente, homem heterossexual: “Estou ouvindo uma menina [...] e digo a ela: Você está falando da inveja do pênis”⁶.

O estranho, o sinistro, a androginia, tornados pelo dom do artista em gozo estético. Mais que a contemplação do belo, algo além, por meio de algo como a contemplação da natureza, que ameaça nos destruir e não o faz, a vivência do sublime.

Conclusão

Freud visitou Londres duas vezes, em 1875 e 1908, antes de escrever seu livro sobre Leonardo da Vinci. Iniciou a escrita do livro em 1909. Mas sua admiração e identificação com o polímata italiano vinha de longa data. Teria Freud visto o cartão da Casa de Burlington, ainda na Academia Real de Arte? A nota acrescida ao livro sobre Leonardo em 1923 dá a entender que não. Mas teria sido um esquecimento ou ocultamento quando de sua redação?

Sobre a viagem de 1908 Green comenta:

[...] Jones, de quem tiramos estas informações, só menciona o British Museum e a National Gallery. É lamentável que não dispnhamos das seis longas cartas que escreveu neste período (GREEN, 1988, p. 120)

Se porventura Freud também contemplou o cartão de Burlington, as interpretações sobre a homossexualidade de Leonardo e uma cena de felação tornam-se mais claras. Porém, se Freud não viu o cartão e com a audácia com a qual acessava o inconsciente,

pode muito bem ter interpretado os mesmos temas a partir do quadro hoje no Louvre.

Entre 1919 e 1923, Freud acrescentou, formando um mesmo bloco, três notas de rodapé. Na primeira, de 1919, Freud assinala a fusão dos corpos de Maria e Ana e a semelhança com a cena de um sonho. Em 1923 coloca outra nota, já citada acima quase na íntegra, sobre o cartão de Londres. Mas deve ser assinalado que essa nota, apesar de datar de 1923, foi colocada por Freud antes da nota sobre a observação de Oskar Pfister, sobre a descoberta da forma de um abutre na vestimenta de Maria, nota que, como a primeira, também data de 1919. E a nota de 1923, assim como a primeira, de 1919, não é referida como sendo observação de outra pessoa, mas do próprio Freud.

No cartão de Burlington o feroz olhar de Sant’Ana sobre sua filha, desenhado em tons mais escuros, gera estranheza. Seguindo a genealogia dos esboços de Leonardo, a Sant’Ana do cartão teria incorporado o crânio desnudo do desenho a lápis hoje na *Gallerie dell’Accademia* de Veneza (FIG. 1). Sant’Ana assimilada à figura da morte. No cartão o rosto de Maria é o exato oposto, de uma beleza, felicidade e serenidade plenas. A imago da mãe morta em oposição à mãe que representa a pulsão de vida. A privacidade do cartão de Londres permitiu a Leonardo, através do desenho, a expressar com bem menos recalque a cisão do eu. Cisão que, ao final de mais um ou dois desenhos, mais voltados ao público, acabaria sendo atenuada, até quase desaparecer no quadro do Louvre.

Freud caracterizou o misterioso sorriso leonardesco, que se tornou um símbolo universal a partir do quadro da Mona Lisa, como estranho [*unheimlich*]. Entretanto, Freud assinala que esse sorriso inquietante desaparecera no quadro do Louvre. Ao comentário de Freud acrescentamos que o quadro do Louvre tornou mais equilibrada a cisão do cartão de Burlington.

No quadro hoje no Louvre, o olhar de Sant’Ana à filha perde sua sinistra e forte

6. Aqui citado a partir de *A criatividade e suas origens*, capítulo 5 de *O brincar e a realidade*, livro de 1971, mas publicado primeiramente no somatório de clínica e teoria colhido e comentado entre 1959 e 1969 - *Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos (split-off)* - artigo publicado postumamente em *Explorações psicanalíticas* (WINNICOTT, 1994)

estranheza. Olha complacentemente Maria. Em oposto, o rosto de Maria perde o ar de extrema beleza e felicidade do cartão. Torna-se o olhar de alguém que já sente a saudade de algo que ainda não foi completamente perdido. Completando o movimento de integração, a figura de São João Batista foi substituída pela de um cordeiro. O animal totêmico que representa o sacrifício é facilmente dominado pelo bebê. E permitiu que o filho de Maria dobrasse o pescoço e voltasse seu olhar, que era precoce e de reprovação no cartão, completamente em direção e adoração à sua mãe.

No quadro, o sorriso de Sant'Ana é belo, possui um ar superior, mas é sereno e de aprovação a sua filha e neto. Já o sorriso de Maria também é belo, mas, ao contrário do cartão, demonstra certo ar de tristeza, de melancolia. O que permite que em vez do desenho do cartão, onde um bebê de rosto estranhamente maduro e sério benze seu primo, se transforme no quadro do Louvre no bebê mais belo e inocente de todos que Leonardo desenhou ou pintou. E que no quadro contempla sua mãe de modo absolutamente terno e infantil.

Abstract

History of some criticisms of Freud's book on Leonardo da Vinci. Latest data on Leonardo's biography. Early loss of love from the artist's biological mother resulting in the syndrome of the dead mother described by André Green. The Mona Lisa's smile characterized as the uncanny (unheimlich) by Freud. Genealogy of the uncanny in Freud's work up to the article with this title. Leonardo's drawings on the theme of Mary with her son or Sant'Ana with the Virgin and Child, coming up to the one known as the Burlington cartoon. Interpretations about this cartoon. Creativity according to Winnicott. From the cartoon to the painting at the Louvre as a passage from the theme of loneliness, silence and darkness in Freud's article on the uncanny, to the genesis of poetry, music and painting.

Keywords: Freud and Leonardo da Vinci, Uncanny (unheimlich, Dead mother, Creativity.

Referências

BERRUTI, P. On Leonardo da Vinci and a memory of his childhood. In: ACIDINI, C. (Curator). *Leonardo and Florence. Selected folios from the Codex Atlanticus*. Florence; Milan: Giunti Editore S.p. A; Comitato Nazionale per le celebrazioni del 500 anni della morte di Leonardo da Vinci, 2019. pp. 150-153.

BRAMLY, S. *Leonardo da Vinci 1452-1519*. Tradução: Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

CHAUVEAU, S. *Leonardo da Vinci*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FREUD MUSEUM LONDON. Disponível em: <https://www.freud.org.uk/visit/virtual-tour/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") (1905 [1901]). In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. 11 ed. São

- Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).
- FREUD, S. O infamiliar [*Das Unheimlich*], seguido de O homem de areia de E.T.A. Hoffmann. Tradução: Ernani Chaves e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. The 'uncanny'. (1919). In: *The Standard the Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XVII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978. pp. 217-256.
- FREUD, S. The uncanny (1919). In: _____. *The uncanny*. Translated by David McLintock. London: Penguin Books, 2003.
- FREUD, S. Totem and taboo. (1912-1913). In: *The Standard the Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XIII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978. pp. ix-162.
- FREUD, S. Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: _____. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 69-165. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 4).
- FREUD, S. Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci (1910). In: _____. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. 3. reimpr. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Obras completas, 9).
- FREUD, S. Leonardo da Vinci and a memory of childhood (1910). In: FREUD, S. *The uncanny*. Translated by David McLintock. Penguin Books, 2003.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci and a memory of childhood (1910). In: *The Standard the Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978, pp. 57-137.
- GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- GREEN, A. *Revelações do inacabado: sobre o cartão de Londres de Leonardo da Vinci*. Tradução: Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GUTHRIE, W. K. C. *Orpheus and Greek religion*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.
- ISAACSON, W. *Leonardo da Vinci*. Tradução: André Czarnobai. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- KLEIN, M. Early analysis. In: _____. *Love, guilt and reparation and Other works 1921-1945*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1975.
- NATHAN, J.; ZÖLLNER, F. *Leonardo da Vinci - the graphic work*. Köln: Taschen, Bibliotheca Universalis, 2017.
- PONTALIS, J.-B. Préface. In: *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci - Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*. Paris: Gallimard, 1991.
- ROUANET, S. P. *Os dez amigos de Freud*, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SHAPIRO, M. Leonard and Freud: an art-historical study. *Journal of the History of Ideas*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, Volume XVII Number 2, p. 147-178, April 1956.
- VAHLAND, K. *Leonardo da Vinci e o feminino: a representação das mulheres nas pinturas do maior gênio do Renascimento*. Barueri: Século, 2019.
- VASARI, G. *Vidas dos artistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- VEZZOSI, A. *Leonardo da Vinci - The complete paintings in detail*. Munich, London, New York: Prestel, 2019.
- WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2019, p. 108-140.
- WINNICOTT, D. W. Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos [split off]. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p. 134-150.
- ZÖLLNER, F. *Leonardo da Vinci - obra completa de pintura*. Köln: Taschen, Bibliotheca Universalis, 2017.

Recebido em: 13/10/2020

Aprovado em: 23/10/2020

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia
pela UFRJ.
Doutor em filosofia pela UFRJ.
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro
de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Professor do curso de formação psicanalítica
do Centro de Estudos
Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.
Supervisor clínico do Centro
de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.
Coordenador do Grupo
de Trabalho Sobre Neo
e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Ex-professor assistente do quadro principal
do Departamento de Psicologia da PUC-RJ.
Ex-professor adjunto da Faculdade
de Educação da UCP.
Professor titular III dos cursos
de graduação em psicologia e de especialização
em teoria e clínica psicanalítica da UNESA.
Um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise*,
publicação semestral do Círculo Brasileiro
de Psicanálise (CBP).
Presidente do CBP-RJ 2000-2004, 2008-2012
e 2014-2018. Presidente do CBP 2004-2006
e 2017-2021.
Delegado do CBP para a *International Federation
of Psychoanalytic Societies* (IFPS).
Um dos editores regionais para a América do Sul
da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

Endereço para correspondência

E-mail: anchyses@terra.com.br

O Estranho em *Les Contes d'Hoffmann*, de Jacques Offenbach

The Uncanny in Les Contes d'Hoffmann,
by Jacques Offenbach

Daniel Röhe

Resumo

Freud possuía uma vivência pessoal com *Les Contes d'Hoffmann*, ópera de Jacques Offenbach. Ela trata do horror da castração e da frustração amorosa em mais de quatro contos de E.T.A. Hoffmann na adaptação do libretista Jules Barbier. A paixão do personagem Hoffmann por Olímpia pode ser interpretada enquanto uma manifestação do fetichismo. Já Antonia o seduz pelo seu canto e pelo desejo de ser famosa, tal qual uma Hortense Schneider, que interpretou a Helena de uma ópera três vezes citada por Freud. E Giulietta, essa sedutora cortesã representa o papel de uma esfinge – pelos olhos ela ameaça o herói, tal como um Édipo atormentado pelas intrigas familiares. Educado por um tio severo, E.T.A. Hoffmann desenvolveu a sensibilidade artística a partir do contato com a tia Sophie. *Les Contes d'Hoffmann* foi a última contribuição do Maestro de Montmartre, que homenageia aquele que deixou seu registro na história enquanto juiz de direito, escritor e compositor.

Palavras-chave: Ópera, Psicanálise, Estranho, E.T.A. Hoffmann, Jacques Offenbach.

C'est q'un doux rêve d'amour.

LA BELE HÉLLÈNE, ATO II

Introdução

O repertório operístico de Jacques Offenbach (1819-1880), assim como a sua *Les Contes d'Hoffmann*, foram amplamente estudados pela literatura musicológica (cf. DIBBERN, 2002; HADLOCK, 2016). Contudo, ainda que Freud (1919) tenha citado a referida ópera, a literatura psicanalítica pouco lhe prestou atenção. Sabemos de um estudo em alemão publicado em duas partes (GREVE; HÖSSLER, 1988; HÖSSLER, 1988) e de uma análise de Reik (1949) que, infelizmente, tem uma argumentação referente à versão antiga da ópera, na qual a ordem dos “três contos” estava alterada, o que compromete

parcialmente a sua conclusão principal. Fora isso, sabemos de estudos que apenas fazem uma menção curta à ópera, às vezes apenas em notas de rodapé (e.g. RAHIMI, 2013). O curioso estudo de Schneiderman (1983) discute o Ideal do Eu no artigo intitulado *E. Th. A. Hoffmann's 'Tales': Ego Ideal and Parental Loss*. Contudo, ainda que o título nos faça pensar na ópera de Offenbach, é feita apenas uma menção breve a ela.

Les Contes d'Hoffmann teve sua estreia em Paris ao dia 10 de fevereiro de 1881. Dez meses mais tarde, Sigmund Freud e sua irmã, Anna, por pouco não perderam a vida: eles estavam com ingressos para a segunda per-

formance vienense da adaptação alemã da ópera de Offenbach. Ocorre que, naquele dia 8 de dezembro, o *Ringtheater*, localizado entre a *Schottenring* e a *Maria-Theresien-Straße*, em Viena, seria o palco de um trágico incêndio (SÜHNHAUS, 2016). Em 1886, Freud se mudaria para a *Südnhaus* pouco depois de testemunhar uma apresentação de hipnose por um dinamarquês, no prédio residencial construído no endereço do antigo *Ringtheater*, que foi demolido após o incêndio. Ali Freud começaria a constituir família (JONES, 1972).

O documentário *Südnhaus* (2016) nos conta que os eventos entre a *Schottenring* e a *Maria-Theresien-Straße* são páginas macabras na história de Viena. A Áustria procurou reprimir aquele incêndio de sua memória. Nele 386 pessoas morreram. Anos mais tarde, Freud receberia, naquele endereço, a esposa de Eduard Silberstein, Pauline. Segundo o *Neues Wiener Tagblatt*, de 15 maio de 1891, ela sofreu um traumatismo craniano após se atirar da cobertura da *Südnhaus*, e veio a óbito imediatamente (HAMILTON, 2002). Em agosto daquele ano, Freud se mudaria para a *Berggasse 19* (JONES, 1972). Após os bombardeios da Segunda Guerra Mundial, a *Südnhaus* (2016) foi novamente demolida – a placa comemorativa referente à passagem de Freud por lá está, hoje, perdida.

Mas se Freud (1919) retomaria a ópera que incendiou o *Ringtheater* em 1881, ele já havia citado seu compositor em três ocasiões anteriores. Na primeira, Freud ([1899] 2010) comenta a elaboração secundária em relação a um sentimento de perturbação relativa a um conteúdo onírico. Em um verso cantado pela personagem título de *La Belle Hélène* (OFFENBACH, 1865?), ela fala que se “trata de apenas um sonho” (p. 137-139 *apud* FREUD, [1899] 2010, p. 493, tradução nossa), de forma a diminuir a tensão provocada pela cena.

A mesma ópera é novamente citada em *O tema dos três escrínios* (FREUD, 1913), quando Helena, “aquela que ficou muda” (OF-

FENBACH, 1865?, p. 38 *apud* FREUD, [1913], p. 260, tradução nossa), é indicada como a melhor escolha de mulher, em analogia ao escrínio de chumbo no *Mercador de Veneza* e à Cordélia de *Rei Lear*. Reik (1949) chegou a comentar a relação de *La Belle Hélène* com a antologia de E.T.A. Hoffmann. Mas é preciso lembrar que, na primeira, o herói obtém os favores da amante, ao passo que o argumento de *Les Contes d'Hoffmann* fala mais de recorrentes frustrações amorosas e que a solução encontrada pelo herói é a sublimação.

A terceira citação de Freud a Offenbach aparece na sexta das *Lições introdutórias em psicanálise* (FREUD, 1916). Contudo, essa passagem se aproxima mais daquilo que ocorre na citação da *Die Zauberflöte*, de Mozart, em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, [1899] 2010). Isso porque, em ambos os casos, a ópera é citada a partir de um relato do(a) paciente.

Em *Lições introdutórias*, Freud (1916) escreve que, às vezes, “não conseguimos tirar uma música na cabeça” (p. 111). O seu paciente não conseguia esquecer um trecho da ópera de Offenbach (1865?) porque, à época, ele estava consumido por interesses amorosos por uma *Helena* (FREUD, 1916).

Se até 1916, Freud teria optado por citar Offenbach a partir de sua *Hélène*, seu comentário de 1919 é apenas uma passagem curta. Sua análise foca mais no conto do *Homem da areia*, de Ernst Theodor Wilhelm Hoffmann (1776-1822). Juiz de Direito e autor romântico, ele devotou sua vida à música, de forma que estava convicto de que era como compositor que ele entraria para a História (TAYLOR, 1976). Além de obras não publicadas, sabemos de ao menos 85 composições musicais de sua autoria, entre elas, seis óperas completas. Uma delas, a sua *Undine*, estava em cartaz no *Schauspielhaus* em Berlim, quando aquela casa de concertos foi tomada por um incêndio em 1817 (TAYLOR, 1976). Um ano antes, ela foi aplaudida por Ludwig van Beethoven e Carl Maria von Weber (FARIS, 1980)

Freud (1919) comentaria o *Homem da Areia* para estudar a perda dos olhos enquanto metáfora para o terror da castração, ainda que inúmeros contos de Hoffmann lançassem mão de questões oculares (SCHNEIDERMAN, 1983). Freud (1919) não deixa de observar a cena de suicídio de Natanael, muito parecida com a de Pauline Silberstein. Se trocarmos o nome dele pelo dela, não obteremos uma exata descrição para o que ocorre com a paciente de Freud segundo aquele jornal de 15 maio de 1891? – Pauline Silberstein “jaz no pavimento, a cabeça arrebitada” (HOFFMANN, [1816] 1986). Freud (1919) poderia estar refletindo sobre o suicídio da sua jovem paciente, já que ele próprio teria observado questões da vida amorosa de Eduard Silberstein e estudado o suicídio de sua esposa (HAMILTON, 2002).

Cinco anos antes do nascimento de Freud, em março de 1851, Joseph-Jacques-Augustin Ancessy, o diretor do *Théâtre de l'Odéon*, em Paris, compôs música incidental para uma adaptação de contos de E.T.A. Hoffmann. Essa adaptação original foi dividida em cinco atos conforme a leitura de Jules Barbier e Michel Carré. O primeiro criaria ainda uma adaptação musicada por Hector Salomon, em 1867 (cf. HUFFMANN, 1976; KAYE; KECK, 2013). Jacques Offenbach regeu a *performance* da versão de 1851 e sonhou que a obra poderia ser readaptada (FARIS, 1980).

Em 1873, um ano após o falecimento de Carré, aparecem os primeiros registros da colaboração de Offenbach e Barbier para *Les Contes d'Hoffmann*. Em 1875, já existiam planos para uma *performance* na *Salle Favart* e uma primeira versão completa do libreto. Mas a demissão do diretor da *Favart* forçou a transferência da *première* para o *Théâtre de la Gaîté*. Com a falência do *Gaîté*, em 1875, Albert Vizentini intercedeu reformando a casa e o seu repertório, justificando a *performance* de *Les Contes d'Hoffmann*. O agora chamado *Théâtre-Lyrique* anunciou a estreia da ópera para a temporada de 1878, mas infelizmente o teatro fechou as portas em 3 de

janeiro daquele ano (KAYE; KECK, 2013). É como se algo estivesse querendo sair, mas existiam forças opostas: as portas do *Ringtheater* só podiam ser abertas por dentro, o que em parte contribuiu para as mortes de 1881 (SÜHNHAUS, 2016).

Offenbach persistiu e, em 18 de maio de 1879, ofereceu uma *première* em sua residência. Estiveram presentes león Carvalho, o novo diretor da *Salle Favart*, e Franz Ritter von Jauner, do *Ringtheater*. A estreia foi um sucesso, mas Carvalho exigiu inúmeras modificações (KAYE; KECK, 2013). Em agosto de 1880, Jacques Offenbach havia já escrito vários trechos da ópera, mas a orquestração e o Epílogo estavam, supostamente, ainda pendentes. Em 11 de setembro daquele ano, começariam os ensaios para a *première* mundial. Duas semanas depois, Hoffmann teria terminado de escrever o trecho relativo à *Aventura na noite de São Silvestre* (HOFFMANN, [1815] 1873), o ato de Giulietta.

Segundo Kaye e Keck (2013), após o falecimento do compositor, a sua família contratou Ernest Guiraud para finalizar a obra. Junto a Auguste-Jacques Offenbach, filho do falecido, e Jules Danbé, a orquestração e o Epílogo foram concluídos. A estreia da versão completa estava prevista para o dia 5 de janeiro de 1881, o que não ocorreu, de forma que ela foi reagendada para o dia 31. No dia 28, o filho de Carvalho se acidentaria num duelo, obrigando o adiamento por mais uma vez. Em 1º de fevereiro, um ensaio foi realizado com a participação da família de Offenbach. A encenação durou 4 horas e 30 minutos, exigindo cortes ulteriores. O ato referente à *Aventura na Noite de São Silvestre* foi excluído por inteiro, sob protestos de Jules Barbier. Mas era necessário encurtar a obra e preservar os trechos mais relevantes, como a *barcarolle*, integrada no ato referente ao *Violino de Cremona* (HOFFMANN, [1818] 1885).

A *première* oficial em Paris começou com mais de 30 minutos de atraso. E mesmo com o programa terminando próximo à meia-

noite, o público pediu bis da Ária de Olímpia e da *barcarolle*. Para a estreia em Viena foram incluídos novos recitativos oriundos do texto de Barbier para o *Gaîté*, além da inclusão de trechos cortados da estreia parisiense. Após o incêndio, a ópera só retornaria a ser executada na capital austríaca 20 anos depois, quando um futuro paciente de Freud regeria a orquestra na *Wiener Staatsoper* (DIBBERN, 2002). Theodor Reik (1949) descreveu o maestro Gustav Mahler enquanto um mago fabuloso. Reik (1949) resgata de sua memória o relato de que seu pai teria assistido à estreia vienense e que teria sido naquela ocasião que o incêndio teria ocorrido. Seu pai teria escapado da morte ao se atirar por uma janela do *Ringtheater*. Contudo, fontes históricas comprovam que o incêndio não ocorreu na estreia.¹

Ademais, sabemos que, entre 1886 e 1911, a ópera de Offenbach não foi mais executada na *Salle Favart*. Contudo, sabemos de uma *performance* em Paris, no ano 1893, da qual o conto de 1815 foi excluído. Nesse ano, Freud estava em frutífera correspondência com Fliess, além de estar publicando trabalhos sobre histeria e hipnose (JONES, 1972). Mais ainda, sabemos da estreia da ópera na Bélgica, em 28 de janeiro 1887, quando foi impressa uma primeira partitura “completa” para orquestra. Em 25 de maio do mesmo ano, um incêndio na *Salle Favart*, quando da *performance* de uma ópera de Ambroise Thomas, levou à destruição da partitura orquestral de *Les Contes d'Hoffmann*. Felizmente, cópias das anotações originais de Guiraud sobreviveram. Entretanto, assim como na tragédia do *Ringtheater*, muitas pessoas morreram durante a *performance* da ópera de Thomas (KAYE; KECK, 2013).

Em 1904, Raoul Gunsbourg reivindicou a criação do Ato de Giulietta, com orquestração por André Bloch e Pierre Barbier. Essa adaptação reverberou em Berlim no ano se-

guinte com a inclusão da cena do reflexo no espelho. Em 1907, a editora Choudens publicaria sua quinta e definitiva edição com recitativos, que ficou por mais de 80 anos em uso no repertório das casas de ópera pelo mundo.² Em 1976, Antonio de Almeida descobriu 1.250 páginas da ópera na casa dos Offenbach, o que levou à publicação da edição crítica do Dr. Fritz Oeser em 1977. Em 1984, foram descobertos trechos cortados do ensaio para estreia em Paris, que foram leiloados pela Sotheby's e eventualmente doados para a Universidade de Yale. Em 1993, um musicólogo francês descobriu a partitura original para piano referente ao Ato de Giulietta, finalizado poucas horas antes da morte de Jacques Offenbach. Em 2004, foram reveladas cópias das anotações de Guiraud nos arquivos de Paris (KAYE; KECK, 2013).

Entretanto, mesmo com todas as descobertas, a ópera está fadada a ser uma obra incompleta. O método de Offenbach exigia uma adaptação após a estreia, o que era feito mediante uma negociação com a reação do público. Tendo falecido antes da estreia mundial em Paris, jamais saberemos como Offenbach teria repensado *Les Contes d'Hoffmann* (FARIS, 1980).

Sinopse

O Prólogo (Ato I) da ópera inicia-se com uma passagem possivelmente familiar a Freud. Isso porque ela começa com o personagem título em um encontro com Nicklausse, que é a Musa da Poesia usando um disfarce somente revelado no Epílogo (Ato V). Quem se disfarça é Erato,³ a musa da poesia em Virgílio (1908, 7.37), poeta que Freud

1. Por exemplo, sabemos de uma resenha de Eduard Hanslick ([1881] 1984) para a estreia vienense.

2. Essa é a edição de referência para o presente trabalho, ainda que saibamos de outras mais completas e que estão na ordem apresentada na atualidade. Para fins de análise, seguiremos a ordem moderna, ainda que a paginação seja referente à quinta edição da Choudens.

3. Geralmente apenas referida enquanto a Musa da Poesia. Contudo, com base nas qualidades e apoiados pela sua representação na Ópera da Bastilha, em 2016, pensamos se tratar da Musa Erato.

([1899] 2010) conhecia (1908, 7.312). Segundo Freud (1919), o *locus suspectus* (p. 299) [o lugar estranho] é um exemplo de tradução para o *Das Unheimliche*. O mesmo Virgílio (1908) faz alusão ao *Olimpo* enquanto um lugar *distante* (*suspectus Olympum*; 6.579).

É sobre a estranha Olímpia (FREUD, 1919) que o Ato II se debruça. Nesse trecho, sabemos da primeira frustração amorosa narrada por Hoffmann. O herói se apaixona por ela, mas depois vem a descobrir que, apesar de ser toda perfeita, ela era uma maquiagem criada para enganá-lo. Olímpia era uma boneca cujos olhos foram doados por Coppélius, o *Homem da Areia* (HOFFMANN, [1816] 1986). Como nos ensina Freud (1919), como que citando Sófocles, é justamente o problema dos olhos que causa mais inquietação, ao menos no que concerne ao *Homem da Areia*, interpretação que Hoffmann (1976) estende para o restante da ópera e Schneiderman (1983) para toda a obra de E.T.A. Hoffmann. A descoberta ocorre após Coppélius se enraivecer com Spalanzani, o criador da boneca, porque este estava agindo fraudulentamente para com aquele, que então destrói a boneca (HADLOCK, 2016), impedindo o jovem de se realizar na vida amorosa (FREUD, 1919).

O Ato III foi extraído do *Violino de Cremona* (HOFFMANN, [1818] 1885). Mais uma vez Hoffmann se encontraria amorosamente frustrado, mas agora em virtude de um Dr. Miracle. É importante lembrar que o Dr. Miracle aparece originalmente enquanto um personagem do conto de Giulietta, *A Aventura na Noite de São Silvestre*. Portanto, na ópera, ocorre um deslocamento, de um conto para o outro. “Miracle” é a tradução francesa de “*Wunderdoktor, Signor Dapertutto*” (HOFFMANN, [1815] 1873, p. 288), que aparece no original alemão.

Contudo, Dibbern (2002) defende que o médico de Antonia tem inspiração direta em Alban, o *hipnotista* de um conto de 1814. Ocorre a promoção de uma coerência, já que Alban é inspirado no Conde de Cagliostro,

cujas práticas alquímicas nos fazem lembrar das discussões entre o pai de Natanael e o *Homem da Areia*. Nesse sentido, os autores da ópera reforçam a ideia de que as três amadas são a mesma, por partilharem de detalhes de enredo que tornam uma próxima da outra.

A nova paixão de Hoffmann, Antonia, filha do Conselheiro Krespel, padece de uma doença misteriosa. O pai a proíbe de cantar – se ela o fizer, morre. Mas os amantes se encontram secretamente no dueto “*C’est une chanson d’amour*” (OFFENBACH; BARBIER; [1881] 1907, p. 288). Ato contínuo, o Dr. Miracle, como se assumisse a função castradora do *Homem da Areia*, ou enquanto um Mefistófeles, intervém tentando Antonia a cantar. Assim, o fantasma da mãe é evocado, e ele coloca que Hoffmann a deseja apenas por sua beleza e que, para se unir a ele, seria necessário abandonar a glória dos palcos alcançada por ela. Hoffmann a encontra ao final do Ato quando, já seduzida pelo Dr. Miracle, Antonia canta para morrer (HADLOCK, 2016).

No Ato IV da ópera, adaptado a partir da *Aventura na Noite de São Silvestre*, o herói renunciou ao amor e está participando de jogos apostados. Mas quando aparece Giulietta, ele se apaixona novamente, o que ocorre na famosa *barcarolle* “*Belle nuit, ô nuit d’amour*” (p. 196), cantada em dueto com Erato. Nesse Ato, Giulietta é orientada a roubar o reflexo de Hoffmann por meio de um espelho (HADLOCK, 2016), o que nos faz pensar na observação de Freud (1919) acerca de sua estranheza ao observar o próprio reflexo em uma viagem de trem.

Segundo Freud (1919), o seu estranhamento foi oriundo de uma falha no reconhecimento acerca de sua própria autoimagem no espelho. Na ópera, os convidados do casino zombam de Hoffmann quando ele perde o seu reflexo. A sua amada vem a óbito ao tomar o veneno originalmente destinado para Nicklausse (HADLOCK, 2016). É Erato que, no Epílogo da ópera, reclama seu amor junto

a Hoffmann. Trata-se de uma continuação do Prólogo, no qual o Conselheiro Lindorf disputava o amor da *prima donna* Stella com Hoffmann. No Epílogo, por mais uma vez, Hoffmann perde o seu grande amor, mas descobre o valor do seu trabalho.

Don Juan na enoteca

A plateia parisiense estava familiarizada o suficiente com os escritos de Hoffmann para entender que ele incluía questões autobiográficas em seus contos. Mas E.T.A. Hoffmann talvez não tivesse aprovado a releitura de sua biografia na forma grotesca, condensada e deslocada, que a ópera de Offenbach propõe. E ele poderia ter aplaudido a sua música – essa foi a tônica da recepção da estreia em Paris (FARIS, 1980).

Schneiderman (1983) observou que o escritor foi muito cedo separado dos pais, de forma que seus contos são geralmente marcados por frustrações relacionais. Morando com a sua tia Sophie, com quem conviveu após o divórcio da mãe, ele chorava quando ela cantava para a família. A tia querida era também a fonte de expressão emocional, ao passo que Otto-Wilhelm, seu tio, era o responsável pelo lado punitivo da sua criação. Hoffmann, aluno de Immanuel Kant, seguiu a carreira jurídica em paralelo à sua dedicação às artes. Quando da sua ascensão em Posen, ele se encontrou preso a uma cidade culturalmente estéril, o que o levou a se tornar uma espécie de Don Juan. Em 1803, ele escreveria sobre o seu estilo de vida dissoluto. Já em 1814, ele assumiu uma posição na carreira jurídica em Berlim. Ele trabalhava em sua *Undine*, nos dias que ficaram famosos na enoteca de Lutter e Wegener, que servem de palco para o Prólogo e o Epílogo da ópera de Offenbach.

É preciso destacar que Elisabeth Röckel, em 15 de outubro de 1810, realizaria sua estreia no papel de Donna Anna na ópera *Don Giovanni*, de Mozart, no *Bamberger Theater* e que para ela Beethoven iria compor a sua *Für Elise*. E.T.A. Hoffmann (1813) se inspiraria

em Röckel para elaborar o papel da cantriz no seu conto *Don Juan* (KOPITZ, 2015). Em Bamberg, Hoffmann iniciaria sua carreira literária (FARIS, 1980).

É comum que a ópera de Offenbach comece com a apresentação de uma cena de *Don Giovanni*, com a *prima donna* Stella interpretando o papel de Donna Anna (KAYE; KECK, 2013; HADLOCK, 2016). Erato, disfarçada de Nicklausse, de fato canta no Prólogo um verso de *Don Giovanni* “notte e giorno mal dormire” (HUFFMANN, 1976, p. 106), modificando o trecho original citado por Hoffmann (1813) e deixando o personagem-título da ópera furioso. Na ópera de Offenbach, Stella é uma das amadas inatingíveis, e que eventualmente o abandona no Epílogo após a interceptação de uma carta no Prólogo, o que nos faz pensar no *Homem da Areia*. Nesse conto, sua esposa Clara acaba abrindo uma carta que não era para ela, deixando Natanael inquieto.

Na ópera, é Lindorf que abre a carta e toma a chave que seria entregue a Hoffmann. Aqui pensamos também numa alusão indireta à *Noite de São Silvestre*. Isso porque a chave do quarto da cortesã é central no enredo da ópera e apenas uma alusão metafórica ao conto original, no qual não há uma “chave”, mas uma entrada no quarto. A chave simboliza a permissão da cortesã para que isso ocorra. A mesma cena alude ainda ao *Violino de Cremona*. Isso porque Stella é, assim como Antonia, uma sedutora cantriz (HOFFMANN, 1813, [1815] 1873; [1816] 1986; [1818] 1885).

Em *Don Juan* (HOFFMANN, 1813), Dona Anna é uma personagem que causa terror no leitor, talvez mais do que o seu pai, porque, primeiro, ela aparece atrás do assento do protagonista enquanto um fantasma, depois, porque esperávamos ouvi-la cantar novamente. Contudo, a imposição de sua morte nos priva dessa expectativa. A sua missão, na qual ela tragicamente falha, era redimir Don Juan com o seu amor (TAYLOR, 1976). Mas a obsessão amorosa de Don Juan acaba exigindo

do da estátua de pedra uma intervenção mais assertiva (HOFFMANN, 1813).

Para Huffmann (1976), o Prólogo e o Epílogo de *Les Contes d'Hoffmann* representam a vida real do personagem título da ópera. Pensamos que a ambientação na taverna e a relação pessoal do Hoffmann histórico com a Donna Anna de *Don Giovanni* reforçam essa interpretação. Do ponto de vista musical, o trecho do Prólogo representa um Hoffmann enfeitiçado pelas suas três amadas: “*Stella! Trois femmes dans la même femme*” (p. 66). No Epílogo, encontramos uma forma musical semelhante ao trecho anterior em “*Je comprends! [Trois drames dans un drame]*” (p. 315) quando ele faz referência às três amadas dos contos: semicolcheias seguidas por uma semínima. Na segunda passagem, pensamos que Hoffmann realiza uma tomada de consciência acerca de um objeto que o consumiu anteriormente: a intriga e a desilusão amorosa.

Assim, no Epílogo ocorre uma solução diferente dos outros contos da ópera. Ocorre que, a cada conto, o herói avança no reconhecimento do que o aflige, o que culmina no Ato final. Hoffmann não mais fica confuso com a perda do objeto amado porque ocorre uma conciliação entre o belo e o grotesco: ele faz uma renúncia ao que não lhe é apropriado. É nesse ponto que ele atinge uma maturidade e uma compreensão sobre a Musa Erato (HUFFMANN, 1976). Ela representa o triunfo da arte sobre o amor na *transfiguração de Hoffmann* em “*Des passions s'apaise entoi! L'homme n'est plus; renais poète!*” (p. 233).

Pensamos que tais versos, ainda que omitidos de representações modernas da ópera, são os que melhor representam a função da Musa. Eles inclusive são corroborados pelo coro final, quando escutamos um sonoro elogio à escrita enquanto solução para o sofrimento amoroso. Ao contrário do que se poderia esperar, pensamos que a grande mensagem transmitida pela ópera fala de algo oposto ao que é *estranho*.

Se tomarmos a definição do *estranho* desde a citação de Schelling lembrada por Freud, entenderemos que ele é algo sobre o qual tomamos consciência, mas que deveria ter permanecido oculto. É algo que já nos foi familiar e que se torna, estranhamente, consciente. A ópera de Offenbach fala justamente de uma tomada de consciência. Todavia, ela é mais uma apologia à sublimação e ao processo analítico. Ora, se a ópera fala da superação das questões grotescas, pensamos que ela explora reflexões sobre o amadurecimento pessoal que propiciam a Hoffmann a superação de experiências traumáticas em sua vida amorosa. O método para a superação? Na taverna de Luther e Wegener, ele diz para os convivas que irá falar de suas desventuras amorosas. Assim, o destino do personagem Hoffmann se opõe ao de Don Juan (HOFFMANN, 1813), porque o primeiro não se consumiu completamente pelos problemas do amor e se elevou, pela cura da fala e a dedicação à arte (FARIS, 1980).

Olímpia, ou a mulher superficial

No verão de 1891, época de sua mudança para a *Berggasse 19*, Freud estava em transição no seu posicionamento clínico em relação à sugestão hipnótica e ao método catártico (JONES, 1972). Entretanto, quando da mudança para a *Sühnhaus*, ele estava começando a trabalhar com hipnose. Ele só se mudaria para lá após consultar Martha Bernays para saber se ela acreditava nas superstições em torno da *Sühnhaus* – tal como Natanael, que compra a luneta de Coppélius apenas para não constranger sua esposa Clara, que não tinha interesse pela “violenta perturbação de espírito” (HOFFMANN, [1816], 1986), que envolvia o seu temor da castração dos olhos desde a infância (FREUD, 1919).

Na ópera, antes da cena em que Hoffmann adquire a luneta, ele já está enfeitiçado por Olímpia quando canta “*c'est elle, elle sommeille*” (p. 105), em Si bemol menor, em claro contraste com o Fá Maior que o antecede. O canto de Hoffmann ilustra a submissão

daquele que se apaixona à primeira vista sem ponderar os perigos que isso pode causar. Além disso, a sua admiração por Olímpia reverbera o efeito de maravilhamento que a Europa da primeira metade do século XVIII teve para com os autômatos de Jacques de Vaucanson (CASTLE, 1995). Contudo, concordamos com Freud (1919), que apenas a descoberta de Olímpia ser uma boneca não é suficiente para gerar sensação de estranheza. Ainda assim, é preciso lembrar que Freud começa a pensar no *Das Unheimliche* no mínimo ao final do século XIX, de forma que o impacto das invenções de Vaucanson tiveram nele um efeito distante daquele que provocaram os autômatos do século anterior (CASTLE, 1995).

Ademais, concordamos novamente com Freud (1919) na sua interpretação do conto de Olímpia, que oferece uma crítica irônica ao apaixonado. Isso porque ela não fala muito, ainda que seja bela. Mesmo na ópera, quando de sua Ária “*Les oiseaux dans la charmille*” (p. 147), podemos notar um mecanicismo no seu canto. O próprio acompanhamento, na flauta e na harpa, parece imitar um *orgue de barbarie*. Toda a melodia é repetida duas vezes, como se a música gerada pela manivela fosse exatamente duplicada. A tão bem representada boneca poderia ser uma metáfora para a mulher vazia ou mesmo inocente (REIK, 1949; HUFFMANN, 1976).

Quando Freud (1919) comenta o *estranho* em relação ao pensamento onipotente, parece haver uma sugestão de explicação sobre o motivo pelo qual alguém se apaixonaria por Olímpia. Nesse caso, Freud (1919) disserta acerca da aplicação de poderes mágicos (mana) a objetos, o que sugere a presença de um aspecto fetichista⁴ de Natanael/Hoffmann. Nesse contexto, sua meta sexual se destina a um ser inanimado, o que ele pensa poder satisfazê-lo sexualmente – uma “mulher” que só lhe dá prazer! Podemos re-

lacionar o fetichismo com algo que é infantil, porque Natanael/Hoffmann falha na distinção entre objetos inanimados e animados (FREUD, 1919). Isso em parte justifica Jentsch (1906a, 1906b) no sentido da *estranheza* relativa à descoberta de que Olímpia era uma boneca – porque Natanael/Hoffmann se dá conta de seu posicionamento infantil em relação ao mundo. Ele se reconhece como um adulto a brincar com uma boneca.

Notamos que Freud (1919) observa a diferença de gerações para explicar seu entendimento sobre o que é o *estranho*, dando mais atenção ao terror da castração. Mas isso não implica que a tomada de consciência da diferença de gerações não gere também um trauma. Concordamos, por exemplo, com Hentschel (2013), quando ele fala que o *Eralkönig*, tanto de Franz Schubert quanto de Carl Lowe, representa o *estranho* na música. No *Eralkönig*, tanto a voz quanto o piano realçam essa sensação que temos quando nossos “cabelos ficam de pé” (HOFFMANN, [1816], 1986).

Ao final do *lied*, o pai do rapaz encontra o filho morto em seus braços, e isso após primeiro desacreditá-lo quando o segundo alertava que o *Eralkönig* o perseguia. De forma similar ao comentário de Freud (1899/2010) sobre *La Belle Hélène*, ele dizia para o filho que os seres da floresta eram apenas a névoa ou o farfalhar das árvores. Tal fala, que seria típica da infância, é reconhecida com inquietação pelo adulto quando o filho, que o avisou, morre.

Outro detalhe no Ato de Olímpia nos faz pensar no *estranho*. No conto de Hoffmann ([1816] 1986) fala-se de um *trinado*, um artifício musical que aparece de forma proeminente no motivo do início do Ato e que se repete ainda no Coro dos Convidados. No conto original, o trinado marca o desejo de Natanael em dançar com Olímpia. Na ópera, o trinado é evidente no solo de flauta ao início e em meio às vocalizes de Olímpia. Podemos pensar que se trata de um artifício que confere a ela o seu mágico poder sedutor.

4. Seria um caso de “Agalmatofilia”, tal como Von Krafft-Ebing (1886) observou.

O motivo com trinados no coro dos Convidados “*Non, aucun hôte*” (p. 131) tem um clima festivo em claro contraste com o monotônico “*mesdames et messieurs*” (p. 138) de Spalanzani, cantado em Lá Maior. O canto monotônico aparece ainda quando Coppélius descobre que Spalanzani o estava enganando em “*Voleur! brigand! quelle dérouté!*” (p. 166), em Si bemol menor – que ocorre quando ele descobre que o cheque de 500 ducados, oferecido por Spalanzani pelos olhos de Olímpia, não tinha fundo. Coppélius inicia então as maquinacões para a sua vingança, que culminam com a destruição da boneca.

Além da tomada de consciência sobre o trauma da diferença de gerações e a ligação de Olímpia com Spalanzani e Coppélius, um terceiro argumento nos faz pensar, do ponto de vista musical, que Olímpia causa uma sensação de estranheza no Hoffmann da ópera. Três compassos antes de “*Tu me fuis?*” (p. 131) já podemos escutar uma linha melódica tenebrosa nos instrumentos de cordas. Essa ideia musical retorna pouco antes da descoberta de que Olímpia era uma boneca em “*Un automate!*” (p. 184). Ocorre que em “*Tu me fuis?*”, Hoffmann teme perder o seu amor, como se houvesse uma ameaça de castração ligada não à perda dos olhos, mas do objeto de amor. A ideia musical nas cordas aparece justamente antes da ameaça se concretizar. Num primeiro momento ele teme perder algo. Num segundo, o medo se concretiza. E assim, ele perde o seu primeiro amor.

Antonia e o canto da morte

Entre as paixões de Hoffmann, Antonia é a que mais possivelmente pode ser ligada à Stella, porque ambas partilham do dom do canto. Segundo Huffmann (1976), é a inocência de Olímpia e a sedução do canto que atraem Hoffmann para o campo do amor. Contudo, ainda que Antonia possua instrução musical, Hoffmann nega o seu talento, exigindo que ela opte por um estilo de vida sem *glamour*, mais típico de uma *Madame*

Bovary isolada no campo (FLAUBERT, 1857). A solução do casamento formal, ainda que inicialmente ofereça conforto, priva Antonia de se realizar pessoalmente, o que exige dela um excesso fatal. Huffmann (1976) aponta que tanto Hoffmann quanto o pai da cantora são cegos para Antonia, por não reconhecerem o sonho dela de ser cantora lírica.

A versão da ópera contrasta, e muito, com o conto original, no qual o amante de Antonia, ainda que tenha prometido que não faria sua amada cantar, acaba unindo-se a ela em uma cena musical na qual não é possível enxergar quem canta ou toca o piano. Nesse ponto, Antonia já havia aceitado a proibição do pai em não cantar, e um *violino* já havia incorporado a sua voz – o som de suas cordas cantava por ela.

Na versão original, entendemos que tudo que entre nós permanece apenas em pensamento, Krespel, pai de Antonia, tornava em ato. Era um homem de manias excêntricas, que tinha o estranho hábito de adquirir um violino para tocá-lo apenas uma vez, e depois guardá-lo. O conto menciona um violino de Krespel que falava com ele de uma forma estranha, de forma que ele se sentia um mesmerista revelando a arte produzida pelo próprio instrumento. Antonia gostava muito daquele instrumento. Quando de sua morte, o violino se parte em muitos pedaços (HOFFMANN, ([1818] 1885). E eram muitos os olhos com os quais Krespel vigiava sua filha, tal como um Argos Panoptes, cujos olhos são entregues por Hermes a Hera na pintura de Goltzius.

Ainda que a questão ocular apareça enquanto fonte de censura no *Violino de Cremona*, pensamos que ela nos faz pensar não apenas no *estranho* (FREUD, 1919), mas no *Supereu* (FREUD, 1923). Antonia é proibida de cantar, ela não deve ser como a mãe. A ela é aplicada a negação operada pelo verbo *dürfen*, tal como Freud (1923) o fez quando da sua explicação para a formação do ideal do eu – observação que escapa ao registro de Schneiderman (1983). Estranhamente, a proibi-

ção do pai se aplica também ao interesse de Antonia em se casar e ter uma vida social, impedindo-a de se realizar dentro do que é permitido socialmente. Para ela, o que lhe é devido (*sollst du sein*; Freud, 1923, p. 40) é também proibido (*darfst nicht du sein*, p. 40).

No Ato de Antonia podemos pensar também na questão ocular em semelhança com o trauma ligado ao *Homem da Areia* (HOFFMANN, [1816] 1986). Se Hoffmann e Krespel proibem Antonia de cantar, o Dr. Miracle, enquanto marionetista, propõe o contrário. De posse do violino, ele covardemente a compele a cantar. Junto a ele, o fantasma da mãe arranca o sopro da vida de Antonia. Em “*Quelle flamme éblouit mes yeux?*” (p. 349), fala-se um pouco do trauma de Natanael num verso sobre chamas e olhos. O ardor de Antonia e a herança de sua mãe, a voz, a fazem transcender (*suspectus*) a capacidade humana para o canto (HOFFMANN, ([1818] 1885), além de causar a sua queda. Nem as superstições do pai, nem a promessa de amor de Hoffmann fazem com que ela ceda ao imperativo categórico – ela não deve cantar. Segundo Hadlock (2016), o canto da mãe nos remete a outro *lied* de Schubert, que nos remete à roca de fiar, o *Meine Ruh' ist hin*. A referência aqui é a Gretchen, essa apaixonada personagem faustiana que nos faz pensar tanto na mulher domesticada como na transgressora infanticida.

Antonia é como uma metamorfose de Stella, cantriz caprichosa. Uma Hortense Schneider, que reduziu a *Belle Hélène* a características humanas, mas elevou os ensaios a proporções míticas e divinas, em virtude de suas exigências típicas da Angela, a mãe de Antonia no original de E.T.A. Hoffmann. A escolha entre a vida social respeitada e a vida de cantora era o dilema de toda mulher musicista no século XIX. Seduzida pela promessa materna de se tornar uma grande estela dos palcos e enfeitiçada pelo violino do Dr. Miracle, os elementos reprimidos de sua psique ficcional vêm à tona de forma que ela não consegue controlar *isso* que a obri-

ga a cantar. Tal como notamos na biografia de Hortense Schneider, a Antonia da ópera é consumida pelo macabro abraço maternal da morte (HADLOCK, 1994, 2016).

A Cena do Diagnóstico de Antonia também merece atenção. Pouco antes da promessa do Dr. Miracle, de que se Antonia cantar, ela não sobreviverá, Hoffman canta “*Suis-je le jouet d'un rêve? Est-ce un fantôme?*” (p. 314). Presa na cegueira do pai e do amante, a cantora encontra na mãe o amparo fatal para o conflito. Ela sai da cena incestuosa com o pai quando pensa em se casar com Hoffmann. Mas nessa transição ela acaba se fundindo com a mãe na morte, realizando questões homossexuais, tal como Dora, que não escapou à metáfora do galvanômetro, típica do imaginário dos autômatos do século XVIII (CASTLE, 1995). Somente o clínico entende sua dor, que faz uma metáfora que usa um simbolismo similar ao de *Erlkönig* em “*Nas-tu pas entendu, dans un rêve orgueilleux ainsi qu'une forêt par le vent balancée?*” (p. 333-334). No caso, as fantasias de Antonia de ser amada pelo público têm como fonte o desejo de se tornar como a mãe. Mas há uma corrupção, já que pelo canto ela não será curada de sua aflição, uma vez que morre.

Giulietta, ou o enigma do espelho

Se Antonia e sua mãe foram criadas a partir da inspiração em Hortense Schneider, é Giulietta, a terceira paixão de Hoffmann, que nos faz pensar mais no papel social que a soprano francesa ocupou – o de uma das *demimondaine*, estrela do palco sustentada por ricos homens muito interessados na beleza delas. Havia uma corrupção moral e espiritual em Paris, muito ilustrada na pena de Émile Zola (HADLOCK, 1994). O mesmo Zola é lembrado por Freud (1916) na sua Lição 17, quando fala da degeneração que aflixe mesmo os grandes homens como E.T.A. Hoffmann.

Giulietta é uma cortesã com grande poder de sedução. Ela já havia enfeitiçado Schlémil quando Hoffmann entra em sua vida. É com

Schlémil que Hoffmann duelaria pela chave do quarto da cortesã. E se a perda da sombra de Schlemil já pode nos provocar uma sensação de horror, um outro objeto nos faz pensar no *estranho* (CASTLE, 1995). Para Freud (1919), tanto as sombras quanto os espelhos são associados ao fenômeno do duplo: o *Doppelgänger*.

Mas, se na ópera já somos impostos a esses objetos que causam a sensação de estranheza, somos comovidos também por uma operação de castração em relação ao duplo. Na sua doce *Ária do Diamante*, Dapertutto descreve a joia enquanto um espelho que prende a cotovia – é nessa ária do Ato de Giulietta que se faz menção a uma ave, diferentemente dos dois outros atos, quando Olímpia e Antonia falam do amor desde uma metáfora aviária. E se ocorre esse intrigante deslocamento da dita metáfora no Ato de Giulietta, Huffmann (1976) destacou que Dapertutto é o único vilão que não tem motivo evidente para frustrar Hoffmann: Coppélius quer também algo de Spalanzani, o Dr. Miracle quer Antonia, mas Dapertutto deseja apenas o reflexo de Hoffmann.

Estaria o motivo de Dapertutto encerrado por um enigma? Ele canta: “*Allez!... pour te livrer combat les yeux de Giulietta sont une arme certaine*” (p. 216), numa alusão aos olhos da cortesã. Já Hoffmann, em sua “*Que d’un brûlant désir*” (p. 203) não deixa de jogar com uma condensação poética entre os termos “*deux beaux yeux*” (p. 207) e “*chants joyeux*” (p. 206-207), com amplo uso de cantos monotônicos e uma metáfora incendiária.

Nesse trecho, Hoffmann fala do efeito que os olhos da cortesã têm sobre ele – eles põem em chamas o seu coração, metáfora que pode aludir ao *Homem de Areia* em um sentido distante, já que nos é mais familiar o uso das chamas para designar as paixões ardentes. Ao sucumbir à sedução de Giulietta, Hoffmann entrega seu reflexo para esse objeto que, junto aos barômetros e galvanômetros, havia se tornado uma parte essencial da decoração doméstica no início do século XVIII. No

século seguinte, numa cena de *Madame Bovary* (FLAUBERT, 1857), o barômetro e o espelho são associados à sexualidade feminina. Em uma cena de fúria de Madame Bovary, o barômetro, tal como o *Violino de Cremona*, se quebra em muitos pedaços. E o que dizer da superstição sobre espelhos quebrados? E a boneca despedaçada?

Segundo Castle (1995), espelhos foram gradualmente introduzidos nos ambientes domésticos a partir da Idade Média, e eles fomentaram o sentimento do individualismo burguês mais do que qualquer dogma religioso ou corrente filosófica. Ademais, o espelho permite a autocontemplação, realça a experiência do *duplo* e promove a ampliação da consciência de si mesmo. Para Freud (1919), o duplo gerado na imagem especular garante uma certa segurança ao Eu. A autocontemplação, de fato, só é possível graças a essa faculdade de podermos observar a nós mesmos. Certa vez, Freud (1919), numa viagem de trem, se deparou com a presença de um outro que lhe causou grande estranheza. Como se desmentisse o princípio da incerteza intelectual (JENTSCH, 1906a, 1906b), Freud (1919) alega que o seu desgosto em relação ao seu reflexo, que ele falhou ao reconhecer o que era em realidade, é um vestígio do que se entende por *estranho*.

Segundo Huffmann (1976), é na cena da perda do reflexo que Hoffmann se encontra em perturbação psicológica próxima à que ele vive na Cena do Diagnóstico no Ato de Antonia e na mirada de Olímpia com os óculos de Coppélius. Não se trata, portanto, de uma estranheza meramente provocada pelo vislumbre do seu duplo, mas da perda do que é *familiar* a todos que se olham no espelho. A perda do reflexo é associada a uma figura literária já muito estudada pela psicanálise,⁵ a do vampiro. Ainda que desconhe-

5. Além de quatro estudos de Maria Bonaparte, Melanie Klein e Heinrich Racker estão entre os autores psicanalistas das mais de cinco centenas de contribuições que comentam o problema em questão. Von Krafft-Ebing (1886) também estudou alguns casos de *vampirismo*.

çamos qualquer indicação sobre Dapertutto ser uma espécie de vampiro, em *Vampirismus* (HOFFMANN, [1819] 1892) sabemos de uma mulher a quem não se recomenda amar. Com olhos privados pela faculdade da visão, a vampira detesta a luz. Ela pertence ao folclore do Conde Drácula que, segundo Stoker (1897), não possuía reflexo no espelho. Nesse sentido, pensamos que o Ato de Giulietta ilustra, de forma disfarçada, o interesse de Dapertutto por Hoffmann. Ao torná-lo homem sem reflexo no espelho, Dapertutto estaria ocultamente se alimentando, canibalisticamente, de Hoffmann. Se nossa hipótese é verdadeira, Hoffmann não perde somente o reflexo, mas todo o seu sopro de vida.

Mesmo que deixemos de lado a especulação sobre a identidade real de Dapertutto, *Vampirismus* (HOFFMANN, [1819] 1892) nos oferece uma reflexão que pode explicar a diferenciação teórica de Freud (1919) em relação a Jentsch (1906a, 1906b). Hoffmann ([1819] 1892) nos conta que a ideia de algo causa mais horror do que a coisa ela mesma. Segundo Cixous (1976), Jentsch (1906a, 1906b) procura pelo *Unheimliche* apenas na vida cotidiana, ao passo que Freud (1919) estuda também os casos da Literatura. Segundo Hoffmann ([1819] 1892), para provocar horror não é preciso um vampiro: basta uma ideia simples, como a de uma mera boneca. É na construção do texto que o autor consegue transformar isso que é simples em algo que causa a sensação de horror. Nesse sentido, pensamos que a ansiedade ligada à castração não pode ser pensada fora do contexto literário em que ela aparece: não é a incerteza intelectual que causa a inquietante estranheza, mas ela participa do jogo literário que emula o terror da castração.

Mas é em outra criatura fabulosa ainda mais familiar à psicanálise que pensamos durante o Ato de Giulietta. Hadlock (1994) destaca que Giulietta é a única paixão de Hoffmann que não possui um momento de *prima-donna*. Sua sedução é feita pelos olhos. Pensamos na esfinge, que cantava

enigmas. Ela enfeitiçava todos que tentassem algo dela. Da Grécia no século V a.C. sabemos do cílice do Vaticano (H 569), do Pintor de Édipo, que ilustra o confronto escópico, tradição iconográfica que representa o embate não por meio do enigma, mas pela sedução mortífera do olhar. O enigma envolve um desafio intelectual, e exige que o herói não seja seduzido sexualmente por quem proferiu o enigma.

Quando Giulietta canta “*Je le veux, sagesse ou folie*” (p. 235), ela convence Hoffmann de que ele deve entregar seu reflexo no espelho para ela. O verso cantado por Giulietta tem o mesmo motivo musical cantado por Krespel em “*Misérable assassin*” (p. 317), quando o conselheiro acusa o Dr. Miracle de ter causado a morte de sua esposa, sugerindo ainda uma ansiedade de perder a filha. Não é algo similar que teme Hoffmann ao não ceder aos caprichos da cortesã? Ela entende que o preço pelo seu amor envolve algo que é de ordem pessoal para ele. Infelizmente, para o herói, tudo não passava de um estratagema, Giulietta não queria o seu amor, mas sim o diamante oferecido por Dapertutto. Ela o abandona em uma gôndola, rindo do poeta na *barcarolle* – e morre envenenada.

Conclusões

Em 1872, Jacques Offenbach viveria a estreia do primeiro de seus *Contos de Hoffmann* musicado. Na ocasião, *Le Roi Carotte*, da mesma coletânea de *Vampirismus*, fala de uma joia roubada, tal como o cobiçado diamante de Dapertutto. Mas a Ária de Giulietta encontra suas origens em uma obra ainda mais antiga de Offenbach (1864) – a sua *Die Rheinnixen*. A *barcarolle* foi originalmente composta para essa obra em que a heroína Armgard morre cantando tal como Antonia – mais um exemplo de condensação dos contos de Hoffmann.

Pensamos que *Les Contes d'Hoffmann* encerra não apenas três mulheres, tal como Reik sugeriu. Além de citações diretas ao *Homem da Areia*, o *Violino de Cremona* e à

Aventura na Noite de São Silvestre, sabemos de citações diretas ou indiretas de contos de Hoffmann, como *Don Juan*, *Kleinzach*, *Der Goldne Topf*, *Die Hypnotiste*, *Le Roi Carotte*, *Vampirismus*, *Die Automate* e *Datura Fastuosa*, entre outros que se associam semanticamente a eles, em especial quando falamos de uma força diabólica à qual o herói deve se opor (TAYLOR, 1976). A ópera de Offenbach se realiza por meio de operações de condensação e deslocamento entre várias obras de Hoffmann e a sua história pessoal.

Destacamos também que a lógica de Reik é frágil se observamos a frustração amorosa com Stella porque ela é a quarta mulher com quem Hoffmann se decepciona, ainda que ela não deixe de guardar semelhanças com as amadas de outros contos, nos quais personagens paternos fantasmagóricos sempre intercedem para proibir Hoffmann de se realizar amorosamente. Seria o caso de emprestar de Schneiderman a questão do Ideal do Eu e supor que a mulher amada é sempre uma variante da mãe – e não somente Olímpia, como Reik sugere. Nesse sentido, o pai sempre impõe uma proibição. Os contos de Giulietta e Olímpia, em especial, sustentam essa análise porque são os únicos em que Hoffmann estava comprometido com uma mulher com quem vivia sua vida burguesa modesta.

No ato de Antonia, sua frustração amorosa se deve justamente à ligação a uma amada a qual ele é incapaz de convencer a viver a vida prometida a uma *Madame Bovary* – a retórica do Dr. Miracle é mais eficaz. No Ato de Antonia, Hoffmann, ainda que não realize sua própria fantasia incestuosa, falha em impedir a manifestação da transgressão interdita pelas leis de parentesco – falha similar à que se aplica a Dona Anna, exigindo que um convidado de pedra, tal como um Drácula na porta de seu castelo, aplique o seu castigo. Em Sófocles (1883, 1265-1284), Édipo sofre a perda da mulher amada, porque ela é a mãe, e a Édipo não é devido amá-la com o pênis. Ao descobrir sua identidade, ele fere os seus olhos. Com Hoffmann, notamos que

o terror da castração está implicado também na perda da mulher amada.

Via de regra, pensamos no conceito do *estranho* não apenas desde a leitura historiográfica de Terry Castle. Interpretamos a criação de um gênero literário e o seu efeito no leitor. Assim, o Romantismo alemão de E.T.A. Hoffmann faz emergir o gênero do horror gótico, cuja finalidade é gerar desconforto e arrepio no leitor, como no caso das obras das irmãs Brontë, Poe, Doyle e Stevenson. Mesmo que o romancista parta de uma ideia simples, como uma boneca, o leitor é capaz de sentir uma sensação que evoca suas ansiedades de castração vividas na infância. Um grande t(r)emor é sentido, em especial quando o leitor chega às frases finais do conto. É assim que, mesmo aquilo que é mais familiar, promove a sensação de estranheza.

Mas afinal, porque Freud (1919) citou *Les Contes d'Hoffmann*? Primeiramente, o ambiente cultural envolvido pelo horror gótico sem dúvida influenciou o início de sua prática clínica – em especial, a hipnose, método que Freud usou após seguir a trilha científica aprendida em Paris, diga-se de passagem, antes de morar no endereço do *Ringtheater*. Por um lado, a temática de *Les Contes d'Hoffmann* está diretamente relacionada com o início de sua prática, a qual ele acaba abandonando em prol da associação livre. Por outro, pensamos que sua experiência clínica não o abandonou por completo ao longo dos cerca de 40 anos entre a estreia da ópera de Offenbach e a publicação de *Das Unheimliche*. Por exemplo, quando Freud (1919) fala do mau-olhado, é difícil não pensar na ópera de Offenbach (REIK, 1949).

No seu Prefácio, James Strachey (1955) se assume incapaz de datar quando Freud iniciou sua escrita sobre o tema. Talvez seja um excesso de especulação propor que o germe para *Das Unheimliche* (Freud, 1919) esteja na vivência pessoal de Freud com o incêndio no *Ringtheater*. Contudo, notamos que há algo de estranho com *Les Contes d'Hoffmann*, mas por uma razão musicológica.

Via de regra, leituras psicanalíticas sobre óperas e seus compositores buscam pelas representações de questões biográficas que são traduzidas para a obra. Por exemplo, Schwartzman (2016) estudou a biografia de Claude Debussy para explicar passagens de sua *Pelléas et Mélisande*. Contudo, ocorre que *Les Contes d'Hoffmann* foi composta para um público já muito familiarizado com a tradução biográfica do próprio E.T.A. Hoffmann para os seus contos góticos. E ainda que a ópera apresente variantes grotescas da sua biografia, não deixa de fazer alusão a questões pessoais de Hoffmann, como a sua separação da mãe, ainda enquanto jovem. E que um tio cruel exerceu a função de criá-lo junto a uma tia (FARIS, 1980). Ademais, não é apenas o conteúdo da ópera que está permeado de elementos *estranhos*, mas a própria história fantasmagórica do endereço que abrigou uma casa de ópera vienense. A questão íntima de Freud com *Les Contes d'Hoffmann* implica que estudos ulteriores devam explorar outros detalhes dessa e de outras óperas do Maestro de Monmartre.

Abstract

Freud had a personal experience with Les Contes d'Hoffmann, opera by Jacques Offenbach. The opera deals with the horror of castration and the sufferings of love in more than four tales by E.T.A. Hoffmann in the adaptation by the librettist Jules Barbier. The passion of the character Hoffman by Olympia might be interpreted as a manifestation of fetishism. As of Antonia, she seduces by means of her singing and by the desire of being famous, just like Hortense Schneider, who interpreted Helen in an opera thrice quoted by Freud. Giulietta was a seductive courtesan who represents the role of a sphinx – by her eyes she threatens the hero, an Oedipus tormented by his family issues. Educated by a severe uncle, E.T.A. Hoffmann developed artistic sensibility through his aunt Sophie. Les Contes d'Hoffmann was the last play by the Maestro of Monmartre, who pays his tribute to the one who left his mark in History as a Supreme Court judge, writer and as a composer.

Keywords: Opera, Psychoanalysis, Uncanny, E.T.A. Hoffmann, Jacques Offenbach.

Referências

- CASTLE, T. *The Female Thermometer: Eighteenth-Century Culture and the Invention of the Uncanny (Ideologies of Desire)*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- CIXOUS, H. Fiction and Its Phantoms: A Reading of Freud's Das Unheimliche (The "Uncanny"). *New Literary History*, Baltimore, v. 7, n. 3, p. 525-548, 1976.
- DIBBERN, Mary. *The Tales of Hoffmann: A Performance Guide (Vox Musicae Series, 5)*. Hillsdale: Pendragon Press, 2002.
- FARIS, A. *Jacques Offenbach*. London & Boston: Faber & Faber, 1980.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Paris: Michel Levy Freres, 1857.
- FREUD, S. *Das Ich und Das Es*. Leipzig, Wien und Zürich: Internationaler Psycho-analytischer Verlag, 1923.
- FREUD, S. Das Motiv der Kästchenwahl. *Imago*, Viena, v. 2, n. 3, p. 257-266. 1913.
- FREUD, S. Das unheimliche. *Imago*, Viena, v. 5, n. 5-6, p. 297-324, 1919.
- FREUD, S. *The Interpretation of Dreams*. The Complete and Definitive Text Translated and edited by James Strachey (1899). New York: Basic Books, 2010.
- FREUD, S. *Vorlesungen zur einföhrung in die psychoanalyse*. Zweiter teil: Vorlesung V-XV (Der Traum). Leipzig und Wien: Hugo Heller, 1916.
- GREVE, G.; HÖBLER, K. Von den Erzählungen E.T. A. Hoffmanns zu J. Offenbachs Oper: Hoffmanns Erzählungen". Psychoanalytische Überlegungen zu Dichtung und Musik. *Jahrbuch der Psychoanalyse*, Stuttgart, v. 23, p. 261-274. 1988.
- HADLOCK, H. *Mad Loves: Women and Music in Offenbach's Les Contes d'Hoffmann*. Princeton: Princeton University Press, 2016.
- HADLOCK, H. *Return of the repressed: The prima donna from Hoffmann's Tales to Offenbach's Contes*. *Cambridge Opera Journal*, Cambridge, v. 6, n. 3, p. 221-243. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954586700004316>.
- HAMILTON, J. W. Freud and the Suicide of Pauline Silberstein. *Psychoanalytic Review*, Nova Iorque, v. 89, n. 6, p. 889-909. 2002. DOI: 10.1521/prev.89.6.889.22099.
- HANSLICK, E. Hoffmanns Erzählungen: Phantastische Oper von Offenbach: Erste Aufföhrung in Wien 1881 [1881]. In: CSAMPAI, A.; H. DIETMAR (eds.). *Hoffmanns Erzählungen: Texte, Materialien, Kommentare*. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch, 1984, p. 245.
- HENTSCHEL, F. Musik un das unheimliche. *Archiv für musikwissenschaft*. Stuttgart, v. 73, n. 1, p. 9-50. 2016.
- HOFFMANN, E. T. A. Abentheuer der Sylvester-Nacht [1815]. In: HOSEMANN, T. (ed.). *Gesammelte Schriften*. Berlin: Georg Reimer, 1873. v. VI, p. 270-299.
- HOFFMANN, E. T. A. Don Juan. Eine fabelhafte Begebenheit, die sich mit einem reisenden Enthusiasten zugetragen. *Allgemeine Musikalische Zeitung*. Leipzig, n. 13, p. 213-228, mar. 1813.
- HOFFMANN, E. T. A. *O homem da areia* (1816). Tradução: A. Quintella. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1986. ISBN: 978-85-7980-002-3.
- HOFFMANN, E. T. A. The Cremona Violin [1818]. Translation: J. T. Bealby. In: BEALBY, J. T. (Ed.). *Weird Tales by E. T. W. Hoffmann*. New York: Charles Scribner's Sons, 1885, p. 1-31.
- HOFFMANN, E. T. A. *The Serapion Brethren* [1819]. Translation: A. Ewing. London: George Bell & Sons, 1892, vol. II.
- HÖBLER, K. II. Hoffmanns Gestalten in Offenbachs Oper. *Jahrbuch der Psychoanalyse*. Stuttgart, v. 23, n. 275-287, 1988.
- HUFFMANN, R. S. Les Contes d'Hoffmann: Unity of Dramatic Form in the Libretto. *Studies in Romanticism*. Baltimore, v. 15, n. 1, p. 97-117, 1976.
- JENTSCH, E. Zur Psychologie des Unheimlichen. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*. Halle, v. 8, n. 22, p. 195-198. 1906a.
- JENTSCH, Ernst. Zur Psychologie des Unheimlichen. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*. Halle, v. 8, n. 23, p. 203-205. 1906b.
- JONES, E. *Sigmund Freud Life and Work: The Young Freud 1856-1900*. v. I. London: The Hogarth Press, 1972.

KAYE, M.; KECK, J.-C. *Les Contes d'Hoffmann*. Critical edition. Mainz: Schott Music, 2013.

KOPITZ, K. M. Beethovens »Elise« Elisabeth Röckel Neue Aspekte zur Entstehung und Überlieferung des Klavierstücks WoO 59. *Die Tonkunst*. Weimar, v. 9, n. 1, p. 48-57. 2015.

OFFENBACH, J. *La Belle Hélène*. Opéra bouffe en 3 actes. Paris: Heugel, 1865?

OFFENBACH, J. *Les Fées du Rhin (Die Rheinnixen), Klavierauszug* [1864]. Mainz: Schott Music, 2007.

OFFENBACH, J.; BARBIER, J. 1907. *Les Contes d'Hoffmann* [1881]. 5. ed. Paris: Choudens.

OFFENBACH, J.; SARDOU, V. *Le Roi Carotte. Opéra-bouffe-féerie en 4 Actes 18 Tableaux*. Paris: Choudens, 1872.

RAHIMI, S. The ego, the ocular, and the uncanny: why are metaphors of vision central in accounts of the uncanny? *International Journal of Psychoanalysis*. Londres, v. 94, n. 3, p. 435-476, jun. 2013. DOI: 10.1111/j.1745-8315.2012.00660.x

REIK, T. The three women in a man's life. *American Imago*. Baltimore, v. 6, n. 4, p. 245-259, dez. 1949.

SCHNEIDERMAN, L. E. Th. A. Hoffmann's "Tales": Ego Ideal and Parental Loss. *American Imago*. Baltimore, v. 40, n. 3, p. 285-310, 1983.

SCHWARTZMAN, G. Claude Debussy's opera Pelléas et Mélisande: Secrecy, mystery and ambiguity in Debussy's life and art. *International Forum of Psychoanalysis*. Estocolmo, v. 25, n. 1, p. 31-39, 2016.

SOPHOCLES. Οιδίπους Τύραννος. Trad. de Sir Richard Jebb. In: R. Jebb (ed.). *Sophocles, the plays and fragments*. With critical notes, commentary and translation in English prose. Cambridge: Cambridge University Press, 1883, v. I, p. 20-278.

STOKER, B. *Dracula*. Londres: Archibald Constable and Company, 1897.

STRACHEY, James. Editor's Note to "The 'Uncanny'". In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1955. v. XVII, p. 218.

SÜHNHAUS. Direção: Maya McKechney. Produção: Oliver Neumann e Sabine Moser. 2016. 1 vídeo (94 min.). Film Fonds Wien/Bunderskanzleramt

Österreich/FISA filmstandort austria/ORF Film/Fernseh-Abkommen/freibeuter film/Filmladen. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/houseofatonement>.

TAYLOR, R. Music and Mystery: Thoughts on the Unity of the Work of E. T. A. Hoffmann. *The Journal of English and Germanic Philology*, Champaign, v. 75, n. 4, p. 477-491, out. 1976.

VIRGIL. *The Æneid of Virgil*. Trad. de T. C. Williams. Boston: Houghton Mifflin Company; Cambridge: The Riverside Press Cambridge, 1908.

VON KRAFFT-EBING, R. *Psychopathia Sexualis*. Eine Klinisch-Forensische Studie. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1886.

Recebido em: 12/10/2020

Aprovado em: 20/11/2020

Sobre o autor

Daniel Röhe

Psicólogo pela Universidade de Brasília.

Mestre em Psicologia

pela Universidade Católica de Brasília.

Doutor em Psicologia Clínica e Cultura

pela Universidade de Brasília.

Pesquisador da interface entre psicanálise e música, com foco em ópera.

É autor publicado no *International Forum of Psychoanalysis*.

Oferece serviço de psicoterapia voltado para o público adulto em Brasília (2013-)

Endereço para correspondência

E-mail: psicologo.rohe@gmail.com

Tradução e psicanálise: a experiência do intervalo

*Translation and psychoanalysis:
experiencing hiatus*

Manuela Dumans e Mello Costeira

Resumo

O presente trabalho pretende articular noções ligadas à clínica psicanalítica com o ofício da tradução. O objetivo é apresentar a semelhança da “escuta” nessas duas práticas no que se refere tanto à busca da verdade quanto aos limites da interpretação.

Palavras-chave: Psicanálise, Tradução, Escuta, Estranho-familiar, Verdade.

Introdução

A relação entre tradução e psicanálise vai além dos desafios e das querelas em torno da passagem das obras de Freud de uma língua para outra. Em psicanálise, na prática clínica de todos os dias, lida-se com tradução tanto quanto em editoras de livros. Seja na passagem do recalcado para a consciência, seja na transformação do signo em sofrimento corporal, seja na interpretação do conteúdo manifesto dos sonhos ou de uma fobia, o psicanalista se depara com a necessidade de entrar em comunicação com um idioma estrangeiro. Assim como o tradutor literário, ele trabalha nos deslocamentos. É nessa experiência entre dois meios que se faz possível a criação – a partir das perdas inevitáveis e da singularidade de cada encontro.

A questão da língua e de seu atravessamento de fronteiras gera impasses que ultrapassam um acordo entre as partes. Não se trata de uma cópia fiel com palavras equivalentes. Trata-se de permitir a inclusão desse imigrante, respeitando sua língua e sua cultura de origem bem como as particularidades da língua de chegada.

Quem se interessa pela obra de Freud sabe que conceitos como *Trieb*, *Phantasie*,

Angst, *Verdrängung* tiveram uma travessia turbulenta até a chegada na língua portuguesa. Outros, como *Das Unheimliche*, mesmo em alemão, quando traduzido ‘da cabeça de Freud’ para a ‘teorização escrita de Freud’, necessitou de um grande apanhado epistemológico por parte do autor, tanto para justificar a escolha do termo quanto para embasar uma teoria importante para a psicanálise, que ficou conhecida em português como “O estranho”, o “Infamiliar”, “O inquietante”.

Em psicanálise, esse ofício da escuta, a comunicação não se estabelece de forma linear, temporal, transparente. Aquilo a que se chama de interpretação e que está no centro da técnica freudiana, não é tampouco um processo de equivalências, em que se favorece a passagem de uma recordação patogênica de um meio para outro de forma absoluta, ou se decifra um mistério em sua integralidade. O psiquismo inconsciente, entendido como objeto da psicanálise, tem uma linguagem própria e estrangeira à racionalidade. Traduzi-lo demanda sair da opacidade da busca de sentidos e aceitar a etiqueta de traidor, corroborando a conhecida expressão italiana “*Traduttore, traditore*”, em que a infidelidade ao original passa pelo ato de reconstituição

de um passado, mais do que sua recuperação idônea.¹

Em *A interpretação dos sonhos*, livro publicado em 1899 com a data 1900, Freud funda a psicanálise através daquilo que chamou de “estrada real que conduz ao inconsciente”, referindo-se ao sonho e, com isso, à consolidação dos fundamentos da teoria psicanalítica. Traduzir ou interpretar um sonho significa reconstruir uma linguagem que passou por instâncias psíquicas distintas, ou seja, por “traduções internas”, até chegar ao discurso falado pelo sonhante e que agora precisa “fazer o caminho de volta” para ser traduzida. O objetivo da tradução do sonho é chegar à língua de origem, ao conteúdo latente, através de uma fala que descreve um enredo manifesto, cujos elementos principais estão deslocados, condensados ou velados. Assim como na tradução literária haverá sempre uma perda inevitável na passagem de uma língua para outra, em psicanálise haverá sempre aquilo que Freud chamou de “umbigo do sonho”, ou seja, o enigmático, o intraduzível. A presença desse desconhecido, ou melhor, desse estranho-familiar sem possibilidade de representação pela palavra é inerente aos processos de tradução. Um elemento que permanece no intervalo e que jamais atravessará a fronteira final.

É relevante pensar que tal elemento “estranho”, e verdadeiramente estrangeiro, seja aquilo que a língua veicula de mais autêntico. O tradutor Pedro Heliodoro Tavares, ao comentar justamente a tradução para o português do conceito *Das Unheimliche*, aponta o aspecto “intraduzível” da palavra e cita um fragmento de Bárbara Cassin (2019, p. 8): “[...] o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) tra-

duzir”. Para Tavares, o intraduzível é o grande sintoma da diversidade das línguas.

Diante dessas premissas, seria interessante pensar no lugar da verdade da palavra. De que verdade se trata em psicanálise? Qual verdade de um texto original é veiculada em sua tradução para uma língua estrangeira? A intérprete Márcia Atália Pietroluongo (2013) faz uma sensível descrição de sua experiência profissional que me pareceu pertinente para ilustrar esta questão. Ela diz:

[...] há nesta experiência particular de relação – a interpretação – uma espécie de pequena morte, não tanto no sentido do orgasmo, como a expressão é conhecida em psicanálise, mas no sentido de um *intervalo*, de um entrelínguas vertiginoso, que é o lugar próprio a que acede o intérprete no instante mesmo de sua escuta, de sua elocução. E há aí um aparente paradoxo, pois quanto ele mais se enraíza no espaço-tempo daquele evento discursivo mais parece se circunscrever num fora, num tempo e espaço outros, cunhados pela vertigem.

A suposta ‘verdade’, que é não cópia fiel do original, mas uma construção provocada no momento do encontro entre duas subjetividades, manifesta-se na experiência do intervalo, como um espaço de criação. Tal zona de convergência e de circulação parece tão fértil quanto (ar)riscada, já que demanda entrega e abandono mais do que força para irromper uma barreira e se chegar do outro lado. Assim, a proposta deste texto é articular os ofícios da tradução e da psicanálise naquilo que há de ‘estranho’ e ‘verdadeiro’ na atividade de deslocar elementos de um mundo e incluí-los num outro.

Do estrangeiro ao familiar: uma via de mão dupla

Existem três tipos de estrangeiro: aquele que adentra legalmente um território alheio; aquele que não consegue atravessar a fronteira por seu caráter intransponível, permane-

1. Pode-se falar que tal traição tenha inclusive passado pela tradução do termo *Deutung* do alemão, que nas línguas românicas ganhou o significado de interpretação. Como citam Laplanche e Pontalis, o termo em alemão aponta para a determinação de um significado, enquanto que “interpretação” abre espaço à subjetividade e até a ideia de arbitrário.

cendo do lado de fora; e aquele que deveria permanecer de fora, mas irrompe a barreira e chega ao outro lado clandestinamente. Aqui vamos falar sobretudo dos dois últimos, ou seja, de limites e transgressões.

Tanto a língua de origem quanto a língua de chegada geram resistências numa tradução. Enquanto uma teme dar lugar ao estrangeiro e ter sua integridade identitária ameaçada, a outra resiste em se desvelar (e se perder?) por inteiro. Em psicanálise a resistência também está associada ao atravessamento de uma fronteira, no caso, a do inconsciente. Ela aparece como obstáculo à elucidação dos sintomas e, quanto mais o trabalho psicanalítico se aproximaria do núcleo patogênico, mais defesas são erguidas para impedir essa passagem. No psiquismo, elementos íntimos mas estrangeiros à consciência viverão de forma clandestina nesse limbo entremundos até encontrar (ou não) uma forma de liberdade do lado de fora.

Nesse contexto, conhecido e desconhecido aparecem como opostos. Muitas pessoas que dominam uma língua estrangeira dizem, mesmo assim, preferir ler o texto traduzido para sua língua materna. Podemos atribuir a isso o incômodo que produz o estrangeiro e, por outro lado, o conforto que sentimos diante do que nos soa familiar.

Freud aprofundou a dicotomia estrangeiro/familiar através de um artigo publicado em 1919, no qual apresentou a teoria de que o desconhecido que causa inquietude é justamente o chamado estranho-familiar, ou seja, aquele estrangeiro que há muito habita do outro lado da fronteira e que, repentinamente e sem autorização prévia, irrompe na consciência produzindo a experiência do horror, do medo, da angústia.

O termo *Das Unheimliche*, que define tal sentimento aterrorizante é, segundo o tradutor Pedro Heliodoro Tavares (2019), o vocábulo freudiano que apresenta o maior número de variantes em traduções. A escolha de Freud por essa palavra-conceito foi laboriosa. *Heimlich* aponta para o que é ín-

timo, o que é familiar. *Unheimlich*, sua negação. E quando admitimos que a negação não opera no inconsciente, *Heimlich* torna-se aquilo que fora recalcado em *Unheimlich*. Daí a noção de algo estranho mas conhecido e íntimo, que irrompe na consciência e nos aterroriza.

Ao criar o conceito de *Das Unheimliche*, Freud tenta nomear e traduzir algo que no sujeito não se faz representar positivamente. Algo da ordem do sobrenatural e que traz também a questão do “duplo” do sujeito. O duplo em psicanálise está associado não só ao narcisismo mas também àquele que nos é oculto dentro de nós. Um desconhecido que nos habita. Um estrangeiro que vive dentro de nós de forma clandestina, e que insiste em romper a fronteira da consciência – quando o faz gera um sentimento aterrorizante, em alemão freudiano, *Das Unheimliche*.

Tavares e Iannini (2019, p. 23), ao comentar o texto de Freud sintetizaram:

O duplo nos adverte de que nunca somos tão iguais a nós mesmos quanto pretendemos nem tão diversos daqueles que tomamos por distantes, estranhos/estrangeiros.

A noção do duplo também está presente na tradução – tanto na ideia de um espelho que reflete o texto em outro meio, quanto na da intraduzibilidade, referindo-se a uma certa “aura” que está além do sentido, ou do reflexo e é, portanto, intraduzível. Esse duplo infamiliar de um texto é da ordem do silêncio, da obscuridade, da solidão e, segundo Freud, falando de *Unheimlich*, fazem aparecer a dimensão do desamparo.

O tradutor, assim como o psicanalista precisam de uma capacidade de perder. Freud, já em *A interpretação dos sonhos*, sabia que haveria perdas na tradução do inconsciente para a linguagem da consciência, sabia que não há tradução sem perdas, sem desvios, sem interesse (TAVARES, 2013).

Pontalis, psicanalista francês, citado por Schiller (2013, p. 22), disse numa entrevista

ao jornal *Le Monde*, em 1967, como enxergava essa situação:

Vejo o tradutor, primeiramente como um ser em sofrimento: perdeu sua língua sem ganhar uma outra [...] O tradutor deve ser dotado de uma capacidade infinita de ser triste: não tem o direito de brincar com suas palavras, e não tem o poder de restituir as palavras do outro. Sorte injusta: quanto mais profunda é sua intimidade com a língua estrangeira, mais ele se detém nela e menos tem os meios de transpor a fronteira.

É nesse hiato, cuja perda do sentido aparece como inevitável, que se faz o encontro com o estranho. É na vivência desse silêncio que não pertence aos meios aos quais parece ligar, que se dá a convergência. Um encontro na dimensão do desamparo. Reter-se a um dos lados da fronteira por temor da vertigem paralisa a passagem e inviabiliza a criação. Aqui, o local de criação está menos ligado à sublimação do artista do que à capacidade de (se) perder para poder reconstruir.

Palavra e coisa: a busca da verdade

A linguagem é uma das possibilidades de simbolização. Ela é tanto física quanto psíquica – tanto palavra quanto ideia. Corpo e psiquismo. Na Grécia arcaica, a palavra não valia apenas por seu sentido manifesto, mas trazia consigo um signo a ser decifrado para que um outro sentido oculto pudesse emergir, num processo interminável de decifrações (Garcia-Roza, 1990). Ali a palavra era portadora de sua *Alétheia*, de uma verdade que precisava ser desvelada – manifestada aos olhos do corpo e do espírito. A verdade da palavra era uma busca e não a coisa em si.

Na interpretação dos sonhos, Freud cunhou sua teoria sobre o inconsciente e, com isso, retomou a noção de uma verdade a ser desvelada, visto que tanto o conteúdo manifesto onírico quanto as palavras do sonhante aparecem “codificadas”, ou melhor,

travestidas. Isso quer dizer que, para tais representações atravessarem a fronteira do inconsciente, foi preciso disfarce. Freud vai falar de recalque, condensação e deslocamento para abordar um processo que implica defesa, descarga (ou satisfação pulsional) e tradução. Defesa através do recalque; descarga através da satisfação distorcida do desejo e tradução através da passagem das representações de um meio para outro e da “busca da verdade” na interpretação.

É interessante relacionar a interpretação dos sonhos à *Alétheia* grega já que a própria etimologia da palavra (a: negação; *lethe*: esquecimento) sugere a preservação de um conteúdo. Tal noção de verdade se opõe à de opinião ou crença comum, pois sua fonte, interminavelmente decifrável, não está sujeita a uma definição preestabelecida. Ela não é explícita ou evidente nem pretende sê-lo.

Garcia-Roza (1990, p. 36) acrescenta:

Ao contrário da nossa verdade que pretende ser transparente, a *alétheia* dos gregos era portadora de uma sombra essencial e isto não por defeito ou imperfeição, mas por uma exigência de completude. Ao poeta (*aedo*, poeta-profeta da Grécia arcaica) não bastava ouvir as palavras, era preciso também ouvir o silêncio.

Nesse sentido, verdade e objetividade não são sinônimos. Como bem representou a intérprete Márcia Atálla Pietroluongo, citada anteriormente, a escuta da verdade está naquilo que se presentifica a partir do encontro de duas subjetividades, mais do que naquilo que se apresenta. Assim, ouvir permite o registro dos sons emitidos, enquanto escutar demanda sensibilidade ao silêncio, ao oculto, àquilo que se presentifica sem se apresentar.

Escutamos mais quando não ouvimos tanto, quando não nos colocamos como pura exterioridade em relação ao que queremos escutar. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 45)

Em psicanálise, a noção de verdade acompanha tal premissa, a partir da qual o trabalho está não na busca de uma verdade objetiva, mas na reconstituição do “esquecido”. A beleza da *alétheia* psicanalítica está menos no triunfo da decifração do que na singularidade das distorções e da capacidade de cada sujeito em reconstituir a sua verdade.

Freud, no início de sua teorização, quando realizou um estudo de caso sobre pacientes histéricas, já trabalhava com essa verdade, que logo depois retomaria na interpretação dos sonhos: a tradução do signo em sofrimento corporal ou imagens oníricas é um mecanismo particular (*sui generis*) e, para interpretá-lo, ou seja, para buscar a verdade neles, é preciso antes de tudo escutar, numa atitude de ignorância quanto ao *doxa* (senso comum) e de abertura à *alétheia* (nesse caso, a verdade individual).

O vínculo entre coisa e palavra vai além de uma representação fixa. Tanto para tradução quanto para a psicanálise, a palavra – ferramenta essencial dos dois ofícios – é símbolo. A coisa nunca é a coisa em si, mas o resultado de sua relação com outras ideias. Para o tradutor é importante conhecer a gramática das línguas com as quais trabalha. Ela é um utensílio fundamental. Entretanto, para que o trabalho de tradução aconteça, a justaposição de ferramentas não basta, pois enrijeceria a estrutura a tal ponto de impedir o movimento “da coisa”. Tal “coisa”, que muitas vezes nem tem palavra para representar, pode ser revelada (ou não) a partir de outros elementos do discurso como ritmo, pontuação, métrica, silêncio.

Aristóteles chamou o termo intermediário entre as palavras e as coisas de “estado de espírito” (Garcia-Roza, 1990). Segundo o filósofo, é a semelhança e não a equivalência que habita esse espaço entre coisa-palavra. Nesse caso, o chamado estado de espírito seria o mais próximo de um critério de verdade: aquilo que desponta para além do sentido. Uma experiência do/no intervalo

que viabiliza a escuta da *coisa* no lugar da alteridade.

Considerações finais: o espaço de construção

A relação entre língua, tradução e psicanálise chama minha atenção desde as primeiras leituras de Freud, quando me perguntava se algumas palavras conhecidas como desejo, prazer, desprazer, sexualidade e outras significavam aquilo que eu pensava ou se faziam parte de um uso novo dos termos. Hoje entendo que a escolha de Freud por se servir de palavras do senso comum e não de jargões técnicos a partir de línguas clássicas ou de neologismos, vem de um estilo próprio de escrita e sobretudo do bom uso que fez da língua alemã – a tal ponto que, em 1930, recebeu o prestigioso *Prêmio Goethe* da cidade de Frankfurt, uma das mais importantes premiações culturais da Alemanha.

Se a palavra e as nuances do alemão foram elementos importantes para a construção da teoria psicanalítica, Freud, desde os primeiros escritos chama a atenção para outra comunicação: a do inconsciente.

Em *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (FREUD, [1912] 2017, p. 99), ele diz:

[...] ele [o médico] deverá dirigir para o inconsciente emissor do doente o seu próprio inconsciente enquanto órgão receptor; deverá sintonizar-se com o analisando, assim como o receptor do telefone se sintoniza com o transmissor. Assim como o receptor transforma novamente em ondas sonoras as oscilações elétricas da linha, originadas por ondas sonoras, da mesma forma o inconsciente do médico é capaz de reconstituir, a partir das ramificações do inconsciente, que lhe são informadas esse inconsciente que determinou as ocorrências trazidas pelo paciente.

Mesmo que o conteúdo da teoria freudiana tenha se desenvolvido alterando certas noções ao longo dos anos, o lugar do “entre”

paciente e analista, ou seja, o lugar da transferência, ocupa, desde sua vivência clínica com as mulheres histéricas até o fim de sua obra, um lugar privilegiado: o lugar da verdade. Uma verdade que rima com interpretação, mas que não se limita a uma descoberta. O trabalho psicanalítico, cuja metodologia se baseia numa comunicação entre inconscientes graças a uma relação transferencial, é da ordem do experimentar, do viver, do sentir, do costurar. Uma vivência que vai além da pura descoberta de um segredo. Uma vivência que permite reconstituir uma história a partir da experiência.

O atravessamento da fronteira do inconsciente causa a estranheza, quase hostil, da iminência de um encontro com a diferença. O encontro com o estrangeiro demanda tempo, interesse, curiosidade, abertura, disponibilidade e sobretudo coragem. Tanto a psicanálise quanto a tradução requerem algum tipo de abandono, uma predisposição para a ignorância, no intuito de se deixar surpreender pela comunicação “sem sentido” entre inconscientes.

Traduzir um texto é, antes de tudo, entrar em comunicação com a língua de origem através do som de suas sílabas, do ritmo das frases, da pontuação dos parágrafos, do cheiro das palavras. Tal transferência, tal transposição de uma subjetividade para outra (autor-tradutor) está para além da sintaxe ou de um encaixe numa estrutura já pronta para receber o conteúdo estrangeiro. Trata-se de um trabalho que demanda investimento: lidar com o estranho-familiar e com as incertezas que ele produz.

A psicanálise nasceu na língua e na cultura alemã, na Europa Central, no centro do império austro-húngaro e se desenvolveu sobretudo a partir de intelectuais judeus vindos da Alemanha, de Viena, da Hungria e da Suíça. Essa marca está impressa na teoria de Freud, tanto na forma quanto no conteúdo, e sua tradução para línguas românicas não tem como captar o cerne dessa particularidade.

A importância atribuída à língua alemã e o afeto correspondente ficou clara na leitura de sua biografia (GAY, 1988, p. 572) quando Freud, em 1938, antes de partir para Londres, demonstrou relutância na criação de uma revista de psicanálise aplicada em inglês para substituir a extinta *Imago* “[...] pois temia que isso significasse o fim de qualquer tentativa de continuar a publicar revistas psicanalíticas em alemão”.

Se a produção psicanalítica em alemão diminuiu muito desde a época de Freud, outras línguas não só mostraram fidelidade à psicanálise, reproduzindo e difundindo a obra de Freud, como também vêm contribuindo ao longo dos anos para que tal saber seja desenvolvido e aprimorado.²

Certamente, tradutor e traidor pertencem à mesma família etimológica, ou seja, advêm de uma raiz comum. Traduzir é, de alguma forma, trair o original. Entretanto, aprisionar o saber num meio em nome do purismo e da impossibilidade de lidar com o intraduzível é impedir a comunicação e a vivência do silêncio: um enigma que não requer interpretação, e sim experiência.

Abstract

In this paper we would like to articulate a few key notions related to psychoanalytic practice with the work of translation. The aim is to unpack the concept of “listening” in each activity with regards to both the search for truth and the limits of interpretation.

Keywords: *Psychoanalysis, Translation, Listening, Uncanny, Truth.*

2. Desde 2010 as obras de Freud caíram em domínio público. Até então (70 anos após a morte de Freud), a única tradução autorizada para o português era a tradução de língua inglesa desenvolvida por James Strachey, a *Standard edition of Sigmund Freud complete psychoanalytical works*, publicada pela editora Imago. A partir de 2010, outras propostas de tradução – diretamente do alemão para o português – foram reconhecidas e publicadas.

Referências

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

FREUD, S. *Construções na análise* (1937). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbursch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 365-379. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. *Lembrar, repetir, perlaborar* (1914). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbursch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 151-161. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbursch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 93-104. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

GARCIA-ROZA, L. A. *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise* (1990). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS J. B. *Vocabulário de psicanálise Laplanche e Pontalis* (1982). Tradução de Pedro Tamem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIETROLUONGO, Márcia Atálla. Experiências subjetivas em interpretação de eventos de psicanálise lacaniana. In: _____. *Tradução e psicanálise*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 47-54.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHILLER, P. *Inconsciente e tradução*. In: _____. *Tradução e psicanálise*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 17-22.

TAVARES, P. H.; IANNINI, G. *Freud e o infamiliar*. In: Freud, S. *O infamiliar*. Tradução: Ernani Chaves, Pedro H. Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-25.

Recebido em: 15/12/2020

Aprovado em: 30/12/2020

Sobre a autora

Manuela Dumans e Mello Costeira

Bacharel em Comunicação Social pela PUC-Rio. Pós-graduada em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Estrasburgo (França). Candidata do curso de Formação Psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.

Endereço para contato

E-mail: manuela.dumans@gmail.com

O *unheimlich* e as transexualidades

Unheimlich and transexualities

Ricardo César Gonçalves
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O presente artigo aborda aspectos da temática das transexualidades e sua relação com o *Unheimlich* (estranho) apresentado na teoria freudiana. Inicialmente, partimos de uma revisão bibliográfica dos escritos de Freud, buscando conceitos basilares para compreender o masculino e feminino, bem como, os processos identificatórios. Em seguida, analisamos as contribuições teóricas de Robert Stoller ao fenômeno transexual. Concluímos, reiterando que o fenômeno transexual, eventualmente, causa em profissionais especializados um sentimento de estranhamento, por reativar processos anteriormente recalcados. Por fim, entendemos que as transexualidades se mostram como uma “solução”, uma forma de “sobrevivência psíquica” (MCDUGALL, 1997).

Palavras-chave: *Unheimlich* [estranho], Transexualidades, Clínica.

*Espelho, espelho meu
Como reverter
Aquilo que você me deu?
Vou renascer
Desse reflexo que me encara
Essa cara que é minha sem ser
ZÊNITE ASTRA*

Um breve percurso histórico sobre as transexualidades

Apesar de sua notória partição nos debates contemporâneos, o “fenômeno transexual” em si, não é novo. Já em meados de 1950, emergiu um número significativo de pesquisas sobre a temática. Provenientes das diversas partes do globo, essas pesquisas não demonstravam uma unanimidade sobre a temática. É válido destacar também, que as diversas áreas do saber se debruçaram sobre o tema, abrangendo desde a medicina positivista até a psicanálise pós-freudiana.

Embora os anos 1950 tenham representado um aumento considerável de indagações sobre a transexualidade, o sentimento de ser do outro sexo é tão antigo como qualquer outra expressão da sexualidade humana. Em seu livro *Psychopathia Sexualis*, o psiquiatra alemão Krafft-Ebing (1886) relata o caso de um sujeito que afirmava comedidamente que todo seu exterior era “masculino”, porém toda sua maneira de sentir e pensar era “feminina”.

Evidentemente, a nomenclatura transexual manifestou-se fortemente apenas anos

depois, no polêmico artigo denominado *Psychopathia Trans-sexualis*¹ (1949), de autoria do Dr. Cauldwell, o termo “*trans-sexualism*” é utilizado pela primeira vez (CECCARELLI, 2017). Gradualmente, o termo “transexualidade”² foi ganhando espaço não apenas na pesquisa acadêmica, mas também em diversas áreas da mídia.

Castel (2001) comenta que de uma situação aparentemente “individual”, passou-se progressivamente, como atestam todos as estatísticas dos países desenvolvidos, a um crescimento exponencial de demandas por “mudança de sexo”.

Stoller (1993, p. 220) reitera que:

Na época de 1950, certos jornalistas, comentaristas de televisão, produtores cinematográficos e editores uniram o exibicionismo de alguns pacientes e dos médicos em *shows* exóticos.

O debate sobre as transexualidades ganhou ampla repercussão, embora não houvesse consenso entre os teóricos. A forte moralidade religiosa presente nesse período histórico condenava a mudança de sexo, visto que destruiria a capacidade reprodutiva e incentivaria a homossexualidade (STOLLER, 1993). Portanto, tais prerrogativas iriam contra a lei natural de Deus, logo se caracterizariam como pecado.

Novamente, o paradigma sexo e reprodução se faz presente, refletindo também a posição tecnicista e positivista vigente na majoritária classe médica (FOUCAULT, 1985). Em outras palavras, o discurso médico relaciona o termo “sexualidade” com a reprodução biológica, utilizando-se de uma lógica utili-

tarista como forma de dominação e administração dos discursos sobre a sexualidade.

A psicanálise, em um primeiro momento, empregou a descrição nosográfica da psicose para caracterizar o fenômeno transexual. Stoller (1993, p. 206) comenta que: “Inicialmente, alguns analistas de 1950 descreviam o transexualismo como uma máscara para psicose”.

A despatologização das transexualidades se deu de forma lenta e gradativa. Em 2010 o Ministério da Saúde francês retirou o transexualismo da lista de patologias mentais. No Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a realizar cirurgias de redesignação sexual (transgenitalização) a partir de 2008. Além disso, o governo brasileiro também passou a reconhecer o nome social no cartão nacional de saúde e em diversos documentos (CECCARELLI, 2017).

Feitas as considerações iniciais do percurso histórico sobre esse enigma denominado transexualidade, elucidaremos algumas definições teóricas que visem balizar nossa trajetória.

Sendo assim,

[...] em transexualidade, o prefixo ‘trans’ sugere que se pode atravessar, passar através do corte da sexuação. O transexual seria, então, aquele que ‘viaja’ através da sexuação. (CECCARELLI, 2017, p. 19)

Contudo, é válido salientar que, diferentemente do mito de Tirésias,³ o transexual não “permuta” seu sexo. Ele troca as insígnias do gênero pelas aparências externas presentes no outro sexo.

Roudinesco e Plon (1998, p. 765) esclarecem:

Somente o transexualismo leva o sujeito não apenas a mudar de estado civil, mas também

1. Vale ressaltar que o título do artigo do Dr. D. O. Cauldwell provavelmente teve como inspiração o célebre trabalho de Krafft-Ebing.

2. “Termo introduzido em 1953, pelo psiquiatra norte-americano Harry Benjamin, para designar um distúrbio puramente psíquico da identidade sexual, caracterizado pela convicção inabalável que tem um sujeito de pertencer ao sexo oposto” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 764).

3. Tirésias foi um famoso profeta cego de Tebas. Sua particularidade se dá pelo fato de ter passado sete anos transformado em mulher. Ele também é um dos personagens da *Odisseia*, de Homero.

a transformar, através de uma intervenção cirúrgica, seu órgão sexual normal num órgão artificial do sexo oposto. Assim, o transexual masculino tem a convicção de ser uma mulher, embora anatomicamente seja um homem normal. Do mesmo modo, a mulher transexual está convencida de ser homem, muito embora seja mulher em termos anatômicos.

Ressalta-se que o desejo de mudar de sexo existia bem antes da invenção e do aperfeiçoamento de procedimentos cirúrgicos. Na mitologia grega, três personagens abarcam esse fenômeno: Cibele, Átis e Hermafrodito (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Ademais, aquilo atualmente conhecido como transexualidades não é próprio de nossa cultura e de nossa época. O que é novo é justamente a possibilidade de “mudar de sexo”, graças às avançadas técnicas de cirurgia e à hormonoterapia constantes (CECCARELLI, 2017). Diante das transexualidades, somos convocados a pensar em suas diversas facetas.

Neste artigo pretendemos analisar, através do arcabouço teórico disponibilizado na teoria psicanalítica, a relação entre as transexualidades e o sentimento de estranheza [*Unheimlich*], frequentemente sentido por profissionais especializados (psicanalistas, psicólogos e psiquiatras) frente à demanda do transexual.

Freud e a esfinge: o enigma dos sexos

Considerado a medula espinhal da psicanálise, o complexo de Édipo ocupa um lugar central das teorizações freudianas. Assim sendo, o mestre de Viena começa a pensar sobre o conceito de Édipo a partir de vivências que experienciou no decorrer da vida e faz paralelos com grandes obras da literatura e do teatro.

De acordo com Moreira (2004), a teorização sobre o complexo de Édipo remete a clássicos da literatura mundial, como *Hamlet*, de Shakespeare, e à trama do parricídio de *Os*

irmãos Karamazov, obras que reencenaram o mito de Édipo, da tragédia de Sófocles. Essa construção teórica, que começa em uma das inúmeras cartas que Freud trocava com seu amigo Wilhelm Fliess, perpassa por sonhos, sua relação com seus pais e parentes próximos.

Como observado, é lícito adentrar para a íntima ligação da vida pessoal de Freud e sua construção conceitual do complexo de Édipo.

Burker (2010, p. 219) acertadamente afirma:

Édipo incorpora o detetive de seu próprio destino [...] Freud se identificava com Édipo. Ele também era um homem do destino, um herói que vence os obstáculos em seu caminho.

Em suma, a descoberta do complexo de Édipo, na realidade, se trata de sua própria descoberta.

Loures e Borges (2017, p. 582) apontam:

Ao acompanharmos os passos que levaram Freud ao complexo de Édipo, inevitavelmente esbarramos em sua autodescoberta. Não diferente de nós, Freud reencena a trama do herói de Sófocles, cujo desvelamento de sua origem acontece de forma gradativa e engenhosa – assim como percurso de uma análise. Nesse desvelamento, Édipo, que se vê como estranho em Tebas, se descobre, contudo, filho de Laio e Jocasta. E Freud, ao se deparar com o *estranho* destino de Édipo, encontra na tragédia algo de *familiar*: uma metáfora de seus próprios desejos infantis (grifo nosso).

Torna-se interessante estabelecer uma analogia entre a figura do herói trágico Édipo e o arqueólogo do inconsciente Freud. Indubitavelmente, como afirma a tragédia grega, Édipo foi capaz de desvendar o enigma da esfinge. Já Freud, por sua vez, caracterizou-se por desvendar os segredos da sexualidade infantil. Ambos, Freud e Édipo, demonstraram ser capazes de resolver enigmas, e se-

gundo as palavras de Sófocles em grego antigo: “Quem desvendou o célebre enigma é um homem poderoso!” (BURKER, 2010).

Freud utiliza-se da peça de Sófocles *Édipo Rei* como forma de explicar a constituição psíquica humana, sua trajetória, e o vínculo de identificação com os pais se desdobraria a ponto de construir um objeto de desejo na fase adulta. Esse percurso costuma ser tortuoso e estruturante, na medida em que estabelece em grande parte dos casos a neurose no indivíduo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Burker (2010, p. 219) afirma:

Freud encontrara um mito que tornou central para psicanálise e continuou a desenvolver um mito que, para ele, explicava os homens, as mulheres, a família, o sexo e a civilização.

Diante disso, leva-se em conta a tendência universalizante do complexo de Édipo. Nas palavras do pai da psicanálise:

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela minha mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância. (FREUD, [1887] 1986, p. 272)

O complexo de Édipo constitui-se como uma experiência vivenciada por uma criança por volta dos quatro ou cinco anos de idade, que, motivada por um forte desejo de ordem sexual incontrolável, precisa aprender a lidar e limitar seus impulsos (NASIO, 2007).

Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, Freud ([1925] 2011), pela primeira vez, admite que o primeiro objeto de amor da menina é também a mãe. Como veremos, na teoria freudiana, a posição masculina e a feminina não são de simples apreensão.

Em Freud não encontramos o termo “gênero”,⁴ todavia é possível extrair valiosas

contribuições para a temática. Sucintamente, podemos dizer que, em Freud, encontramos bases alicerçantes para indagar a questão do gênero.

No texto *Sobre as teorias sexuais infantis* ([1908] 2015), o intérprete dos sonhos escreve sobre a primeira distinção executada pela criança, isto é, homem/mulher⁵ ou pai/mãe. De forma análoga, em um primeiro momento a criança não faz correspondência entre sexo e gênero. É somente em um segundo momento, na “primazia do falo”, que a criança atribuirá a todos os seres (até as coisas inanimadas) um órgão sexual semelhante ao seu. Nessa etapa, o sexo feminino é definido pela ausência de pênis (FREUD, [1908] 2015).

Ser capaz de distinguir pai/mãe e colocar-se de um lado ou de outro é, sem objeção, uma forma de identificação. Refere-se a uma identificação independente dos conflitos edípicos, que desempenha um papel importante na história pregressa com complexo de Édipo:

É possível dizer que, em Freud, existe uma classificação segundo o gênero, uma distinção que começa em uma etapa anterior à castração, sem levar em conta a anatomia, cuja base é a definição pai/mãe. A apreensão dos gêneros se faz sem levar em conta o órgão sexual. Isso significa que o que distingue os gêneros não é o sexo anatômico, inversamente, o sexo anatômico não garante, *a priori*, o gênero. A presença ou a ausência do órgão sexual masculino ou feminino não constitui garantia de que o sujeito se coloque ao lado dos homens ou das mulheres [...] trata-se, então, de dois movimentos distintos que ocorrem em momentos diferentes: um, a distinção dos gêneros, outro, a diferença dos sexos. (CECCARELLI, 2017, p. 57)

4. “Não encontramos o termo “gênero”, pois em alemão, uma só palavra designa sexo e gênero: *Geschlecht*” (CECCARELLI, 2017, p. 56).

5. Novamente um problema de tradução: “no original lê-se: *Männlich oder weiblich*, ou seja, ‘masculino ou feminino’” (CECCARELLI, 2017, p. 58).

Apesar da importância atribuída ao período pré-edípico, o período edípiano dará um “acabamento” à identidade de gênero, visto que reforçará as implicações de pertencer a um gênero ou a outro. A angústia de castração, a inveja do pênis, resumidamente, todos os aspectos correspondentes ao complexo de Édipo, ocorrerão apenas depois da consolidação do núcleo da identidade de gênero.

A partir de Freud, os fatores sexuais, sobretudo a sexualidade infantil, passam a ganhar uma autêntica importância na constituição psíquica humana. Suas contribuições teórico-clínicas são magistrais para a compreensão dos fatores inconscientes. O complexo de Édipo⁶ representa a pedra angular na qual repousa o edifício da psicanálise. Da mesma forma, Freud fez da esfinge o símbolo de representação da psicanálise.

Burker (2010, p. 224) lembra que:

[...] uma pequena gravura de Édipo e a Esfinge [...] se encontrava pendurada no consultório de Freud, próximo ao divã, onde ele poderia contemplá-la enquanto decifrava os enigmas de seus pacientes.

Roudinesco (2016) recorda que Freud foi um homem de sua época, e o complexo de Édipo analisado por Freud corresponde *par excellence* ao recorte social de seu tempo. A psicanálise pós-freudiana se debruçará a estudar mais profundamente o período pré-edípiano. Entre os diversos teóricos que surgiram, destacaremos as contribuições de Robert Stoller ao fenômeno transexual.

6. Outro vetor relevante a ser abordado é o lugar do sujeito no desejo do Outro. Em outras palavras, o que o enigma da esfinge nos diz? Para a psicanálise, o enigma da esfinge nos questiona sobre o nosso lugar no mundo e no desejo do outro. Analogamente, o lugar que Édipo ocupava no desejo de seus pais era o da morte. Édipo literalmente significa “pés inchados”, pois seus pais quiseram eliminá-lo quando nasceu. Seu nome representa o desejo de seus pais (QUINET, 2017)

Contribuições de Robert Stoller para as transexualidades

Nascido em Nova York, no Bronx, Robert Stoller foi um psiquiatra e psicanalista pertencente à terceira geração de analistas norte-americanos. Stoller obteve seu doutorado em medicina em São Francisco e anos depois, foi nomeado professor de psiquiatria na Universidade da Califórnia de Los Angeles, onde criou a *Gender Identify Research Clinic* (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Além disso, a obra stolleriana é composta de inúmeras publicações, além de participação em eventos os mais diversos. Suas contribuições teórico-clínicas giram em torno de temas tais como sexualidades, perversões, construção da identidade sexual e da identidade de gênero, transexualidades, problemática de gênero, dinâmicas das disfunções e da excitação erótica e outras tantas.

Stoller é considerado um teórico freudiano *sui generis*, carregando com muita seriedade as contribuições do pai da psicanálise (FERRAZ, 2002). Outrossim, Stoller privilegiou as ideias freudianas não organicistas e, sobretudo, acreditava fortemente que não existiria uma “sexualidade natural” regrada por imperativos biológicos. Ao contrário, para Stoller, a sexualidade se baseia na dinâmica pulsional e na história das relações objetais. No presente escrito, centraremos nossas observações nas contribuições inovadoras de Stoller para a construção da identidade de gênero.

O termo “gênero” é utilizado por Stoller pela primeira vez em 1964, *época* em que os alunos da escola lacaniana de psicanálise comentavam a teoria clássica de Freud sob nova ótica/perspectiva. Robert Stoller questionou a teoria clássica de ponta a ponta, em especial ao introduzir na psicanálise a noção de diferença sexual e de gênero (*gender*).

Um dos seus principais trabalhos, *Sex and Gender* (1968), assim como inúmeros outros escritos, renovariam a abordagem clínica das transexualidades, das perversões e da dinâmica do erotismo (ROUDINESCO; PLON,

1998). Para o autor, “[...] sexo e gênero de modo algum necessariamente estão relacionados” (STOLLER, 1993, p. 21).

A contribuição do conceito de *gênero* para a psicanálise representa um valor inestimável. A concepção stolleriana parte do pressuposto de que faltava ao freudismo clássico uma categoria que permitisse diferenciar radicalmente a pertinência da anatomia (o sexo) da pertinência a uma identidade social ou psíquica (o gênero), existindo a possibilidade de ambas terem uma dissimetria radical (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Assim, a distinção entre sexo e gênero, utilizada para melhor compreensão da psicodinâmica transexual sugerida por Stoller (1993), tem por finalidade isolar, para melhor delimitar, os aspectos da psicosexualidade que são “independentes” do biológico. Em sua obra, o psicanalista norte-americano busca analisar a gênese do fenômeno transexual.

Essa *odisseia* teórica, por meio das ruínas psíquicas, por assim dizer, levou Stoller a pesquisar profundamente os primeiros anos de infância de seus pacientes. Na concepção do autor, o processo formador da identidade de gênero, ocorre por meio de identificações primárias no período pré-edípico. Em outras palavras, a *gender identity* será resultado das aquisições de masculinidade e feminilidade em um momento primordial (STOLLER, 1993).

Stoller argumenta que a primeira forma de identidade de gênero origina-se na simbiose com a mãe na qual não existe fronteira nem anatômica, nem psíquica. Por meio dessa perspectiva, a identificação *primeva* pré-verbal pode naturalmente incrementar o desenvolvimento da feminilidade nas meninas, porém, para o menino, ela se tornará um obstáculo a ser superado na construção da masculinidade.

Diante disso, para Stoller (1993, p. 37):

A masculinidade nos homens *não é simplesmente um estado natural que precisa ser pre-*

servado para desenvolver-se sadiamente, ao contrário, ela é uma conquista.

Conforme Stoller (1993, p. 49), “[...] a *gratificação não conflituosa* pode levar ao impasse no desenvolvimento”. Dito de outra forma, uma simbiose mãe-bebê excessivamente estreita e gratificante, *não perturbada pela presença de uma figura paterna*, pode impedir a construção da masculinidade. Portanto, os eventos relativos ao período anterior ao complexo de Édipo também são imprescindíveis para compreensão sobre as transexualidades.

Ainda sobre o primeiro estágio de identificação o psicanalista norte-americano ressalta: “No estágio pré-edípico *existe a protofeminilidade* formada pelo abraço da mãe” (STOLLER, 1993, p. 259).

O menino, para entrar no conflito edípico, terá que progressivamente se desidentificar da mãe e paulatinamente se identificar com o pai (temido/admirado) para, assim, ter direito à neurose.

Nós estamos acostumados a encontrar o conflito edípico como uma fonte de patologia. Dessa forma, nós podemos esquecer que nesse conflito – com suas ameaças, invejas, medos e raivas – estão as forças necessárias para produzir as estruturas de caráter, tais como a masculinidade e a feminilidade, que mantêm a sociedade. Os meninos transexuais, contudo, nos lembram de como é necessário o desenvolvimento com sofrimento e sugerem que conflito de menos também pode produzir patologia. (STOLLER, 1993, p. 93)

Em seus estudos sobre *Masculinidade e feminilidade* (1993) e como citado anteriormente em *Sex and Gender* (1968), Stoller também traça um breve perfil das mães de crianças transexuais. Em sua concepção, essas mães seriam basicamente bissexuais, apresentando um perfil depressivo. Além disso, não é raro casos em que anteriormente existiu uma criança que veio a falecer (ge-

ralmente do sexo oposto ao da criança que nasce).

Essas crianças, verdadeiros falos da mãe, têm seu ‘destino transexual’ traçado bem cedo, entre dois ou três anos de idade, às vezes, antes. (CECCARELLI, 2017, p. 44)

Em síntese, a identidade de gênero será resultado das identificações e das aquisições da masculinidade e da feminilidade. Não excluindo também os diversos fatores sociais, comportamentais e imaginários presentes em nossa cultura, a questão do gênero em si é extremamente vasta, e neste trabalho a questão não foi tratada de forma exaustiva.

Adicionalmente, Stoller (1993, p. 28) nos lembra de que:

Masculinidade ou feminilidade é uma convicção – mais precisamente, uma densa massa de convicções, uma soma algébrica.

Por fim, o psicanalista norte-americano conclui que o gênero prima sobre o sexo.

Um corpo infamiliar: o transexual e o *Unheimlich*

Neste tópico abordaremos mais detalhadamente a relação entre as transexualidades e o sentimento de estranheza (*unheimlich*), frequentemente presente nos médicos e profissionais especializados ao se deparar com a demanda do transexual.

Souza (2015) nos lembra que o *Infamiliar*, além de ser um trabalho audacioso de Freud ([1919] 2019), pois carrega uma estética literária peculiar, cronologicamente é um escrito na transição da primeira para a segunda tópica do aparelho psíquico. Destarte, através do terreno da psicanálise freudiana, somos convidados a pensar que o humano é regido por algo que lhe é íntimo e estranho, isto é, o inconsciente (SOUZA, 2015).

Os transexuais, por vezes, têm sensação de ser inquilinos em seu próprio corpo. Através do ponto de vista expresso no texto

freudiano o *Infamiliar* (FREUD, [1919] 2019), essa inusitada estranheza, pode ser observado quando se é confrontado à dissimetria entre seu sexo anatômico e seu gênero. Embora o transexual tenha consciência de seu sexo anatômico, ocorre uma familiaridade/estranheza (*heimlich/unheimlich*) entre seu sentimento de identidade sexual e a imagem que tem de seu corpo. Ou seja, entre seu sexo e gênero. Essa familiaridade/estranheza o acompanha em inúmeras situações ao longo da vida, causando-lhe desconforto e levando-o à demanda da cirurgia de redesignação sexual.

Adicionalmente, o sujeito transexual apresenta aquilo que denominamos de “narcisismo negativo”. Por esse conceito, entende-se

[...] uma profunda repugnância pelos órgãos genitais que são percebidos como “estranhos apêndices” destruídos de valor erótico, pois no período autoerótico e do narcisismo primário não foram libidinalmente investidos. (CECCARELLI, 2008, p. 59)

Dito de outro modo, o transexual testemunha um arranjo pulsional muito singular, visto que em sua cartografia erógena certas partes de seu corpo não receberam “informação libidinal” do ponto de vista econômico.

A mesma familiaridade inquietante pode ser igualmente observada em psicanalistas, psicólogos e psiquiatras frente *àquele* ou *àquela [diante daquele ou daquela]* que se diz ser portador(a) de um desacordo entre seu corpo anatomobiológico que não apresente nenhuma anomalia e sua identidade de gênero. Não raro, somos tomados por um sentimento de horror, espanto ou até mesmo, em certos casos, rejeição. Além disso, não excluimos as atitudes defensivas contratransferenciais que podem interferir no processo terapêutico.

Pode ocorrer que o sentimento de estranheza produzido frente ao transexual esteja

relacionado a complexos infantis que haviam sido recalçados. Essa inabitual estranheza é *revivida*, mais uma vez, por meio de movimentos que o processo terapêutico suscita. Stoller (1993, p. 223) nos adverte dizendo que: “A moralidade pode ser a mais inflexível das contratransferências”.

Ademais, a transexualidade não constitui uma entidade nosográfica fixa (definida), e progressivamente aceita-se que ela seja uma manifestação da sexualidade como qualquer outra. Nesse sentido, *não se pode falar de uma transexualidade típica*, assim como não é plausível dizer existir uma “heterossexualidade ou homossexualidade típica” (CECCARELLI, 2008).

Sintetizando, enquanto para a maioria das pessoas existe uma correspondência simétrica entre seu corpo anatômico e a representação psíquica (*fantasmática*) desse corpo, nos transexuais o cenário é *diferente*. Esses sujeitos, embora reconheçam possuir um corpo anatômico de homem ou mulher, experienciam uma profunda estranheza, uma inquietação, um mal-estar: o corpo lhes parece infamiliar. Para esses estrangeiros de si mesmos, anatomia não é o destino em que desejam pousar.

Considerações finais

Em nossa pequena excursão pelo transexual, procuramos demonstrar alguns apontamentos teóricos que consideramos relevantes para uma melhor compreensão da temática. Parece-nos claro que, na realidade, a transexualidade mostra-se como uma ‘solução’.

Entendemos solução no sentido matemático do termo, ou seja,

[...] uma equação que comporta diferentes variantes frente às quais, tal como em um sistema vetorial de forças, uma resultante, uma solução, será encontrada. (CECCARELLI, 2008, p. 56)

Frente às múltiplas variáveis possíveis, a transexualidade é um arranjo pulsional sin-

gular, que leva o sujeito ao caminho mais radical das identificações.

Ao estudar as dinâmicas pulsionais presentes nas transexualidades, somos convocados a refletir sobre as posições de masculinidade e feminilidade na cultura ocidental: quais as condições para que alguém possa afirmar com segurança ser homem ou mulher? Indubitavelmente, aspectos sociais permeiam essa pergunta, pois as representações simbólicas de masculino e feminino variam de acordo com o tempo e a cultura. *É fato que* as posições masculinas e femininas sofreram mudanças.

Em *A mínima diferença*, Maria Rita Kehl (1996, p. 23), reitera que:

Na dinâmica de encontro e desencontro entre os sexos, a intensa movimentação das tropas femininas nos últimos trinta anos parece ter deslocado os significantes do masculino e do feminino.

Dissertando sobre o processo identificatório, Freud ([1923] 2011) ressalta que as primeiras relações com os progenitores são fundamentais para construção do sentimento de identidade. Outrossim, masculinidade e feminilidade seriam pontos de chegada estabelecidos ao longo dos processos identificatórios.

Stoller (1993), utilizando-se de uma contribuição cultural cruzada, busca estabelecer hipóteses acerca das origens da masculinidade. Ao analisar achados etnográficos da Nova Guiné, Stoller (1993) observa que para a tribo dos Sâmbia, a construção da masculinidade requer uma série de ritos, entre eles, um dos procedimentos a que os meninos devem se submeter para se tornarem masculinos é *ingerir sêmen via feleção*. Destarte, através dessa contribuição antropológica, Stoller (1993) procura demonstrar como a masculinidade é *uma conquista a ser adquirida* progressivamente e, portanto, não é um simples estado natural.

Masculinidade(s) e feminilidade(s) mostram-se como destinos pulsionais, influenciados também pelo imaginário social em que se está inserido.

Ademais,

[...] não se nasce psiquicamente menino ou menina, nasce-se macho ou fêmea, em função da anatomia, e torna-se homem ou mulher, no sentido psíquico. (CECCARELLI, 2017, p. 160)

Tratando-se de transexualidades, muita coisa mudou no decorrer dos últimos anos e, atualmente, o número de procedimentos cirúrgicos para redesignação tem se revelado exponencial em diversos países.

Gostaríamos de terminar enfatizando que não buscamos estabelecer um diagnóstico das transexualidades, pois entendemos que nem as neuroses, nem as psicoses, nem as perversões oferecem uma compreensão satisfatória desta categoria nosográfica. Além disso, toda tentativa de criar um enquadre que lhes fosse próprio mostrou-se impossível.

Concluimos insistindo na colocação de Stoller (1993, p. 26):

Utilize todas as técnicas de coleta de dados que lhe agradem, mas jamais pare de psicanalisar.

Abstract

This article addresses aspects of the theme of trans-sexuality and its relationship with Unheimlich (uncanny) presented in Freudian theory. Initially, we started with a bibliographic review of Freud's writings, looking for basic concepts to understand the masculine and feminine, as well as, the identification processes. Then, we analyze Robert Stoller's theoretical contributions to the trans-sexual phenomenon. We conclude by reiterating that the transsexual phenomenon eventually causes a feeling of strangeness in specialized professionals, by reactivating previously repressed processes. Finally, we understand that transsexualities are shown as a "solution", a form of "psychic survival" (MCDUGALL, 1997).

Keywords: *Unheimlich (uncanny), Transsexualities, Clinic.*

Referências

- BURKER, J. *Deuses de Freud: a coleção de artes do pai da psicanálise*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CASTEL, P. H. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do 'fenômeno transexual (1910-1995)'. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. p. 77-111.
- CECCARELLI, P. R. O corpo como estrangeiro. *Psicanálise e Cultura*, São Paulo, v. 31, p. 54-60, 2008.
- CECCARELLI, P. R. *Transexualidades*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017.
- FERRAZ, F. C. *Perversões*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *O eu e o id "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 283-299. (Obras completas, 16).
- FREUD, S. O infamiliar [*Das Unheimliche*] (1919). Tradução: Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Obras incompletas de Freud).
- FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906/1909)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 390-411. (Obras completas, 8).
- KEHL, M. R. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KRAFFT-EBING. *Psychopathia sexualis*. Paris: Climuts, 1990.
- LOURES, J. M.; BORGES, S. X. A. O pequeno Freud e o complexo de Édipo. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 576-584, 2017.
- MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MCDUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicanalítica da sexualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, maio/ago. 2004.
- NASIO, J.-D. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- QUINET, A. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- ROUDINESCO, É. *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- ROUDINESCO, É.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOUZA, M. *Experiência do Outro, estranhamento de si: dimensões da alteridade em antropologia e psicanálise*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- STOLLER, R. J. Dynamiques de troubles érotiques. In: _____. *Les troubles de la sexualité*. Monographies de la Revue Française de Psychanalyse. Paris: Puf, 1993.
- STOLLER, R. J. *Masculinidade e feminilidade: apresentações gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- STOLLER, R. J. Observando a imaginação erótica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- STOLLER, R. J. *Perversion: The Erotic Form of Hatred*. New York: Pantheon, 1975.
- STOLLER, R. J. *Sex and Gender: the Transsexual Experiment*. London: Hogarth Press, 1968.

Recebido em: 10/12/2020

Aprovado em: 28/12/2020

Sobre os autores

Ricardo César Gonçalves

Graduado em Psicologia
pela Universidade da Amazônia (UNAMA).
Pós-graduando em psicopedagogia
pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ).
Psicanalista em formação
pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.
Psicanalista.
Doutor em Psicopatologia Fundamental
e Psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor por Paris 7 - Diderot.
Chercheur associé da Universidade
de Paris 7 - Diderot.
Membro da Associação Universitária
de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará
(CPPA)
Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne*, Paris.
Pesquisador associado do LIPIS (PUC-RJ).
Professor e orientador de pesquisa no Programa
de Pós-Graduação em Psicologia/UFPA.
Professor e orientador de pesquisa no Mestrado
Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção
da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG.
Membro do Programa Antártico Brasileiro.
Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde
Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>). Coordenador
do Instituto Mineiro de Sexualidade
(IMSEX - www.imsex.com.br).

Endereço para correspondência

Ricardo César Gonçalves

E-mail: ricardo-cesar123@hotmail.com

Paulo Roberto Ceccarelli

E-mail: paulorcbh@mac.com
Homepage: www.ceccarelli.psc.br

A psicossomática, laços da teoria de Pierre Marty e André Green

*Psychosomatics,
ties of Pierre Marty and André Green theory*

Celso Perez Melgaré

Resumo

Este artigo aborda os fundamentos principais da psicossomática psicanalítica de Marty, que representou um avanço na compreensão e no tratamento psicoterapêutico dos somatizadores na segunda metade do século passado. Na virada para este século, a pesquisa de André Green estabeleceu as bases teóricas para melhor entendimento das patologias não neuróticas, entre as quais colocou a psicossomática. Esse grupo de psicopatologias apresenta fragilidade egoica, falhas no processo de simbolização e tendência à atuação, em que a ação da função desobjetalizante e o trabalho do negativo são elementos fundamentais.

Palavras-chave: Psicossomática psicanalítica, O trabalho do negativo, Patologias não neuróticas.

Origens históricas

No início da década de 1950, Pierre Marty e seus colegas da Escola Psicossomática de Paris tiveram o mérito de identificar nos pacientes somatizadores, com queixas de cefaleia, um funcionamento psíquico diferente daquele dos neuróticos. Até então, as somatizações eram vistas como um sintoma semelhante às neuroses, fruto do recalçamento.

As neuroses atuais de Freud, identificadas em 1895, foram as primeiras observações psicanalíticas das patologias que se manifestavam com sintomas preferencialmente somáticos. Freud atribuiu como causa a ausência ou inadequação da satisfação sexual. A libido acumulada transformava-se diretamente em angústia sem mediação psíquica. Acreditava que a causa se devia a uma substância química, que seria identificada mais adiante.

Esses pacientes não eram acessíveis ao tratamento analítico, pois as neuroses se-

riam de causa orgânica, diferentemente das psiconeuroses. Os pacientes apresentavam sintomas inespecíficos como pressão intracraniana, dores vagas, fadiga crônica, cefaleias, cansaço. O coito interrompido, a masturbação e a continência sexual seriam as origens do problema. Como se sabe, no fim do século XIX, eram características desse período a repressão sexual e a dominação do patriarcado. O grupo das neuroses atuais foi perdendo importância no trabalho de Freud enquanto a psicanálise prosperou na investigação das patologias decorrentes do recalçamento e suas manifestações simbólicas.

Ferraz (2010) aponta que a volta do interesse pelas neuroses atuais se deveu ao trabalho *Além do princípio de prazer*, na virada de 1920, quando Freud introduziu o conceito da pulsão de morte e retomou o tema de uma psicologia do traumático, ou seja, do não representável. Ferraz (2010) prioriza, entre os elementos da pulsão de morte, aquele que se define fundamentalmente como um dispo-

sitivo do não representável. Nesse sentido, o retorno ao estado inorgânico poderia ser visto mais como um retorno ao pré-representacional, que remete ao corpo biológico primordial.

O pensamento operatório

No XXIII Congresso de Psicanalistas de Línguas Romanas em Barcelona, em 1962, Pierre Marty e Michel de M'Uzan apresentaram uma comunicação original com o título *O pensamento operatório*, dos conceitos seminais da psicossomática psicanalítica.

Os fundadores da Escola Psicossomática de Paris apresentaram, nesse estudo, um pensamento clínico original, rompendo com o pressuposto médico da psicossomática ao introduzir a ideia da participação da função psíquica na doença orgânica. Sua investigação e tratamento se voltavam para o funcionamento psíquico. Seus conceitos fundamentais, além do pensamento operatório, eram a depressão essencial, a mentalização, as regressões, as desorganizações e as somatizações.

O pensamento operatório é um pensamento consciente destituído de subjetividade e desejo, sem ligação com o fantasiar ou o simbolizar, como se tivesse perdido a ligação com a fonte pulsional. Um pensamento de sobrevivência. Esse pensamento está submetido ao “de fora”, voltado para a realidade exterior, ligado a coisas e não a conceitos abstratos. Esse conceito sugere precariedade da função psíquica, indicando um processo de investimento de nível arcaico.

No seu livro *A psicossomática do adulto* ([1990] 1993), Pierre Marty afirmava que a psicossomática provém diretamente da psicanálise. O método e o sentido geral do tratamento modelam-se sobre os padrões da psicanálise. Na prática, difere dela quanto aos pacientes que trata, com problemas somáticos. A técnica indicada é aquela que respeita as insuficiências do funcionamento psíquico desses pacientes.

Hanna Kamieniecki (1994 *apud* FERRAZ, 2010, p. 2), psicanalista e historiadora da psicossomática, sintetiza as características que os autores da Escola de Paris atribuem ao paciente somatizador:

- é bem adaptado socialmente, até mesmo sobreadaptado aos seus padrões culturais;
- não deixa transparecer manifestação afetiva quando em contato com o investigador;
- julga que tudo vai bem em sua vida, apesar de suas dificuldades ou dos dramas que sua história revela;
- apresenta uma vida onírica pobre, que traduz o bloqueio da atividade fantasmática;
- sua vida mental consciente, de qualquer nível intelectual ou cultural, parece estar separada das fontes vivas do inconsciente, reduzida ao factual e ao atual, como um pensamento pragmático (pensamento operatório);
- revela uma pobreza da expressão verbal;
- tem a necessidade de ver no outro um duplo de si mesmo; mecanismo de reduplicação projetiva.

Essas descrições traduzem um bloqueio dos investimentos libidinais e agressivos que limitam a ação funcional da atividade mental. Assemelham-se aos pacientes normopatias descritos por Joyce McDougall (1983).

Pierre Marty (1993), no seu *Lordre Psychosomatique*, substituiu o pensamento operatório pela noção de vida operatória para melhor dar conta da redução do pensamento em relação à valorização do comportamento e à inclusão da depressão que a ela se associava.

O quadro depressivo chamado de depressão essencial define-se pela falta, pelo apagamento em toda escala da dinâmica mental. Não aparecem o sentimento de culpa nem as auto acusações. Não se encontra nela a relação libidinal regressiva e ruidosa das outras formas de depressões neuróticas ou psicóticas. Esses autores constataram que a depressão essencial precedia o adoecimento somá-

tico. Por ser um quadro silencioso em seus sintomas, muitas vezes não era percebido nem pelos familiares.

Mentalização

O conceito de mentalização, criado por Pierre Marty na década de 1970, corresponde a todo o campo de elaboração psíquica, que consiste nas operações de representações e simbolizações por meio das quais o aparelho psíquico busca regular as energias instintivas, pulsionais e agressivas. São atividades essenciais na regulação do equilíbrio psicossomático.

Pierre Marty (1993, p. 25) define as representações no sentido freudiano como uma “[...] evocação de percepções que foram inscritas, deixando traços mnêmicos”. Acrescenta que “[...] a inscrição das percepções e sua evocação posterior são acompanhadas de tonalidades afetivas agradáveis ou desagradáveis que deixam pontos de fixação”. Um pré-consciente rico em representações é característica das psiconeuroses, as neuroses mentais como chamava Pierre Marty. No caso do paciente somatizador, encontra-se uma pobreza de simbolização que não possibilita a elaboração psíquica, o que ele chamava de má mentalização.

Para descarregar o afluxo de excitações ao psiquismo, o organismo conta com três vias: a via orgânica, a ação e o pensamento. São os recursos disponíveis para dar conta dos estímulos internos ou externos a que é submetido. A ordem mais evoluída é a do pensamento, seguido pela ação e, por último, a via orgânica.

A economia psicossomática de Pierre Marty se apoia em duas teorias: a dos instintos de vida e de morte e a do evolucionismo. No curso da evolução individual (como na teoria freudiana), se estabeleceria um ir e vir do sistema evolutivo e regressivo, que produziria pontos de fixação capazes de deter os movimentos regressivos no psicossoma. Os conflitos entre as pulsões são os motores do

confronto entre os movimentos evolutivos *versus* os movimentos regressivos.

Regressões, desorganizações e somatizações

“Os fenômenos de fixação e regressão ocupam o lugar central em nossa concepção psicossomática”, dizia Pierre Marty (1993, p. 24).

Freud escreveu, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, que o aparelho psíquico funciona como um meio cujo papel é dominar as excitações que, em caso contrário, provocariam as sensações penosas ou efeitos patogênicos. Damásio, neurobiologista contemporâneo, citado por Aisenstein (2004), vai no mesmo caminho e qualifica o psiquismo como uma espécie de filtro para lidar com as excitações.

Quando a experiência traumática pulsional supera a defesa psíquica, faz com que a economia psicossomática reaja através da regressão e da desorganização. O movimento regressivo, encontrando pontos de fixação, tem uma possibilidade de se reorganizar e se reequilibrar, como é o caso das fixações no nível mental. Assim, um neurótico teria a vantagem de reagir aumentando seus sintomas neuróticos, evitando a somatização.

O movimento regressivo, na hipótese de só encontrar um ponto de fixação mais arcaico, ocasionaria inicialmente traços de depressão, depois perturbação do funcionamento do pré-consciente e, se não puder ser contido, vai adiante até a desorganização, que é chamada de progressiva, porque não consegue ser contida. Segue rumo ao campo somático, sob a força da pulsão de morte.

O pensamento de Pierre Marty punha ênfase na falha do aparelho psíquico, traduzido na pobreza das representações e simbolizações, também na escassez ou ausência de sonhos. Essa falha se devia às vicissitudes da relação precoce mãe-bebê no desenvolvimento do psiquismo. Mais adiante, ao descrever o trabalho do negativo, veremos que a descrição teórica dos somatizadores de Pier-

re Marty se assemelha à descrição que Green fazia das psicopatologias não neuróticas.

Ferraz (2010) pensa que o corpo em psicanálise se trata de um resto. Resto da teoria, aquilo que foi abandonado como objeto psicanalítico e “resto” do próprio sujeito que fica aquém da formação de um sujeito psíquico fundado na linguagem e, portanto, marcado pela simbolização. O corpo libidinizado é o corpo da conversão. A libidinização do corpo é fenômeno que ocorre durante a relação inicial mãe-bebê. É ideia freudiana de que os cuidados de higiene do corpo e os toques carinhosos estimulam as zonas erógenas. A pulsão sexual, apoiando-se nas pulsões de autoconservação, vai chegar até os órgãos-alvo ocasionando a libidinização do corpo. Fora do alcance da ação do *Anlehnung* [apoiar-se em, deitar sobre] permanece o corpo somático propriamente dito, que não se converteu em corpo erógeno. Déjourns (1991 *apud* FERRAZ, 2010, p. 4) chama esse processo de subversão libidinal do corpo biológico pelo corpo erógeno.

O corpo somático ou anatomofisiológico é aquele que ficou aquém da linha de apoio (*Anlehnung*), não convertido à sexualidade psíquica. É o corpo não representado. Em síntese, o processo da conversão histórica opera sobre o corpo representado, a somatização recai sobre o corpo biológico ou somático.

A obra de Marty e a visão de André Green

Green era conhecedor da psicossomática de Pierre Marty, valorizava o seu trabalho e a originalidade de suas ideias. Analisando sua obra, no livro *Psychosomatics today* (2010), considera que a teoria psicossomática é uma tentativa para descrever o que é algo anterior ao psíquico [*avant psychique*].

Green diz que suas relações com Marty foram muito simples e, ao mesmo tempo, muito complicadas. Marty recusou o convite para discutir seu trabalho em psicossomática na Sociedade Psicanalítica de Paris que, na

época, era presidida por ele. Green afirma não saber qual o motivo de ele não ter aceitado o convite.

Na *Revue Française de Psychosomatique* n.º 52/2017, número em homenagem a Green, estava o motivo, em resposta a Claude Smadja sobre a relação dele com Marty. Respondeu Green: “Nós somos os dois ‘filhos’ de Maurice Bouvet, ele foi meu analista e Pierre Marty era seu filho espiritual”. Essa ligação produziu uma rivalidade duradoura que nunca permitiu que eles discutissem pessoalmente seus trabalhos.

Para Green, Pierre Marty empreendeu uma reformulação da teoria psicanalítica, procurando na mente ou no corpo biológico o que vem antes. Qualifica que a natureza do fenômeno psicossomático que Pierre Marty propõe diz respeito ao pré-psíquico.

Green (2010, p. 259) segue:

[...] a tarefa é de imaginar um domínio anterior ao psíquico, uma mente nativa cujas qualidades específicas ainda não floresceram e ostentam a marca do biologismo do qual está escassamente separada.

Pensa que há, por parte de Pierre Marty, uma imaginação biológica. Green aponta que Pierre Marty usou o modelo da neurose como único termo de comparação com a práxis psicossomática e que não levou em consideração as estruturas das patologias não neuróticas, talvez porque tenha construído seu sistema antes que autores como Winnicott e Bion surgissem no panorama teórico da França. E que faltou também a Pierre Marty o olhar sobre os casos *border-line*, que eram objeto de investigação por diversos analistas entre os quais o próprio Green. Salientou que o trabalho de Marty se baseou nos conceitos da primeira tópica freudiana, que ele não valorizou a segunda teoria das pulsões nem a segunda tópica de 1923.

André Green, considerado o mais importante psicanalista na transição para este sé-

culo, foi um fiel defensor do legado freudiano. Ele liderou o movimento que produziu uma revalorização da metapsicologia com contribuições das obras de Winnicott, Bion e Lacan, fazendo uma articulação entre a dimensão pulsional e a dimensão relacional e objetal. Também contou com a colaboração de psicanalistas seus contemporâneos como Pontalis, Laplanche, Ogden, Bollas, Roussillon e Antonino Ferro, que contribuíram para criar uma visão pluralista do que Green chamou de “psicanálise contemporânea”. Isso o levou a afirmar, nos anos 1980, que a grande novidade nas últimas décadas era Freud e que, embora seus textos fossem os mesmos, mereceram uma cuidadosa releitura apoiada nas novas tradições filosóficas e hermenêuticas do século XX.

Foi também Green (2002 *apud* MINERBO, 2009) quem descreveu o quadro teórico das psicopatologias não neuróticas, que se caracterizavam por apresentar problemas na constituição do Eu, fragilidade narcísica, falhas nos processos de simbolização, além da tendência à atuação e à compulsão. Incluiu nesse grupo as somatizações, a síndrome do pânico (a antiga neurose de angústia), as adições, os estados limites. Esses casos são ainda um desafio à psicanálise porque colocam em xeque suas premissas fundamentais, tais como a associação livre, a transferência, a manutenção do *setting*.

A aproximação teórica entre os fatos psicossomáticos e os estados-limite, especialmente o conceito do trabalho do negativo, levou-o a considerar a hipótese da ação da pulsão de morte no processo de somatização. O desenvolvimento do trabalho do negativo levou-o à busca de uma teoria geral da constituição do aparelho psíquico.

O modelo teórico que Green criou em 1975 considerava a mente em torno de suas fronteiras, entre os limites da atividade psíquica. Dentro do campo psíquico, Green valoriza dois mecanismos fundamentais: depressão e *splitting* [clivagem]. Depressão primária que ele define como a baixa do tónus

psíquico, semelhante à depressão essencial de Marty e diferente da depressão neurótica ou psicótica. Considera o *splitting* [cisão] como uma atividade fundamental na vida mental. A possibilidade de dividir o universo em dois é o primeiro ato psíquico pelo qual pode ser significado o bom/mau, o dentro/fora. Considera que a pulsão de morte, a partir do desinvestimento dos objetos, é um conceito fundamental para a compreensão das psicopatologias não neuróticas.

A natureza complexa do objeto psicanalítico levou Green a recorrer, no final dos anos 1990, à noção de pensamento hipercomplexo de Edgar Morin para dar conta dos novos elementos das psicopatologias.

Morin (2020, p. 15) alertou que

[...] a dificuldade com a patologia moderna da mente está na hipersimplificação que não deixa ver a complexidade do real.

Era ideia do autor que

[...] essa complexidade advém do fato de que a observação psicanalítica vai além do manifesto, inclui os efeitos que a observação produz no analista e as fantasias que paciente e analista constroem conjuntamente na sessão.

O trabalho do negativo

Mais uma vez, Green parte de conceitos freudianos: alucinação negativa, transferência negativa, neurose como negativo da perversão e o artigo *A negativa* [*Verneinung*] de 1925 para descrever as operações psíquicas relativas à temática do negativo.

Analisando o trabalho de 1920, no qual Freud lançou o conceito da pulsão de morte, Green propõe associar as pulsões de vida e de morte e suas atividades de ligação e desligamento com suas funções quanto à relação com os objetos. Chamou de função objetalizante a ação exclusiva de ligação das pulsões de vida a seus objetos e nomeou de função desobjetalizante a operação psíquica de desligamento a cargo da pulsão de morte.

Considerando a capacidade das pulsões de vida e pulsões de morte de atuar associadas por meio da intrincação e também a capacidade de sofrer uma desfusão de modo a atuar de forma isolada, Green levanta a hipótese de que a função objetalizante da pulsão de vida, além de efetuar laços de ligações, poderia desfazê-los, isto é desligar, desobjetalizar.

Assim expressou Green (2018 *apud* KOTTLER; ZORNIG, 2018, p. 224):

A pulsão de vida pode muito bem admitir nela a coexistência destes dois mecanismos de ligação e desligamento, de maneira que pode absorver nela uma parte da pulsão de morte e assim se capacitar a também determinar um desligamento. Assim a pulsão de vida além da sua função objetalizante passaria a acumular em si as duas atividades opostas de ligar e a de desligar.

Green acrescenta que o desligamento efetuado pela pulsão de vida não pode ser tomado como um desligamento mortífero, como seria se fosse causado pela pulsão de morte, pois esse/o desligamento não mortífero é promovido pela própria pulsão de vida. Essa forma cuidadosa, não traumática de desligamento seria operada pela função desobjetalizante, acionada pela pulsão de vida do objeto primário (mãe), ou seja, pela sustentação materna.

O efeito para o sujeito (o bebê) do desligamento, operado pelo objeto primário (a mãe) sob a égide da pulsão de vida se relacionaria a uma ausência sobre um fundo de presença potencial, tendo efeito estruturante para o sujeito-bebê.

Ao contrário, se ocorrer a perda súbita e inesperada dos investimentos que o sujeito bebê recebe do objeto (mãe) resulta em empobrecimento do Eu. Esse Eu empobrecido, desorganizado e desagregado, deixa-o numa condição de intensa vulnerabilidade psíquica, podendo ocorrer a instalação de um quadro patológico que Green designa por

“caso-limite”. Na origem desse quadro, o objeto materno não pode efetuar uma retirada de maneira cuidadosa dos investimentos no sujeito (bebê), isto é, efetuar um desligamento de forma que ele, o sujeito-bebê, possa assimilá-lo.

Quando as condições são favoráveis à inevitável separação entre a mãe e a criança, ocorre no seio do Eu uma mutação decisiva. O objeto materno se apaga. Mas esse apagamento da mãe não a faz desaparecer verdadeiramente. O objeto primário torna-se estrutura constituinte do Eu (GREEN, 1980 *apud* KOTTLER; ZORNIG, 2018, p. 246).

O apagamento do objeto mãe resulta de um trabalho psíquico: trabalho do negativo. O termo “trabalho” deixa claro que essa operação psíquica de apagamento do objeto não se dá de forma espontânea, ao acaso. Pelo contrário, trata-se de uma tarefa psíquica em que a dupla de protagonistas, sujeito (bebê) e objeto primário (mãe) precisa se envolver ainda que em posições diferenciadas e mesmo assimétricas. O sujeito e o objeto se colocam em trabalho psíquico de ligação e desligamento dessa relação nos primórdios da constituição psíquica.

Importante é o papel do objeto primário (mãe) no contexto da constituição psíquica do sujeito: a mãe deve produzir um desligamento de seu investimento para que o sujeito (bebê) possa efetuar outro trabalho? o trabalho do luto primordial, isto é, o de elaboração psíquica de sua primeira perda objetal. Desse modo, o objeto primordial, a partir de sua pulsão de vida, tem uma função desobjetalizante a cumprir: promover o desligamento do vínculo inicial, isto é, apagar essa ligação.

Winnicott (1968 *apud* ROCHA, 2006, p. 88) afirmou que a ausência prolongada do objeto materno no contexto da dependência absoluta, por um tempo maior do que o sujeito bebê pode tolerar, provoca um sentimento de ruptura na continuidade da existência, causando, desse modo, um trauma. Por outro lado, a incapacidade desse objeto de “se apagar” dificultará o estabelecimen-

to da estrutura enquadrante. Dessa forma, acontece o “aprisionamento” do sujeito por esse objeto que tem o potencial de prejudicar as demais etapas do processo.

Essa falha no processo terá repercussões na constituição da estrutura enquadrante, deixando marcas sob a forma que Green chama de buracos psíquicos. Buracos que guardam a relação com a ausência de sentido diante da retirada súbita do investimento e o desligamento de uma mãe de condição suficientemente boa. A existência de um Eu esvaziado levou Green a deduzir a instalação de patologia que chamou de clínica do vazio ou clínica do negativo.

Essa descrição teórica de Green lembra o que Joyce McDougall (1983) tinha por pressuposto, que a vida começa com a experiência de fusão, a sensação de que existe apenas um corpo e um psiquismo para dois. Para o bebê, a mãe não é um “objeto” distinto. Ela é um ambiente total, a mãe universo. O bebê não reconhece a mãe como outro, pois está a ela fusionado.

Nessa fase, o bebê não tem condição de identificar se os estímulos provêm do exterior ou do interior do seu corpo. As frustrações decorrentes da alternância de presença e ausência da mãe são necessárias para permitir a alucinação do objeto primário indispensável para formar representações. Num dado momento, o bebê se encontra em dupla busca psíquica: fundir-se com o objeto mãe e, ao mesmo tempo, ser dela diferenciado.

Em síntese, Green afirma que, para a instauração da estrutura psíquica, é necessário que o próprio objeto (mãe) realize o seu apagamento, apagando o vínculo inicial, isto é, a própria ligação.

Winnicott (1949 *apud* ROCHA, 2006, p. 9) com o conceito de *mãe suficientemente boa*, aquela que atende as necessidades do bebê e também o frustra, foi um dos primeiros autores a hierarquizar o papel da mãe no funcionamento mental da criança. Ele considerou que a mãe intervém como ativa construtora do espaço mental da criança. Na teoria

psicanalítica de Winnicott, o ser humano é apresentado não como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que, para existir, precisa de outro psiquismo, do cuidado e da atenção de outro ser humano.

Para concluir

Claude Smadja, psicossomático da segunda geração da École Psychosomatique de Paris, diz que o trabalho André Green

[...] favoreceu uma mudança conceitual fundamental que enriqueceu a teoria psicossomática com o aporte da segunda tópica e o dualismo pulsional freudiano. Esta evolução contribuiu para situar mais nitidamente a teoria da psicossomática no seio da psicanálise. Que os avanços teóricos e clínicos dos estados limite permitiram considerar certos tipos de funcionamento mental, como o pensamento operatório, não mais como mau funcionamento, mas como uma questão de mecanismos sofisticados de defesa contra o retorno do traumatismo precoce impensável. (SMADJA; AISENSTEIN, 2017, p. 44)

As teorias de Marty e André Green, oriundas do pensamento freudiano, apresentam convergências e divergências em sua construção e mostram a importância do encontro da psicossomática e da psicanálise na busca de novas linhas de trabalho e pesquisa.

Abstract

This article addresses the main foundations of Pierre Marty's psychoanalytical psychosomatics, which represented an advance in the understanding and psychotherapeutic treatment of somatisers in the second half of the last century. At the turn of this century, André Green's research established new theoretical basis for a better understanding of non-neurotic pathologies, among which he included psychosomatics. The group of non-neurotic psychopathologies is characterized by presenting egoic fragility, flaws in the symbolization process and a tendency to act, in which the action of the deobjectalizing function and the work of the negative are fundamental elements.

Keywords: Psychoanalytical psychosomatics, The work of the negative, Non-neurotic pathologies.

Referências

AISENSTEIN, M. A psicossomática como corrente essencial da psicanálise. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. XI, p. 225-235, ago. 2004.

FERRAZ, F. C. A somatização no campo da psicopatologia não neurótica. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=A+somatiza%C3%A7%C3%A3o+no+campo+da+psicopatologia+n%C3%A3o+neurotica&oq=A+somatiza%C3%A7%C3%A3o+no+campo+da+psicopatologia+n%C3%A3o+neurotica&aqs=chr>.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GREEN, A. Pulsions de destruction et maladies somatiques. *Revue française de psychosomatique*, Paris, n. 32, vol. 2, p. 45-70, 2007.

GREEN, A. Thoughts on the Paris School of Psychosomatics. In: AISENSTEIN, M.; AISENBERG, E. R. *Psychosomatics today*. London: Karnac Books, 2010. (e-book).

KOTTLER, A.; ZORNIG, S. A.-J. O trabalho do negativo e suas vinculações com as pulsões de vida e morte. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 215-235, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=O+trabalho+do+negativo+e+suas+vincula%C3%A7%C3%B5es+com+as+puls%C3%B5es+de+vida+e+morte&oq=O+trabalho+do+negativo+e+suas+vincula%C3%A7%C3%B5es+com+>.

MARTY, P. *A psicossomática do adulto* (1990). Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

MARTY, P. *El Orden psicossomático*. Tradução: Isabel Usobiaga e F. Javier Alarcon. Valencia: Promolibro, 1995.

McDOUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Teoria e clínica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MINERBO, M. Psicopatologia psicanalítica: notas críticas. *Revista Psicanálise SBPdePA*, v. 11, n. 1, p.

155-164, 2009. Disponível em: <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Psicopatologia-Psi-canal%C3%ADtica.pdf>.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PAPAGEORGIOU, M. (dir.). *Andre Green. Revue Française de Psychosomatique*, Paris, n. 52, v. 2, 2017. Homenagem a Andre Green. Presses Universitaires de France.

ROCHA, M. P. *Elementos da teoria winnicotiana na constituição da maternidade*. 2006. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica). Núcleo de Estudos e Pesquisas de Práticas Psicoterápicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15511/1/Dissertacao%20MARLENE%20PEREIRA%20DA%20ROCHA.pdf>.

SMADJA, C; AISENSTEIN, M. Destins d'une rencontre. In: PAPAGEORGIOU, M. (dir.). *Andre Green. Revue Française de Psychosomatique*, Paris, n. 52, v. 2, 2017. Presses Universitaires de France.

Recebido em: 12/08/2020

Aprovado em: 20/09/2020

Sobre o autor

Celso Perez Melgaré

Psicanalista.

Médico (UFCS, Porto Alegre).

Membro do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Membro do Comitê de Bioética do Hospital Nossa Senhora da Conceição - Porto Alegre.

Endereço para correspondência

E-mail: celsomelgare@gmail.com

A subjetividade da psique preta: como uma herança da ancestralidade de sofrimento, ódio e culpa se inter-relaciona com a estrutura sadomasoquista

*The subjectivity of the black psyche:
as an inheritance from the ancestry
of suffering, hatred and guilt
is interrelated with the
sodomasochistic structure*

Hilceia Patriarca

Resumo

O presente artigo aborda a questão da subjetividade preta no que se refere aos impactos causados na psique preta frente ao racismo, apontando, do ponto de vista econômico do masoquismo, a internalização e a assunção do não lugar, da sua invisibilidade.

Palavras-chave: Racismo, Sofrimento, Psique preta, Sadomasoquismo.

À luz do livro *Pele negra máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon (nascido na Martinica em 1925, psiquiatra, filósofo e influente pensador do século XX sobre temas como descolonização e psicopatologia da colonização) e dos artigos de Freud sobre *O problema econômico do masoquismo* (1923-1925) e *O mal-estar na civilização* (1927-1931), pretende-se trazer à tona aspectos relacionados à psique preta, sem a pretensão de preencher as lacunas que porventura esse artigo apresente, de um lado, pela dificuldade em encontrar uma vasta literatura psicanalítica sobre a temática; de outro, pela própria complexidade do tema.

Além dos títulos mencionados, serviram de base teórica outros dois importantes escritos: o livro organizado pelo psicanalista

Fábio Belo, *Psicanálise e racismo* (2018) – interpretações a partir de “Quarto de despejo”, de Maria Carolina de Jesus, e *Crítica à razão negra*, de Achille Mbembe (2014).

O pensamento em torno da psicanálise preta nos leva a empreender um caminho de questionamentos a respeito dessa subjetividade preta e dos meios de que dispõe a psicanálise no sentido de compreender e articular sua prática em favor do tratamento. Em decorrência disso, foi necessário estruturar este artigo como se monta um quebra-cabeça, um esqueleto, cujas peças parecem ainda não se encaixar.

Cinco perguntas poderiam orientar este discurso na tentativa de responder algumas questões ainda silenciadas e, de olho nelas, experimentar um esboço de aliviar a angústia

tia de vê-las minimamente abrindo caminho, para que novas perguntas sejam feitas e novas e melhores respostas sejam dadas, procurando, assim, aproximar a angústia de quem escreve com a de quem ouve.

Advirto a todos que não esperem uma lógica formal que lhes facilite a compreensão, porque, quando tratamos das questões da humanidade, estamos falando de idiosincrasias, de dialética incontornável, de ambivalência. Isto posto, declaro que, das perguntas abaixo, apenas a quinta será objeto de escaneamento, porque é a que mais se aproxima da intenção desta breve análise, no sentido de propor sugestões que poderão ser objeto de investimento por instituições psicanalíticas, como parte do seu compromisso com a saúde mental da sociedade, tal como as elencamos a seguir:

- O quanto é impactada a psique preta pelo não reconhecimento de sua condição de sujeito numa sociedade racista?

- Quanto de sua condição de não sujeito afeta a estrutura do masoquismo secundário?

- O que de primitivo (ancestralidade) poderia constituir ou imprimir algum conteúdo diferente ao masoquismo primário, original?

- Parafrazeando a pergunta de Fanon (2018), até que ponto as conclusões de Freud podem ser utilizadas na tentativa de explicar a visão do mundo do homem de cor?

- E, por fim, de que forma a psicanálise, nos tempos atuais, em que o racismo parece ter se acirrado, numa sociedade “dita branca”, que se mantém à vontade com seu preconceito não mais velado, pode atuar como uma espécie de psicologia preta?

Começamos pela velha assertiva “você é aquilo que dizem de você”, pois é sabido que, a partir de tudo que é dito do outro, antes mesmo do seu nascimento, apoia a sua constituição como indivíduo e sua identificação com os que o rodeiam, inicialmente, no seio familiar e, posteriormente, nos diversos grupos sociais dos quais fará parte.

Ao pensar nessa ideia, imediatamente somos obrigados a nos confrontar com o propósito deste artigo, no que se refere à subjetividade do sujeito preto e sua relação com mundo. Não estar inserido ou não se sentir fazendo parte pode trazer danos importantes, pois não se trata de uma escolha e, sim, de uma imposição, como se inumano ou inadequado.

Nesse sentido, Fanon (2018, p. 16) argumenta que o racismo força um grupo de pessoas a sair da relação dialética entre o Eu e o Outro, uma relação que é a base da vida ética e a consequência é que quase tudo é permitido contra tais pessoas e, como a violenta história do racismo e da escravidão revela, tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico.

Isso nos leva a refletir sobre a impossibilidade de pensar um mundo de um. É a essa tal relação dialética que Fanon se refere. Ela fala do imprescindível respeito à diversidade, da possibilidade de convivência de uns e de outros, o que demonstraria a existência de uma certa liberdade que assegurasse a visibilidade.

Ao sofrimento imposto pela exclusão, Fanon sugere (2018, p. 26) duas razões: uma econômica-social e outra, por vezes consequente da primeira, relativa à epidemização do sentimento de inferioridade, que é sentida pelos pretos como a dor do não existir, em dois aspectos que se complementam: um do ponto de vista narcísico e outro relativo ao pacto social de aceitação, que se reflete na impossibilidade de experimentar o amor. Considera-se, portanto, o não lugar como representado por aquilo que dele é dito, da sua negação, da invisibilização demonstradas em palavras e atos cotidianos.

Ora, é notório que esse sentimento de inferioridade que, tal como uma epidemia, vai sendo transmitido de geração em geração, tem relação direta com o que Freud descreve no *O mal-estar da civilização* ([1929/1930] 1969), algo como um traço genético, absorvido em razão do estabelecimento de uma

cultura, nesse caso, produto de um processo de colonização em que a linguagem assume um lugar preponderante na marcação do papel que é atribuído a cada sujeito falante e não falante.

A tentativa de pertencimento passa pela assimilação dos jeitos e trejeitos do colonizador pelo colonizado, antes para se manter vivo, hoje para garantir estar na vida. Quando falamos de linguagem, estamos ampliando o seu entendimento para tudo o quanto se apresenta numa cultura (a própria linguagem, a história, os traços, as diversas manifestações etc.). A seqüela é um sem-número de resultados danosos tanto na sua potencialidade existencial quanto nos aspectos intrapsíquicos e intrasubjetivos, cuja exatidão do que seja experimentado pelos pretos permanece subjacente. Portanto, poderíamos, por exemplo, nos perguntar como uma criança preta, descendente direta de escravos, experimentaria a noção lacaniana do estágio do espelho?

Resta a esse indivíduo sucumbir a um dos papéis possíveis em sua existência, quais sejam, o seu embranquecimento ou seu aniquilamento, este representado por um superego indulgente e uma pulsão de morte calçada pela angústia incessante, como afirmam as mestrandas em psicologia Santos, Almeida e Matos (2018) autoras de um dos artigos que integra o livro *Psicanálise e racismo*.

No referido artigo intitulado *Constituição narcísica, racismo e manejo na clínica* psicanalítica, elas refletem sobre como as vias facilitadas de tradução fornecidas pela cultura são utilizadas como caminhos aos quais o sujeito fica submetido, buscando pensar sobre a possibilidade de recursos simbólicos que poderiam servir como mecanismos de defesa contra o ataque interno (o sadismo de que fala Freud e que se volta para dentro) das marcas do racismo introduzidas pelo outro durante a constituição do seu psiquismo (SANTOS; ALMEIDA; MATOS, 2018, p. 223-224).

A identidade do preto no Brasil, naquilo que se refere à sua relação com outro, é

muito bem esclarecida no prefácio de Jurandir Freire Costa, para o livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza (1983). O autor, com base no pensamento de Santos, explica que a violência do racismo é impiedosa em sua dinâmica intrapsíquica, visto que tende a destruir a identidade do sujeito negro, sob o pressuposto de Ideal de Ego branco, abrindo-se, assim, um fosso através da internalização compulsória e brutal a que é submetido tanto psíquica quanto culturalmente.

Ser negro no Brasil é ser violentado de forma constante, contínua e cruel sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (COSTA, 1983, p. 2)

A relação do sujeito preto com o mundo exterior afeta sobremaneira a forma como se vê. Por conseguinte, os impactos decorrentes dessa leitura enviesada se refletem na forma como vai ao encontro da vida diante de si e em relação aos seus iguais e aos que a ele não reconhece. É um dos principais efeitos rebate diretamente sobre um superego extremamente fortalecido, com destaque para a relação sadomasoquista. Sobre isso, podemos atentar ao que Freud nos revela em seu artigo *O problema econômico do masoquismo* ([1924] 1969).

Entre as três formas de masoquismo descritas por Freud ([1924] 1969, p. 179), por afinidade ao tema, iremos nos concentrar na moral. Para ele, esse tipo de masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha a oportunidade de receber um golpe. Essa é a condição dos pretos, por imposição de uma sociedade supostamente branca, que os coloca no lugar de culpados por uma existência indesejada e fadada a manchar um modelo estabelecido por um grupo reprodutor de uma prática sociocultural aceita em tempos idos, mas mantido, sem qualquer discrição, no momento presente.

Ao não ser capaz de se reconhecer a partir do seu narcisismo, sobra um superego que é instigado por um instinto destrutivo que se volta para dentro e se enfurece contra o eu (*self*), segundo Freud ([1924] 1969, p. 183). Adoecido, esse sujeito desfere contra si golpes que implicam sofrimento silencioso e com uma força destrutiva, cujos desdobramentos são impossíveis de ser mensurados. É evidente que devem existir aqueles que conseguem, embora não seja possível comprovar no momento, manejar esse superego, destinando a sua agressividade para fora; contudo, também não sabemos se o esforço é premiado.

Freud ([1924] 1969, p. 185) nos fala da origem desse superego severo advertindo-nos que reteve características essenciais de pessoas introjetadas – a sua força, sua severidade, a sua inclinação a supervisionar e punir, acrescentando que o superego é a consciência em ação no ego – podendo se tornar dura, cruel e inexorável contra o ego que está a seu cargo.

Essas figuras são representadas pelo pai ou pela mãe (ancestralidade), que reproduzem um modelo de inferioridade, pelas condições de trabalho a que estão sujeitos, pelas autoridades governamentais, representadas por instâncias do judiciário, entre outras. É com esse opressor que ele se identifica, incorporando-o, engolindo-o e deixando que se instale no superego, como se preenchesse o vazio da individuação.

É imprescindível reiterar o quanto esse mecanismo se estrutura na pulsão de morte, operação que se mostra resistente à superação pelo fortalecimento do ego, sobretudo no que se refere à potência do narcisismo, importante nesse processo de autorreconhecimento. Freud ([1924] 1969, p. 188) reforça esse fator afirmando que o perigo do masoquismo moral reside no fato de ele se originar do instinto de morte e corresponder à parte desse instinto que escapou de ser voltado para fora.

Enfim, pode-se inferir que, no que tange à repetição e à autodestruição, seja da ordem

da ancestralidade, seja do ponto de vista das experiências de vida, ambas imprimem a necessidade de autopunição como se esses sujeitos ainda se vissem atados a grilhões no pelourinho eterno, num ambiente que podemos denominar de quilombos urbanos.

Diante disso, cabe refletir, em termos de linhas psicanalíticas, qual deve melhor servir a esse sujeito, considerando que o método criado por Freud não contemplava esse estado de coisas. Podemos começar por transitar num outro espaço de vivências, pouco exploradas pela psicanálise, mesmo atualmente, como uma espécie de neurose de guerra, procurando desvendar aspectos que afetam as pessoas pretas de forma diferente dos brancos, certos de que a ação do negro estará sempre no Outro (sob a forma do branco). Portanto, é imprescindível, em primeiro plano, que os psicanalistas reservem sua cota de entendimento da dor de existir do preto diferentemente das dores de uma pessoa branca que vai a seu consultório.

É também urgente que se pense em formas para ampliar, em suas estruturas institucionais, uma maior presença preta de maneira a diversificar as discussões ouvindo de quem sente aquilo que fará diferença em suas práticas. Não menos importante está a internalização do tema nos diversos grupos de estudos e, por ora, reconhecer os limites da função do analista.

Isso posto, é fulcral entender que é importante compartilhar suas experiências para além da supervisão, pois não há um único mestre, uma única fonte de informação, o que poderá contribuir para fazer da sua atividade a diferença necessária na busca da cura dessas almas pretas.

Finalizo, entretanto, não concludo, porque esta não é uma reflexão que se esgota, mas se constituiu de muitas nuances e de muitas facetas ainda a serem exploradas, num contexto de construção de identidade muitas vezes forjada em sua realidade psíquica, econômica, sociocultural e mutilada em sua essência, o que exige buscar no âmago dos propósi-

tos e intenções um saber radical em prol de uma verdadeira transformação. Será preciso iniciar um debate profundo sobre como e quando a psicanálise atual irá se apropriar do tema.

Enfim, para contribuir com a reflexão que permeará um possível processo de construção de mudança de padrão de conceitos, encerro, por ora, com trechos de uma citação de Fanon por Mbembe, em seu livro *Crítica da razão negra* (2014, p. 88):

Em Fanon, o termo “Negro” advém mais de um mecanismo de atribuição do que de autodesignação. Eu não sou negro, declara Fanon, nem sou um negro. Negro não é o meu nome nem apelido, e menos ainda a minha essência e identidade. Sou um ser humano, e isso basta. O Outro pode disputar em mim esta qualidade, mas nunca conseguirá tirar a minha pele ontológica.¹ O facto de ser [...] alvo de discriminações ou de toda a espécie de praxes, vexações, privações e humilhações, em virtude da cor da pele, não muda absolutamente nada. Continuo a ser uma pessoa intrinsecamente humana, por mais violentas que sejam as tentativas que pretendem fazer-me crer do contrário. Este excedente ineliminável, que escapa a qualquer captura e fixação num estatuto social e jurídico e que nem a própria condenação à morte conseguiria interromper [...], nenhuma doutrina e nenhum dogma poderão apagá-lo. “Negro” é, portanto, uma alcunha, a túnica com a qual outros me disfarçaram e na qual me tentam encerrar. [...]

1. No heideggerianismo, relativo ao ser em si mesmo, em sua dimensão fundamental, em oposição ao ôntico, que se refere aos entes múltiplos e concretos da realidade.

Abstract

This article approaches the issue of black subjectivity and its impact on black psyche concerning to racism revealing, from the economic masochist point of view, the ‘non-place’ internalization and invisibility.

Keywords: Racism; Suffering; Black psyche; Sadomasochism.

Referências

BELO, Fábio (org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de ‘Quarto de despejo’*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio - Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 1-16. (Coleção Tendências, v. 4).

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* (1952). 1. ed. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 177-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

MBEMBE, Achille. *Crítica à razão negra*. São Paulo: N1 Edições, 2014.

SANTOS, M.; ALMEIDA, M.; MATOS, V. Constituição narcísica, racismo e manejo na clínica psicanalítica. In: BELO, Fábio (org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de “Quarto de Despejo”*. Belo Horizonte: Relicário, 2018. p. 223-230.

Recebido em: 15/12/2020

Aprovado em: 30/12/2020

Sobre a autora

Hilceia Patriarca

Pedagoga pela Faculdade
de Educação da Bahia.

Especialista em recursos humanos,
pela Faculdade de Educação da Bahia.

Especialista em gestão pública
pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Formação em psicanálise
pelo Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB).

Endereço para contato

E-mail: patriarca950@gmail.com

Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser. Uma leitura psicanalítica da função no self do relacionamento amoroso e da repetição

*Loving relationships
as experiences of being and not being.
A psychoanalytic reading
of the function in the self
of the loving relationship and repetition*

Isabel Mesquita

Resumo

A autora pretende demonstrar como os relacionamentos amorosos podem servir funções de estabilidade, regulação e manutenção de um sentimento de coesão do *Self*, seja mais no nível da estabilidade e da coesão (linha de introjetiva) como referira Blatt, visando impedir a angústia de aniquilação ou, por outro, lado possibilitar, em estados mais desenvolvidos do *Self* (linha anaclítica) (Blatt, S. J.; Blass, R. B., 1992), uma visão mais segura de si (autoestima e sentimento de eficácia) impedindo a angústia de perda do objeto em ambos os casos, possibilitando o sentimento de ser. A estabilidade da relação amorosa e a satisfação com o seu desenvolvimento estarão diretamente ligadas à possibilidade de autonomização em relação aos objetos internos, à transcendência do *self* e ao seu desenvolvimento na relação, interligadas a uma maior autonomização face aos objetos internos e a uma possibilidade de autorregulação e regulação do meio. Pretende-se demonstrar como em determinadas situações a psicoterapia de casal não pode avançar para o trabalho da relação a dois e para o trabalho da intersubjetividade sem que o sentimento de *Self* esteja firmado em cada um dos elementos do casal.

Palavras chave: Self, Sentimento de eficácia, Retraumatização, Sentimento de ser e de não ser, Repetição.

Introdução

A relação amorosa visa o encontro com um outro com o qual se possa prosseguir no desenvolvimento – sendo este uma motivação básica do ser humano (ROGERS, 1951; PERLS, 1973; GREENBERG; RICE; ELIOTT, 1993). A relação amorosa favorece

o engrandecimento da visão do *self* porque enriquece a experiência, permite a flexibilização do sistema emocional pela possibilidade de integração de afetos que até aí não tinham encontrado uma configuração relacional de expressividade, facilitando, desse modo, o romper de padrões relacio-

nais instaurados desde as primeiras relações.

No entanto, as relações amorosas são muito afetadas pelo modo como cada sujeito vai integrando as experiências afetivas e relacionais (LEONE, 2008), pelos *organizados da experiência inconscientes* (STOLOROW; ATWOOD, 1992, ATWOOD; STOLOROW, 2014, STOLOROW; ATWOOD; BRANDSHAFT, 1994) e pela coesão e pelo sentimento de continuidade do *self*.

Neste artigo, partindo da ideia de Rimstrom (2014) de que há uma tendência para reencenar o passado de modo a manter um sentimento de organização do *self*, pretende-se clarificar como essa tendência fica a dever-se a representações mais fragilizadas e desarmoniosas do *self* que estão ligadas a relações de objeto que impedem o desenvolver da experiência e o ganho com a intersubjetividade.

A partir da combinação de conceitos principais da teoria das relações de objeto como seja a noção de relação de objeto englobando um estado do *self* um objeto e o afeto (KERNBERG, 1976) e conceitos da perspectiva relacional sobre a matriz relacional e o fenómeno de ligação (*bond phenomena*), pretende-se entender o modo como as *dimensões repetitivas da experiência* (STOLOROW; BRANDSHAFT; ATWOOD, 1987) se manifestam no nível do relacionamento amoroso de forma a manter um sentimento mais coeso e estável do *self*.

Nessas situações considera-se que a representação do *self* está associada a uma relação de objeto que não possibilitou a simbolização e a integração de certos afetos que se mantêm à distância da experiência relacional, enclausurando partes do *self* que ficam alienadas e inibidas de se desenvolver, impossibilitando que a relação amorosa se revele uma experiência transformadora e desenvolvutiva.

Consideramos que o *self* está orientado para o desenvolvimento e para a constante atualização (PERLS, 1973; MASLOW, 1954; ROGERS, 1951) e pretende-se demonstrar

como a não autonomização face às relações de objeto, às quais estão associadas representações do *self* frágeis e desvalidas, podem encriptar o desenvolvimento de visões mais saudáveis do *self* conduzindo ao estabelecimento de relacionamentos amorosos que perpetuam essas ligações a relações de objeto originárias na primeiras experiências relacionais e mantêm uma visão do *self* já conhecida mas impedida de evoluir, evitando, assim, a experiência de não ser.

A vida em relação

Winnicott (1965, 1971a) já havia referido que o indivíduo é regido não pelo princípio do prazer, mas pela necessidade do sentimento de continuidade do seu *self*, em que o *processo maturacional* se desenvolve em relação com o *meio facilitador* dando progressivamente lugar à contiguidade do *self*, no sentido em que a necessidade de contacto e proximidade se torna cada vez mais relevante com o desenvolvimento do *espaço potencial*.

O autor aludira ao facto de nascermos com uma tendência inata para o desenvolvimento ou, como refere Bromberg (2012) para nos desenvolvermos e não somente para sobreviver, com a pulsão – processo maturacional que pode ser condicionado se o ambiente não for facilitador (WINNICOTT, 1965; GREENBERG; MITCHELL, 1983; SUMMERS, 1994) e se o poder criativo e transformador de cada um não bloquear.

Rogers (1951) e Maslow (1968), por seu lado, haviam referido uma tendência inata para a constante *atualização* do *self*, no sentido em que o caminho do desenvolvimento consiste em avançar, criar novos objetivos e procurar o que se deseja, criando sempre novos significados, mas sempre tentando manter um grau de *estruturação suficiente* no sentido da *optimal strutralization* referido por Atwood e Stolorow (2014).

Contudo, essa tarefa de amadurecimento, estruturação e a experiência desenvolvutiva não se apresenta como fácil ou automática, exige alguma facilitação do meio e do sujei-

to, no sentido em que importa, como refere (GREENBERG; RICE; ELLIOTT, 1993), a sua motivação para se desenvolver.

Assim, Waddington (1957 *apud* Bowlby, 1981) refere que a personalidade humana vai-se desenvolvendo ao longo de uma série de vias, sendo que à nascença existe um manancial de vias em que as escolhidas dependem da interação com o meio, no entanto,, ao longo das diversas interações estabelecidas no decurso da vida é possível ir alargando as escolhas e experimentando novas potencialidades (ATWOOD; STOLOROW, 2014; SUMMERS, 1999a, 2013).

Partindo da evidência de que o cérebro constrói as suas estruturas através de interações com os outros (COZOLINO, 2002, 2006), é a partir dessa relação que se formam as estruturas interativas precoces, os *princípios organizadores da experiência* (STOLOROW; ATWOOD, 1992; ATWOOD; STOLOROW, 2014; STOLOROW; ATWOOD; BRANDSHAFT, 1994) e o desenvolvimento do *conhecimento relacional implícito* (STERN, 1998; CODERCH, 2010), RIG (STERN, 1985), o que permite prever a sua ação. As primeiras ligações – *bond* – no sentido de Pichón Rivière (1985) estão carregadas de significados e gestões afetivas que se tornam mediadores importantes das relações futuras e da constante construção do *self*.

Consideramos que, tal como já havia referido Kernberg (1976, 1984), a estrutura de base da criança é um estado do *self* ligado afetivamente a uma representação do objeto. Assim, segundo o autor, a estrutura psicológica é formada por unidades das relações *self-afeto-objeto*, e qualquer ameaça a essa estrutura constitui-se como uma ameaça para o *self* sendo geradora de ansiedade (seja de que ordem for). Essas relações de objeto formam-se para que seja possível ir organizando a experiência tornando-a previsível, aportando um sentimento de segurança interna e confiança no meio. Contudo, essas unidades estão sujeitas a mudanças e ressignificações ao longo do processo evolutivo. É no campo relacional que se vai estruturando a possibili-

dade de conhecimento e desenvolvimento.

Inicialmente, é partir da nova perspetiva revelada na reação do cuidador aos estados afetivos da criança que é possível a ela ir criando novas estratégias reguladoras, desenvolvendo-se um sentimento de eficácia/agência que se revela tão importante para o desenvolvimento do sentimento de segurança do *self* (STERN, 1985, 2004; DEMOS, 1989, 1992). Todo o significado atribuído à experiência é coconstruído, criado, composto (MITCHELL, 1988). É a partir das interações entre o temperamento da criança, o seu *idiotoma* (BOLLAS, 1989), o seu sistema motivacional (LICHTENBERG, 1989) e a prioridade de necessidades em conjugação com a resposta materna – com o seu temperamento, sistema motivacional e de necessidades – que se vão organizando as relações de objeto que originam os esquemas perceptivo-afectivo-cognitivos a partir dos quais se apreende a experiência de vida posterior.

Designamos relações de objeto similarmente à descrição de Miller e Dorpat (1996, 1998) de *esquemas organizadores* que são originados a partir da regulação mútua mãe-bebé não sendo, no entanto, reproduções passivas das relações (MITCHELL, 1988), mas sim modos como a criança constrói as relações e o que extrai delas de acordo com as suas necessidades adaptativas e defensivas, no sentido do *uso do objeto* Winnicott (1971b).

Essas relações constituem-se como um núcleo central do *self*, estruturam a experiência de vida e são permeáveis à mudança, transformando-se ao longo da vida, umas vezes de forma mais eficiente que outras. Estão na origem dos esquemas conceptuais que dizem respeito à análise que cada um faz de si, dos outros e das relações e ao modo como se comporta. Se quisermos, estes últimos correspondem aos aspetos dessas relações de objeto tornadas conscientes.

Greenberg, Rice e Elliott (1993) referiram-se ao facto de a experiência emocional ser um processo multicomplexo que inclui mudanças corporais, significados e tendên-

cias para a ação. Assim, pensamento e sentimento encontram-se num processo dialético que conduz a uma síntese, integrando conhecimento e ação num sentimento unificado de *self* e situação.

Salientando a importância da ação, também Stern (1985), Beebe e Lachmann (1992, 2002) e (BENJAMIN, 1995) destacam o sentimento de eficácia resultante do sentimento de ter efeito sobre o meio relacional resultando no desenvolvimento do *self*. Assim, o sentimento de auto e heterorregulação será o centro da competência de um *self* relacional (ARON, 1996).

Destarte, tendo como ponto de referência as experiências relacionais precoces que conduziram à formação de estruturas de relação de objeto internas, os indivíduos vão elaborando soluções relacionais para as experiências vividas ao longo do desenvolvimento.

Contudo, quando não é possível integrar as experiências negativas e quando, no início, não foi possível ir estabelecendo um contacto progressivo com o principio de realidade (o que auxilia no manejo de afetos desprazerosos) surge a necessidade da manutenção de defesas mais onnipotentes de forma a poder lidar com a realidade que se apresenta precocemente, numa altura em que o *self* não tem integração suficiente para se poder confrontar com essa, ficando assim prejudicadas as fases de *integração* e de *personalização* (WINNICOTT, 1945), e o amadurecimento. Nesse sentido fica prejudicado o sentimento de ter efeito sobre o meio, ficando a representação do *self* mais fragilizada.

Então, as relações patológicas internalizadas obstruem o *self*, pressionando-o em diferentes direções, mas impedindo seu desenvolvimento saudável. Em nossa opinião, a modificação dessa estrutura de relação de objeto implicará sempre uma mudança na representação do *self* e das relações com os outros reais. É nesse sentido que consideramos que existem muitas resistências à mudança no padrão relacional e à autonomia em relação a essas estruturas de relação de

objeto, porque essa alteração implica mudanças na organização estabelecida no *self* a partir dessas relações.

Essas mudanças podem conduzir a um sentimento de não ser – no sentido da perda do sentimento de continuidade do *self* (BROMBERG, 2012), uma ameaça ao sentimento de estabilidade do *self* e ao já conhecido. Claro está que a ameaça é tanto maior consoante a maior ou menor fragilidade que o *self* apresenta.

Quando as experiências relacionais precoces conduziram a sentimentos de abandono ou medo derivado de injúrias graves, o vínculo é sentido como algo perigoso e a evitar, de tal modo que todos os recursos psíquicos e biológicos estão acionados de forma a alertar face à iminência do perigo de revivência da situação lesiva e geradora de dor mental. Maiores esforços são exigidos no alcance do sentimento de segurança e coesão do *self*.

Acrescenta-se o comprovativo biológico de que a amígdala compara os acontecimentos atuais com o que está armazenado e face a semelhanças num elemento, reage como se o acontecimento fosse igual ao do passado, agindo antecipadamente à confirmação dos factos (SCHORE, 2003). Nesse sentido que estamos a descrever, estamos face á formação de estruturas patológicas (ATWOO; STOLOROW, 2014).

Por outro lado, quando nas primeiras experiências interativas a criança sentiu a necessidade de evitar que determinados afetos se manifestassem para poder manter a relação com o cuidador, necessária à sua sobrevivência, as defesas vão no sentido do evitamento da *retraumatização* (BRANCHAFT; DOCTORS; SORTER, 2010) ou, como refere Bromberg (2003), de evitamento *do retorno do trauma*.

Nesses casos, existe um *self* que está frágil ou debilitado, porque não lhe foi possível ir integrando certas experiências afetivas e consolidando o sentimento de eficácia e efeito sobre o meio, como forma de poder manter o meio relacional.

Nessas condições, as defesas são no sentido do restabelecimento de uma visão mais afirmada e fortalecida do *self*, sendo que a representação debilitada do *self* remete para o receio da perda do amor do objeto (COIMBRA DE MATOS, 2001, 2002; SUMMERS, 2015).

Desse modo, há sempre partes do *self* que não podem entrar em relação e estão protegidas, mas não se desenvolvem porque não são detentoras de uma forma de narrativa comunicável. São estados do *self* que estão como que sequestrados, pois é uma experiência impedida de existir, o que Summers designa de *self enterrado* (1999a, 2013).

Assim, existem potencialidades afetivas que não encontraram uma configuração relacional de expressividade porque não foi possível aceder à simbolização ou porque foram afastados de modo a preservar a relação.

No nível amoroso, escolhem-se relacionamentos por contrasseleção, elege-se um parceiro(a) contrário à imagem daquele progenitor com o qual se teve uma relação negativa ou mais conflituosa. Isso quando a maioria dos aspetos conflituais são conscientes. Contudo, essa escolha poderá ter um efeito duplo, uma vez que, nesse caso, muitas vezes apenas se atende às características do novo objeto que o distinguem do anterior, sem atender à totalidade da sua personalidade.

Em nossa opinião, trata-se de uma escolha aparentemente segura e protetora, mas que muitas vezes resulta num vazio, pois é uma escolha pela restrição, não em direção a um objeto verdadeiramente novo que possibilite uma relação nova e criativa, que conduza ao desenvolvimento do *Eu*, mas sim a escolha de um *semiobjeto*, escolhido em função do contrário e não em função das suas características como um todo e desejado com a sua própria individualidade e subjetividade.

Nesses casos, a relação parece apenas ter uma *função corretora* das falhas sentidas nas relações com os pais da infância, o que enfraquece o amor e o condiciona na sua função revitalizadora e desenvolvimental do *self* e do outro (MESQUITA, 2013).

O que defendemos é que, quanto menor autonomização face a essas estruturas de relação de objeto interno, mais comprometida fica a possibilidade da experiência emocional. Quanto menor a autonomia relativa às relações de objeto patológicas, mais fragilizada é a visão do *self* e, como tal, maior será a resistência à mudança e à aprendizagem com a experiência, na medida em que a mudança face à relação de objeto implicará uma alteração do sentimento de estabilidade e continuidade do *self*, vivido como uma experiência do não ser, possibilitando o ressurgir da angústia de desintegração ou angústia de perda do amor do objeto.

A relação amorosa como forma da manifestação do ser e do não ser

Consideramos que o relacionamento amoroso surge como uma nova possibilidade de profunda transformação, na medida em que se insere num terreno de intimidade fértil para o desenvolvimento da vida emocional e da fantasia, mas existem relações amorosas que possibilitam a expansão do *self* e o desenvolvimento das suas potencialidades.

Nesse sentido, o relacionamento amoroso teria como finalidade essencial a facilitação do desenvolvimento do mundo relacional de cada elemento do par relacional. Assim, a criatividade no amor tem a ver com a possibilidade de romper com padrões que estavam instituídos e gerar novas formas de ser e de se relacionar, emergentes nessa nova relação de intimidade.

Contudo, só é possível ir em direção ao outro quando a ligação não é sentida como fusão, quando não ameaça o sentimento de estar separado e a integridade de cada elemento, o que só é possível quando há um delineamento seguro do *self*. Caso contrário, entra-se num *dilema claustroagorafóbico* (MOLLON, 2006), oscilando entre receios de fusão e de isolamento (REY, 1991; BALFOUR, 2006), com receios de abandono, quando existe ameaça de separação e *angústias de engolfamento* face à proximidade mediando

a distância face ao objeto, nem muito íntimo, nem ausente, de forma a possibilitar uma ilusão de coesão e estabilidade do *self*. Assim, a qualidade da intersubjetividade na relação amorosa estará sempre dependente do grau de coesão e sentimento de estabilidade do *self* de cada elemento da relação.

O desenvolvimento da subjetividade está dependente da estabilidade e da coesão da representação do *self* assim como a intersubjetividade está dependente do grau de desenvolvimento da subjetividade. Não se pode ir em direção ao outro enquanto sujeito se no próprio não existe um sentimento de estabilidade emocional que o defina enquanto sujeito.

Essa relação de intimidade implica que os elementos se coloquem como observadores participantes – que se auto-observem, observem o outro e que observem a relação. É essa terceira dimensão que resulta desse encontro que se constitui como um espaço de criação e de possibilidade de evolução e de criação de um terceiro elemento – a relação.

Holmes (2006) afirma que o bom funcionamento nos casais depende da capacidade que revelam para olhar e refletir sobre a sua relação como um terceiro, como uma entidade em si mesma, separada dos dois indivíduos que a constituem. Designamos de *metaposição* (MESQUITA, 2013) essa competência para olhar para dentro da relação, independentemente de cada um e ao mesmo tempo envolvendo cada elemento que nela participa.

Morgan (2006) designa de *casal criativo* um estado mental em que é possível que cada um se coloque numa terceira posição, de modo a se poder auto-observar na relação de casal, poder pensar os próprios sentimentos, bem como os do parceiro.

Colman (2005) referira que, nesse sentido, a relação seria como um continente, como o resultado criativo da união de casal. Em resumo, esse *casal criativo* é um espaço psíquico em que é possível estar como sepa-

rado e independente numa relação de profunda intimidade.

Na mesma linha de pensamento, Rusczyński (2006) refere-se ao *triângulo marital* representando os parceiros e a própria relação como uma entidade própria.

Claro está que essa relação de intimidade se constitui como um terreno fértil para a fantasia e para as projeções conduzindo muitas vezes a distorções das percepções acerca do *self* e do outro, que estão relacionadas com os modelos relacionais internos, com a maior ou menor autonomia face às relações de objeto internos e cuja saúde está dependente da integridade e da estabilidade do *self* de cada elemento.

O que defendemos é que a análise do relacionamento amoroso e do modo como é vivido o amor nos informa sobre a estabilidade e a representação do *self* e a função que o outro exerce no desenvolvimento ou na estagnação, na medida em que o outro cumpre sempre uma função na vida mental, seja ela mais desenvolvimental, seja mais de interrupção e estagnação. Existem relações que impedem a expansão, estreitam o *self* e mantêm o indivíduo na repetição.

Defendemos que tais relações têm, no entanto, a finalidade de possibilitar uma continuidade, estabilidade e valor do *self*, na medida em que a fragilidade desse determina que as mudanças sejam vividas como indutoras da *experiência do não ser* (SUMMERS, 2013, 2015). Nesse sentido, essas relações impedem o ressurgir de angústias de desorganização ou de perda do amor do objeto.

Claro fica que as vivências amorosas ao longo da vida são muitas vezes mediadas, por um lado, por medos que são da ordem da desconfiança face ao outro, o que está diretamente relacionado com o desconhecimento e o fraco manejo das próprias emoções, com o sentimento de ineficácia do *self*; ligado ao bloqueio da experiência emocional e subjetiva, traduzindo-se em angústias que são avassaladoras. Por outro lado, há relações amorosas que se inscrevem em receios

e dúvidas sobre o *self*, que não tem uma representação enquanto amável e desejado, na medida em que há desconfiança nas próprias capacidades com um frágil sentimento de eficácia sobre o meio relacional.

A relação de objeto gera experiências que se traduzem em modelos de esquemas interativos que vão modelar as experiências subsequentes. E é assim que surge a estagnação – repete-se para manter a representação do *self*, numa ilusão de segurança que mantém unidos *self* e objeto, mas numa lógica redutora da visão do próprio e do outro, e a repetição surge como uma forma de dar significado ao momento presente.

A autonomia face à relação de objeto e à possibilidade de ir cada vez mais em direção ao *self* autêntico (*experiência autêntica do self* de Miller (1979) e ao outro enquanto real, sujeito com a sua subjetividade, depende da possibilidade de se ter vivido duas experiências relacionais fundamentais ao desenvolvimento humano – o estabelecimento de uma relação de intimidade (que se relaciona com o sentimento de segurança referido por Greenberg, 1991) e – o desenvolvimento da capacidade de se impor (no sentido da não subjugação e da valorização/afirmação do seu *self*) no seio de um relacionamento íntimo, se quisermos, no sentido do desenvolvimento da consciência de ter efeito no meio (STERN, 1985; BEEBE; LACHMANN, 1992, 2002; GREENBERG, 1991; SUMMERS, 2013a, 2015).

Já Blatt e Bass (1992, 1996) haviam salientado a existência de duas necessidades no ser humano – a de estar em relação e a de definir o *self*. Uns indivíduos estariam mais implicados numa das tarefas, e outros, noutra. Em nossa opinião estas estão diretamente relacionadas com o referido anteriormente sobre a possibilidade de se ter uma relação de intimidade e mutualidade com um outro significativo e, ao mesmo tempo, a possibilidade de se impor numa relação.

Nesse sentido os indivíduos desenvolvem-se a partir de experiências de relação e

de experiências de separação (BLATT; BASS, 1992). Consideramos que o desenvolvimento saudável implica um equilíbrio entre essas duas linhas de desenvolvimento.

Como referem Blatt (1991) e Campos e Mesquita (2014), a estabilidade, a coesão e o desenvolvimento do *self* facilitam o estabelecimento de relações mais maduras e desenvolvidas as quais, conseqüentemente, impulsionam ao desenvolvimento do *self*, à sua estabilidade e sua definição. É assim que se processa o desenvolvimento, por mudanças no *self*, em função das experiências relacionais, e mudanças relacionais a partir de mudanças no *self*.

Saliente-se que Kohut (1971) também havia referido duas linhas essenciais do desenvolvimento do *Self* – a vivência do sentimento de grandiosidade que estava mais relacionado com a visão de si, com o delineamento da experiência subjetiva do *self* e, por outro lado, a necessidade de idealização remetendo para a necessidade de relação, e do delineamento do *self* a partir da experiência de relação com o outro significativo.

Até mesmo Freud ([1930] 1961, p. 142) parece ter tido sempre em conta que o desenvolvimento do indivíduo iria sempre em duas linhas: uma mais *egoísta*, que desejava a felicidade do sujeito, e outra, mais *altruísta*, que tem necessidade de se relacionar com os outros.

Nessa linha de pensamento, defendemos que os relacionamentos amorosos serão condicionados por duas situações – estados do *self*. Assim, se o *self* está mais desestruturado, a experiência subjetiva está mais condicionada e, como tal, existe mais rigidez do sistema afetivo-emocional, toda a experiência relacional está condicionada, e os indivíduos estão menos disponíveis para a relação com um outro real, na medida em que toda a experiência está direcionada para o evitamento da desintegração de um *self* que não se apresenta com coesão e estabilidade suficientes.

O outro é necessário para uma *pseudo-organização do self*. O objeto amoroso desempenha uma função que é mais do que a de colorir a representação do *self*, é a de possibilitar a sua coesão. O objeto tem aqui uma função organizadora de partes do *self* que não se desenvolveram e não entram em relação. Assim, se estabelece uma *pseudorelação*, em que o outro apenas está no lugar da sua *funcionalidade*.

Por outro lado, quando a visão do *self* é insegura, frágil e debilitada, a angústia predominante é a de perda do amor do objeto (COIMBRA DE MATOS, 2001) determinando que o indivíduo se coloque na relação sem poder experimentar e afirmar partes do seu *self* e limita-se a exprimir o que julga poder contribuir para a manutenção da ligação ao outro.

Nessas condições, vive-se pela metade, de um e de outro; em todo o caso a experiência do *self* está condicionada, mantendo-se como potencialidade – *self* enterrado (SUMMERS, 2013) – mas em todo o caso, estão assegurados o sentimento de continuidade de *self* e o sentimento de ser.

É a dependência estéril, em que o sujeito não manifesta o desejo porque se coloca à mercê do outro para evitar a rejeição e impede-se de se colocar na relação enquanto ele próprio submete-se ao desejo do outro, apenas recebe o que o outro quer dar e não exige o que sente que necessita, pois recebe a perda do afeto. São ávidas presas, que se deixam encarcerar em relações que ilusoriamente lhe trazem um benefício à estabilidade do *self*, mas que resultam num sentimento de dar mais do que recebem – economia depressiva (COIMBRA DE MATOS, 2001) e como tal são insatisfatórias.

Nos casos que acabamos de descrever, nas situações em que existe uma dependência maior relativamente às relações de objeto estabelecidas desde cedo, em que a representação do *self* está mais condicionada seja pela fragilidade, seja pela debilidade, toda a intersubjetividade está condicionada, o ou-

tro, enquanto elemento de relação, é mais um objeto que um sujeito com subjetividade própria, continua a ser um objeto do *self* no sentido em que serve uma função ao *self*, que é completar algo que não foi realizado pela estrutura psíquica, mas não se trata de um sujeito com o seu *self* e a sua mente própria.

A relação amorosa como forma da manifestação do ser e do não ser - II

A possibilidade de uma relação amorosa ser vivida com o sentimento de satisfação e plenitude está estritamente ligada ao delimitamento e ao sentimento de estabilidade do *self* e a conseqüente abertura ao outro real – sujeitos com subjetividade – com a decorrente possibilidade de uso das potencialidades do *self* de cada elemento que estavam até então impedidas de se manifestar.

Uma das questões fundamentais relativas ao conflito humano parece centrar-se entre a possibilidade assumir o seu desejo e fazer *uso* do outro (no sentido winnicottiano) ou, por outro lado, de trair-se a si próprio na adaptação aos desejos dos outros (SUMMERS, 2015). Esses outros são outros reais e outros com presença interna (MITCHELL, 1988).

É aqui que se iniciam muitos dos principais conflitos. A tarefa desenvolvimental parece constituir-se como uma possibilidade de se ir criando e recriando novas formas de ser e de se relacionar. Se alguns significados foram criados nas relações da infância, novos significados serão criados a partir daí, sempre em espiral. Novas formas de ser originam novas formas de se relacionar, e essas novas formas de ser (SUMMERS, 2013 a, 2015), o processo será contínuo, criativo e não de marasmo.

No entanto, como se sabe, parece haver na espécie humana uma certa tendência para o já conhecido. De acordo com Bromberg (1995), a psique possui uma tendência conservadora que alude a um sentimento de continuidade do *self* e à manutenção da

ligação às estruturas de relação de objeto. E uma vez que a visão acerca do *self* está sempre ligada às relações de objeto, é seguro afirmar que, por vezes, as mudanças são vividas como ameaças a essa continuidade do *self*, por vezes com angústias de aniquilação e até mesmo ameaça de perda do *self* (SUMMERS, 2015) e noutros estados de desenvolvimento do *self*, como ameaça de perda do amor do objeto sentido como indispensável.

Também Atwood e Stolorow (2014) se referem ao facto da manutenção de certos padrões de funcionamento exercerem a função de organização da experiência, em que são materializadas certas configurações específicas do *self* e do outro, mas por vezes somente para manter a organização psicológica, no sentido de evitar a desestruturação ou sustentando o sentimento de continuidade ou coesão do *self* na iminência da fragmentação.

A dimensão repetitiva da experiência (STOLOROW; ATWOOD; BRANDCHAFT, 1987), em nossa opinião, resulta da ligação a estruturas de relação de objeto que se cristalizaram. Essa ligação continua a ser a principal mediadora das relações e impede que se experencie relações como verdadeiramente novas, porque às primeiras está ligado um sentimento de *self* (MITCHELL, 1988; Summers, 2015) visando um sentimento de continuidade do mesmo. Assim recorre-se à acomodação patológica (BRANDCHAFT, 2010), o que impede a atualização do *self* e a sua evolução.

Nesse sentido, o estabelecimento de uma relação amorosa tanto pode ir no sentido da expansão e transcendência do *self*, isto é, de possibilitar ir além do padrão que ficou instituído com as primeiras relações, quanto pode servir como uma resistência ao desenvolvimento, uma forma de ficar no mesmo, uma perpetuação da fragilidade do *self*, mas possibilitando a manutenção da experiência do *self* afastada da ameaça de desintegração ou da revelação da sua fragilidade, no fundo, evitando a experiência de *não ser*.

Muitas vezes, apesar da dor que causam, os relacionamentos patológicos são tenazes e difíceis de se modificar porque têm a função de manter a ligação ao já conhecido internamente, motivados pela familiaridade.

A questão é que muitas vezes o envolvimento amoroso implica uma nova relação que determina que se abandonem as estruturas de relações de objeto subjacentes em favor de novas formas de ser e de se relacionar. E a fragilidade do *self* e as angústias de aniquilação impedem que se estabeleçam essas novas relações de modo a perpetuar uma modalidade de funcionamento que confere sentimento de si, facilitando a continuidade e a coesão.

Existem sempre aspetos e potencialidades relacionais de cada um que, por circunstâncias do desenvolvimento e do meio, não se puderam revelar, e na vida relacional amorosa será possível aceder a esses estados afetivos não revelados de forma a progredir o desenvolvimento.

A relação amorosa deveria abrir espaço para a possibilidade de se vir a ser o que nunca se foi em termos afetivos e relacionais. Claro está que isso depende da flexibilidade do aparelho mental e das defesas de cada elemento da relação. A possibilidade de integrar novos modos de funcionar dependerá do potencial criativo de cada um para conseguir ir mais além de si e do que foi criado até esse encontro.

Talvez o que é designado de *espaço romântico* (WILKINSON; GABBARD, 1995), apontamos como *relação de conjugação* em que há um conluio de fantasias, desejos e concretizações conjuntas, mas que não estagnam, que mantêm a vivacidade na relação e que não se deixam contaminar com conflitos pessoais. Idêntica é a noção de *espaço psíquico*, de Britton *apud* Balfour (2006), que descreve a integração de duas realidades psíquicas diferentes na relação de casal.

Por seu lado, Ruzsyczynski (2005, 2006) designa *terceira área*, aquela que diz respeito à criada pela relação de interação entre os

elementos do casal, caracterizada pelo constante interjogo entre o intrapsíquico e o interpessoal.

Conclusão

Consideramos que um encontro amoroso corresponde a uma possibilidade de relação com um outro, com a sua subjetividade e que esse encontro aportará transformações mútuas.

No entanto, a relação amorosa aflora todo um conjunto de aspetos que estão relacionados com as estruturas de relação de objeto que, ao serem mais ou menos rígidas e mais ou menos patológicas, assim contaminarão ou favorecerão o processo maturativo do *self* no sentido da transcendência, ou seja, da descoberta do que ainda não se foi e não se viveu.

Porém, a escolha de novos sujeitos de relação e de sujeitos de relação suficientemente bons tem a ver com o facto de poderem implicar uma autonomia face às estruturas de relação de objeto, às quais está também ligada uma representação do *self*. Nesse sentido, a nova relação com um novo parceiro(a) pode implicar a perda desse sentimento de continuidade do *self*, como se o indivíduo não se pudesse posicionar nessa nova solução, porque não sabe como. E a suposta ameaça de rotura nas relações com o anterior e com os objetos até então conhecidos traz à tona o desconhecimento de si e das novas relações, o que é gerador de insegurança e angústia, além de motivar muita resistência.

Assim, uma maior autonomia em relação a essas estruturas determina uma flexibilização do aparelho mental, que possibilita um alargamento da experiência e uma possibilidade de experimentação de novas formas de ser e de se relacionar. Implica que a maior autonomização devido à consciencialização, à mentalização e à possibilidade de ir experimentando novas formas de ser e de se relacionar está diretamente relacionada com a saúde mental.

Claro está que a consciencialização e a possibilidade de mentalização estão diretamente relacionadas com a possibilidade de elaboração e integração na vida emocional do *sabido não pensado* Coderch (2006) semelhante ao *unthought Known* de Bollas (1983) ou *unformulated experience* Stern (1997), ou seja, a simbolização da experiência interna, o que permitirá novas formas de ser e de se relacionar.

Abstract

The author aims to demonstrate how love relationships can serve stability functions, adjustment and maintenance of the Self cohesion, either at the level of stability and cohesion as referred by Blatt (introjective), to prevent the anguish of annihilation or otherwise allow, in another developed Self states (analytic) (Blatt, S. J., e Blass, R. B., 1992), a safer view of themselves (Self-esteem and sense of efficacy) preventing the loss anxiety, in both cases allowing the sense of being. The stability and satisfaction with a love relationship and his development is directly linked to the possibility of autonomy to internal objects, the transcendence of the Self and his development along the relationship is linked to the greater autonomy related to the internal objects and the possibility of Self regulations and environment regulation. It is intended to demonstrate how in couple psychotherapy we cannot work in the couple relation, in intersubjectivity without the establishment of a sense of cohesive Self of each other.

Keywords: *Self, Sense of efficacy, Retraumatization, Sense of being and not being, Repetition.*

Referências / Bibliografia

- BALFOUR, A. The couple, their marriage, and Oedipus: or, problems come in twos or threes. In Grier, F. (Ed), *Oedipus And The Couple*. Tavistock Clinic Series. (pp. 9-31) London: Karnac, 2006.
- BEEBE, B.; LACHMANN, F. A dyadic system views of communication. In: SKOLNICK, N.; WARSHAW, S. (eds). *Relational perspectives in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 1992.
- BEEBE, B.; LACHMANN, F. *Infant Research and Adult Treatment: Co-Constructing Interactions*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 2002.
- BENJAMIN, J. *Like subjects, love objects*. New Haven, CT: Yale University Press, 1995.
- BLATT, S. J. A cognitive morphology of psychopathology. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 179, 449-458, 1991.
- BLATT, S. J.; BLASS, R. B. Relatedness and Self-definition: A dialectic model of personality development. In: NOAM, G. G.; FISCHER, K. W. (eds.). *Development and vulnerabilities in close relationships* (pp. 309-338). Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1996.
- BLATT, S. J.; BLASS, R. B. Relatedness and Self-definition: Two primary dimensions in personality development, psychopathology, and psychotherapy. In: J. W. Barron, M. N. Eagle, e D. L. Wolitzky (Eds.), *Interface of psychoanalysis and psychology* (pp. 399-428). Washington, DC: American Psychological Association, 1992.
- BOLLAS, C. *Forces of Destiny*. London: Free Association Books, 1989.
- BOLLAS, C. *The Shadow of the Object*. New York: Columbia University Press, 1983.
- BOWLBY, J. Psychoanalysis as a natural Science. *Int. Review of Psychoanalysis*, n. 8, pp. 243-257, 1991.
- BRANDCHAFT, B.; DOCTORS, S.; SORTER, D. *Toward an emancipatory Psychoanalysis. Branchaft's Intersubjective Vision*. Routledge: Taylor e Francis Group, 2010.
- BROMBERG, P. Credo *Psychoanalytic Dialogues*, n. 22, pp. 273-278, 2012.
- BROMBERG, P. One need not be a house to be haunted: On enactment, dissociation, and the dread of "not-me" - A case study. *Psychoanal. Dial.*, n. 13, pp. 689-709, 2003.
- BROMBERG, P. Resistance, object-usage, and human relatedness. *Contemp. Psychoanal.*, n. 31, pp. 173-192, 1995.
- CAMPOS, R.; Mesquita, I. Narcissism and Objectality: Contributions, Clinical Implications, and Links Between the models of Sidney Blatt and Heinz Kohut. In: BESSER, A. (ed.). *Handbook of the Psychology of Narcissism*. Nova Science Publishers, Inc., 2014.
- CODERCH, J. *Pluralidad y Diálogo en Psicoanálisis*. Barcelona: Herder, 2006.
- COIMBRA DE MATOS, A. *A depressão*. Lisboa: Climepsi, 2001.
- COLMAN, W. Marriage as a psychological container. In: S. Ruzszcinski (Ed). *Psychotherapy with Couples: theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies*. London: Karnac Books, 2005. pp. 70-96.
- COZOLINO, L. *The neuroscience of Human Relationships: Attachment and the developing social brain*. New York: Norton, 2006.
- COZOLINO, L. *The Neuroscience of Psychotherapy: Building and Rebuilding the Human Brain* (Norton Series on Interpersonal Neurobiology). New York: W.W. Norton, 2002.
- DEMOS, V. The early organization of the psyche. In: Barron, J.; Eagle, M.; Wolitzky, D. (eds.). *Interface of psychoanalysis and psychology*. Washington, DC: American Psychological Association, 1992. pp. 200-232.
- DEMOS, V. Affect and the development of the Self: a new frontier. In A. Goldberg (Ed.), *Frontiers in Self psychology: Progress in Self psychology*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 1989. Vol. 3, pp. 27-53. *Foundations of Psychological Life*. Hillsdale, NJ: Analytic Press, 1992.
- GREENBERG, J. *Oedipus and Beyond*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. *Object relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge. MA: Harvard University Press, 1983.
- GREENBERG, L.; RICE, L.; Elliott, R. *Facilitating Emotional Change: The Moment by Moment Process*. New York: Guilford Press, 1993.

- HOLMES, J. *The Search of the Secure Base*. Attachment Theory and Psychotherapy. London: Routledge, 2006.
- Kernberg, O. *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. New York: Jason Aronson, 1976.
- KERNBERG, O. *Severe Personality Disorders*. New Haven, CT: Yale University Press, 1984
- KOHUT, H. *The analysis of the Self*. New York: International Universities Press, 1971.
- LICHTENBERG, J. D. *Psychoanalysis and Motivation*. Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press, 1989.
- MESQUITA, I.. *Disfarces de Amor*. Um estudo sobre relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica. Lisboa: Climepsi, 2013.
- MILLER, A. *Prisoners of Childhood*. New York: Basic Books, 1971.
- MILLER, M.; Dorpat, T. Interactional psychoanalytic theory and practice. In: LANGS, R. (ed.). *Current Theories of Psychoanalysis*. Madison: Int. Univ. Press, 1998. pp. 1-29.
- MILLER, M.; DORPAT, T. Meaning Analysis: An interactional approach to psychoanalytic theory and practice. *Psychoanal. Rev.*, n. 83, pp. 219-245, 1996.
- MITCHELL, S. *Relational concepts in psychoanalysis*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- MOLLON, P. *The Fragile Self. The Structure of Narcissistic Disturbance*. London: Whurr, 2006.
- MORGAN, M. On being able to be a couple: the importance of a “creative couple” in psychic life. In: GRIER, F. (ed.). *Oedipus And The Couple*. Tavistock Clinic Series. London: Karnac, 2006. pp. 9-31.
- PERLS, F.S. *The Gestalt approach and eyewitness to therapy*. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books, 1973.
- PICHON RIVIÈRE, E. *Teoría del Vínculo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.
- REY, J. Fenómenos esquizoides no paciente fronteiro. In: SPILLIUS, E. B. *Melanie Klein hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. pp. 208-234.
- RINGSTROM, P. *A Relational Psychoanalytic Approach to Couples Psychotherapy*. RBP: Rogers, C. *On becoming a person*. Boston, MAR: Houghton Mifflin CPS, 2014.
- RUSCZYNSKI, S. Reflective space in the intimate couple relationship: the “marital triangle”. In: GRIER, F. (ed.). *Oedipus And The Couple*. Tavistock Clinic Series. London: Karnac, 2006. pp. 31-49.
- RUSCZYNSKI, S. Thinking about and working with couples. In: RUSCZYNSKI, S. (ed.). *Psychotherapy with Couples Theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies*. London: Karnac, 2005. pp. 197-218.
- SANDLER, J. *Clinical Implications of Attachment: The Work of Mary Main*, University College, London, July 1-2, 1995.
- SCHORE, A. *Affect regulation and the repair of the Self*. New York, NY: Norton, 2003.
- SOCARIDES, D.; STOLOROW, R. Afectos y objetos del Self. *Clinica e Investigación Relacional*, 7(1), pp. 45-59, 2013.
- STERN, D. B. *Partners in thought: Working with unformulated experience, dissociation, and enactment*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 2004.
- STERN, D. B. *Unformulated experience: From dissociation to imagination in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 1997.
- STERN, D. N. *The interpersonal world of the infant*. New York, NY: Basic Books, 1985.
- STOLOROW, D.; ATWOOD, G. *Contextos del ser*. Las bases intersubjetivas de la vida psíquica. Barcelona: Herder, 2004.
- STOLOROW, D.; ATWOOD, G.; ORANGE, D. *Worlds of Experience*. Interweaving philosophical and clinical dimensions in psychoanalysis. New York: Basic Books, 2002.
- STOLOROW, R.; ATWOOD, G.; BRANDCHAFT, B. *The Intersubjective Perspective*. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1994.
- SULLIVAN, H. S. *The Interpersonal Theory of Psychiatry*. NY: Norton, 1953.
- SUMMERS, F. *Self-Creation. Psychoanalytic Therapy and the art of the possible*. New York and London: Routledge, 2013a.

SUMMERS, F. The Psychoanalytic Vision. The experiencing subject, Transcendence, and the therapeutic Process. United Kingdom: Routledge, 2013b.

SUMMERS, F. Trascendiendo el *Self*. Un modelo de relaciones objetales de la acción terapéutica en psicoanálisis. *Clínica e Investigación Relacional*, 9 (1): 109-126, 2015.

WILKINSON, S.; GABBARD, G. On Romantic Space. *Psychoanalytic Psychology*, 12:(2), pp. 201-219, 1995.

WINNICOTT, D. The use of an object and relating through identifications. In: _____. *Playing and reality*. London, United Kingdom: Routledge, 1971b.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar só. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. Ego distortion in terms of true and false *Self*. In: _____. *The maturational processes and the facilitating environment*. New York: International Universities Press, 1965. pp. 140-152.

WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. London: Routledge, 1971a.

WINNICOTT, D. W. Primitive emotional development. In: _____. *Trough Paediatrics to psychoanalysis*, New York: Basic Books, 1975. pp. 145-156.

WINNICOTT, D. W. Psychosis and child care. In: _____. *Trough Paediatrics to psychoanalysis*, NY: Basic Books, 1975. pp. 219-228.

ZELNICK, L.; BUCHOLZ, E. The concept of mental representations in light of recent infant research. *Psychoanal. Psychol*, n. 7, pp. 29-58, 1990.

Recebido em: 12/10/2020

Aprovado em: 20/11/2020

Sobre a autora

Isabel Maria Marques Mesquita

Psicanalista, com formação em psicanálise pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). Membro titular da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP), onde leciona seminários sobre os relacionamentos amorosos e a vulnerabilidade narcísica. Psicóloga clínica licenciada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Especialista em psicologia clínica, em psicoterapia e intervenção comunitária pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP). Mestre em psicologia clínica e psicopatologia pelo ISPA. Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Évora. Docente na Universidade de Évora com nomeação definitiva. Professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, responsável pela unidade curricular de Psicoterapias Dinâmicas do Adulto e Modelos Dinâmicos e Humanistas do Mestrado e Licenciatura em Psicologia.

Endereço para correspondência

E-mail: mesqui@uevora.pt

Psicanálise e educação à luz de Freud

*Psychoanalysis
on Freud's approach*

Janes Teresinha Fraga Siqueira

Resumo

Freud não pensou a educação como o seu fenômeno de pesquisa, em particular. No entanto, em seus escritos há conceitos que incidem sobre a educação e a pedagogia. Encontrei relevância em suas ideias. Não poderia ser diferente vindo de Freud. Suas reflexões, mesmo esparsas como fenômeno particular, ele relaciona a educação com o desenvolvimento humano, como via importante para que a sociedade atinja outro nível civilizatório. Nas entrelinhas, seus escritos demonstram compreensões apoiadas na psicanálise, que podem colaborar muito com a educação. Freud propõe que a psicanálise pessoal faça parte da formação de professores. Podemos refletir que o psicanalista necessita passar por formação, Isso por si é também educação.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, Pedagogia, Formação, Desenvolvimento humano.

*Em si, a psicanálise não é
nem religiosa, nem irreligiosa.
É um instrumento sem partido,
do qual podem servir-se religiosos e leigos,
desde que o façam unicamente a serviço
do alívio dos seres que sofrem.¹*

Introdução

Este texto traz as ideias de Freud sobre psicanálise, educação e pedagogia. Encontrei-as primeiramente ao ler alguns dos textos curtos que compõem sua obra. Apoiei-me ainda em duas obras de Roudinesco (1998, 2016).

Freud não era homem de simplificar relações dialéticas entre fenômenos relevantes. Atingiu em seus estudos humanísticos a essência e a totalidade (sem significar a soma das partes), de tudo o que se propunha a re-

fletir, debater, propor. Tomou conhecimento das contradições sociais, mas dedicou-se com afinco ao seu projeto fundamental: sistematizar os conhecimentos sobre os processos psíquicos, pesquisar o inconsciente e deu prioridade a ele.

No entanto, muitos outros temas interessaram do a ele ponto de vista filogenético, ontogenético, histórico, antropológico e cultural, entre eles, a educação humana. Considero que, ao escrever e pensar sobre o fenô-

1. Resposta de Freud a Oskar Pfister, pastor suíço, que leu o ensaio *O futuro de uma ilusão*. O pastor propôs a Freud que o título de seu texto fosse trocado por *A ilusão de um futuro*.

meno educação, Freud encontrou importantes relações com a psicanálise.

Palavras iniciais

Entendo que educar não é a mesma coisa que transmitir o que foi preestabelecido pelas instituições que planejam as escolas, mesmo considerando que elas têm extrema importância numa sociedade letrada. Porém, seu nível de qualidade poderia ser mais elevado.

Ao reconhecer que a psicanálise toca em várias esferas do conhecimento, Freud reconhece os vínculos que começaram a ser forçados entre sua ciência e as outras esferas do conhecimento.

Parece-me que Freud não se refere apenas à educação escolar. Ele vai além e fala na educação como um todo. Colocado como prioridade em várias promessas, o fenômeno educação é considerado utopia quando a proposta é educação igual para todos independentemente de classe social.

Os meios de comunicação veiculam ideias de outros profissionais sobre educação e não dos estudiosos dessa área. O que pouco se ouve e quase não se vê é a presença de pesquisadores da educação, apresentando suas práticas, às vezes inovadoras. As pesquisas existentes nas universidades são quase invisíveis.

Os próprios professores parecem invisíveis à sociedade. Podem ser chamados de ‘tias’ ou ‘tios’, o que gera não reconhecimento profissional. Desses profissionais se espera amor e o cumprimento de uma ‘missão’ que não se sabe, ou não se quer saber, a quem serve. A menos-valia de seu trabalho os coloca quase como desnecessários. São considerados reprodutores, adaptadores quando, na verdade, seu papel principal deveria ser planejar seu trabalho, promover formação de qualidade e dar limites com amor a seus educandos.

Colocamos em relevo neste texto as interessantes ideias de Freud sobre psicanálise e educação, e em seu próprio dizer, “inesperadas relações”.

Freud e o interesse psicanalítico pela educação

Em seus escritos, Freud demonstra que aceita o interesse das outras ciências pela psicanálise, que considera natural.

No texto *O interesse psicológico da psicanálise*, Freud ([1913] 1974, p. 199) explica que a psicanálise é

[...] um procedimento médico que visa a cura de certas doenças nervosas (as neuroses) através de uma técnica psicológica.

Freud cita exemplos de distúrbios que considera acessíveis ao tratamento psicanalítico, tais como convulsões histéricas, paralisias e neuroses obsessivas. Pensa que essas doenças são condições sujeitas à recuperação e dependem da influência do médico.

Freud ([1913] 1974, p. 199) ressalta a importância da psicanálise para a medicina, no entanto acredita que não se justificaria trazê-la “[...] à apreciação de um círculo de *savants* interessados na síntese das ciências”. Na sua opinião, seria prematuro devido à oposição ao novo método terapêutico por parte de psiquiatras e neurologistas, que rejeitaram seus postulados e suas descobertas.

Ao discorrer sobre essa experiência e considerando-a legítima, Freud expressa que a psicanálise pode pretender também o interesse de outras pessoas além dos psiquiatras. Em sua visão, a psicanálise toca em várias outras esferas do conhecimento revelando “[...] inesperadas relações entre estas e a patologia da vida mental”. (FREUD [1913] 1974, p. 199)

E prossegue:

Consequentemente, neste artigo deixarei de lado o interesse médico da psicanálise e ilustrarei com uma série de exemplos o que acabei de afirmar sobre a jovem ciência. (FREUD, [1913] 1974, p. 200)

Na parte II desse artigo, Freud ilustra os exemplos da aceitação científica da psicanálise para as ciências não psicológicas:

- O interesse filológico da psicanálise;
- O interesse filosófico da psicanálise;
- O interesse biológico da psicanálise;
- O interesse da psicanálise de um ponto de vista do desenvolvimento;
- O interesse da psicanálise do ponto de vista da história da civilização;
- O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética;
- O interesse sociológico da psicanálise;
- O interesse educacional da psicanálise.

Freud ([1913] 1974, p. 226) ressalta que:

[...] seu ganho terá sido atingido se tiver deixado claras as muitas esferas do conhecimento em que a psicanálise é de interesse e os numerosos vínculos que começou a forjar entre elas.

Sobre o interesse da psicanálise do ponto de vista do desenvolvimento, escreve:

A psicanálise foi obrigada a atribuir a origem da vida mental dos adultos à vida das crianças e teve que levar a sério o velho ditado que diz que a criança é o pai do homem. [...] há uma continuidade entre a mente infantil e a mente adulta. (FREUD, [1913] 1974, p. 217)

Segundo Freud, a psicanálise

[...] observou também as transformações e os remanejamentos que ocorrem no processo. (FREUD, ([1913] 1974, p. 218)

Em relação ao interesse educacional da psicanálise, Freud ([1913] 1974, p. 224) reconhece “[...] o interesse dominante que tem a psicanálise para a teoria da educação”. Destaca o fato ‘evidente’ no qual esse interesse se baseia:

[...] somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos

nossa própria infância. (FREUD, [1913] 1974, p. 224)

Freud esclarece que a psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância. Destaca que:

Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. (FREUD, [1913] 1974, p. 225)

Ao se referir a esses impulsos, Freud elucida que eles não devem ser suprimidos pela força. Expressa que:

[...] esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa desejada pelos educadores de dar livre trânsito às travessuras das crianças. (FREUD, [1913] 1974, p. 225)

Esse tipo de supressão não leva os impulsos indesejáveis a se extinguir ou ficar sob controle, mas

[...] conduz à repressão forçada que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro. (FREUD, [1913] 1974, p. 225)

Freud ([1913] 1974, p. 225) entende que a psicanálise pode

[...] demonstrar que preciosas contribuições para a formação do caráter são realizadas por esses instintos sociais perversos na criança se não forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros valiosos, através do processo conhecido como sublimação.

E ressalta:

[...] nossas mais elevadas virtudes desenvolveram-se, como formações reativas e sublimações, de nossas piores disposições. (FREUD, [1913] 1974, p. 225)

Ao refletir, com base em Freud, é possível dizer que as crianças, com suas perversões polimorfas, poderiam encontrar na escola um ambiente em que seria possível ou talvez adequado sublimar em vez de recalcar suas pulsões.

A crítica de Freud ([1913] 1974, p. 225) à educação refere-se à

[...] severidade inoportuna e sem discernimento na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste.

Aconselha a educação

[...] a abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras. (FREUD, [1913] 1974, p. 225)

Na década de 1920, Freud foi convidado a escrever o prólogo do livro de um educador e diretor que considerou ter uma experiência de sucesso em educação assistencial com crianças e jovens. Sua esperança se deposita numa educação nas mãos de pessoas psicanaliticamente esclarecidas. Essa visão aparece de forma mais nítida na escrita do pequeno texto *Prólogo a “Juventude abandonada de August Aichhorn”*.

Freud ([1925] 2011, p. 347) reafirma sua compreensão de que:

Nenhuma das aplicações da psicanálise gerou tanto interesse, despertou tantas esperanças e, em consequência, atraiu tantos colaboradores capazes como seu emprego na teoria e na prática da educação de crianças.

Freud ([1925] 2001, p. 347) diz que isso é fácil de compreender quando retoma a afirmação de que a criança se tornou o principal objeto da pesquisa psicanalítica. Explica que, nesse sentido, a criança tomou o lugar do neurótico, com o qual essa pesquisa tivera início.

Freud ([1925] 2011, p. 349) escreve que a psicanálise mostrou que a criança continua a viver no enfermo, no artista e na pessoa que sonha. Também lançou luz sobre as forças motrizes e as tendências que dão ao pequeno ser o seu cunho próprio, e seguiu os percursos do desenvolvimento que o levam à maturidade do adulto.

Para Freud não foi surpresa que o

[...] trabalho psicanalítico com crianças beneficiaria o trabalho pedagógico, cuja intenção é guiar, estimular e proteger de equívocos a criança, em seu caminho até a maturidade. (FREUD, [1925] 2011, p. 347)

Imagino um Freud modesto ao dizer que sua contribuição pessoal nessa aplicação da psicanálise à educação foi bastante pequena. Lembra o “gracejo” que adotou e que segundo o qual “[...] as três profissões impossíveis são educar, curar e governar”. Reconhece que “[...] já era suficientemente tomado pela segunda dessas tarefas”. E ressalta que não desconhece: “[...] o alto valor social que o trabalho de meus colegas pedagogos pode reivindicar” (FREUD, [1925] 2011, p. 347-348).

Ao falar de August Aichhorn e de sua ocupação de uma parte do grande problema, e da influência educacional sobre a juventude desamparada, conta que durante anos o autor dirigiu instituições municipais de assistência social, antes de conhecer a psicanálise. Sua atitude se originava de um vivo interesse pelo destino desses jovens e se guiava por uma percepção intuitiva de suas necessidades psíquicas.

A psicanálise, diz Freud ([1925] 2011, p. 348),

[...] não pode lhe ensinar muita coisa nova em termos práticos, mas deu-lhe uma clara visão teórica das justificativas para seu modo de agir e o colocou em posição de fundamentá-lo perante os demais.

Freud ([1925] 2011, p. 348) entende que nem todo educador tem o dom da compreensão intuitiva, no entanto destaca duas lições que para ele resultam da experiência do diretor. A primeira é “[...] que o educador deve ser psicanaliticamente instruído, senão o objeto de seus esforços, a criança, permanecerá um enigma para ele”.

Propõe que “[...] tal instrução é alcançada da melhor maneira quando o próprio educador se submete a uma análise, experimenta-a em si mesmo” (FREUD, [1925] 2011, p. 348).

Freud ([1925] 2011, p. 348) compreende que

[...] aprendizado teórico em psicanálise não vai suficientemente fundo e não produz convicção.

Ao prosseguir em suas argumentações sobre as lições aprendidas com o diretor Aichhorn, coloca que:

[...] a segunda lição tem um matiz um tanto conservador; ela diz que o trabalho da educação é algo *sui generis*, que não pode ser confundido com a influência mediante a psicanálise nem ser substituído por ela. A psicanálise infantil pode ser utilizada pela educação como recurso auxiliar; mas não tem condições de tomar o lugar dela. Não somente razões de ordem prática o impedem, mas também considerações teóricas o desaconselham. A relação entre educação e tratamento psicanalítico será provavelmente objeto de exame aprofundado num futuro pouco distante. (FREUD, [1925] 2011, p. 349)

Freud ([1925] 2011, p. 348) traz uma importante reflexão sobre a educação infantil e a reeducação de um adulto.

[...] não nos deixemos levar pela afirmação, de resto plenamente justificada, de que a psicanálise do adulto neurótico equivale a uma reeducação dele. Uma criança mesmo desencaminhada e abandonada, não é um neurótico, e reeducação é algo bem diferente da educação de um imaturo.

Referindo-se ainda à ‘situação analítica’ e à ‘estrutura psíquica’, Freud ([1925] 2011, p. 349) explica:

[...] a possibilidade da influência analítica se baseia em premissas bem determinadas, que podem ser resumidas como “situação analítica”; ela requer o desenvolvimento de certas estruturas psíquicas e uma atitude especial para com o analista. Onde essas não existem, como na criança, no menor abandonado e, via de regra, também nos criminosos por instinto, é preciso fazer outra coisa que não seja a análise, mas que venha a corresponder a ela na intenção.

Freud acrescenta ser relevante para a posição do educador a aprendizagem da análise mediante a experiência em sua própria pessoa.

[...] se está em condição de aplicá-la em casos fronteiros e mistos, como ajuda em seu trabalho, então se deve permitir a ele o exercício da psicanálise e não lhe por nisso obstáculos por motivos mesquinhos. (FREUD, [1925] 2011, p. 350)

Seu interesse pela educação aparece em outros textos. Em *O futuro de uma ilusão* (Freud, [1927] 1974), suscintamente, cita duas características humanas que seriam responsáveis por certo “grau de coerção” que manteriam os regulamentos da civilização.

Os homens não são espontaneamente amantes do trabalho [...] os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões. (FREUD, [1927] 1974, p. 18)

Propôs que:

[...] Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitude diferente para com ela. (FREUD, [1927] 1974, p. 18)

Compreende que as novas gerações

[...] senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e a satisfação instintual que forem necessários para sua preservação. (FREUD, [1927] 1974, p. 18)

Freud fala não apenas da escolarização, mas também da educação como uma prática que se relaciona à vida familiar e comunitária.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud ([1930] 1974) retoma uma passagem escrita em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, [1905] 1974).

Fala da

[...] relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade. (FREUD, ([1930] 1974, p. 76)

E comenta sobre as barreiras opostas ao instinto sexual surgidas no período de latência:

Tem-se das crianças civilizadas uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação, e sem dúvida, a educação muito tem a ver com ela. Mas na realidade, este desenvolvimento é organicamente determinado e fixado pela hereditariedade, e pode ocasionalmente ocorrer sem qualquer auxílio da educação. (FREUD, ([1930] 1974, p. 76)

Livros, conferências, cartas e textos breves aparecem em sua obra. Freud também viveu momentos em sua vida em que a relação com

a educação se fez presente através de cartas. Destaco sua relação com o Dr. Oskar Pfister, pastor e educador de Zurique, seu amigo íntimo por trinta anos e com quem manteve correspondência dirigindo se a ele como “Caro homem de Deus”.

Freud fez a *Introdução a The Psycho-Analytic Method, de Pfister* (1913), em que escreve seus pontos de vista sobre a responsabilidade do médico e do educador. E sustenta:

A educação e a terapêutica acham-se em relação atribuível uma com a outra. (Freud, [1913] 1974, p. 417)

Destaca que um médico

[...] tem como regra lidar com estruturas psíquicas que já se tornaram rígidas e encontrará na individualidade estabelecida do paciente um limite ao seu próprio êxito, mas ao mesmo tempo, uma garantia da capacidade do paciente de resistir sozinho. (Freud, [1913] 1974, p. 417)

Quanto à responsabilidade do educador, ressalta:

O educador, contudo, trabalha com um material que é plástico e aberto a toda impressão, e tem de observar perante si mesmo a obrigação de não moldar a jovem mente de acordo com suas próprias ideias pessoais, mas, antes, segundo as disposições e possibilidades do educando. (FREUD, ([1913] 1974, p. 417)

Freud também aceitou ter um encontro com Vera Yanitskaia Schimidt, pioneira da psicanálise na Rússia. Apoiada pelo movimento psicanalítico russo, Vera Yanitskaia criou em Moscou a instituição pedagógica Lar Experimental de Crianças, onde acolheu cerca de trinta filhos de dirigentes e funcionários do partido comunista. Sua ideia era criá-los segundo métodos que combinavam princípios do marxismo e da psicanálise.

Na obra de Roudinesco (2016, p. 401), encontramos detalhes dessa experiência. No lar experimental, foi abolido o sistema de educação tradicional baseado em repreensões e punições corporais. A utopia era a possibilidade de abolir a família patriarcal em prol de métodos educativos que privilegiam o coletivo e as trocas igualitárias. Os educadores deviam fazer análise e não reprimir as brincadeiras sexuais das crianças. O sonho era uma possível fusão entre liberdade individual e social.

No contexto da pós-revolução russa, Vera viajou em 1921 a Berlim e Viena, junto com seu marido, o matemático Otto Schimdt, para obter o apoio de Freud e Karl Abraham em favor do Lar.

A discussão incidiu essencialmente sobre a maneira de tratar o complexo de Édipo no âmbito de uma educação coletiva. (ROUDINESCO, 2016, p. 401)

A experiência não combinava com os princípios da psicologia edipiana, conta Roudinesco. Pelas mesmas razões, Vera Yanitskaia era severamente criticada pelos funcionários do Ministério da Saúde soviético. “Somente Freud se dispunha a ajudar os Schimdt” (ROUDINESCO, 1998, p. 690).

Ao voltar a Moscou e relatar a discussão, “[...] pensaram que o apoio do Comitê Secreto estava garantido. O Comitê ficou dividido quanto à atitude a adotar” (ROUDINESCO, 1998, p. 690).

Ferenczi

[...] não queria mais ouvir falar, depois do fracasso da Comuna de Budapeste da menor experiência em terreno comunista. (ROUDINESCO, 1998, p. 690)

Ernest Jones, segundo Roudinesco (2016, p. 401), “[...] como bom discípulo pragmático, militante da concepção médica da prática de análise” preferiu apoiar, na contramão da linha de Moscou, o grupo psicanalítico de

Kazan. Esse grupo pregava “[...] uma política favorável aos médicos, neutra com relação ao marxismo”.

Entre os médicos de Kazan, estava Luria, neuropsicólogo que pertenceu ao grupo de Vigotski. Após longo processo e mesmo com o apoio de Nadja Krupskaja, mulher de Lenin, a experiência foi cancelada. A experiência terminara em 1927.

Na *Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações*, Freud ([1932] 1974) fala das dificuldades da infância e apresenta de maneira mais clara e elaborada sua ideia sobre educação.

Diz Freud:

[...] percebemos que a dificuldade da infância reside no fato de que, num curto espaço de tempo, uma criança tem de assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos, incluindo-se aí o controle de seus instintos e a adaptação à sociedade-ou pelo menos o começo dessas duas coisas. (FREUD, ([1932] 1974, p. 180)

Ao se referir à educação, escreve:

Só pode efetuar uma parte dessa modificação através do seu desenvolvimento; muitas coisas devem ser impostas à criança pela educação”. Freud se refere à educação em seu sentido amplo que inclui “criação” no sentido genérico. Diz não ser surpresa que “muitas vezes as crianças executam tarefas de modo muito imperfeito. Durante esses primeiros anos muitas delas passam por estados que podem ser equiparados a neuroses. (FREUD, [1932] 1974, p. 180)

A neurose pode se manifestar antes da puberdade. Na época, a discussão sobre prevenir e salvaguardar a criança com atendimento antes da manifestação da doença era uma discussão de interesse apenas acadêmico.

Explica que:

[...] a iniciativa para a aplicação da psicanálise à educação deve ser buscada em outra área. Vamos tornar claro para nós mesmos qual a tarefa primeira da educação. A criança deve aprender a controlar seus instintos. É impossível conceder-lhe liberdade de pôr em prática todos os seus impulsos sem restrição. Fazê-lo seria um experimento muito instrutivo para os psicólogos de crianças, mas a vida seria impossível para os pais, e as próprias crianças sofreriam grave prejuízo, que se exteriorizaria em parte imediatamente, e, em parte, nos anos subsequentes. Por conseguinte, a educação deve inibir, coibir, suprimir, e isto ela procurou fazer em todos os períodos da história. (FREUD, [1932] 1974, p. 182)

Ressalta que,

[...] na análise temos verificado que essa supressão dos instintos envolve o risco de doença neurótica. Assim a educação tem de escolher seu caminho entre o Sila¹ da não interferência e o Caríbdis² da frustração. Ou descobrir um ponto ótimo que possibilite atingir o máximo com o mínimo de dano. (FREUD, [1932] 1974, p. 182)

Para Freud ([1932] 1974, p. 182), a educação “[...] até agora cumpriu muito mal sua tarefa e causou às crianças grandes prejuízos”. Freud sugere à educação “descobrir o ponto ótimo e executar suas tarefas de maneira ideal”. Assim, ela pode esperar “[...] eliminar um dos fatores da etiologia do adoecer – a influência dos traumas acidentais da infância”.

Porém, a educação

1. Sila na mitologia grega significa Bíblia. No cristianismo primitivo existiu um Sila que acompanhou Paulo a algumas viagens e foi um dos setenta discípulos. Há outros significados. Existem outros significados tais como: o que se deu mal. Encontrei também ‘Cila’ que seria uma criatura sobrenatural com 12 pés e 6 cabeças de longos pescoços. Faz sons horríveis e devora qualquer marinheiro. Porém no texto de Freud está Sila.

2.. Caríbdis na mitologia grega era uma criatura marinha protetora de limites territoriais no mar. Poderia ser também um turbilhão criado por Poseidon o Deus do mar.

[...] não pode, em caso algum suprimir o outro fator – o poder de uma constituição instintual rebelde. (FREUD, ([1932] 1974, p. 183)

O educador se defronta com difíceis problemas:

[...] reconhecer a individualidade constitucional da criança, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade. (FREUD, ([1932] 1974, p. 183)

Reitera o que diz na *Conferência XXXIV*:

[...] haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. (FREUD, ([1932] 1974, p. 183)

Faria parte da formação à análise pessoal do educador “[...] de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente” (FREUD, ([1932] 1974, p. 183). A análise de professores e educadores

[...] parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática (FREUD, [1932] 1974, p. 183).

Freud defende que os pais que tiverem a experiência da análise em si mesmos deverão a ela a compreensão interna das falhas havidas na sua própria educação. Compreenderão seus filhos e lhes pouparão do que não foram poupados.

Considerações finais

O interesse da psicanálise para com a educação, em Freud, se deve a algumas possibilidades que o professor tem em relação às crianças, por exemplo, a convivência contínua. Esse trabalho leva os educadores a sondar as crianças durante uma parte considerável do

dia. Freud aconselha aos educadores suprimir certos comportamentos não pela força, mas por um caminho que leve à sublimação dos instintos associativos.

Sugere a instrução psicanalítica do educador, assim como ao aspirante a psicanalista. Ao experimentar uma análise do objeto de seus esforços, a criança deixará de ser um enigma para ele. Trata a psicanálise como um recurso auxiliar sem tomar o lugar da educação.

Considero relevante a compreensão de Freud sobre a diferença que existe entre a educação infantil e a reeducação de um adulto neurótico. Reeducação para o criador da psicanálise “[...] é algo bem diferente da educação de um imaturo” (FREUD, [1923] 2011, p. 349).

Na terceira parte de seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, ao explicar sobre ego ideal como alvo do amor de si mesmo, Freud ([1914] 1974) diferencia o ego infantil e o ego de um adulto.

Destaca que:

Como acontece sempre quando a libido está envolvida, o homem se mostra incapaz de abrir mão da satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de seu ego ideal. (FREUD, ([1914] 1974, p. 111)

Compreendo que essa seria a base da diferenciação apontada por Freud entre educar na infância e reeducar um adulto.

É nesse ponto que Freud ([1914] 1974, p. 111) diz

[...] ser levado a examinar a relação entre essa formação de um ideal de ego e a sublimação.

Sobre o trabalho dos analistas de investigar a educação bem como outros temas “[...]

quanto à origem e à prevenção da delinquência e do crime”, Freud ([1932] 1974, p. 184) diz estar abrindo a porta aos analistas [...] e mostrando-lhes os compartimentos que se situam detrás dela, sem conduzi-los para dentro”.

No entanto, sugere que os analistas permaneçam leais ao seu interesse pela psicanálise, para que possam aprender coisas novas e valiosas a respeito desses temas.

Entretanto não devo abandonar o assunto da educação sem me referir a um seu aspecto especial. Tem-se afirmado – e certamente com razão que toda educação possui um objetivo tendencioso, que ela se esforça por fazer a criança alinhar-se conforme a ordem estabelecida da sociedade sem considerar qual o valor ou qual o fundamento dessa ordem como tal. Se [pergunta-se] uma pessoa está convencida dos defeitos das nossas atuais instituições sociais, a educação segundo uma linha psicanalítica também não pode justificadamente se colocar a serviço dessas instituições: a tal educação deve-se dar finalidades outras e mais elevadas, isentas das exigências reinantes na sociedade. Contudo, em minha opinião, esse argumento não cabe aqui. Tal pretensão está além da função legítima da análise. (FREUD, ([1932], 1974, p. 184)

Freud deixa clara sua posição em defesa do papel da psicanálise. Defende que a educação psicanalítica não deve tencionar transformar seus discípulos em rebeldes. Não foi convidada a assumir essa responsabilidade. Ela desempenhará seu papel “se os tornar tão sadios e eficientes quanto possível”.

A psicanálise já encerra em si mesma fatores revolucionários suficientes para garantir que todo aquele que nela se educou jamais tomará em sua vida posterior o partido da reação e da repressão. (FREUD, ([1932] 1974, p. 184)

A psicanálise acolhe o sofrimento psíquico. Seu papel é ajudar na compreensão dos

sintomas que decorrem dos instintos que podem passar pelas seguintes vicissitudes: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, repressão e sublimação. Freud observa que os dois primeiros convergem ou coincidem.

A escola é defendida não apenas como um lugar adaptativo, mas de formação e desenvolvimento humano. Como tal, pode ser um determinado espaço e um tempo em que podemos aprender a dominar nossos instintos tanto externos quanto internos.

No entanto, são os instintos internos

[...] que exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação. (FREUD, ([1916] 1974, p. 140)

Ao sugerir, tal como destaquei acima, que os analistas investiguem a educação “[...] quanto à origem e a prevenção da delinquência e do crime” ele diz estar abrindo “a porta”. Abrir as portas, contribuir com luzes, considerar possibilidades. Isso faz parte das convicções de um mestre com as qualidades de Freud.

Abstract

Freud did not think of education, as his research phenomenon, in particular. However, in his writings there are concepts that focus on education and pedagogy. I found relevance in his ideas. It couldn't be different from Freud. His reflections, even though sparse as a particular phenomenon, relate to education with human development, as an important way for society to reach another level of civilization. Between the lines, his writings demonstrate understandings supported by psychoanalysis, which can collaborate a lot with education. Freud proposes that personal psychoanalysis be part of teacher training. We can reflect that the psychoanalyst needs to undergo training and that in itself is also education.

Keywords: *Psychoanalysis, Education, Pedagogy, Formation, Human development.*

Referências

FREUD, S. Explicações, aplicações e orientações (1938 [1932]). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 167-191. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1914 [1913]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 414-418. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1914 [1913]). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 199-226 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 73-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21)

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1916 [1914]). In: _____. *História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 137-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Prólogo a “Juventude abandonada”, de August Aichhorn (1925 [1923]). In: _____. *O eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 347-349. (Obras completas, 16).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1916 [1914]). In: _____. *História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 12/08/2020

Aprovado em: 20/09/2020

Sobre a autora

Janes Teresinha Fraga Siqueira

Doutora e mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em pedagogia pelo Centro Universitário Franciscano, atual UNIFRA. Especialista em orientação educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-graduada em Planejamento da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orientadora Educacional UFSM. Linha de pesquisa: Educação e Trabalho. Integrante do Grupo de Pesquisa Internacional de Formação de Professores para o Mercosul-FACED/UFRGS. Candidata em formação psicanalítica pelo Instituto de Estudos de Psicanálise (IEP) do **Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul** (CPRS).

Endereço para contato

E-mail: janes.siqueira@hotmail.com

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os que não foram publicados, nem no todo nem em parte, em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.
2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma.
3. Poderão também ser publicados:
 - 3.1 Reflexões sobre a psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento;
 - 3.2 Casos clínicos;
 - 3.3 Entrevistas;
 - 3.4 Resenhas;
 - 3.5 Ensaios.
4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas abaixo:
 - 4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
 - 4.1.1 Folha de rosto com o título do trabalho, nome dos autores e titulação. No corpo do trabalho não deverá constar o nome dos autores, com o objetivo de manter o anonimato na avaliação feita pelo corpo editorial.
 - 4.1.2 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
 - 4.1.3 Resumo expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.
 - 4.1.4 Palavras-chave, de três a cinco, que identifiquem o conteúdo, para a completa descrição do assunto, após o Resumo.
 - 4.1.5 *Keywords*, de três a cinco, após o *Abstract*.
 - 4.1.6 Referências. Citadas como no exemplo a seguir:
 - 4.1.6.1 Registrar as referências em ordem alfabética conforme os exemplos, observando os detalhes de dois pontos, abreviaturas e vírgulas, bem como qualquer outro assinalado abaixo:

1. Normas atualizadas para as próximas edições.

a) De livro

AUTOR. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Exemplos: CERVO, A. L. *Metodologia Científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. PIMENTEL, D. *O sonho do jaleco branco*: saúde mental dos profissionais de saúde. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

b) de capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

Exemplos:

FREUD, S. Sobre a psicoterapia [1905]. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. VII, p. 239-251.

LAMBOTE, M. C. O tempo anunciador. In: LAMBOTE, M. C. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 103-109.

PIMENTEL, D. Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria. In: PIMENTEL, D.; ARAUJO, M.G. (Orgs.). *Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, p. 9-13.

c) de artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano. Exemplos:

PIMENTEL, D; VIEIRA, M.J. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Psychê*, São Paulo, n. 15, p. 155-165, jun. 2005.

BERNARDES, W. S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

d) Outros modelos de referência, consulte os editores ou o *site* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

5. Tabelas e gráficos deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização no texto entre dois traços horizontais.

6. As citações deverão estar acompanhadas de suas fontes, com as respectivas páginas.

6.1 Direta: Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Neste caso é obrigatório colocar sobrenome e ano da obra, além da página.

As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

6.1.1 Até três linhas

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

Ex. a) Como diz Pontalis (1998, p. 274): “Nossas memórias para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.

Ex. b) “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, p. 302).

6.1.2 Mais de 3 linhas

Devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor (tamanho 10) e espaçamento simples. Não há necessidade de colocar entre aspas.

Ex.: Conforme Freud (1919):

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar o seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (FREUD, 1999, p. 424).

6.2 Indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

Ex. a) Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

Ex. b) A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

Ex. c) Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN *apud* LEITE, 2000).

7. Usar o mínimo de notas de rodapé, porque as referências do texto devem vir no corpo do texto.
8. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP o exame e aprovação dos trabalhos, em primeira instância, de seus respectivos sócios, e o encaminhamento à Comissão Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.
10. Os originais deverão ser enviados em duas vias, devidamente numeradas e rubricadas, com espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, não excedendo 8 laudas. O título do trabalho deve conter no máximo dez palavras e o tamanho da fonte 14, em negrito.

10.1 Os originais deverão ser encaminhados também em mídia eletrônica no Word 1997-2003.

10.2 Os autores deverão enviar os originais para a sede do Círculo Brasileiro de Psicanálise, com carta dirigida aos editores, autorizando a publicação e ratificando ser um trabalho inédito.

A carta deve conter o título do trabalho, nome do(s) autor(es) com sua titulação acadêmica e institucional, e o endereço físico e eletrônico do autor principal.

10.3 Os trabalhos deverão ser enviados para:

Revista Estudos de Psicanálise

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21)2236-0655

E-mail: <cbp.rj@terra.com.br>

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.



Círculo Brasileiro de Psicanálise